



# Manaus

um estudo de seu patrimônio  
arquitetônico e urbano

Graciete Guerra da Costa

Brasília, 2006



Graciete Guerra da Costa

MANAUS  
um estudo de seu patrimônio  
arquitetônico e urbano

Brasília  
2006





Graciete Guerra da Costa

MANAUS  
um estudo de seu patrimônio  
arquitetônico e urbano

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre na Universidade de Brasília pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Área de Concentração Teoria, História e Crítica da Arquitetura.

Brasília  
2006

COSTA, Graciete Guerra da. MANAUS: um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano / Graciete Guerra da Costa – Brasília: UnB, 2006.

398.: p.

226.: il.

Orientador: Prof. Dr. Andrey Rosenthal Schlee

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2006.

Bibliografia: f. 359-370

1. Arquitetura. 2. Arquitetura de Manaus. 3. Patrimônio Histórico. 4. Amazônia. 5. Brasília (DF) – Dissertação. I. Costa, Graciete Guerra da. II. Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.



Graciete Guerra da Costa

**MANAUS**  
**um estudo de seu patrimônio**  
**arquitetônico e urbano**

Dissertação na Universidade de Brasília. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Área de Concentração Teoria, História e Crítica da Arquitetura.

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. Andrey Rosenthal Schlee - **Orientador**

Profa. Dra. Sylvia Ficher

Prof. Dr. Argemiro Procópio Filho

Prof. Dr. Frank Algot Eugen Svensson

Brasília  
2006



*Aos meus filhos André e Fernando,  
os dois melhores presentes que o  
o Amazonas me deu.*





## **Meus agradecimentos**

- Ao Professor Doutor Andrey Rosenthal Schlee pela rigorosa metodologia de trabalho empreendida nesta dissertação, e pelo seu interesse nas questões Amazônicas, principalmente na arquitetura de Manaus.

- a Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo pelo apoio dado à pesquisa em vários momentos.

- ao Governo do Estado do Amazonas através da Secretaria de Estado de Cultura em especial ao Dr. Robério Braga, pelo apoio dado à pesquisa.

- ao CNPq pelo apoio dado à pesquisa.

- ao Engº. André Luis Gasques Silva pela sua compreensão e valiosa colaboração.

- a Paulo Renato Leite de Castro pelo seu conhecimento e competente apoio na área de informática.

- ao Editor de Fotografia do Jornal A Crítica Ney Mendes que gentilmente concedeu muitas fotografias para este trabalho.

- a Engenheira Civil Maria Izanete Liberato Magalhães pelas informações conseguidas e pesquisadas na Prefeitura de Manaus e o envio de material.

- a arquiteta Regina Maria Lopes Pereira Lobato, da Secretaria de Estado de Cultura pelos vários envios de documentação dos bens tombados de Manaus.

- aos arquitetos e designers gráficos Joe Rodrigues, Daniel Dresh, Haroldo Brito que muito me ajudaram na apresentação deste trabalho, e com eles muito aprendi.

- ao arquiteto Valério Augusto Soares de Medeiros pela nossa parceria na Sintaxe Espacial e por ter incluído a cidade de Manaus em seus estudos de análise sintática comparativa com outras capitais brasileiras.

- aos funcionários da Faculdade de Arquitetura e do PPG/FAU: Soemes Barbosa de Sousa, Glória Rejânia Tavares Felício, Raimunda Vieira Gonçalves, João de Souza Borges e Francisco Neto da Silva Júnior pela ajuda constante.

- aos inúmeros amigos que contribuíram, de algum modo, para a realização deste trabalho, dentre esses:

Ana Lúcia Oliveira, Cláudio Junqueira, Dina Mesquita, Estela Othon de Lima, Giselle Moll Mascarenhas e Walter Honorio de Lacerda.

- a Aloísio Dias da Costa.





## **RESUMO**

O presente trabalho estuda o processo de evolução urbana da cidade de Manaus, a arquitetura da Amazônia do início de sua colonização aos dias de hoje, e as características de sua estrutura física que têm contribuído, ou não, com a construção e a preservação de seu patrimônio cultural.

Utilizam-se como principais instrumentos de análise os documentos bibliográficos, registros fotográficos, mapas, cartões postais, pinturas, iconografias, listagens do IPHAN e documentos da Prefeitura Municipal de Manaus.

Sendo assim, analisa-se o inter-relacionamento dos fatores populacionais, econômicos, socioculturais, político-institucionais e locacionais, que atuaram sobre a cidade em cada período da sua história, procurando destacar de maneira particular, em cada um deles, as funções urbanas e de maneira geral as suas perspectivas. Para tal, dividiu-se a história da arquitetura de Manaus em cinco períodos históricos.

Uma vez que muitas das construções identificadas dos períodos estudados não possuem projetos arquitetônicos arquivados na Prefeitura Municipal de Manaus, e a Delegacia Regional do IPHAN só possui quatro bens tombados em Manaus, faz-se necessária a realização de um inventário de identificação do patrimônio local.

Palavras-chave: Arquitetura – Arquitetura da Amazônia  
Manaus – Patrimônio Histórico – Evolução urbana.



## **ABSTRACT**

The present work studies the whole process of the urban evolution of the city Manaus, the architecture from Amazônia from the beginning of its colony till nowadays, and the characteristics of its physical structure that has contributed, or not, with the construction and preservation to the cultural resource.

It has been used as a principal source of analysis the bibliographical documents, photographs, maps, postcards, paintings, iconographies, IPHAN notes and the Municipal City Hall of Manaus.

This way, we analyse the inter-relationship of population, economical, sociocultural, political, institutional, and location facts that acted in each period of history, aiming in a particular way in each of them, in their urban functions and perspectives. For that, the history of Manaus' architecture was divided in five historical periods.

Once that many identified constructions from these periods do not possess architectural projects classified in the Municipal City Hall of Manaus, and the Regional Section of IPHAN only possesses four of the tombled buildings in Manaus, it is necessary to make a booking of identification of local buildings.

Key-words: Architecture – Architecture of the Amazônia – Manaus – Historic site – Urban evolution.

## **RESUMÉ**

Le travail actuel étudie le processus de l'évolution urbaine de la ville de Manaus, du début de son arrangement au présent, et des caractéristiques de sa structure physique qui ont contribué, ou pas, avec la construction et la conservation de son patrimoine culturel.

Il est employé en tant qu'instrument principal d'analyse les documents bibliographiques, les registres photographiques, les cartes postales, les cartes, les peintures, l'iconographie, l'énumération de l'IPHAN et les documents de la Mairie de Manaus.

Étant de ce fait, la relation entre la population, l'économie, la culture, le politique-institutionnel et les endroits et les facteurs sont analysés, qui ont agi sur la ville dans chaque période de son histoire, ayant recherché pour détacher en particulier la manière, dans chacun d'eux, les fonctions urbaines et d'une façon généralisée ses perspectives. Pour telles raisons, l'histoire de l'architecture de Manaus fut divisée dans cinq périodes historiques.

Un moment que nombreuses constructions identifiées des périodes étudiées ne possèdent pas l'architecture des projets classées dans la Mairie Municipale de Manaus, et le commissariat de police régional possède seulement quatre marchandises renversées à Manaus se fait nécessaire l'accomplissement d'un inventaire de l'identification du patrimoine local.

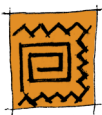
Mots-clés: Architecture – Architecture de l'Amazonie Manaus – Emplacement historique – Évolution urbaine.





# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
-------------------------	-----------



<b>1. CAPÍTULO I – 1º Período – 1669-1870</b> .....	<b>35</b>
1.1 – Os índios .....	<b>37</b>
1.1.1 – Arquitetura Indígena .....	<b>39</b>
1.2 – A chegada dos portugueses .....	<b>43</b>
1.3 – Ocupação do território e formação do núcleo .....	<b>44</b>
1.4 – Identificação do Patrimônio Local .....	<b>55</b>



<b>2. CAPÍTULO II – 2º Período – 1870-1914</b> .....	<b>69</b>
2.1 – Aspectos Históricos e Econômicos .....	<b>70</b>
2.2 – Evolução Urbana .....	<b>78</b>
2.3 – Identificação do Patrimônio Local .....	<b>87</b>
2.4 – Praças e Equipamentos Urbanos .....	<b>173</b>
2.5 – Pontes de Manaus .....	<b>200</b>

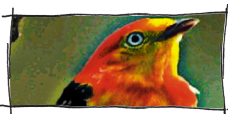


<b>3. CAPÍTULO III – 3º Período – 1914-1967</b> .....	<b>209</b>
3.1 – Aspectos Históricos e Econômicos .....	<b>210</b>
3.2 – Evolução Urbana .....	<b>218</b>
3.3 – Identificação do Patrimônio Local .....	<b>239</b>





<b>4. CAPÍTULO IV – 4º Período – 1967-1990</b> .....	<b>257</b>
4.1 – Aspectos Históricos e Econômicos .....	<b>258</b>
4.2 – Evolução Urbana .....	<b>266</b>
4.3 – Identificação do Patrimônio Local .....	<b>273</b>



<b>5. CAPÍTULO V – 5º Período – 1990-2004</b> .....	<b>295</b>
5.1 – Aspectos Históricos e Econômicos .....	<b>296</b>
5.2 – Evolução Urbana .....	<b>300</b>
5.3 – Identificação do Patrimônio Local .....	<b>321</b>

<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>345</b>
---------------------------	------------

<b>7. LISTA DE BENS TOMBADOS</b> .....	<b>351</b>
--	------------

<b>8. LISTA DAS OBRAS MAIS RECENTES</b> .....	<b>357</b>
---	------------

<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>359</b>
--	------------

<b>10. GLOSSÁRIO</b> .....	<b>371</b>
----------------------------	------------

<b>11. LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>381</b>
---------------------------------------	------------



## INTRODUÇÃO

No início dos anos 1990, perante o Conselho da Comunidade Econômica Européia e, depois, em reunião do G-7<sup>1</sup>, o chanceler alemão Helmut Kohl comprometeu-se a levantar recursos para financiar o desenvolvimento sustentável na Amazônia<sup>2</sup>. O projeto então proposto pelo G-7, em reunião de dezembro de 1991, teoricamente destinava-se à preservação das florestas tropicais do Brasil – país-sede da Conferência Ambiental Rio-92. Medidas de impacto se faziam oportunas. A decisão de liberar 1,5 bilhões de dólares não se efetivou. Falou-se depois em 250 milhões de dólares. Desde então, o único recurso efetivamente liberado de que se tem notícia foi aquele pago pelo Banco Mundial aos consultores para que tomassem decisões sobre os diagnósticos e as necessidades amazônicas.

Seis meses antes da Conferência Rio-92, quando a região estava mais do que nunca em evidência, esteve em Manaus o Duque de Edinburgo, Príncipe Philip, que se surpreendeu com a exuberância da floresta e seu grau de preservação. Na oportunidade, o ilustre visitante questionou a autoridade dos países europeus em acusar os amazônidas de devastar suas florestas, se eles próprios foram incapazes de preservar as suas. Merece também ser ressaltada a ida a Manaus do próprio chanceler alemão Helmut Kohl, também antes da Rio-92. O que ele viu, segundo seu próprio depoimento, foi uma Amazônia praticamente intocada<sup>3</sup>. Suas impressões sobre a exuberância das florestas e dos rios foram registradas pela imprensa internacional que o acompanhava. Era outra sua imagem da Amazônia.

A Amazônia sempre fez parte do inconsciente coletivo da humanidade. A necessidade e o fascínio de seus mistérios e lendas, o temor diante do desconhecido e do indomável e,

- 
- 1 G-7 – Na época, grupo dos sete países mais ricos do mundo: Estados Unidos, Canadá, Japão, Inglaterra, França, Itália e Alemanha.
  - 2 Segundo RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.
  - 3 Segundo reportagem do jornal **Folha de São Paulo** em 16/03/1992.

sobretudo a desinformação de uma consciência ecológica culpada, fazem da Amazônia a esfinge da modernidade.

Foi possível constatar essa realidade, em 1992, quando o Brasil, investido de grande expectativa, sediou a Conferência das Nações Unidas (Rio-92). Segundo os inúmeros relatórios dessa conferência, foram mais de cento e cinquenta Chefes de Estado debatendo o futuro da humanidade, e suas presenças, por si sós, revelariam a magnitude e a gravidade da temática<sup>4</sup>.

A questão amazônica foi posta no centro das discussões, de modo a insinuar a incapacidade dos amazônidas de conter o que era então chamado abertamente de processo incontrolável de devastação. Em outras palavras, parecia que os povos da Amazônia deveriam ser admoestados em alto e planetário som, por estarem pondo em risco o futuro das espécies, entre elas, é claro, a humana. Sabemos, porém, que não é bem essa a história, muito menos que ela tenha apenas emanado de sentimentos altruístas com respeito à questão ambiental. O interesse econômico na Amazônia é gigantesco.

O inventário geo-econômico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, de 1992<sup>5</sup>, derruba o conceito clássico da Amazônia como Planície, até então disseminado. Segundo esse relatório, ela é considerada planície em relação ao nível do mar, mas a paisagem geográfica é marcada de fato por reentrâncias e saliências. É preciso deixar claro que existe a Amazônia intocada da floresta de terra firme<sup>6</sup>, aquela sobre a qual pouco ou nada se sabe, a Amazônia dos rios, das várzeas<sup>7</sup>, da estrada, da mineração, do extrativismo, das metrópoles, das tribos indígenas, da arquitetura... e do caboclo.

Hoje o conhecimento disponível sobre a Amazônia autoriza-nos a desmentir alguns mitos que têm sido

4 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.

5 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.

6 Floresta de terra firme – Floresta na porção alta do terreno, aonde não chegam as inundações.

7 Várzeas – Planície fértil e cultivada em um vale.



cultivados em relação a ela. A Amazônia hoje é mais falada que conhecida, mais discutida que vivida, mais **mito** que realidade.

A principal razão para que tantos mitos resistam ao tempo deve-se ao baixo grau de conhecimento, ao pouco acesso a informações da maior parte dos brasileiros, ou à procura deliberada do sensacionalismo em detrimento de uma boa exposição dos fatos.

No Brasil, apenas 2% dos pesquisadores pensam e investigam a Amazônia, o maior banco genético do planeta. É possível localizar, em certas universidades dos Estados Unidos ou da Europa, mais informações em algumas áreas de conhecimento sobre a Amazônia do que aquelas disponíveis nos institutos locais de pesquisa. O custo dessa desinformação é muito maior do que se pode imaginar: **“pulmão do mundo”, “vazio territorial”, “planície inundável”, “floresta sobre o deserto”, “celeiro do mundo”, “Eldorado” e “Manaus? Um lugarejo sem arquitetura”**.

**“Pulmão do mundo”** - o primeiro mito mais recorrente baseia-se na crença de que todo vegetal produz oxigênio. Estudos na área de florestas mostram que isso é verdade para os vegetais em crescimento. Como a Amazônia é uma floresta em equilíbrio, onde as árvores estão maduras, o que se produz praticamente se consome.

Nas florestas úmidas da Amazônia já foram catalogadas 2.500 espécies de árvores. Para ter um termo de comparação, nas florestas temperadas de toda a França não existem mais do que 50 espécies. Um pinheiro da floresta boreal leva, em média, 80 anos para habilitar-se ao corte comercial. Ao sul da Amazônia, na região do Estado de Mato Grosso, essa espécie, ao ser introduzida, habilitou-se ao corte com 20 anos. O Brasil é hoje o país que abriga o banco genético mais rico do planeta.

**“Vazio territorial”** - o segundo mito divulga que a Amazônia é uma terra onde não há habitantes. Essa visão foi muito difundida para justificar o fomento à migração e ao loteamento da região. Como tratar como vazio um

território com mais de 170 povos indígenas, segundo a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, além de seu 1.644.690 (um milhão, seiscentos e quarenta e quatro mil e seiscentos e noventa) habitantes só em Manaus, segundo dados do IBGE?<sup>8</sup> Mesmo em suas áreas mais longínquas, podem-se encontrar habitantes locais, os *ribeirinhos*<sup>9</sup>, ou *caboclos*. Ninguém se pergunta como e por que essas populações ali se radicaram, como e por que elas vivem assim. Quanto aos índios, aparecem dramaticamente em toda a sua aculturação, como população ameaçada de etnocídio, quando não de genocídio, com o avanço da civilização ocidental selva adentro.

**“Planície inundável”** – o terceiro mito foi conceituado em alguns livros de geografia do ensino fundamental. Na realidade, o inventário geo-econômico do IBGE<sup>10</sup>, de 1992, derruba o conceito clássico da Amazônia como planície inundável. Ela é considerada planície em relação ao nível do mar, mas a paisagem geográfica é marcada, de fato, por reentrâncias e saliências; menos de 3% de sua área são de planície inundável, entre várzeas e igapós. As várzeas são áreas de terras às margens dos rios que ficam cerca de seis meses submersas. Cada vez que as águas sobem, são retirados os detritos, e em seu lugar deixados os preciosos nutrientes.

**“Floresta sobre o deserto”** – o quarto mito é acreditar que a região possua apenas um tipo de solo e de floresta. O cientista brasileiro Enéas Salati<sup>11</sup> lembra que o clima na Amazônia não é uniforme. Há grandes variações, não só de clima, mas de tipo de vegetação. De uma maneira geral, segundo Salati, pode-se dizer que a floresta amazônica encontra-se em estado de “clímax”, onde tudo é reciclado, envolvendo as cadeias vegetal e animal. Nas florestas

8 População estimada para 2005, segundo informação disponível em: [www.ibge.gov.br/município de Manaus](http://www.ibge.gov.br/município_de_Manaua) em 14/08/2006.

9 Ribeirinhos: populações que habitam as margens dos rios no interior da Amazônia.

10 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. Há muitas Amazônias. In: **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.

11 SALATI, Enéas. Origem e Distribuição das Chuvas na Amazônia. In: RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.

úmidas da Amazônia já foram catalogadas 2500 espécies de árvores, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA<sup>12</sup>. Para se ter um termo de comparação, nas florestas temperadas de toda a França não existem mais do que 50 espécies. Um pinheiro da floresta temperada leva, em média, 60 anos para habilitar-se ao corte comercial. Ao sul da Amazônia, essa espécie habilita-se ao corte com 20 anos. As diversas Amazônias existentes permanecerão, infelizmente e por muito tempo ainda, como objeto de opiniões e não de conhecimento.

**“Celeiro do mundo”** - o quinto mito, um dos mais grosseiros, apresenta a região como capaz de suportar grande quantidade de gado e agricultura nos sistemas tradicionais vigentes nas áreas subtropicais e temperadas. O viço da mata e a quantidade de água estimulam o mito da superabundância. Na verdade, esta é uma região extremamente frágil, segundo o INPA. Apenas 36% do território amazônico estão vocacionados para atividades agropecuárias, desde que precedidos de tecnologias apropriadas<sup>13</sup>.

**“Eldorado”** – o sexto mito, desde a descoberta do Novo Mundo e as viagens dos irmãos Pizarro, Francisco Orellana e outros, atrai dezenas de milhares de garimpeiros e aventureiros para a região. Baseia-se na abundância do ouro, diamantes, esmeraldas, e outros metais, sem contar a vontade deliberada do governo brasileiro que quis “dar uma terra sem homens para homens sem terra”. Há ouro e diamante, sim, e muito; entretanto, a sua transformação em riqueza econômica tem sido insignificante. O grande resultado é o impacto social e ambiental negativo desta atividade. Daqui em diante, desenfreado-se o mito da conquista da terra, com toda a sua envolvimento de heroísmos e malandragens, aventuras e desventuras, fortunas e infortúnios.

12 Site do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em Manaus, disponível em: [www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br) em 14/08/2006.

13 Site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) em 14/08/2006.

Com certeza esta vem a ser a reafirmação do mito do Eldorado, considerado com olhos mais modernos e largamente explorado nos tempos heróicos de Serra Pelada, como a retratou o comandante Cousteau, numa série de seis documentários sobre a Amazônia.

O tesouro das Icamiabas<sup>14</sup> existe, está no meio de nós; cumpre-nos encontrá-lo com perseverança e competência: ou assumimos o desafio de decifrar nossos mistérios e possibilidades, ou seremos devorados pelos equívocos e distorções divulgados hoje sobre a Amazônia.

**“Manaus - Um lugarejo sem arquitetura”.** – Aqui o mito criado pelas reportagens vai sustentar o mito que o próprio leitor já criou. As notícias veiculadas sobre Manaus vão aumentar e reforçar a idéia que se tem da cidade, um lugar propositadamente mal situado, de difícil acesso, longínquo, primitivo e sem arquitetura (é importante salientar a inexistência quase geral da apresentação de um mapa, o que concorre para a falta de ancoragem num mundo real, e sim num mundo imaginário). As idéias que emergem e predominam sobre a cidade são: uma natureza hostil e perigosa; ocupada por homens primitivos (os caboclos); ocupada por índios em vias de extinção, que se devia preservar; violência urbana, menores abandonados; e **um lugar sem referências arquitetônicas.**

A presente dissertação, *Manaus, um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano*, busca reverter tal quadro, e tem, como objetivo geral, identificar quais as características da estrutura física da cidade de Manaus, ao longo dos anos, que têm contribuído – ou não – com a construção e a preservação de seu patrimônio cultural. Ou seja, pretende demonstrar que Manaus é uma cidade que, ao longo de muitos anos, construiu um rico patrimônio arquitetônico, digno de ser preservado (e estudado!).

14 Icamiabas: no N'hengatu (idioma falado pela maioria dos índios da Amazônia), *Camiibas* quer dizer sem seios, referindo-se às índias amazonas que Orellana relatou em suas alucinações. O explorador aproveitou o mito para justificar o desaparecimento do tesouro que roubara de Pizarro.

“Dentre as razões que determinam a realização de um trabalho, podemos destacar principalmente duas: aquelas de ordem intelectual e as de ordem prática. As primeiras relacionam-se ao desejo de conhecer, à paixão. As de ordem prática, à necessidade de fazer algo de maneira mais eficiente, prática”<sup>15</sup>.

Do ponto de vista passional, é possível afirmar que, quando comparada com as grandes capitais dos estados brasileiros, Manaus tem muito a oferecer, tanto do ponto de vista natural quanto do cultural. No entanto, também é possível constatar que Manaus – assim como toda a Amazônia brasileira (63% do território nacional!) – é mais falada do que conhecida, mais discutida do que vivenciada, mais mito que realidade. A principal razão para que tantos “mitos” existam e resistam, deve-se ao baixo grau de conhecimento que se tem sobre a região, ao pouco acesso às informações pertinentes e à falta de pesquisas sobre os mais diferentes aspectos da vida local.

É possível, igualmente, afirmar que no campo da história das cidades brasileiras, Manaus ainda não mereceu estudos abrangentes de circulação nacional, e nem mesmo foi incluída ou considerada, de um modo compatível com sua importância regional, nos principais panoramas realizados. Vejamos alguns exemplos:

Nestor Goulart Reis Filho (1960), no clássico *Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)*<sup>16</sup>, não utiliza a cidade como fonte de suas reflexões e não a inclui nos quadros contendo as datas de fundação de vilas e cidades do Brasil. Já no volumoso *Urbanismo no Brasil 1895-1965*<sup>17</sup>, coordenado por Maria Cristina da Silva Leme (1999), a capital do Estado do Amazonas não é citada. Por fim, Murillo Marx (1980), em *Cidade Brasileira*<sup>18</sup>, apenas faz referência ao Teatro Amazonas

15 SEABRA, Giovanni de Farias. *Pesquisa científica: o método em questão*. Brasília: Editora da Universidade. p.11.

16 REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução urbana no Brasil (1500-1720)*. São Paulo, Pioneira, 1960.

17 LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*. São Paulo, Studio Nobel, FUPAM, 1999.

18 MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1980.

– como exemplo de construção de prédios públicos voltados ao lazer – e apresenta uma foto aérea da cidade com a seguinte legenda: “Um cemitério, Manaus e o rio Negro”, ou seja, as características urbanísticas e particulares da capital não lhe pareceram suficientemente importantes para um estudo mais detalhado.

Quando o tema é a arquitetura brasileira, a falta de informação sobre Manaus se mantém. Vejamos outros exemplos: na robusta obra *História Geral da Arte no Brasil*<sup>19</sup>, organizada por Walter Zanini (1983), a Amazônia comparece apenas graças a seus aspectos pitorescos e estratégicos (a presença de índios e a necessidade de defesa de um território a ser conquistado por Portugal); a arquitetura de Manaus não despertou em Benedito Lima de Toledo, autor do capítulo que trata do século XVI ao início do XIX, interesse especial; e Mário Barata, em capítulo que aborda exclusivamente a arquitetura do século XIX e início do XX, cita – superficialmente – apenas duas obras de Manaus: o Teatro Amazonas e o Palácio da Justiça (ambas erguidas nas últimas décadas de 1800).

Por sua vez, Carlos Lemos (1979), no panorama *Arquitetura Brasileira*<sup>20</sup> – que pretendia estudar aspectos até então desconhecidos e “ser um retrato o mais fiel possível” da arquitetura nacional, trata a cidade de Manaus como um exemplo “pitoresco dessa exacerbação em busca da miscelânea estilística ostentatória” (o ecletismo). Segundo Lemos, “a euforia da borracha levou para o quase humilde vilarejo uma arquitetura inesperada. Os novos-ricos do lugar mandavam vir palácios inteiros, que eram aqui montados. Esse dinheiro de pouca duração legou, no entanto, certas obras de valor, que hoje simbolizam aqueles dias de sonho...”<sup>21</sup>. Por outro lado, quando o mesmo autor trata da *História*

19 ZANINI, Walter, org. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Sales, 1983.

20 LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.

21 LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979, p.118.

da *Casa Brasileira*<sup>22</sup> (1989), desconsidera completamente a arquitetura residencial urbana de Manaus.

Yves Bruand (1981), em *Arquitetura Contemporânea no Brasil*<sup>23</sup>, apenas no capítulo dedicado aos Estilos Históricos, fala uma única vez em Manaus, mesmo assim, quando trata de Belém do Pará. Para ele, “a riqueza rapidamente acumulada por particulares reflete-se na construção de belas residências ou de edifícios comerciais mais ou menos suntuosos, onde podem ser encontrados vários traços *modern style*. Não há nada de extraordinário nisso, uma vez que o período áureo da borracha, que fez a fortuna de Belém e de Manaus, coincidiu com o grande prestígio internacional do *art nouveau*. Os resultados, porém, foram bastante medíocres”<sup>24</sup>.

A arquitetura realizada em Manaus passou a ser contemplada em obras historiográficas contemporâneas no livro *Arquitetura moderna brasileira*<sup>25</sup>, de Sylvia Ficher (1982). Pela primeira vez, recebeu uma atenção especial, concretizada no capítulo “Região Norte: Manaus”, que reconhece as especificidades da arquitetura local e trata particularmente da obra de Severiano Mario Porto (Hugo Segawa retoma tal abordagem em *Arquiteturas no Brasil*, obra de 1998<sup>26</sup>).

Na década de 80, duas obras marcaram a produção historiográfica nacional: *Arquitetura do Ferro no Brasil*<sup>27</sup> e *Ecletismo na arquitetura brasileira*<sup>28</sup>. Na primeira, Geraldo Gomes da Silva (1986) explora toda a riqueza da arquitetura do ferro e dedica atenção especial ao Mercado Municipal e ao Armazém do Porto de Manaus. Na segunda, Fabris (1987), vários autores dedicaram-se a estudar a abrangência

22 LEMOS, Carlos A. C. *A Casa Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989.

23 BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

24 BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p.52.

25 FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.

26 SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EdUSP, 1998.

27 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.

28 FABRIS, Annateresa org. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.



e a importância da arquitetura eclética no Brasil. Manaus, mais uma vez, não foi contemplada.

Em 1987, a *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo*<sup>29</sup>, publicou uma edição especial dedicada à Amazônia – intitulada *Planeta Amazônia*. Nela, os arquitetos Severiano Porto, Ivanete Cintra Machado, Roger Abraham, César Oiticica, Alfredo Marques, Carlos Rodrigues Silva, José Henriques Rodrigues e Ana Cláudia Aguiar, discutiram o presente e o futuro da cidade de Manaus. Por sua vez, Oswaldo Bratke abordou as questões relativas a projetos de sua autoria para o Amapá e Joaquim Guedes tratou dos projetos das cidades de Porto Velho, Carajás, Barcarena e Nova Marabá. Por fim, o historiador José Ribamar Bessa montou um panorama crítico sobre a evolução de Manaus.

Jussara da Silveira Derenji (1998), em *Arquitetura Nortista-A presença italiana no início do século XX*<sup>30</sup>, sobre as construções devidas aos italianos e as mudanças ocorridas na arquitetura da Amazônia, no início do século XX, demonstra a variedade de experiências arquitetônicas trazidas à região a partir da segunda metade do século XIX, correspondente ao ciclo econômico da borracha (1870-1912). A publicação permite uma rica comparação da produção em Belém e Manaus.

A partir dos exemplos acima mencionados, fica justificada a necessidade de estudos que pretendam conhecer o processo de evolução urbana da cidade de Manaus e que, entre outras coisas, busquem caracterizar a sua arquitetura.

Por outro lado, para “fazer algo de maneira mais eficiente e prática”, e para ampliar as possibilidades de proteção e, ao mesmo tempo, implementar uma política de recuperação e conservação do patrimônio arquitetônico da cidade de Manaus, é necessário absorver o entendimento da história da cidade como fator importante nesse processo. O estudo da formação e evolução da cidade e de sua estrutura

29 Planeta Amazônia. *Revista AU*, n.10, fev./mar. 1987.

30 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.



urbana possibilita a visualização de situações passadas e tenta compreender futuros processos de crescimento, justificando-se, assim, como instrumento para auxiliar na tarefa de conservação do patrimônio cultural das cidades brasileiras.

*Manaus, um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano* está estruturada, a partir da metodologia desenvolvida e aplicada por Célia Ferraz e Dóris Müller<sup>31</sup>, em cinco capítulos ou partes principais. Cada capítulo corresponde a um período da história da cidade de Manaus.

O Capítulo I, *Primeiro Período – 1669-1870*, objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com a conquista e ocupação do território onde a cidade de Manaus foi implantada. Para tanto, apresenta um panorama geral sobre as populações nativas e trata dos primórdios da colonização local de 1669 a 1870. Ou seja, da construção da Fortaleza do Rio Negro até o início da exploração sistemática da borracha. Período que se caracterizou pelo povoamento do lugar e pela lenta consolidação da atual cidade. Ao longo do tempo, o Lugar da Barra foi observado por diversos viajantes, que constataram não passar de um povoado simples da Capitania de São José do Rio Negro (cuja capital funcionava, desde 1758, na Vila Barcelos). Mesmo assim, o local progrediu, sendo elevado a cidade, e logo capital. Em 4 de setembro de 1856, a Cidade da Barra passou a se chamar Cidade de Manaus, lembrando os índios extintos Manáos, que habitavam a região.

O Capítulo II, *Segundo Período – 1870-1914*, objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento de Manaus a partir de 1870, quando teve início o surto da economia gomífera na região. Como conseqüência, Manaus conheceu um período de franca expansão e desenvolvimento urbano, deixando de ser uma cidade completamente isolada nos confins do norte do país. Esse período áureo, todavia, encerrou-se entre 1913/14, em

31 SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Ed. Universidade/ UFRGS. 1997.

virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, retornando a cidade, com isso, a um novo momento de isolamento.

O Capítulo III, *Terceiro Período – 1914-1967*, objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade a partir de 1914, ou seja, quando o surto da economia gomífera havia chegado ao fim. Suas marcas, porém, ficaram registradas na transformação de uma pequena vila em uma cidade cosmopolita, na figura de seus monumentos e nos registros e arquivos oficiais e, enfim, na memória da cidade. Dessa vez, o que vai caracterizar o período é a estagnação econômica – com um pequeno salto quantitativo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que forçou os aliados a se voltarem para a antiga fonte de produção de borracha: a Amazônia. Estagnação que só terminou com a implantação de um novo modelo econômico, desta vez caracterizado pela criação da Zona Franca de Manaus, em 1967.

O Capítulo IV, *Quarto Período – 1967-1990*, objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com a história econômica mais recente do Amazonas, que, após o apogeu da borracha, caracteriza-se pelo advento da Zona Franca de Manaus - ZFM.

O modelo ZFM é o responsável pela inserção da economia do Estado no sistema capitalista internacional, e, por conseguinte, também pelos benefícios promovidos no Estado, e por certos impactos provocados na região. Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local, período em que se nota o aparecimento de uma nova arquitetura.

O Capítulo V, *Quinto Período – 1990-2001*, objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus de 1990 aos dias de hoje. Período caracterizado, sobretudo, pelo grande processo de metropolização. A população desassistida e sem perspectivas do interior veio em massa para a capital. O êxodo rural foi a tônica da década de 80. O Capítulo busca,

ainda, traçar perspectivas de crescimento para a cidade, utilizando-se como base a própria história de sua evolução urbana, na tentativa de estudar, dentro do contexto atual e da legislação urbana vigente, os caminhos que podem ser trilhados dali em diante.

Ao longo de todos os capítulos, foram identificadas, e exploradas individualmente, as construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local, num total de 86 (oitenta e seis) obras identificadas e estudadas.









## *Lenda do Muiraquitã*

*Em meio aos encantos da floresta Amazônica, existia uma tribo de mulheres guerreiras, as Icamiabas, que não se casavam e nem deixavam ninguém se aproximar. Excelentes arqueiras, viviam sob a proteção mágica de Iaçi, a lua. Num ritual de mistérios e fragrâncias, recebiam, uma vez por ano, os guerreiros Guacaris e, com fruto desse encontro, nascesse um bebê masculino, este era entregue aos guerreiros, caso contrário, ficava sob os cuidados das ágeis arqueiras.*

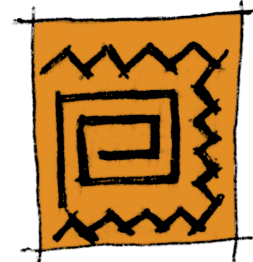
*No dia da visita, rumavam por entre a mata úmida em direção ao lago onde despejavam potes cheios de perfume para a purificação do banho.*

*À meia noite, sob o brilho inebriante de Iaçi, mergulhavam nas águas purificadas do lago de onde retiravam um barro verde que depois tomariam formas de peixes, tartarugas, sapos entre outros.*

*Os guerreiros eram presenteados com os sapos que, pela sua originalidade passaram a ser usados no pescoço como amuletos da sorte.*

*Acredita-se que o Muiraquitã traz muita felicidade a quem o usa como amuleto.*





## CAPÍTULO I

### **1º Período, 1669-1870**

O presente capítulo objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com a conquista e ocupação do território onde a cidade de Manaus foi implantada. Para tanto, apresenta um panorama geral sobre as populações nativas e trata dos primórdios da colonização local de 1669 a 1870. Ou seja, da construção da Fortaleza do Rio Negro até o início da exploração sistemática da borracha. Período que se caracterizou pelo povoamento do lugar e pela consolidação da atual cidade. Ao longo do tempo, o Lugar da Barra foi observado por diversos viajantes, que constataram não passar de um povoado simples da Capitania de São José do Rio Negro (cujas capitais funcionavam, desde 1758, na Vila Barcelos). Mesmo assim, o local progrediu, sendo elevado a cidade, e logo a capital. Em 4 de setembro de 1856, a Cidade da Barra passou a se chamar Cidade de Manaus, lembrando os índios extintos Manáos, que habitavam a região. Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local, explorados individualmente logo a seguir.

#### Ilustração 2.

Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas.

Fonte:  
[www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).









## 1.1 - Os índios

A primeira expedição européia a navegar por toda a extensão do Rio Amazonas foi a do espanhol capitão Francisco de Orellana<sup>32</sup> que, em 1542, fez o reconhecimento de sua foz e lhe deu o nome atual. O viajante encontrou as margens do rio e de seus afluentes densamente povoadas<sup>33</sup>, com aldeias atingindo várias “léguas” de extensão, algumas das quais considerou bem construídas, com “vias” longas, amplos ancoradouros e muitos barcos. Nelas, os espanhóis conseguiram, em troca de objetos de pouco valor, a alimentação necessária para a manutenção da expedição pioneira. Os nativos cultivavam milho, mandioca e inhame, e dedicavam-se ainda à caça, à pesca e à criação de tartarugas.

Em seu relato da viagem, frei Gaspar de Carvajal<sup>34</sup> descreveu a chegada dessa expedição à região. Acredita-se que a aldeia a que se refere seja a grande aldeia dos Manáos.

*“Em cada porto, havia uma multidão de índios (...) Esta aldeia se estendia por mais de duas léguas e meia (...) No sábado, o Capitão mandou aportar em uma aldeia onde os índios se preparavam para se defender; apesar disso, os expulsamos de suas casas. Provimo-nos de comida (...). Nesse mesmo dia, prossequimos viagem, vimos a boca de um outro grande rio que entrava pelo que navegávamos, pela margem esquerda, cuja água era negra como tinta e, por isso, o denominamos **Rio Negro**; suas águas corriam tanto e com tanta ferocidade que por mais de vinte léguas faziam uma faixa na outra água,*

### Ilustração 3. Índio

Autor: Scott Frier

Fonte: COUSTEAU, Jacques-Yves. **A Expedição de Jacques Cousteau na Amazônia**. São Paulo: Editora Record, 1982.

- 
- 32 CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992.
- 33 MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Metro Cúbico, 1994. pp.16-19.
- 34 CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992.



*sem com ela misturar-se. Nesse mesmo dia, vimos outras aldeias*<sup>35</sup>.

Foi difícil a ocupação do Rio Negro por parte dos europeus. Dominavam o vale quase inteiro os índios Manáos, que se distribuíam pela Zona do Alto, do Uarirá até a ponta inferior da Ilha de Timoni, fronteira à Barra do Rio Xinará.

Os povos indígenas brasileiros podem ser classificadas segundo um critério lingüístico<sup>36</sup>.

*“Atualmente se reconhecem três grandes troncos lingüísticos principais, que são: (1) tronco **tupi**, dividido em sete famílias, a mais importante das quais é a tupi-guarani; (2) tronco **macrojê**, incluindo a família lingüística **jê**, em que se distinguem as línguas **kayapó**, **timbira** e **akuen** (**xavante** e **xerente**) como mais importantes... (3) tronco **aruak**, correspondendo à família **aruak**, propriamente dita, com maior número de línguas, e a família **arawá**”<sup>37</sup>.*

Embora tal classificação (como outras, baseadas em critérios físicos ou culturais), apresente problemas – Jorge Derenji lembra que o total de tribos ou etnias classificadas chega a 216<sup>38</sup>), é possível afirmar que os Manáos pertenciam ao grupo de língua aruak (aruaque), assim como os Pasé e Baré; enquanto os Tarumã pertenciam a um grupo de língua isolada – todos vivendo no território localizado entre os rios Negro e Branco.

Desde os primeiros contatos que tiveram com os europeus, ocorreram lutas sangrentas. Os Manáos insurgiram-se contra os povoados dos colonos portugueses

35 CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. São Paulo: Scritta, 1992. p.69.

36 CUNHA, Manuela Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 e RIBEIRO, Berta G. (org.). *Suma etnológica brasileira*. Vol. 1,2 e 3, Petrópolis: Vozes, 1986.

37 RIBEIRO, Berta. O índio na história do Brasil. São Paulo: Global, 1983. pp.24-25.

38 DERENJI, Jorge. Indígenas. In. *Arquitetura Brasil 500 anos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002. p.36.



e resistiram à escravidão. Se, por um lado, ainda não foi possível chegar-se a números mais exatos e a estimativas mais fidedignas sobre a população original da Amazônia, não resta dúvida, entretanto, que ocorreu uma verdadeira catástrofe demográfica com relação à população indígena.

O índio não ficou de braços cruzados, indiferente ou calado diante da opressão imposta ao seu povo<sup>39</sup>. Ele não admitiu pacificamente ser submetido à escravidão, ao trabalho forçado, à humilhação e à violência. Acostumados a não gastar mais de três horas do dia no trabalho para assegurar sua subsistência, os índios colocaram-se contrários às longas horas forçadas de trabalho escravo imposto pelo invasor europeu. Em conseqüência, passaram a ser considerados preguiçosos, lerdos, indolentes, selvagens e outros adjetivos preconceituosos que, ainda hoje, muita gente desinformada vive repetindo.

Porém, ao contrário de todas essas idéias errôneas, passadas pelo colonizador e herdadas por muitos de nós sobre os índios, esses queriam apenas que seu modo de vida, sua terra e sua liberdade fossem respeitados.

Por isso, a maioria foi se revoltando contra os colonizadores portugueses. Muitos pegaram em armas e se rebelaram contra aqueles que pretendiam escravizá-los, lutando, inúmeras vezes, até a extinção de sua etnia.

A conseqüência direta deste processo é a constatação de que, em aproximadamente setenta anos de colonização portuguesa, os índios do delta do Amazonas foram extintos.

### 1.1.1 - Arquitetura Indígena

Em seu relatório, frei Gaspar de Carvajal<sup>40</sup> descreve a quantidade e diversidade de tipos de grupos locais encontrados nas mais diversas formas e tamanhos na Amazônia.

39 PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

40 CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. São Paulo: Scritta, 1992.



Os principais pesquisadores<sup>41</sup> da arquitetura indígena brasileira classificam as formas das aldeias em três tipos básicos: circulares, retangulares e lineares.

**Circulares:** com variações entre o círculo fechado, dois semicírculos ou arco de círculo. Tipo de organização encontrado principalmente no alto Xingu, como a dos Bororos e Xavantes<sup>42</sup>.

**Retangulares:** com as casas dispostas em torno de um espaço em forma de U. Essa configuração é reconhecível em gravuras que ilustram as narrativas de viajantes do século XVI<sup>43</sup>. Tipo de organização encontrado nas aldeias Asurini e Suruí.

**Lineares:** geralmente alinhadas paralelamente às margens do rio, com uma fileira de casas. Era o caso da tribo dos Manáos, Barés, Banibás e Pasés, onde o Rio Negro era o principal canal de circulação. Em geral, as casas – organizadas de forma linear – apresentavam uma porta voltada para o rio e outra para a floresta, configurando aldeias com cerca de 3000 índios.

Já a classificação morfológica das habitações é mais diversa e complexa, e está diretamente relacionada com o grau de nomadismo dos grupos étnicos. Assim, por um lado temos simples abrigos e construções estacionais e, por outro, temos grandes edificações de requintado apuro técnico. Em geral, tal classificação é a seguinte: casas de planta baixa circular, planta baixa elíptica, planta baixa retangular, e planta baixa poligonal.

**Casas de Planta Circular:** as casas de planta circular apresentam uma grande variação na distribuição interna dos espaços, principalmente dos apoios e, também, na forma da cobertura. Uma das mais simples é composta de apenas um esteio central e de uma série de caibros flexíveis, enterrados

41 COSTA, Maria H. F. e MALHADO, Hamilto B. Habitação indígena brasileira. **Suma etnológica brasileira**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1986; NOVAES, Sylvia Caiuby. As casas na organização social do espaço Bororo. In: **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel, 1983; e DERENJI, Jorge. Indígena. In. **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

42 COSTA, Maria H. F. e MALHADO, Hamilto B. Habitação indígena brasileira. **Suma etnológica brasileira**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1986. p.29.

43 DERENJI, Jorge. Indígenas. In. **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002. p.38.



na periferia, à distância de meio metro entre si, formando um círculo de cerca de 7 m de diâmetro. Os caibros são amarrados ao esteio central, formando uma cúpula ogival, com cerca de 4,5 m de altura do ápice, coberta de folhas de palmeiras, com apenas uma abertura voltada para o centro da aldeia. São habitadas por duas ou três famílias, todas aparentadas entre si.



Ilustração 4.

Casa circular da aldeia  
dos Waimiri - Atroari

PDPI - Projetos  
Demonstrativos dos Povos  
Indígenas

Fonte: [www.am.gov.br/Manaus](http://www.am.gov.br/Manaus) em 08 de  
fevereiro de 2005.

**Casas de Planta Elíptica:** essas casas têm uma dimensão de cerca de 28 metros de comprimento por 13 metros de largura e altura de 8 metros. Cinco grandes esteios, que recebem as peças da cumeeira e quatro estruturas em X, que fazem o apoio intermediário da cobertura, são os elementos principais da casa. A cobertura de palha alcança o terreno, porém, internamente, uma paliçada de troncos com 1,5m de altura conforma uma parede que é interrompida nos pontos de entrada localizados no centro da maior dimensão.

**Casas de Planta Retangular:** as casas retangulares ocorriam e ainda ocorrem com muita frequência entre tribos de toda a Amazônia. O que distingue as casas retangulares de tribos diferentes é a forma de resolver a cobertura e, em alguns casos, a elevação da casa na forma de palafita<sup>44</sup>. Assim, a casa de planta retangular pode ter cobertura de quatro águas, independente das paredes, também de palha, porém

44 Palafita – Estacaria que sustenta as habitações lacustres; designação comum a essas habitações.





a tacaniça<sup>45</sup>, quando existente, transforma-se numa empena de fachada. Os apoios estão dispostos em duas linhas laterais com cinco esteios e uma linha central com três, onde se apóia a cumeeira. Numa das extremidades da casa é construído o jirau<sup>46</sup> das moças, apoiado sobre os frechais<sup>47</sup>.

**Casas de Planta Poligonal:** os exemplos de planta poligonal de maior interesse são as casas-aldeia na região do Rio Javari. A casa tradicional tem planta hexagonal alongada, com cerca de 6m na menor dimensão e 15 m na maior; tem uma porta em cada extremidade, sendo a principal voltada para a aldeia. A casa atual mantém a mesma planta tradicional, alterando-se, apenas, a maneira como são distribuídas as funções e os equipamentos. A cobertura de palha é independente das paredes de fechamento, feitas com estacas de madeira justapostas.

Sobre, particularmente, as habitações dos Manaus, pode-se concluir:

“As informações sobre os padrões de povoamento das nações indígenas do Rio Negro são muito escassas e estão dispersas na documentação oficial, que não é muito generosa sobre isso. As habitações do povo Manáo eram em forma cônica e ali onde a população era mais densa, suas cassas tinham parede de barro, provavelmente misturado com palha, já no período colonial (...) Seus mortos, enrolados em redes, eram enterrados em fossas cavadas dentro da própria habitação, contendo algumas delas, escavadas posteriormente, mais de 100 sepulturas”<sup>48</sup>.

45 Tacaniça – Lanço de telhado que resguarda os lados do edifício; Viga que vai da cumeeira ao ângulo formado pelo encontro da parede da fachada com a lateral, nas casas de telhado de quatro águas.

46 Jirau - Estrado de vara sobre forquilhas cravadas no chão, usado para guardar panelas, pratos, paneiros, legumes, etc.

47 Frechal – 1. Viga de madeira, sobre a qual assentam os frontais de cada pavimento de uma casa. 2. Viga na qual se pregam os barrotes, à beira do telhado.

48 BESSA, José Ribamar. Bares, Manáos e Tarumãs, *Revista Arquitetura e Urbanismo* (AU), n.10, fev./mar. 1987. p.55.



## 1.2 - A chegada dos portugueses

A América entrou na História com a aventura da viagem de Cristóvão Colombo, em 1492.

Pelo Tratado de Tordesilhas, firmado em 7 de junho de 1494, a maior parte das terras da Amazônia passou a pertencer à Espanha. Porém, a coroa espanhola dedicou pouca atenção à região durante o século XVI, pois não havia ainda encontrado quaisquer fonte de riqueza imediata que lhe fosse interessante, a exemplo do que ocorreu em outras área de colonização.

Em 1498, Cristóvão Colombo chegou à altura da foz do Rio Orinoco. Dois anos depois, a expedição comandada por Vicente Yañez Pizón atingiu o território do atual Brasil e alcançou o estuário do Rio Amazonas, tomando posse em nome da Espanha e o batizando de “*Santa Maria de la Mar Dulce*”. Em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou à atual Bahia, no que foi considerado o descobrimento do Brasil.

“Segundo os dados oficiais, muitas expedições foram realizadas com a finalidade de conquistar a Amazônia. Os espanhóis foram os que mais tentaram, chegando a realizar, entre 1500 a 1570, vinte e duas expedições. Os ingleses empreenderam oito (...) Os franceses, no mínimo, sete (...), enquanto os holandeses tentaram cinco vezes. Os portugueses realizaram apenas três (...) Aliás, a última dessas expedições patrocinadas por Portugal à Amazônia resultou na fundação do forte do Presépio, em 1616”<sup>49</sup>.

O privilégio do descobrimento do Rio Negro coube ao capitão Francisco de Orellana, que realizou a primeira

---

49 PONTES FILHO, Raimundo P. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2000. p.47.



expedição ao longo do Rio Amazonas, descendo-o a partir dos Andes e dando-lhe o nome a 3 de junho de 1542.

Em 28 de outubro de 1637 a expedição portuguesa do general Pedro Teixeira subiu o Rio Amazonas, abrindo as comunicações com Quito, provando-as exequíveis, e tornando mais bem conhecido o trecho fluvial entre os Andes e o Atlântico (Belém-Quito-Belém).

Somente depois da viagem de Pedro Teixeira (1637-39) que começou o devassamento do território amazonense. Os sertanistas, partindo de Belém, Gurupá e Cametá, foram conquistando o território, em viagens ousadas, passando do Tapajós para o lado do Ocidente, região conhecida por Sertão das Amazonas, rumo aos limites com as colônias espanholas.

Tais sertanistas buscavam ouro, caçavam índios e coletavam drogas do sertão<sup>50</sup>. As drogas – no linguajar da época – eram o cacau, a baunilha, a canela, o cravo, as raízes aromáticas, apreciadíssimas riquezas naturais, abundantes em todo o vale. Em suas penetrações, levaram à escravidão quantos indígenas encontrassem (estivessem ou não nas condições exigidas pela Lei). Os nativos, assim subtraídos à liberdade, carregados às centenas para Belém, eram vendidos aos moradores por preço definido pelo governador e pela Câmara local.

### **1.3 - Ocupação do território e formação do núcleo**

Na metade do século XVII, os portugueses deram início a um processo sistemático de exploração e ocupação do interior amazônico. De São Luís do Maranhão, enviaram para a região uma série de expedições de resgate<sup>51</sup>, empenhadas em capturar e escravizar indígenas e recolher as tais drogas do sertão. Por vezes, acabaram por fundar povoados (como o da enseada do Rio Tarumã), por

50 Drogas do sertão - Produtos nativos da região amazônica, conhecidos como especiarias, entre eles: cacau, cravo, urucum, salsa-parrilha, canela, puxuri, baunilha, anil, essências aromáticas e outras. A coleta e o comércio desses produtos foram a base da economia mercantilista, no início da ocupação amazônica pelos europeus.

51 Resgate - eram destacamentos de soldados que protegiam e promoviam o tráfico de escravos indígenas na região.





outras, apenas descobriram bons sítios para a montagem dos acampamentos das tropas-de-resgate<sup>52</sup> (formadas por militares, religiosos, índios, degredados e prostitutas). “Enquanto os soldados expedicionários executavam verdadeiras caçadas humanas, os missionários pioneiros procediam à catequese, tentando agrupar índios Tarumãs e tribos vizinhas”<sup>53</sup>. A chegada dos jesuítas a Belém, liderados pelo padre Antônio Vieira, fez surgir os primeiros obstáculos a aquelas operações<sup>54</sup>.

Em 1668, o general Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, primeiro Governador do Maranhão e Grão-Pará, determinou que o capitão Francisco da Mota Falcão erguesse um posto avançado e fortificado, capaz de controlar a circulação de embarcações holandesas ou espanholas junto aos rios Negro, Solimões e Amazonas.

A região onde os portugueses o implantaram correspondeu ao local de um dos antigos acampamentos de tropas de resgate, e foi escolhido em função de suas características estratégicas militares: um grande platô de desenho triangular, vastamente irrigado, localizado à margem esquerda do Rio Negro, próximo à confluência com o Rio Solimões.

Em sentido estritamente didático, é possível afirmar que o cateto menor desse triângulo irregular corresponde à linha ribeirinha que se desenvolve da foz do Rio Tarumã-Açu (a oeste) até a curva do Rio Negro (na porção sul); que o cateto mediano desenvolve-se da curva citada à foz do braço do Rio Puraquequara (a leste), já acompanhando o Rio Amazonas, após o chamado “encontro das águas” dos rios Negro e Solimões; e que o cateto maior corresponde à linha interiorana que une as duas fozes. Desta vasta gleba de terra – hoje praticamente toda ocupada pela cidade de Manaus – uma fração menor foi escolhida para a construção de uma fortificação: um sítio localizado

52 MARTIUS, Carl Friedrich e Spix, Johan Baptist Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1975. p. 35, Tomo 3.

53 AB’SÁBER, Aziz Nacib. *Amazônia do discurso à práxis*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.203.

54 AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas no Grão-Pará*. Lisboa: 1901.



junto ao cateto menor, todo banhado pelo Rio Negro, desta vez delimitado pelos igarapés<sup>55</sup> de São Raimundo e dos Estudantes. Segundo o geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber, o sítio onde foi implantado o forte “possui uma situação absolutamente privilegiada em face das extensões amazônicas e do gigantesco quadro de drenagem da bacia hidrográfica regional”<sup>56</sup>.

A Fortaleza de São José da Barra, ou Forte da Barra de São José do Rio Negro, ou Forte de São José, ou Casa Forte, foi erguida – provavelmente em 1669 – em lugar adequado, resguardando o Rio Negro das incursões consideradas inimigas. Uma porção ribeirinha de um sistema de colinas tabuliformes, à altura de 44,99 metros sobre o nível do mar, aos 003° 8' 7" latitude S e 60° 61' 34" longitude O de Greenwich.

A autoria do projeto ou do desenho do Forte da Barra é atribuída ao próprio capitão Francisco da Mota Falcão, ajudado pelo filho Manuel da Mota Siqueira que, segundo o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, era “grande sabedor de assuntos militares”<sup>57</sup>. Uma fortaleza de forma quadrangular, erguida em taipa de pilão, sem fosso. Em torno dessa construção se agruparam índios Manáos, Barés, Banibás, Passés, Aroquis, Juris e de outras tribos; não tardou começou a se desenvolver o povoado que deu origem à atual cidade de Manaus.

Sobre os dois profissionais militares, pouco se sabe. No entanto, em 1684, o rei português<sup>58</sup> – considerando o número de gentios existentes nos sertões do Maranhão e Pará – ordenou que no prazo de quatro anos fossem erguidas quatro “casas-fortes”, respectivamente junto aos

55 Igarapés - [do tupi iara'pé, “caminho d'água”.] São canais naturais, estreitos, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Os banhos de igarapé faziam parte do hábito do Amazonense.

56 AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia do discurso à práxis**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.201.

57 SAMPAIO, Ribeiro de. **1825 - Diário da viagem que em visitaçã e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente-geral da mesma, nos anos 1774 e 1775** Lisboa: Typ. da Academia. In: MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

58 Ordenação reproduzida por MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Metro Cúbico, 1994, p.36.



rios Tapajós, Negro, Solimões e Madeira. Tais construções serviriam para consolidar a posse portuguesa da região frente à “concorrência das nações da Europa” e congregar indígenas convertidos. Para tanto, as fortalezas deveriam ser erguidas de madeira e terra, com a “melhor arte e defesa possível” e com o apoio de “engenheiros que desenhem e façam obras”<sup>59</sup>. A mesma provisão real conferiu a Francisco da Mota Falcão e a Manuel da Mota de Siqueira, respectivamente, os papéis de superintendente e auxiliar das obras, o que comprova serem os dois, de fato, conhecedores da engenharia militar.

Estudando as fortificações coloniais do Brasil, o professor Carlos Lemos identificou quatro “etapas históricas”<sup>60</sup>: a primeira corresponde ao período pioneiro de tomada de conhecimento do território e defesa do litoral do Brasil; a segunda corresponde à dominação holandesa no nordeste; a terceira equivale ao período de proteção da Bacia Amazônica; e a quarta corresponde às definições das fronteiras do sul do Brasil. O Forte da Barra pertence à terceira etapa de Lemos, ou seja, uma vez restaurada a soberania portuguesa no litoral e no nordeste do Brasil, restava garantir a posse das regiões interioranas, então disputadas com a Espanha. No mesmo período, foram construídas a Fortaleza de Nossa Senhora Nazaré, no Rio Tocantins, a Fortaleza de São José de Macapá, no Rio Amazonas, o Forte Príncipe da Beira, no Rio Guajará-Mirim, e foi projetado um sistema de proteção da cidade de Belém – cujo Forte do Presépio é de 1616.

Por sua vez, o professor Andrey Schlee, analisando o desenho de sessenta e seis fortificações, chegou à seguinte “classificação morfológica”<sup>61</sup>: Fortalezas Primitivas (construções provisórias, erguidas com materiais simples, na forma de caiçaras indígenas); Fortalezas Definitivas

59 Ordenação reproduzida por MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fundação de Manaus*. Manaus: Metro Cúbico, 1994. p.38.

60 LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura militar. Um panorama histórico a partir do Porto de Santos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

61 SCHLEE, Andrey Rosenthal. *Arquitetura militar no Brasil (Período Colonial)*. Brasília: Relatório de Pesquisa / UnB, 2004.



Irregulares (construções cujas formas demonstram uma preocupação com a necessária adaptação ao sítio de implantação); Fortalezas Definitivas Regulares (construções cujas formas demonstram uma priorização do aspecto geométrico do projeto, de acordo com as técnicas de guerra) e Fortalezas Definitivas Regulares do Tipo Vauban (construções baseadas em uma geometria precisa e que possuem a forma de um quadrado cujos vértices correspondem a baluartes). Considerando a documentação disponível, é possível afirmar que o Forte da Barra de São José do Rio Negro pertencia à terceira categoria de Schlee, ou seja, uma edificação regular, com pátio de armas e quartel interno, mas, tudo indica, sem os quatro baluartes que caracterizaram as demais fortificações erguidas no mesmo período (Fortaleza de N.S. de Nazaré, Fortaleza de São José de Macapá e Forte Príncipe da Beira).

Como visto, a origem da atual cidade de Manaus está intimamente ligada à construção do Forte da Barra, ou seja, uma aglomeração de origem militar. Em iconografia de 1756 – denominada *Prospecto da Fortaleza do Rio Negro* – elaborada pelo capitão engenheiro João André Schwebel e preservada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro<sup>62</sup>, é possível reconhecer os principais elementos do nascente Lugar da Barra: o Rio Negro, sua barranca, o Forte, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (com copiar<sup>63</sup> e cruzeiro<sup>64</sup>), uma edificação com dois pavimentos (que lembra as construções rurais do norte de Portugal), e mais três construções semelhantes – todas com uma única abertura ao gosto indígena. É importante salientar que, além do aspecto de aldeia linear, todos os elementos estão voltados para o rio.

62 SCHWEBEL, João André. Coleção dos prospectos das aldeias e lugares mais notáveis... Reproduzido por MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na era pombalina*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.

63 Copiar – Telhado de pavilhão. O mesmo que COPIARA.

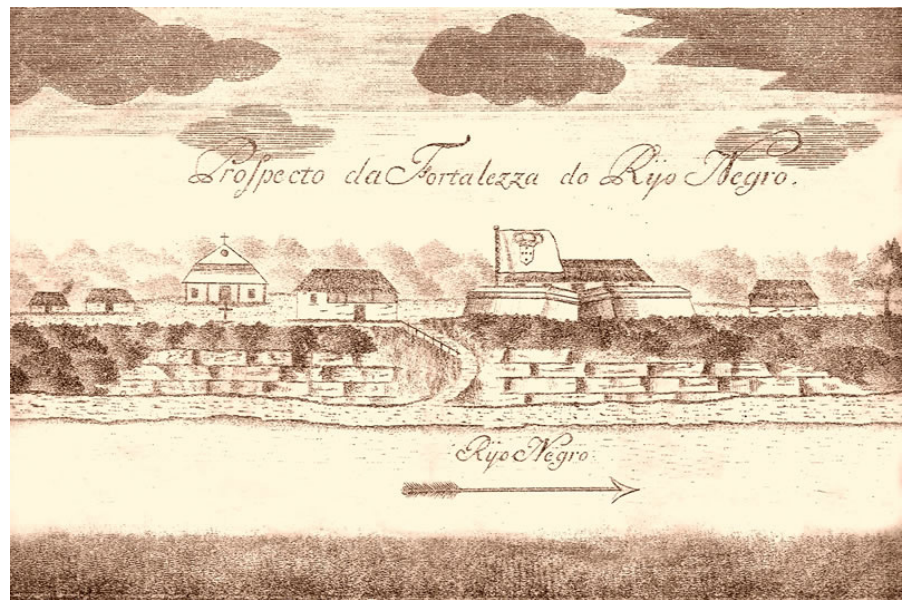
64 Cruzeiro – Nas igrejas com duas naves que se cruzam, dá-se o nome de cruzeiro à zona compreendida pela projeção da abóbada que resulta nos transeptos. Por extensão, chamam-se cruzeiros os arcos situados diagonalmente no intradorso daquela abóbada, quando ela é de arestas.



**Ilustração 5.**  
**Prospecto da Fortaleza do Rio Negro (1756).**

Autor: eng. João André Schwebel.

Fonte: MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na era pombalina*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.



Buscando solucionar os constantes problemas existentes entre as diferentes organizações e ordens religiosas que atuavam no sertão amazônico, em 1693, o rei português organizou e dividiu as tarefas missionárias na região. Cabendo a margem direita do Rio Amazonas aos jesuítas, a margem esquerda aos mercedários, capuchinhos e franciscanos, e as confluências dos rios Solimões, Negro e Madeira aos carmelitas. Dois anos mais tarde, os missionários carmelitas substituíram os inacianos no Lugar da Barra. Assumiram, portanto, os trabalhos de assistência religiosa à população e de conversão indígena. Ergueram uma “ermida coberta de palha”<sup>65</sup> sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição e assumiram a chamada “residência” do Rio Negro, erguida em 1692 pelos jesuítas.

A primeira grande colaboração na divulgação dos recursos naturais amazônicos foi feita pelo astrônomo francês Charles-Marie de La Condamine<sup>66</sup>, que esteve na região entre 1736 e 1744. Deve-se a ele a elaboração dos primeiros dados científicos sobre a utilidade da seringueira<sup>67</sup>.

65 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fundação de Manaus*. Manaus: Metro Cúbico, 1994, p.29.

66 LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000.

67 Seringueira – *Hevea brasiliensis*. Árvore de clima tropical que produz a borracha: uma goma elástica de origem vegetal, leite ou látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Os seringais nativos da Amazônia eram os únicos produtores de borracha.





VUE PANORAMIQUE DE LA BARRA, PRISE DU BALCON DE LA CHAPELLE DE NOTRE-DAME DES REMÈDES

**Ilustração 6.**  
**Entrada da Vila da Barra do Rio Negro.**  
Autor: Paul Macoy.  
Fonte: *Voyage a travers L’Amerique du Sud (entre 1840 e 1860).*

O crescimento demográfico do Lugar da Barra ocorreu muito lentamente durante os primeiros cem anos de sua “vida urbana”. A primeira informação a esse respeito dá conta que, em 1774, o povoado contava com apenas 220 habitantes, incluindo os índios catequizados. Este era o contingente habitual de uma expedição de resgate. Em 1778, a população de 256 habitantes estava assim distribuída: 34 brancos, 2 negros e 220 índios – um crescimento de 3,5% por ano. Em 1783<sup>68</sup>, a fortaleza foi desarmada e o Lugar da Barra perdeu sua função militar primordial, o que refletiu na diminuição da sua taxa de crescimento populacional. Em 1786, a população atingiu 301 habitantes (47 brancos, 11 negros e 243 índios), distribuídos em quarenta habitações, ou seja, um crescimento de 1,8% por ano e uma média de 7,5 pessoas por habitação.

Depois de La Condamine, a primeira grande viagem científica organizada para estudar os recursos naturais da Amazônia foi feita pelo naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira<sup>69</sup>, que percorreu várias localidades

68 BARRETO, Aníbal. *Fortificações do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958. p.56.

69 FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Philosophica - Uma Redescoberta da Amazônia, 1792-1992*. Rio de Janeiro: Editora Index Ltda, 1992.



amazônicas colhendo material científico, durante nove anos, entre 1783 e 1792. A viagem rendeu milhares de páginas de diários, monografias, relatórios e desenhos; além de amostras de cultura de muitos grupos indígenas, produtos vegetais e documentação científica da fauna e da flora da região. Tudo foi empacotado e enviado a Portugal, perfazendo, ao todo, 19 remessas. Entretanto, quando os exércitos de Napoleão invadiram Portugal, em 1808, os cientistas franceses levaram todos os documentos da viagem do naturalista brasileiro. A maior parte da coleção de Ferreira foi devolvida sete anos depois, tempo suficiente para que os naturalistas em Paris “descobrissem” e publicassem dezenas de novas espécies de animais e plantas da Amazônia, sem precisar sair de sua cidade. Muitos cientistas consideram esse o primeiro caso do biopirataria na Amazônia.

Em 1791, o governador Manoel da Gama Lobo D’Almada<sup>70</sup> transferiu a sede da Capitania de São José do Rio Negro<sup>71</sup> para o Lugar da Barra, estabelecendo novos patamares de atração populacional. Na ausência de edificação apropriada para a sede da administração, passou a ocupar o antigo quartel do Forte. “As casas ainda não são amplas e constituem um número reduzido, além de pequenas, acanhadas mesmo, de chão batido e cobertas de palha na maioria”<sup>72</sup>. Sendo assim, o governador passou a patrocinar melhorias urbanas na localidade. Mandou construir uma nova igreja, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, um palácio, um hospital, um quartel e uma cadeia. Incentivou a criação de gado e instalação de manufaturas (tecelagem, cordoaria, olaria, padaria e estaleiro, entre outras).

O Lugar da Barra perdeu seu status político-administrativo sob influência de D. Francisco de Souza Coutinho, Capitão-Geral do Grão-Pará, que iniciou campanha contra a mudança de sede, de maneira que, em maio de 1799,

70 NABUCO, Joaquim. *Documentos de Origem Portuguesa*, Vol. I p.271.

71 A Capitania de São José do Rio Negro foi criada por carta régia em 1755, durante o governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado e sua sede foi estabelecida em Mariuá (Barcelos).

72 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fundação de Manaus*. Manaus: Metro Cúbico, 1994. p.49.



a sede voltou para Barcelos. O censo de 1799 acusou 15.480 almas. Em consequência da perda de seu status, tornou-se inevitável à decadência do Lugar da Barra. Em outubro de 1807, o governador da Capitania, José Joaquim Victório da Costa, deixou Barcelos transferindo, definitivamente, a administração da Capitania ao Lugar da Barra. Assim, a partir de 29 de março de 1808, o Lugar da Barra voltaria a ser sede da Capitania de São José do Rio Negro.

Em 1809, o naturalista inglês Henry Walter Bates, afirmou que “a Barra tornou-se a principal cidade do distrito do Rio Negro”<sup>73</sup>. Inúmeros portugueses, assim como vários brasileiros de outras províncias, haviam se estabelecido no local.

Em 1826, a comissão estatística reconheceu que existe no território da comarca do Rio Negro, uma população civilizada superior a 16.000 almas, além de 62.000 indígenas errantes e sedentários<sup>74</sup>. Esse passou à categoria de Vila da Barra, em 1832, e, em 24 de outubro de 1848, recebeu o título de Cidade de São José da Barra, ou Cidade da Barra do Rio Negro.

Em 1839, Charles Goodyear fez uma descoberta que mudou o rumo da região Amazônica. Até então, a borracha extraída da seringueira tinha uso limitado em várias partes do mundo: sem tratamento, seus produtos ficavam pegajosos no verão e quebradiços no inverno. Goodyear percebeu que o cozimento da borracha com enxofre tornava o material resistente ao frio e ao calor, sem perder a elasticidade, dando origem ao processo de vulcanização.

Em 1850, D. Pedro II, referendado pelo ministro do império, Visconde de Monte Alegre, e pela Lei nº 592, de 5 de setembro de 1850, elevou a Comarca do Alto Amazonas à categoria de Província, passando a capital a se chamar Cidade de Manaus, homenagem lembrando os índios Manáos (que significa “mãe dos deuses”).

73 BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979. p.133.

74 Discursos publicados nos Annaes do Parlamento Brasileiro.





João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha foi o primeiro presidente da nova unidade administrativa que, em seu relatório<sup>75</sup> de 30 de abril de 1852, lamentava as péssimas condições em que se encontravam as obras públicas da cidade. De acordo com o censo de 1858, a população da província era estimada em 55.000 habitantes, e não mais que 4.500 habitantes na capital.



**Ilustração 7.**  
**Planta (croqui) da**  
**Cidade de Manaus**  
**(1852).**

Autor: J. B. de F. Tenreiro Aranha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

Segundo a planta ou croqui de 1852, a cidade se desenvolveu – do Igarapé da Cachoeira Grande (São Raimundo) até o igarapé da Cachoeirinha (Educandos) – numa seqüência linear de quatro tabuleiros delimitados e/ou separados por outros dois igarapés.



**Ilustração 8.**  
**Planta croqui da Cidade**  
**de Manaus de 1852,**  
**no detalhe, mostra os**  
**quatro tabuleiros, onde**  
**a cidade se instalou.**

Autor: J. B. de F. Tenreiro Aranha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

75 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fundação de Manaus*. Manaus: Metro Cúbico, 1994.



Na mesma época da visita de Bates, passou por Manaus o médico alemão Robert Avé-Lallemant<sup>76</sup>, que se impressionou com o exotismo do lugar, observando que a cidade estava “lindamente situada”. Percebia um alegre contraste na localização das casas, que tanto se distribuía pelo outeiro quanto pela beira do rio, como também na diversificação de materiais empregados nas construções, confrontando “os sólidos edifícios europeus com as primitivas casas tapuias de barro”<sup>77</sup>.

Os acidentes geográficos, a topografia e os hábitos regionais faziam do lugar um exótico aglomerado urbano, que misturava elementos ocidentais aos traços nativos, surpreendendo e impressionando os viajantes estrangeiros, cuja formação e hábitos eram completamente diferentes. O traçado da capital da Província do Amazonas teve que se adequar aos ditames da natureza: era desenhado, condicionado por vários igarapés, seu relevo era bastante acidentado, com morros e ladeiras; além disso, era comum nas construções residenciais o uso de materiais e técnicas da região.

Em 1861, começou a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que objetivava escoar a produção de borracha oriunda do Mato Grosso e de terras bolivianas. Essa estrada permitiria vencer trechos encachoeirados e difíceis para a condução da borracha, até alcançar o trecho navegável do Rio Madeira e transportar a produção aos portos do Rio Amazonas, em Manaus e Belém, onde seria embarcada e conduzida ao exterior pelo Oceano Atlântico.

Em setembro de 1865, chegou a Manaus a expedição científica dirigida pelo zoólogo suíço Louis Agassis<sup>78</sup>, composta por quinze membros, incluindo sua mulher, a americana Elizabeth Agassis, que atuou como cronista da expedição e fez valiosas observações a respeito da cultura

76 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

77 MESQUITA, Otoni Moreira de. *MANAUS: História e Arquitetura 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 1999, pgs. 35-39.

78 AGASSIS, Louis, Agassis, Elizabeth Cury. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. São Paulo: Editora Nacional.



local. Reconhecia que a construção da Igreja Matriz estava muito bem localizada no alto de uma colina, e seria digna de nota se algum dia a concluíssem, pois se mantinha no estado em que estava há muitos anos e previa que ficaria assim indefinidamente. Elizabeth Agassis ressaltou que a situação da cidade, na junção dos rios Negro e Solimões, fora uma das mais felizes escolhas, pois apesar de insignificante naquela época, mais tarde seria sem dúvida, “um grande centro de comércio e navegação”<sup>79</sup>.

#### **1.4 Identificação do Patrimônio Local – 1669-1870**

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS  
PALACETE PROVINCIAL  
PALÁCIO DA PRESIDÊNCIA  
(atual Prefeitura Municipal de Manaus)  
CASA DO MERCADO

---

79 TOCANTINS, Leandro. *Aspectos da arquitetura tradicional de Manaus*. In: ABA - *Arquitetura Brasileira do Ano / Rio de Janeiro, GB / 1967-1968*, pg. 48.



## Identificação do Patrimônio Local – 1669-1870

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (i 1878)<sup>80</sup>

A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição ou Catedral Metropolitana de Manaus foi a segunda grande obra arquitetônica construída em Manaus. Fica localizada próximo ao Porto Flutuante/ *Rod-Way*, no triângulo composto pelas avenidas Sete de Setembro, Eduardo Ribeiro e Marquês de Santa Cruz, em terreno onde se encontra a Praça da Matriz – Bairro Centro Histórico.

O padre José Maria Coelho<sup>81</sup>, em 1823, afirmou que os religiosos carmelitas calçados haviam edificado uma igreja que depois de arruinada, foi reerguida pelo governador Lobo D’Almada no mesmo local. Por sua vez, Arthur Reis<sup>82</sup>, informou que a primeira igreja foi construída pelos carmelitas. “Em 1781, por muito velha, foi derrubada. Por ordem da junta governativa da Capitania, em 1782, começou a ser reerguida pelo comandante do Fortim de São José, mas com tal mau gosto que Almada a pôs abaixo, reconstruindo-a inteiramente. A 2 de julho de 1850 um incêndio a devorou. Era situada na Praça da Trincheira, hoje Nove de Novembro”.

Otoni Mesquita<sup>83</sup> relatou que o presidente Tenreiro Aranha<sup>84</sup>, em relatório de 30 de abril de 1852, informou que, visando à reedificação da Igreja da Matriz, tinha recorrido aos fiéis e ao imperador, para iniciar as obras da igreja, “cujo risco e orçamento” estavam sendo executados. Em 10 de julho de 1858, o presidente Francisco José Furtado autorizou o início dos trabalhos para a edificação da obra, e em 22 de julho foi assentada a primeira pedra. Segundo Wilkens de Mattos, tratava-se de “uma capela-mor de 50

80 A inicial que aparece antes da data indica a situação a que se refere: (i) Ano da inauguração; (c) Ano da Construção; (p) Ano do lançamento da pedra fundamental; (f) Ano da fundação.

81 COELHO, José Maria. **Memória sobre a capitania de São José do Rio Negro**. In: Revista do IGHB, vol. 203. Rio de Janeiro: Dep. de Imp. Nacional. 1949.

82 REIS, Arthur Cézar Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/ Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

83 MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

84 ARANHA, Tenreiro, **Relatório do presidente de 30 de abril de 1852**.



palmas (11 metros) em quadro, de duas sacristias laterais de 50 palmas (11 metros) sobre 30, tendo o corpo, 120 palmas (26,4 metros), desde o cruzeiro até a porta principal” e previa-se que a área total a ser ocupada pela obra seria de “15.000 palmas (3.300 m<sup>2</sup>) quadrados de terreno”. Mattos esperava que “removidas as dificuldades, sempre presentes no início de qualquer obra no Amazonas, onde eram “ainda muito mais consideráveis do que em outras províncias”, a construção progrediria com a desejada regularidade.



**Ilustração 9.**

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Em 18 de junho de 1868, a lei nº 173 autorizava o presidente da província a “mandar concluir por meio de administração ou de contrato, a edificação da nova Matriz da Capital”<sup>85</sup>.

85 Coleção de Leis do Amazonas, 1868.





A igreja foi benta e inaugurada somente em 15 de agosto de 1878, exatamente vinte anos após o lançamento de sua pedra fundamental. Somente dez anos mais do que previu Avé-Lallemant<sup>86</sup>, contrariando o casal Louise Elizabeth Agassiz<sup>87</sup>, que não acreditavam em sua conclusão.

A autoria do projeto da igreja Matriz de Manaus, assim como a maioria das obras desse período, continua desconhecida. Estudiosos e historiadores como Luís de Miranda Corrêa<sup>88</sup> e Mário Ypiranga Monteiro<sup>89</sup>, sugerem diferentes autores; contudo ao confrontar esses dados com informações oficiais, surgem algumas dúvidas, pelo fato de que os dois autores omitem a fonte dos dados.

Segundo Otoni Mesquita<sup>90</sup>, a localização do projeto solucionaria facilmente a questão, se constasse no projeto o nome do autor, no entanto nem mesmo o historiador Mário Ypiranga Monteiro, que publicou uma obra sobre a referida construção, conseguiu localizá-lo, e em sua obra intitulada *A Catedral Metropolitana de Manaus*, editada em 1958, o autor pergunta várias vezes pelo projeto da Matriz.

A arquiteta e historiadora Jussara da Silveira Derenji<sup>91</sup>, verificou, porém, em 1988, nos livros da Matriz, o nome do pedreiro Francisco Canejo como o riscador das plantas da Matriz.

O edifício apresenta o frontão triangular como elemento marcante de sua fachada, a coberturas e os campanários. Esses elementos apresentam um desenho mais sinuoso, sem entretanto perturbar o conjunto da composição.

Recentemente a igreja foi toda restaurada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o que acentuou as linhas dos elementos arquitetônicos. Apesar

86 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1980.

87 AGASSIZ, Louis, AGASSIZ, Elizabeth Cury. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

88 CORRÊA, Luís de Miranda *Manaus: aspectos de sua arquitetura*. Rio de Janeiro: Ag. da SPVEA, 1964.

89 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A Catedral Metropolitana de Manaus*. Manaus. Ed. Sergio Cardoso, 1958.

90 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura - 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 1999.

91 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.



do crescimento da cidade nas últimas décadas o edifício conseguiu manter uma posição de destaque como marco visual do centro de Manaus.



**Ilustração 10.**  
**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 11.**

**Catedral Metropolitana  
de Manaus, também  
denominada Igreja  
de Nossa Senhora da  
Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi tombada pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 1.039 de 12/04/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14/04/1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.



**Catedral Metropolitana  
de Manaus, Detalhes**

**Ilustração 12.  
Torre e campanário.**

**Ilustração 13.  
Imagem de Nossa  
Senhora da Conceição,  
no frontão triangular da  
Igreja.**

**Ilustração 14.  
Campanário.**

**Ilustração 15.  
Porta principal**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





## IGREJA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS (f 1818).

A Igreja Nossa Senhora dos Remédios é um dos templos religiosos mais antigos de Manaus. Fica localizada no quadrilátero formado pela Rua Miranda Leão, onde se tem a fachada da igreja, Rua Leovegildo Coelho, Rua dos Andradas ao fundo e Rua Cel. Sérgio Pessoa. Em frente fica a Praça dos Remédios, ocupando o quadrilátero até a Rua dos Barés.

Em seu relato, Lourenço Amazonas informa que a capela de Nossa Senhora dos Remédios foi fundada pelo major Manoel Joaquim do Paço, que assumiu o governo em 1818. Passou por várias reformas no século XIX, algumas das quais bem radicais. No fim do século XIX, a Igreja Matriz de Manaus foi destruída por um incêndio e suas funções passaram a ser assumidas pela Igreja dos Remédios.

Segundo a arquiteta e historiadora Jussara da Silveira Derenji<sup>92</sup> o autor do projeto de reforma foi o engenheiro italiano Filintho Santhoro, sendo o único prédio, com fins religiosos, projetados por ele e, talvez, o seu primeiro encargo na região amazônica.

Dentro do historicismo tipológico que dominava o panorama arquitetônico à época, as igrejas podiam adotar estilos próprios da Idade Média ou fixar-se num manejo exótico de soluções orientalizantes com lugar para reinterpretções de templos clássicos, tão ao gosto do neoclássico europeu. Essa última foi a forma assumida por Santhoro para a reformulação da Igreja dos Remédios.

A concepção da igreja apresenta destaque na volumetria e implantação, aproveitando essa, a posição no cume da rampa, efeito acentuado pelo autor do projeto ao incluir um embasamento. A falta de detalhes decorativos no frontão triangular, nos capitéis ou nos nichos ao nível do térreo, são atribuíveis menos a uma escolha projetual do que a uma deficiência na mão-de-obra especializada no setor, na cidade de Manaus.

92 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.



Após a execução do projeto de Filinho Santhoro a igreja passou a apresentar um aspecto mais elaborado, revelando preocupação artística e uma imponência até então ausente no edifício. A posição de domínio que essa igreja tem sobre o porto de Manaus, por sua implantação privilegiada sobre a rampa dos Remédios, lhe dá um papel destacado na devoção dos comerciantes sírio-libaneses que foram os principais contribuintes para as obras de renovação, executadas entre 1899 e 1903.

A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios foi tombada pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 11.037 de 12/04/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14/04/1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.



**Ilustração 16.**

**Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**

Autor: Marcicley Rego

Fonte: Pontes Filho, História do Amazonas, Editora Valer, 2000, p. 119.



## PALACETE PROVINCIAL

Atual Comando da Polícia Militar do Amazonas (c 1867)

O Palacete Provincial fica localizado na Rua Dr. Moreira, entre as ruas Lima Bacuri e José Paranaguá, em frente à Praça Heliodoro Balbi também conhecida como Praça da Polícia.

O prédio foi adquirido, já em construção, em 1867, pelo presidente José Coelho da Gama e Abreu, de Custódio Pires Garcia. O historiador Antonio Loureiro<sup>93</sup> afirma que em 1880 o prédio passou pela sua primeira reforma, e, em 1884, ocorreu a segunda, “sofrendo alterações e acréscimos e servindo de sede a inúmeros órgãos públicos”. Por sua vez, o historiador Marvignier de Castro<sup>94</sup> informa que até 1888 o edifício foi ocupado pela Assembléia provincial, mas no período republicano foi ampliado e modificado para alojar a milícia policial.

O antigo Palacete Provincial foi um dos primeiros prédios públicos construídos em Manaus, ficando assim evidente em seu aspecto formal a herança de construções típicas de casas de Câmara e Cadeia, erguidas em todo o país durante aquele período.

As portas e janelas do antigo palacete são todas de arco pleno e estabelecem um ritmo estável entre cheios e vazios, não quebram a monotonia e a simplicidade da fachada. Apesar do edifício apresentar frontão curvo, nota-se no todo uma tendência à simplicidade da construção, despojada de ornamentos e o uso das platibandas escondendo os beirais.

No momento o Palacete é ocupado pelo Quartel do Comando Geral de Polícia Militar do Amazonas e pelo Museu Tiradentes.

Foi tombado como Patrimônio Histórico do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 11.035 de 12/04/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14/04/1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

93 LOUREIRO, Antonio José de Souto. *Síntese da história do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

94 CASTRO, Marvignier de. *Síntese histórica e sentimental da evolução de Manaus*. Manaus: Typ. Fenix, 1948.



## PALÁCIO DA PRESIDÊNCIA (c 1791-1798)

O Palácio da Presidência se localizava na Praça D. Pedro II, fachada para a Rua H. Antony, onde hoje é o prédio da Prefeitura Municipal de Manaus, porém não é o mesmo edifício.

De acordo com o historiador Arthur Reis<sup>95</sup>, o Palácio da Presidência foi o primeiro erguido em Manaus e ainda construído na administração do governador Lobo D'Almada, quando este transferiu para a Barra a sede da capitania do Rio Negro entre 1791-1798. No entanto, em 1823, esse prédio já estava bastante maltratado, pois o padre José Maria Coelho<sup>96</sup> dizia que o “chamado Palácio do Governo” assim como outros edifícios públicos, também cobertos de palha, “ameaçam ruínas” e estavam sujeitos a um incêndio.

Ao assumir a presidência da Província do Amazonas, em 27 de dezembro de 1852, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha teve que alugar um sobrado para instalar a presidência, porque não havia um único “próprio nacional” em condições de atender essa função, e comunicou o fato à Corte, solicitando verba para a construção de um palácio com as devidas acomodações. Como essa construção foi obra da intendência municipal, são muito escassos os dados sobre a construção da mesma nos relatórios presidenciais.

## CASA DO MERCADO (c 1857)

A localização da Casa do Mercado, pode ter sido, talvez a mesma do Mercado de Ferro Adolpho Lisboa, no entanto os estudos não encontraram dados para se relatar o endereço. Sabe-se que era na beira do rio, próximo à escadaria dos Remédios.

Desde os primeiros anos da Província, a construção de um mercado para a capital parecia despertar a atenção dos administradores. Em outubro de 1853, o presidente Ferreira Penna reconhecia que a construção de “uma casa

95 REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. Belo Horizonte / Manaus : Itatiaia / Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

96 COELHO, José Maria. *Memória sobre a capitania de São José do Rio Negro*. In: Revista do IGHB, vol. 203. Rio de Janeiro: Dep. de Imp. Nacional, 1949.



do mercado” era uma das necessidades mais urgentes da província, no entanto somente em janeiro de 1857 é que o presidente João Pedro Dias Vieira anunciou a conclusão da “Casa do Mercado” construída por sua iniciativa, mas ao que parece, essa obra em poucos anos deixou de atender o fim a que se destinava.

Uma nova construção da Casa do Mercado foi anunciada, todavia, até junho de 1870 a nova construção contratada não passava dos alicerces, porque faltavam recursos financeiros e operários de gabarito para o serviço.

Arthur Reis informa que em 25 de março de 1872, o presidente José Miranda Silva Reis anunciou que a obra estava concluída, afirmando que sua construção tinha sido “solidamente executada com materiais de boa qualidade e de conformidade com o respectivo plano”.

A informação que se tem sobre a Casa do Mercado, é de que era pequena, e de forma retangular, tendo em vista que em poucos anos não mais atendia as necessidades da cidade.









## Lenda do Guaraná

*Em uma aldeia dos índios Maués havia um casal, com um único filho, muito bom, alegre e saudável, chamado Garuná.*

*Era muito querido por todos de sua aldeia, o que levava a crer que no futuro seria um grande chefe guerreiro.*

*Isto fez com que Jurupari, o Deus do mal, sentisse muita inveja do menino. Por isso resolveu matá-lo. Então, Jurupari transformou-se em uma enorme serpente e, enquanto o indiozinho estava distraído, colhendo frutinhas na floresta, ela atacou e matou a pobre criança.*

*Seus pais, que de nada desconfiavam, esperaram por um dia e uma noite, até que toda a tribo se reuniu para procurá-lo.*

*Quando o encontraram morto na floresta, uma grande tristeza tomou conta da tribo. Ninguém conseguia conter as lágrimas.*

*Neste exato momento uma grande tempestade caiu sobre a floresta e um raio veio atingir bem perto do corpo do menino.*

*Todos ficaram muito assustados. A índia-mãe disse: "É Tupã que se compadece de nós. Quer que enterremos os olhos de meu filho, para que nasça uma fruteira, que será nossa felicidade".*

*Assim foi feito. Os índios plantaram os olhinhos do Garuná imediatamente, conforme o desejo de Tupã, o rei do trovão.*

*Alguns dias se passaram e no local nasceu uma plantinha que os índios ainda não conheciam, mas que chamavam de Garuná. É por isso que os frutos hoje, o guaraná são sementes negras rodeadas por uma película branca, muito semelhante a um olho humano.*





J.M. DE FACEDO

1856





## CAPÍTULO II

### **2º Período, 1870-1914**

O presente capítulo objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus a partir de 1870, quando teve início o surto da economia gomífera na região. Como consequência, Manaus conheceu um período de franca expansão e desenvolvimento urbano, deixando de ser uma cidade completamente isolada nos confins do norte do país. Esse período áureo, todavia, encerrou-se entre 1913/14, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, retornando a cidade, com isso, a um novo momento de isolamento. Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

**Ilustração 18.**

**Teatro Amazonas.**

Autor: Scott Frier

Fonte: COUSTEAU,  
Jacques-Yves. **A  
Expedição de  
Jacques Cousteau na  
Amazônia.** São Paulo:  
Editora Record, 1982.



## 2.1 - Aspectos Históricos e Econômicos

Na segunda metade do século XIX, teve início a expansão e a exploração do látex da *Hevea brasiliensis*<sup>97</sup>, fazendo com que, no Amazonas, se processasse um importante surto de crescimento econômico. A partir de então, algumas mudanças significativas ocorreram na cidade de Manaus. Inicialmente, a região passou a despertar um crescente interesse nacional e internacional, atraindo não apenas um grande número de viajantes, pesquisadores, cronistas, cientistas e aventureiros; mas, sobretudo, uma considerável injeção de capital estrangeiro – particularmente inglês. Tal capital, inicialmente investido na borracha, logo se desdobrou em melhoramentos urbanos e arquitetônicos de grande qualidade, alimentando o que se convencionou chamar de *belle époque amazônica*<sup>98</sup>.

“As indústrias dos Estados Unidos e da Europa necessitavam cada vez mais da borracha como matéria-prima, e o Amazonas – seu principal produtor – orientou toda a sua economia para atender à crescente demanda. Milhares de nordestinos fugindo da seca e do sistema de terras do Nordeste foram canalizados em direção aos seringais, usando Manaus como ponte entre a terra natal e a floresta. Muitos deles se fixaram na cidade, onde forneceram a principal energia para as obras públicas”<sup>99</sup>.

A geógrafa Ana Maria Daou<sup>100</sup> argumenta que a borracha foi o veículo do progresso material das elites

97 *Hevea brasiliensis*: Denominação científica da seringueira, árvore de clima tropical que produz a borracha: uma goma elástica de origem vegetal, leite ou látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Os seringais nativos da Amazônia eram os únicos produtores de borracha.

98 DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; e SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

99 BESSA, José Ribamar. *Bares, manáos e tarumãs*. Revista Arquitetura e Urbanismo (AU), n.10, fev./mar. 1987. p.58.

100 DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p.21.



amazônicas, proporcionando-lhes uma inserção particular na dinâmica de trocas materiais e simbólicas:

“Foi a economia da borracha que facultou às elites das duas províncias (a do Amazonas e a do Grão-Pará) uma aproximação social e cultural com a Europa, já de muito cultivada (...) Era um salto qualitativo para aqueles que, há pouco mais de três décadas, queixavam-se do isolamento e clamavam pelo comércio entre os povos”<sup>101</sup>.

Manaus iniciou o ano de 1870 com uma população de 5 mil pessoas. Com o período gomífero, a cidade presenciou um crescimento demográfico – em todos os sentidos – espantoso, saltando para cerca de 20 mil habitantes em 1890, para atingir aproximadamente 60 mil em 1907<sup>102</sup>. Tal saldo demográfico – apoiado no econômico – foi acompanhado de um salto urbano. Já em 1871, o presidente<sup>103</sup> da Província do Amazonas, João Wilkens de Mattos, promulgou o novo regulamento da Repartição de Obras Públicas e, em relatório, informou que, desde o ano de 1869, a repartição “continuava” sob a direção do engenheiro Luiz Martins da Silva Coutinho (“que muito auxiliara no propósito de dotar a capital com diversos melhoramentos”<sup>104</sup>). Em 1º de junho de 1872, a Lei Nº 247 promulgou o Código de Posturas Municipais da Cidade de Manaus.

Otoni Mesquita<sup>105</sup>, analisando o número de obras públicas realizadas nas décadas de 50 e 80 daquele século, constatou um aumento considerável neste último período, apesar de mantidas várias dificuldades. Em 1º de outubro

101 DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. pp.21-22.

102 Segundo AB’SÁBER, “de 1889 para 1920, sua população saltou de 10.000 para 75.000 habitantes”. AB’SÁBER, Aziz Nacib. *Amazônia do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 2004. p.209.

103 Denominação igual a governador no período 26 de novembro de 1868 a 08 de junho de 1870.

104 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Editora Valer, 1999.

105 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Editora Valer, 1999.



de 1880, o presidente Satyro de Oliveira Dias reconheceu que a Província “carecia” de muitas obras, mas justificou ser impossível “cuidar de todas ao mesmo tempo”, porque não dispunham de recursos, mas, simultaneamente, afirmava que “de algumas deveria se ocupar” e achando conveniente “ter em mira” que o futuro da Província não poderia ser “levado à conta das prosperidades do presente”, relacionava as seguintes obras a serem executadas: (1) as pontes da cidade estavam a desabar e era urgente repará-las ou reconstruí-las; (2) o mercado público funcionava em “um velho edifício esboroadado e repugnante” e convinha ser substituído por outro que desse “melhor idéia de nossa civilização”; (3) as ruas necessitavam ser niveladas e calçadas; (4) o Hospital da Caridade tornara-se insuficiente para atender “os pobres e desvalidos” que o procuravam; (5) o cemitério público também necessitava de “favores” pois nas condições em que se encontrava era quase impossível abrir novas sepulturas, além disso, as leis da “higiene e a saúde pública” exigiam a construção de um novo<sup>106</sup>.

Edinea Mascarenhas Dias<sup>107</sup> em estudo sobre Manaus, realizou uma análise comparativa entre a cidade visitada observada por Henry Walter Bates, em 1850, Robert Avé-Lallemant, em 1859, e Louis Agassis em 1865. A autora enfatizou que antes do apogeu da borracha, na área urbana de Manaus, conviviam ricos e pobres, brancos, índios, mamelucos e mestiços. Tudo girava em torno do centro, a vida da cidade era vivida por todos os segmentos, sem distinção: “Sólidos edifícios em estilo europeu, primitivas casas tapuias de barro, ora rua, ora igarapé; numa porta uma cara branca; bem perto daí, banha-se um menino fusco<sup>108</sup>”. Estes são os contrastes que Lallemant relata, de onde conclui que em Manaus todos mandriavam<sup>109</sup>, sem distinção de classe social: branco, negro, índio, escravo, liberto ou senhor. Nessa

106 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Editora Valer, 1999.

107 DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto-Manaus-1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 1999.

108 Fusco – Escuro, pardo, mulatinho escuro.

109 Mandriavam: Viviam ociosamente.



descrição, Lallemand não deixa escapar que a possibilidade de conciliação dava-se à medida que, até aquele momento, ninguém havia se preocupado em engrandecer Manaus; daí não haver na cidade “intensa luta de vida e morte entre forças poderosas, mas, pelo contrário, havia reconciliação dos diversos elementos”, homem, natureza e trabalho.

A crescente demanda por borracha pela Europa e Estados Unidos fez com que se intensificasse a imigração para a região. A extração do látex precisava suprir o mercado. Era preciso mais mão-de-obra para trabalhar nos seringais. Com isso, a população deu os grandes saltos demográficos já mencionados. Segundo Pontes Filho<sup>110</sup>, estima-se que mais de 300 mil imigrantes vieram do Nordeste em um intervalo de poucos anos.

O seringalista<sup>111</sup> contava com uma estrutura de pessoal apropriada para controlar as atividades no seringal. Pela ordem, após o seringalista, temos: seringueiro<sup>112</sup>, gerente<sup>113</sup>, o guarda-livros<sup>114</sup>, caixeiro<sup>115</sup>, homens do campo<sup>116</sup>, comboieiro<sup>117</sup>, mateiro<sup>118</sup> e toqueiro<sup>119</sup>.

---

110 PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000. p.132.

111 Seringalista – Era o proprietário do seringal, não somente o patrão, mas a própria autoridade civil e militar do seringal. Também denominado viador de segunda linha.

112 Seringueiro – Trabalhador que se inseria na floresta para extrair o látex e produzir a borracha.

113 Gerente – Atuava como o subpatrão e dirigia tudo no seringal, sobretudo quando o seringalista viajava ou passava a morar em Belém ou Manaus.

114 Guarda-livros – Encarregado da escrituração comercial do estabelecimento: registro, contas, talões de vendas e outros.

115 Caixeiro – responsável pelo barracão da borracha, pela pesagem do produto, pelo depósito de víveres e pelo abastecimento do centro do seringal.

116 Homens do Campo – Ocupavam-se com a conservação das benfeitorias do seringal, em geral trabalhando no plantio e retirada de madeira, além do conserto das barracas.

117 Comboieiro – Incumbido de transportar comboios (lotes de burros com carga, na ida, de mantimentos para o seringueiro e, na volta, de borracha para o barracão) da margem do rio para o centro do seringal e vice-versa.

118 Mateiro – Fazia o reconhecimento prévio das árvores para o corte, bem como a identificação das espécies vegetais.

119 Toqueiro – Encarregado de adentrar na mata para abrir estradas.

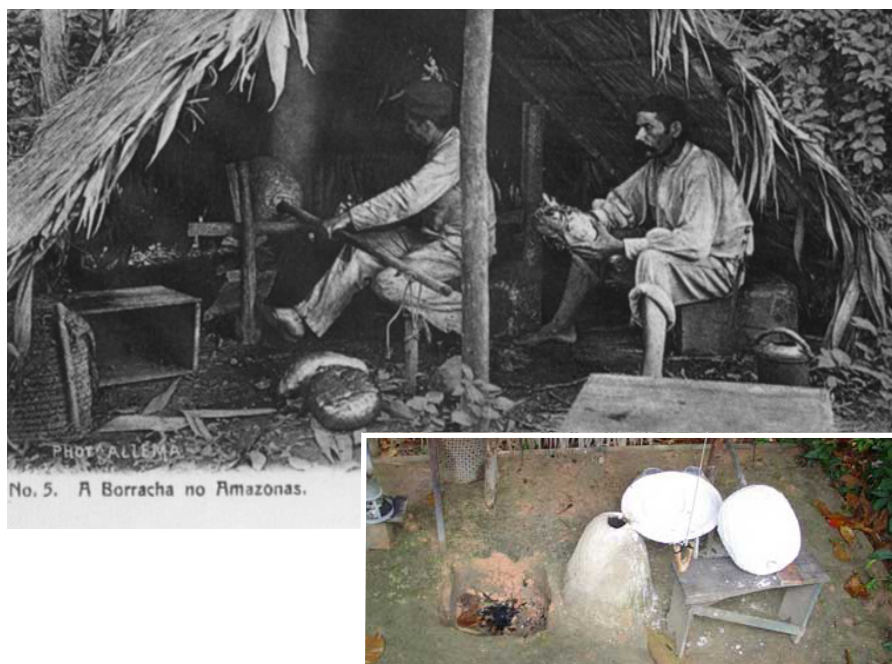


**Ilustração 19.**  
**Seringueiros no processo  
de beneficiamento da  
borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

A extração e o comércio da borracha eram feitos pelo seringueiro, que solicitava mantimentos das casas aviadoras. Essas casas forneciam mercadorias a um aviador menor. Esse em geral era um comerciante ou negociante de vilarejo.

O Brasil forneceu 97% da borracha comercializada no mundo, em 1900<sup>120</sup>. O auge da exploração aconteceu por volta de 1910, com um total de 42 mil toneladas exportadas.



**Ilustração 20.**  
**Seringueiros no seringal  
preparando a borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

120 BENCHIMOL, Samuel. *Exportação da Amazônia Brasileira* (1994/1995). Manaus: edição reprográfica, 1996.





À medida que os imigrantes nordestinos chegavam, fugindo da seca, e procurando trabalho nos seringais, mais avançavam para o interior da região, rumo ao ocidente, em busca de mais seringueiras para a extração do látex.

Manaus e Belém se colocaram à época, na virada do século, entre as cidades de maior concentração de riqueza *per capita* <sup>121</sup>. E o símbolo desse fausto sintetiza-se na construção do Teatro Amazonas, encravado em plena floresta amazônica.



Ilustração 21.

Hotel que hospedava  
os comerciantes da  
borracha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

121 DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 1999.



Alguns indicadores econômicos<sup>122</sup> ilustram o fausto e o esplendor desse período. Calculando o valor da libra nos dias de hoje, teríamos na Amazônia da época um faturamento anual de 2,5 bilhões de dólares com a produção da borracha. O Teatro Amazonas teve sua construção avaliada em 25 milhões de dólares. A renda *per capita* na Amazônia, à época da virada do século, era equivalente à da Bélgica, então a maior renda *per capita* do mundo.

Para escoar a produção da borracha oriunda de Mato Grosso e de terras bolivianas, foi concebida, em 1861, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Essa estrada ficou a cargo da firma inglesa *Madeira Mamoré Railway Co. Ltda.* Permitia vencer trechos encachoeirados e difíceis, para o transporte da borracha, até alcançar o trecho navegável do Rio Madeira e conduzir a produção aos portos de Manaus e Belém, onde seria embarcada ao exterior pelo Oceano Atlântico.



Ilustração 22.  
Seringalistas na  
comercialização da  
borracha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

A obra de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi interrompida um ano depois e retomada em 1907, ligando Porto Velho a Guajará-Mirim, encerrando-se

122 LAEMMERT, Eduardo e Henrique. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1847. No ano de 1846, pelo Decreto de Nº 401, de 11 de setembro, o Imperador criou o sistema milésimo, conhecido como 3º Sistema Monetário. Para a conversão do ouro, foi utilizado o site do Jornal O Estado de São Paulo, Cotações do ouro para o dia 23 de agosto de 2006.





em 1912, compreendendo um percurso de 364 quilômetros. Durante a fase brasileira da construção da ferrovia, foram contratados milhares de trabalhadores vindos não só do Nordeste e de outras partes do Brasil, mas também de países da América Central, da Europa e da Ásia. Estima-se em cerca de 20 mil trabalhadores, dentre os quais grande parte, quando não morria (de malária, principalmente), retornava ao seu país de origem, em virtude da sua falta de adaptação à região.



Ilustração 23.

Estação de Bondes

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

A decadência da extração começou com o sucesso das plantações de seringueiras na Ásia. Em 1871, 70 mil sementes de seringueiras foram contrabandeadas pelo botânico inglês Henry Alexander Wickham (com a ajuda dos índios Mura, que o ensinaram a utilizar, no transporte de sementes, a mesma técnica dos paneiros<sup>123</sup> usada na conservação da farinha de mandioca), para o Kew Garden, jardim botânico de Londres. Até então, as tentativas de levar as sementes para estudo e seleção no Jardim Botânico de Kew esbarravam no fato de que as sementes apodreciam na travessia do Atlântico.

<sup>123</sup> Paneiros – Cesto de tala de palmeira e trançado largo, geralmente forrado de folhas.



De lá elas foram para a Malásia e, em 1905, já competiam com as árvores brasileiras. Os trabalhadores asiáticos colhiam o leite das seringueiras que se alinhavam de cinco em cinco metros, enquanto que na floresta amazônica, os seringueiros caminhavam de vinte a trinta quilômetros por dia para coletá-lo. A produção asiática era maior e os seringais estavam mais perto do porto, o que facilitava o escoamento do produto e reduzia o seu preço.

Com a produção da seringueira na Malásia, a Amazônia voltou ao limbo do esquecimento e à estagnação econômica, sendo lembrada apenas por um lapso de tempo, durante a Segunda Guerra Mundial, em função do embargo ao fornecimento de borracha asiática para atender o mercado internacional.

O ciclo da borracha chegou ao fim. Entretanto, suas marcas ficaram registradas na transformação de uma pequena vila em uma cidade cosmopolita, na figura do caboclo<sup>124</sup> e do ribeirinho<sup>125</sup> isolados na floresta, e dos que ainda vivem nas fotos, nas construções, nos monumentos, nos arquivos oficiais e, enfim, na memória de nossa arquitetura.

## **2.2. – Evolução Urbana 1870-1914**

Entre 1870 e 1914, com o surto da economia gomífera na região, a Cidade de Manaus conheceu um período de franca expansão e desenvolvimento urbano, deixando de ser uma cidade completamente isolada nos confins do norte do país. Esse período áureo, todavia, encerrou-se a partir de 1913<sup>126</sup> em virtude da perda do mercado internacional para a borracha asiática, retornando a cidade, com isso, a um novo período de isolamento.

124 Caboclo – é um dos grupos étnicos mais conhecidos na Amazônia, descendente do índio e do europeu. A definição de caboclo pode variar de acordo com a época e o lugar que a explica.

125 Ribeirinho – Habitantes das ribanceiras dos rios, lagos e paranás amazônicos; vivem em casas de palafitas, em função das cheias dos rios.

126 1913 – O Brasil exportou 39 mil toneladas de borracha, enquanto que os asiáticos exportaram 47 mil toneladas. Era a perda do mercado internacional, antes dominado pelo Brasil, para a Malásia.



Se a arquitetura é o símbolo mais visível de uma sociedade, a fisionomia urbana de Manaus reflete bem o espírito da sociedade que ali floresceu em fins do século XIX até 1914<sup>127</sup>. A arquitetura de Manaus dessa época exprime uma atitude emocional e estética da burguesia enriquecida pelo comércio da borracha. As mudanças ocorreram pela concentração da mão-de-obra especializada e por materiais importados advindos do comércio internacional.

Euclides da Cunha retratou a grande transformação urbana e social da capital amazonense, ao fazer esta apreciação: “Manaus rasgada em avenidas largas e longas pelas audácias do Pensador (Eduardo Ribeiro) é uma grande cidade, estritamente comercial, de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos”<sup>128</sup>. E foi mais longe a impressão do viajante surpreso “O crescimento abrupto levantou-se de chofre, fazendo que trouxesse, aqui e ali, salteadamente, entre roupagens civilizadas, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio européia, onde o tapujar se achata ao lado dos palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado... o seringueiro achambrado, a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand<sup>129</sup>”.

De uma aldeola dos índios Manaus, o antigo Lugar da Barra se transformou num dos mais importantes centros do Brasil, graças à vitalidade econômica da borracha, que lhe deu vida, riqueza e encantos, como na antiguidade o comércio intenso no Mediterrâneo e no Adriático possibilitou a Roma, Florença e Veneza um papel preponderante na economia, nas artes, nas letras e na arquitetura européia<sup>130</sup>.

A obra urbanizadora da capital do Amazonas, creditada ao governador Eduardo Ribeiro, em que a topografia da cidade, antes, era caracterizada pelos

127 1914 – Última remessa de borracha. Fim do *boom* da borracha na Amazônia.

128 CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Tropicália, 1976.

129 Gand – O grande porto comercial da Bélgica.

130 TOCANTINS, Leandro. **Aspectos da Arquitetura tradicional de Manaus**. In: ABA – Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro, 1967-1968.



constantes cortes hidrográficos: eram o Igarapé do Salgado, o Igarapé Castelhana, o Igarapé da Bica, o Igarapé do Espírito Santo, o Igarapé de Manaus, o Igarapé da Cachoeirinha, o Igarapé de São Raimundo e o Igarapé de Educandos.

Eduardo Ribeiro poderia ter transformado Manaus numa cidade onde não faltaria o tráfego intenso de embarcações, varando os quintais das casas, abordando as fachadas e os jardins dos palacetes. Mas o Governador preferiu aterrar os caudais em benefício de uma urbanização, que lutou contra a natureza até fazer secar os pequenos cursos de água, transformados agora em amplas vias públicas.

A Avenida Eduardo Ribeiro, a mais importante artéria de Manaus, resulta do aterro do Igarapé do Espírito Santo. Apesar desse trabalho de soterramento, alguns igarapés sobreviveram e imprimem a Manaus um ambiente primitivo e de muita cor local: o Igarapé de Educandos, o Igarapé da Cachoeirinha, o Igarapé de São Raimundo e o Igarapé de Manaus, atravessados por sólidas pontes.

O Igarapé da Cachoeirinha possui notável ponte de ferro em disposições geométricas artisticamente apresentadas. Essa obra do governo de Eduardo Ribeiro segue as concepções de engenharia européia de fins do século XIX.

O aspecto da capital tornou-se uma das grandes preocupações dos governantes e administradores que promoveram consideráveis modificações na cidade: aterraram igarapés, nivelaram morros, abriram ruas e praças, calçaram passeios, enfim, traçaram uma nova malha urbana para a capital.

A comparação entre os dois mapas da cidade permite algumas considerações. A primeira delas é resultante da observação do traçado gráfico dos referidos mapas. No mapa de 1852, com traçado português, quase acidental, foi riscado ao sabor dos acidentes geográficos, pouco rígido e aparentemente sem projeto. Ele refletia bem o pensamento provinciano local.



Ilustração 24.  
Mapas de 1852 de traçado português e o de 1893 mandado executar por Eduardo Ribeiro.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

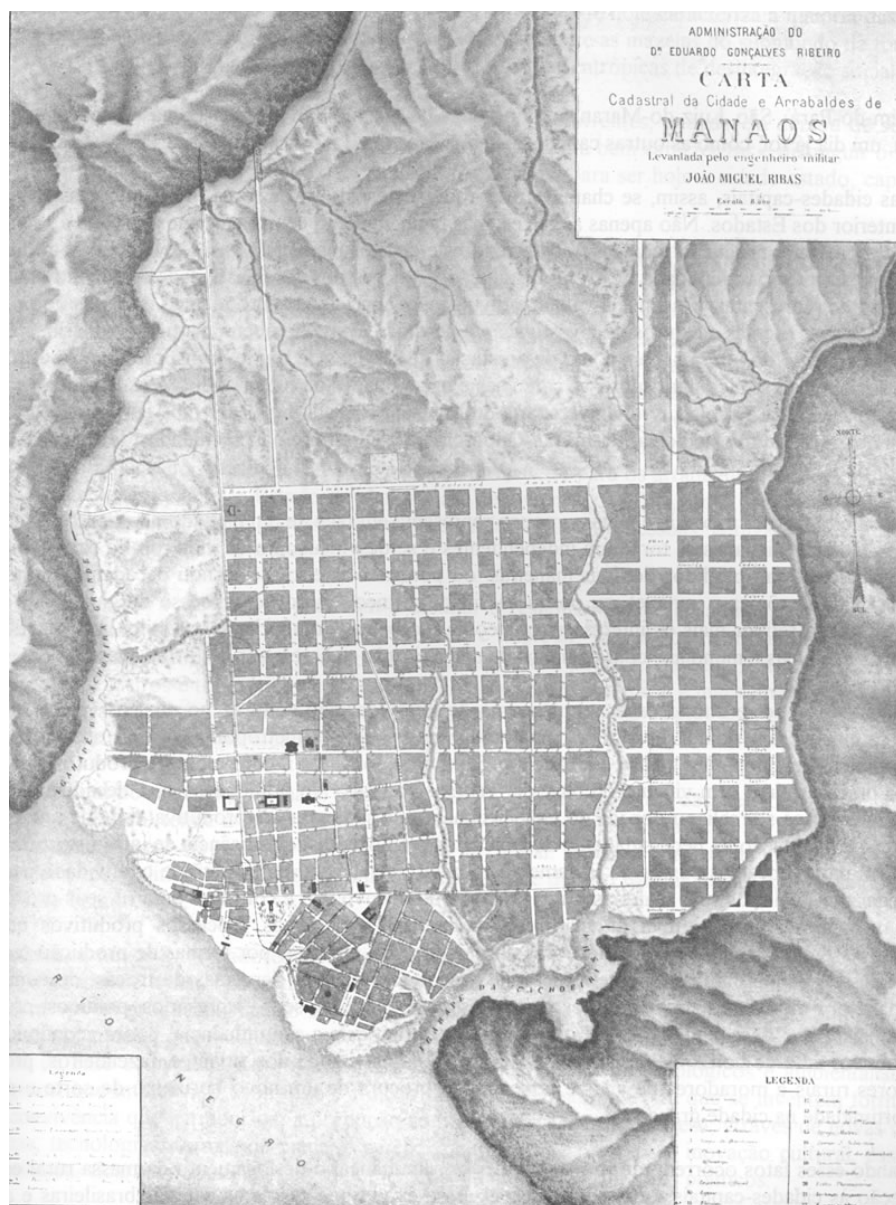
O mapa de 1893 mostra um novo traçado mais regular, com a criação de ruas largas e retilíneas, e que se entrecortavam de maneira bastante organizada, produzindo uma malha de quadras regulares lembrando um tabuleiro de xadrez. Foram também previstas praças, áreas de lazer e *boulevards*. Ergueram-se vias planejadas, os prédios com suas fachadas de aspecto nem sempre condizente com a tecnologia do momento.

Essa configuração, apresentada no mapa de 1893, pode ser vista como a configuração de uma nova mentalidade,





clara e esclarecida, e constitui-se num documento que concretiza as próprias idéias da época.



**Ilustração 25.**

**Mapa de 1893**

Autor:  
Governo de Eduardo  
Ribeiro

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

As transformações urbanísticas de uma cidade espelham claramente as mudanças efetuadas em sua sociedade e, nesse sentido, a comparação dos mapas é um exemplo claro dessa afirmação. Apesar dos administradores manifestarem algumas preocupações com as praças, arborização e calçamento de ruas e passeios desde a época imperial, pouco foi realizado a respeito até a última década do século XIX, pois não se dispunha de verbas





suficientes, nem para os serviços mais elementares. A partir da administração de Eduardo Ribeiro, estabeleceu-se uma política de “embelezamento”, que foi também adotada pelos seus sucessores, e isso certamente contribuiu para o novo aspecto da cidade. Na verdade, esse “plano” atingiu poucas praças, mas havia projetos que não chegaram a ser executados, além da Praça Pedro II, que era a mais importante e ficava em frente ao Palácio da Presidência, atual Prefeitura Municipal de Manaus.

O mapa da cidade traçado em 1893 previa outros espaços para instalação de praças, mas, até o início do século XX, a Praça D. Pedro II continuava sendo a praça mais destacada, embora se pretendesse equipar a Praça 28 de Setembro, atual Praça da Polícia, com jardins em sua periferia.

Além dos jardins, calçamentos e arborização de algumas praças, várias ruas da capital também foram arborizadas, pois na época esses serviços, além de se constituírem obras embelezadoras, eram também exigências de higiene e saúde públicas. Grande parte desses melhoramentos só foi concluída depois de 1900, e contribuiu sensivelmente para amenizar o calor das áreas urbanas, ao mesmo tempo em que criava uma opção de lazer, uma vez que as praças se tornavam espaços mais humanos e amistosos às relações sociais; as famílias podiam passear, as crianças brincar, enquanto os jovens “flertavam”, ainda que às escondidas. O passeio à praça era um programa concorrido, principalmente nos dias em que as bandas de música apresentavam-se nos coretos.

Diferentemente de outras cidades brasileiras, praticamente não existe arquitetura de aspecto colonial em Manaus. Os pouquíssimos prédios que subsistiam nas cercanias da Praça D. Pedro II se arruinaram e também não apresentavam o valor histórico e arquitetônico dos sobrados e solares de São Luís do Maranhão e de Belém do Pará.

A Catedral Metropolitana de Manaus é muito pura em seus traços; a Prefeitura Municipal, antigo Palácio dos Presidentes da Província, na Praça D. Pedro II, o Ginásio



Amazonense D. Pedro II, que serviu de “menagem”<sup>131</sup> ao Conde D’Eu, nos últimos dias da Monarquia, também é representativo da mesma Escola.

A borracha, porém, abriu uma nova era. O recurso que o Estado arrecadava, somado àquele que os particulares movimentavam nas empresas comerciais inglesas, que trabalhavam com sua moeda de origem (libras), trouxe a Manaus uma rápida prosperidade. Manaus viveu uma espécie de corrida do ouro<sup>132</sup>. Com a atuação de um grande administrador, Eduardo Ribeiro, tão grande quanto foi o do Pará, o intendente Antonio Lemos, a cidade admitiu para si própria um grande desenvolvimento físico, social e cultural.

O Teatro Amazonas, erigido no topo de uma colina, é o cartão postal da capital amazonense. Marca a cidade no espaço e no tempo. Um teatro à italiana<sup>133</sup> na arquitetura exterior, nas disposições interiores, na decoração em que não faltam as telas de artistas italianos: pintores, escultores e decoradores como Domenico de Angelis (1853-1900), Giovanni Capranesi (1852-1921), Silvio Centofanti<sup>134</sup>, que colaboraram para o enriquecimento artístico das catedrais metropolitanas de Manaus e de Belém.

Praticamente todos os setores das obras públicas receberam novos prédios nesse período; podem-se destacar exemplos de monumentalidade utilizados nos projetos em diferentes pontos da cidade. Os prédios destinados à Saúde e Educação Pública tiveram grande valorização, dentre os quais podemos citar as Sociedades Benéficas Portuguesas, Santa Casa de Misericórdia, Ginásio Amazonense Pedro II e o Instituto Benjamin Constant.

Além das sociedades comerciais inglesas, das instituições financeiras, dos meios de transporte, da estrutura de saneamento básico e das arejadas praças e calçadas,

131 Menagem – Prisão fora do cárcere, que a justiça militar concede sob promessa ou palavra do preso de que não sairá do lugar onde se acha ou que lhe for designado.

132 Corrida do Ouro – Época que marca a história do Oeste dos Estados Unidos.

133 DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX**. Manaus, SEC, 1998.

134 A atuação de Centofanti está registrada nos arquivos da Catedral Metropolitana de Manaus.



Manaus possuía uma vida cultural intensa. A capital do Amazonas já possuía nessa época: um eficiente sistema portuário construído pelos ingleses; eletricidade produzida e distribuída pela *Manaus Light Company*; serviço de telefonia; serviço telegráfico entre Manaus e o Rio de Janeiro (Capital Federal) e Manaus-Londres; pelo menos dois hospitais de boa qualidade, como a Sociedade Portuguesa Beneficente e a Santa Casa de Misericórdia; um sistema educacional bastante desenvolvido; uma instituição de ensino superior, a Escola Universitária Livre de Manaus, criada em 15 de março de 1909, compreendendo cinco faculdades: Direito, Ciências e Letras, Engenharia, Farmácia e Odontologia; duas escolas de línguas estrangeiras: o Instituto Anglo-francês de Línguas Vivas e a Escola Berlitz, que ensinava inglês, francês e alemão; grandes e modernos hotéis (Grande Hotel, *Hotel et Restaurant Français*); serviço de coleta de lixo; serviço de bondes; grandes casas comerciais importadoras de produtos europeus; dois teatros de destaque (o Teatro Amazonas e o Teatro Julieta); um cinema; e vários clubes desportivos culturais e sociais. Isso demonstra o clima de intensa vida cultural de Manaus, na fase áurea da borracha.

Em Manaus houve uma grande incidência de fachadas decoradas com grandes frontões e elementos pré-fabricados, com destaque para os prédios comerciais. Muitas residências confortáveis e luxuosas alavancaram a continuação de abertura de avenidas, ereção de pontes, reformulação de praças, estimulando uma nova maneira de se viver na cidade.

No período de 1905 a 1907 começaram a aparecer referências de uma nova tipologia habitacional: a casa proletária. Em Manaus, a Comissão de Saneamento apresentou variantes de casas para proletários, casas simples, porém com porão alto, alpendres e jardins. Segundo informações da arquiteta Jussara Derenji<sup>135</sup>, a única planta conservada de conjunto de casas operárias, datada de

---

135 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: A presença Italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.



1906, era também para Manaus e tinha a legenda “Casas Operárias Dr. Crespi”. A planta estava escrita<sup>136</sup> em italiano, e previa igreja, escola infantil, praça, lavanderia, oficinas e lojas, além de vinte casas, aparentemente destinadas a ocupação de duas famílias por unidade.

Reformulações profundas ocorreram nos códigos de posturas existentes no fim do século em Manaus, no governo de Eduardo Ribeiro (1892 – 1896). Dois aspectos orientam esses códigos: os princípios de higiene e as normas estéticas. As primeiras medidas garantiam a regularidade do traçado das ruas e eliminavam projeções de casa sobre a rua com beirais ou sacadas, comuns até então. Regulamentava-se alturas dos prédios, o que não interferia no gosto do proprietário.

A legislação urbana reestruturou, entre 1892 e 1896, a construção na capital do Amazonas, antes mesmo de ter acontecido no Pará (1901 e 1905). A volumetria e o aspecto dos prédios se transformaram, assim como também a disposição no terreno. Em vez de uma única fachada externa, como ocorreu no período anterior, os novos prédios começaram a apresentar várias superfícies visíveis ao exterior, requerendo tratamento estético coerente com a fachada principal.

As transformações não podiam ser enfrentadas com as reduzidas opções ornamentais em uso. Um novo gosto indicava materiais inexistentes na região, refinamentos a que as técnicas usuais não atendiam, complexidade construtiva inacessível ao mestre-de-obras local. Como ocorreu em toda a América Latina, o critério para adaptar-se às novas situações foi o de importar formas e materiais arquitetônicos da Europa.

Dos materiais utilizados até 1870, aproveitando as disponibilidades locais, pode-se destacar o barro e a palha. As técnicas portuguesas incorporaram a “pedra e cal”, reservada, a princípio, aos prédios notáveis. A pedra, deve-se considerar, é um dos materiais mais raros na Amazônia, região notoriamente desprovida de mármore, granitos e

---

136 As plantas foram encontradas na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, em Manaus, no ano de 1990.



até pedras menos nobres. O grande volume de pedra de lióz utilizado em Manaus deveu-se ao fato de serem usadas como lastro dos navios que, vindos de Lisboa, transportavam de volta a Portugal as riquezas locais.

A substituição da taipa por alvenaria de tijolos só aconteceu após 1854, quando começaram a ser produzidos tijolos e telhas. O uso da palha sempre foi persistente em toda a Amazônia, não só em regiões mais pobres e afastadas, com soluções criativas e de valor plástico, como também é encontrada ainda hoje nos exóticos *lodges* (hotéis de selva).

A cidade de Manaus manteve a tradição da construção em madeira até o começo do século XX. O Amazonas, inclusive, exporta até hoje madeira beneficiada para o exterior e outras regiões do Brasil. Essas madeiras eram utilizadas na região, predominantemente em assoalhos, coberturas, forros, portas e janelas, com elaborados desenhos e composição de cores. No exterior são usadas em pisos e confecção de mobiliário, especialmente na Inglaterra e na França.

### **2.3. – Identificação do Patrimônio Local**

SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE DO AMAZONAS  
(c 1873)

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS (c 1874 – I 1884)

COLÉGIO D. PEDRO II (p 1881 – i 1886)

TESOURO PÚBLICO (c 1887 – i 1890)

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT (i 1894)

PALÁCIO DA JUSTIÇA (c 1894 – i 1901)

PORTO DE MANAUS – ROAD-WAY (c 1869 – c 1910)

ARMAZÉM DO PORTO (c 1888)

MUSEU DO PORTO (c 1905)

ALFÂNDEGA (p 1906 – i 1909)

FACULDADE DE DIREITO (c 1937)

MERCADO ADOLPHO LISBOA (c 1880 – i 1883)

CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA (i 1906)

RESERVATÓRIO DO MOCÓ (c 1893 – c 1899)



BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS (c 1904  
– i 1910)  
RESIDÊNCIA DO GOVERNADOR SILVÉRIO NERY (c 1899)  
SANTA CASA DE MISERICÓRDIA (c 1900 – c 1905)  
PENITENCIÁRIA DO ESTADO DO AMAZONAS (c 1904 - c  
1908)  
PALACETE DA IMPRENSA OFICIAL (c 1893- i 1894)  
PALÁCIO RIO NEGRO (c 1903)  
TEATRO AMAZONAS (1893)  
PALÁCIO RIO BRANCO (1904 – 1938)  
CENTRO DE ARTES CHAMINÉ OU TEATRO CHAMINÉ  
(1913)  
CASAS DE MÁQUINAS DA CACHOEIRA GRANDE (1883)  
IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO (1888)  
RESERVATÓRIO DA CASTELHANA (1898)  
CAPELA DO POBRE DIABO OU CAPELA DE SANTO  
ANTÔNIO (1897)  
CINE GUARANY (PRIMEIRA DÉCADA DO SÉC. XX)  
PRÉDIO DA LOJA J. SOARES: RUA DOS BARÉS

## **2.4 – Praças e Equipamentos Urbanos**

PRAÇA D. PEDRO II  
CORETO DA PRAÇA D. PEDRO II  
CHAFARIZ DA PRAÇA D. PEDRO II  
PRAÇA HELIODORO BALBI – PRAÇA DA POLÍCIA  
CORETO DA PRAÇA HELIODORO BALBI  
PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO E JARDINS DA MATRIZ  
PRAÇA GENERAL OSÓRIO  
PRAÇA DA SAUDADE  
MONUMENTO À PROVÍNCIA  
PRAÇA SÃO SEBASTIÃO

## **2.5 – Pontes de Manaus**

PONTE BENJAMIN CONSTANT  
PONTE DA CACHOEIRA GRANDE (1896)  
PONTE ROMANA





## Identificação do Patrimônio Local – 1870-1914

### SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE DO AMAZONAS (c 1873) <sup>137</sup>

O edifício da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas localiza-se na Avenida Joaquim Nabuco, no quadrilátero formado entre a Rua 10 de Julho, a Rua 24 de Maio e a Avenida Getúlio Vargas, considerado pelos amazonenses uma das mais imponentes obras arquitetônicas da cidade de Manaus.



Ilustração 26.  
Fachada da Sociedade  
Portuguesa Beneficente  
do Amazonas.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24  
de agosto de 2006.

Os prédios destinados à saúde vinham tendo tratamento monumental na Amazônia, como ilustra o da Sociedade Portuguesa Beneficente. Esse hospital, pela ligação com a colônia portuguesa, era projetado por arquitetos dessa origem.

O prédio apresenta dois pavimentos e um porão alto. A fachada apresenta sete corpos, sendo uma das maiores edificações do gênero na cidade. O pórtico principal apresenta um frontão triangular ostentando um brasão em bronze; arremates de bossagem com denticulos, colunas e pilastras coríntias.

137 A inicial que aparece antes da data indica a situação a que se refere: (i) Ano da inauguração; (c) Ano da Construção; (p) Ano do lançamento da pedra fundamental; (f) Ano da fundação.



## PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS (c 1874 – i 1884).

A Prefeitura Municipal de Manaus fica localizada na Praça Nove de Novembro, na Avenida Sete de Setembro esquina com a Rua Governador Vitório, s/nº, no Centro Histórico da cidade.



Ilustração 27.

Edifício da Prefeitura  
Municipal de Manaus

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24  
de agosto de 2006.

O edifício da Prefeitura funcionou durante muito tempo como Palácio da Presidência e foi construído<sup>138</sup>

138 CORRÊA, Luís de Miranda. *Manaus: aspectos de sua arquitetura*. Rio de Janeiro: Ag. da SPVEA, 1964.



durante a atuação do engenheiro Leovegildo Coelho, em 1874, como adjunto do Diretor de Obras Públicas de Manaus, sendo que em 1880, sofreu algumas reformas. No entanto, não foi possível localizar qualquer documento da época que esclarecesse a questão da autoria do projeto, havendo grande possibilidade de ter sido projetado por aquele autor.



**Ilustração 28.**  
**Fachada do edifício da Prefeitura Municipal de Manaus**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O prédio apresenta uma composição de um corpo central destacado e duas alas laterais. O prédio tem um só pavimento, que é simetricamente dividido em três pequenas seções; sendo a parte central ocupada por um pórtico com duas colunas e duas pilastras da ordem toscana, sustentando um entablamento simples no qual se ergue um frontão triangular vazado por um óculo. As seções que ladeiam o pórtico são vazadas, cada uma, por três janelas de vergas retas, sendo a janela do centro, coroada com um frontão triangular, enquanto as outras duas coroadas por frontões curvos.

Seu aspecto geral mostra a inexistência de platibanda deixando à mostra os beirais e o telhado de quatro águas. Segundo a arquiteta Jussara Derenji<sup>139</sup> sua aparência se assemelha também a alguns projetos do arquiteto italiano Andrea Palladio, lembrando, que desde o Renascimento,

<sup>139</sup> DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Eclética do Pará*. In: *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.





as obras de Palladio tornaram-se modelos para inúmeras construções em diferentes partes do mundo, gerando, inclusive, o estilo chamado de Palladianismo inglês.

### GYMNASIO AMAZONENSE PEDRO II - COLÉGIO ESTADUAL D. PEDRO II (p 1881 - i 1886).

O Colégio Estadual D. Pedro II fica localizado na Avenida Sete de Setembro, s/nº – Centro, ocupando a quadra inteira entre a Avenida Getúlio Vargas e a Rua Rui Barbosa, nos fundos a Rua Henrique Martins. Em frente ao colégio fica a Praça Heliodoro Balbi também conhecida como Praça da Polícia pela existência do Quartel da Polícia Militar do outro lado da praça.



Ilustração 29.

Fachada do Ginásio  
Amazonense Pedro II

Autora: Graciete Guerra  
da Costa

Fundado em março de 1869, o antigo Liceu Provincial<sup>140</sup>, posteriormente Gymnasio Amazonense Pedro II, consolidou-se como um dos mais importantes centros de ensino do Amazonas. Arthur Reis<sup>141</sup> informou que a construção do Liceu Provincial foi autorizada pela Lei Nº 506, de 4 de novembro de 1880<sup>142</sup>. Por essa deliberação, o presidente Satyro de Oliveira

140 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: Pródornos e Sequências*. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1969.

141 REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. Belo Horizonte / Manaus: Itatiaia / Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

142 Coleção de Leis do Amazonas, 1880 – 1881, p.28



Dias teve autorização de construir um edifício destinado ao estabelecimento, consignado, no orçamento, a verba de trinta contos para os trabalhos preliminares. Em 25 de março de 1881, com magna solenidade, foi lançada a pedra fundamental do prédio, inaugurado em 5 de dezembro de 1886 pelo presidente Ernesto Chaves.

O edifício possui dois andares sobre um porão alto e segue a antiga estrutura da caixa greco-romana, muito utilizada no Renascimento. A fachada é composta por um corpo central, ligeiramente proeminente, e duas alas laterais. Na parte central fica o acesso do prédio, composta por uma escadaria de treze degraus que termina em um pórtico com quatro colunas no primeiro pavimento e quatro no segundo.

O edifício do Colégio Amazonense D. Pedro II foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 11.034 de 14/04/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14-04-1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

#### TESOURO PÚBLICO (c 1887 – i 1890).

O edifício do Tesouro Público localiza-se na Rua Monteiro de Souza s/nº, e faz parte do Conjunto Arquitetônico do Porto de Manaus, no Centro Histórico da cidade.

Em 1887, foi iniciada a obra do Tesouro Público, na administração do presidente Jacob de Niemeyer, sendo concluída em 1890, durante o governo do capitão Augusto Ximeno de Villeroy, segundo informação gravada em uma placa localizada na fachada do edifício.

O historiador Miranda Corrêa<sup>143</sup> considerou quatro edifícios dignos de nota em Manaus, antes da República: a Prefeitura, a Matriz, o Colégio Pedro II, e o Tesouro Público e indica serem todos da autoria do engenheiro Leovegildo Coelho, notando-se, entretanto, que a construção desse prédio ocorreu

143 CORRÊA, Luís de Miranda. *Manaus: Aspectos de sua arquitetura*. Rio de Janeiro: Ag. da SPVEA, 1964.





entre os anos de 1887 e 1890, sendo que, em março de 1886, Leovegildo Coelho já se encontrava exonerado do cargo de diretor da Repartição de Obras Públicas; todavia esse fato não descarta a possibilidade de Coelho ser o autor do projeto<sup>144</sup>.

O edifício do Tesouro Público é um edifício de caixa retangular, e de pequeno formato. É possível que este prédio tenha sofrido alguma reforma durante o período em que os ingleses se instalaram em suas dependências, ao adquirirem concessão dos serviços do Porto de Manaus<sup>145</sup>.

A simetria é marcante, tanto em sua planta baixa, quanto em sua fachada. O prédio possui dois andares, suas paredes são tratadas com bossagem<sup>146</sup> e os cunhais são destacados pela utilização de pedra-de-espera. Na fachada do primeiro pavimento, uma porta de entrada, com arco pleno ao centro, interrompe duas seqüências de três janelas, de cada lado, também em arco pleno.

No segundo pavimento, há oito janelas de púlpito com balaústres. O telhado de quatro águas não é totalmente escondido pela platibanda com balaustradas interrompidas por pedestais que nada sustentam.

O prédio foi concebido dentro dos padrões de arquitetura de origem clássica, em uma época em que as tendências arquitetônicas eram bastante flexíveis, mesclando numa mesma obra, elementos de diferentes estilos, produzindo resultados de aspecto eclético.

Em fotografias do Álbum do Amazonas<sup>147</sup>, o prédio aparece ladeado por duas pequenas construções com paredes tratadas com bossagem, envasaduras<sup>148</sup> em formato ogival e cujos beirais eram decorados com lambrequins<sup>149</sup>. Tinham

144 O historiador amazonense Luís de Miranda Corrêa não cita a fonte de suas informações. Leovegildo Coelho era engenheiro e trabalhou como adjunto do Diretor de Obras Públicas de Manaus desde 1861, conforme Agnello Bittencourt. **Dicionário Amazonense de Biografias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p.322.

145 ANDRADE, Moacir. **Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas**. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.

146 Bossagem - Saliência em uma superfície para ornamentação.

147 Álbum do Amazonas: Manaus - 1901- 1902. (Contratado em, 1900 e impresso provavelmente em 1902) sem local, editora e data.

148 Envasaduras - Molduras formando um baixo relevo como se estivesse vasado.

149 Lambrequins - São elementos de madeira, recortados e vasados em forma de rendas, que se localizam a prumo nas extremidades dos beirais, levando, por baixo, forros de frisos que escondem os caibros.



um aspecto comprometido com o estilo Neogótico, contudo, tais construções foram demolidas e substituídas por dois edifícios do porte do Tesouro Público, onde até há alguns anos funcionava parte da Secretaria da Fazenda do Estado.

O edifício do Tesouro Público foi tombado pelo IPHAN, Processo Nº. 1192-T-86, Livro de Belas Artes Inscrição: 589, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Inscrição: 100, em 14-10-1987.

### INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT (i 1894).

O Instituto Benjamin Constant fica localizado na Avenida Ramos Ferreira, Nº 1609 – Centro, entre a Rua Tapajós e a Rua Ferreira Penna, em terreno contíguo ao do Instituto de Educação do Amazonas.



Ilustração 30.  
Instituto Benjamim  
Constant

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em  
24 de agosto de 2006.

O historiador Arthur Reis<sup>150</sup> menciona que a origem do Instituto Benjamin Constant data de 10 de julho de 1884, quando foi inaugurada a segunda escola da Província do Amazonas, destinada à educação de órfãos e denominando-se Asylo Orphanologico Elysa Souto. Em 1892, o asilo foi extinto e criou-se o Instituto Benjamin Constant. O

150 REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. Belo Horizonte / Manaus: Itatiaia / Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.



governador Eduardo Ribeiro, anunciou, em sua primeira mensagem, ter mandado orçar as obras do instituto. A construção do edifício foi concluída no governo de Eduardo Ribeiro, segundo placa existente na cornija do prédio contendo a inscrição: “1894”, sugerindo que nesta data foi concluída a obra.

O prédio do Instituto Benjamin Constant apresenta características predominantes, comedidas em seu aspecto decorativo, não apresenta excessos de ornamentos, nem formas ousadas ou soluções extravagantes, como ocorreu com parte dos exemplares típicos da cidade.

A sua planta baixa é simétrica e a simplicidade das linhas gerais do edifício revela um estreito compromisso com a tradição clássica, notando, entretanto, que a retomada do estilo renascentista é apontada pelo historiador Luciano Patetta<sup>151</sup>, como um dos estilos que mais se destacou na Itália, coincidindo com a busca do chamado “estilo nacional” e que se distingue do Ecletismo.

O frontispício do Instituto Benjamin Constant tende para a horizontalidade e é composta por três módulos simetricamente dispostos, sendo o corpo central um pouco recuado em relação aos laterais. A alvenaria que reveste os dois pavimentos é tratada com rusticação contínua e envasaduras são todas em arco pleno, notando a existência de óculos entre as portas centrais de cada corpo lateral. No segundo pavimento, cada corpo lateral é vazado por cinco janelas de púlpito, com molduras e arrematadas com agrafe.

O pavimento térreo do corpo central é praticamente escondido pela escadaria que conduz ao vestíbulo superior. Nesse espaço cada um dos guarda-corpos da escada encontra a base de uma coluna cujo fuste apresenta caneluras e o capitel exhibe ornamentos que lembram a ordem jônica, mas as volutas são seccionadas e acrescidas de alguns pigmentos. Essas colunas e mais duas pilastras sustentam um entablamento decorado com parcimônia e sobre o qual

---

151 PATETTA, Luciano. *L'architecture del Ecletismo: fonti, teorie, modeli -1750/1900*. Milano: Razzotta, 1975.



se ergue um frontão de cartela, ornamentado com elementos geométricos e orgânicos.

Em fotografia publicada em 1901, no álbum *The New Brazil*, mostra que o prédio, assim como o seu amplo jardim, encontrava-se no mesmo nível da rua, levando a supor, que a rua foi rebaixada posteriormente para destacar a construção do palácio. Outra hipótese é que o rebaixamento da rua teria sido para reduzir o desnível que havia entre a Rua Ramos Ferreira e a Avenida Getúlio Vargas, que na época, era em parte, ocupada pelo Igarapé do Aterro.

O antigo jardim era denso e bem elaborado, resistiu até os anos sessenta e valorizava bastante o prédio, contudo, depois de alguns anos ocorreu uma reforma. A área ajardinada desapareceu e o conjunto ganhou um aspecto árido e abandonado. Atualmente se encontra novamente ajardinado, mas com outro tipo de vegetação.

O edifício do Instituto Benjamim Constant foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 11.190 de 14/06/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 16/06/1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

### PALÁCIO DA JUSTIÇA (c 1894 – i 1900).

O Palácio da Justiça é um dos prédios públicos mais importantes da arquitetura de Manaus, e nem mesmo sua desvantajosa localização na fachada posterior do Teatro Amazonas é capaz de ofuscar sua beleza e elegância.



#### Ilustração 31.

Foto das fachadas principais do **Palácio da Justiça**, onde aparece a **Avenida Eduardo Ribeiro**, tirada do Teatro Amazonas.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do *Jornal A CRÍTICA*, em 24 de agosto de 2006.





Localizado na mais tradicional artéria de Manaus, a Avenida Eduardo Ribeiro, Nº 833 – Centro confronta-se com a face posterior do Teatro Amazonas. Erguido em cota acima do nível da rua, é protegido por um forte muro tratado com pedra jacaré<sup>152</sup> arrematado por balaustradas.

A história da construção do Palácio da Justiça iniciou-se em julho de 1893, quando o governador Eduardo Ribeiro solicitou a verba necessária para sua construção. O “plano de orçamento” já estava organizado e o governador justificava a “conveniência” de um edifício vasto para servir com a função de Palácio da Justiça de Manaus. A execução da obra foi contratada com a empresa inglesa *Moers & Morton*, e iniciada em 1894, mas, em março de 1897, encontrava-se paralisada, porque os empresários responsáveis pela mesma haviam solicitado a rescisão do contrato por reconhecerem-se incapazes de cumpri-lo em virtude.

A costumeira falta de dados a respeito da autoria das obras também ocorre com o Palácio da Justiça. Sabe-se que, inicialmente, a construção esteve a cargo da firma inglesa *Moers & Morton*; posteriormente, sua conclusão foi contratada com José Gomes da Rocha. Entretanto, o historiador Clarival Valladares<sup>153</sup>, baseado em afirmações de Mário Ypiranga Monteiro<sup>154</sup>, afirma que o prédio foi construído por Manuel Coelho de Castro, o mesmo empresário que contratou obras do Teatro Amazonas; todavia, os livros do palácio consultados, na ocasião das obras acompanhadas pela autora, em 1983, não relacionam o nome deste construtor às obras do palácio; além disso, existe um projeto de fachada do palácio datado de 1897, assinado pelo arquiteto francês Charles Peyroton. Provavelmente foi a elaboração deste projeto que levou o governador Fileto Ferreira a anunciar, em janeiro de 1896, que o projeto original havia sido modificado.

152 Pedra Jacaré - Pedra vermelha de formato irregular, com massa de fixação em alto relevo nos contornos.

153 VALLADARES, Clarival do Prado. *Restauração e recuperação do Teatro Amazonas*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974, p.5 e 6.

154 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Teatro Amazonas*. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas. 3v





Sua inauguração foi realizada em 21 de abril de 1900, no governo do coronel José Cardoso Ramalho Júnior, tendo como presidente do tribunal, o desembargador Cezar do Rego Monteiro. Desde então até abril de 2006, funcionou como principal sede do Poder Judiciário.



Ilustração 32.  
Fachada do Palácio da  
Justiça

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.



O prédio apresenta dois pavimentos, sendo o andar térreo revestido com alvenaria e tratado com bossagem ou rusticação, enquanto que o revestimento do segundo pavimento é feito com alvenaria lisa.

O edifício é composto por cinco corpos, sendo o central e os extremos um pouco mais proeminentes. Todas as janelas do primeiro pavimento, assim como as portas de entrada, são em arco pleno, enquanto que as do segundo pavimento são todas janelas de púlpito, com verga reta, emolduradas por edículas com frontões curvos e triangulares. O corpo central apresenta um pórtico com quatro colunas e duas pilastras em cada um dos andares, adotando-se a ordem toscana no primeiro pavimento e ordem compósita no segundo. Cada um dos corpos laterais possui quatro janelas em cada pavimento, enquanto que os corpos das extremidades, somente duas janelas.

Sobre o entablamento do segundo pavimento ergue-se uma platibanda com balaustradas, interrompidas por pedestais. Em cada uma das quatro extremidades da balaustrada central há um pedestal sustentando um grande vaso e, sobre o frontão retangular, ergue-se uma escultura, representando Têmis, a deusa da Justiça.

O interior do edifício contrasta marcadamente com a sua fachada, apresentando um aspecto bastante eclético, resultado da diversificação de materiais e variedade de ornamentos. No vestibulo há colunas e pilastras de ordem dupla, tendo a parte inferior do fuste tratada na ordem toscana, enquanto que a parte superior do fuste e o capitel são de ordem compósita. A adoção dessas colunas de dupla ordem parece ter sido uma tentativa de relacionar o aspecto estilístico desses elementos com a aparência da fachada do edifício.

As colunas do hall do Palácio da Justiça sustentam vigas que dividem o teto em caixotões totalmente revestidos com ricos estuques em motivos predominantemente vegetais. Originalmente as paredes eram pintadas, imitando mármore, mas atualmente foram uniformizadas num tom verde, demasiado vibrante.



Uma bela escada com guarda-corpo metálico conduz ao segundo pavimento, cuja entrada é recortada por três arcos. Sobre as faces internas das pilastras que sustentam esses arcos estão fixados alguns elementos decorativos que lembram as cariátides gregas; no entanto, essas figuras não são apresentadas de corpo inteiro, e da cintura para baixo assumem a forma de pilastras.

O edifício do Palácio da Justiça foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 5.218 de 03/10/1980, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 03-10-1980, no Governo de José Lindoso.

#### PORTO DE MANAUS – ROAD -WAY (c 1869 – c 1910)

O Porto de Manaus está localizado à margem esquerda do Rio Negro, e compreende todo o Conjunto Arquitetônico do Porto. Fazem parte desse conjunto: um cais de alvenaria; um cais sobre bóias de ferro cilíndricas flutuantes que é chamado de *Road-Way*; o antigo edifício do Tesouro Público na rua Monteiro de Souza s/nº; o Prédio da Alfândega e da Guardamoria; o Escritório Central na rua Taqueirinha nº 125; Setor Administrativo na rua Governador Vitório nº 121; Museu do Porto na rua Vivaldo Lima nº 61; antiga Casa de Tração Elétrica na rua Marquês de Santa Cruz s/nº; Armazéns nºs 3, 4, 5, 10, 15, 18 e 20; e a Bomba de Incêndio.

**Ilustração 33.**  
Vista Panorâmica do **Porto de Manaus**, à esquerda o conjunto da **Alfândega e Guardamoria**, a direita o complexo de embarque regional e internacional.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do *Jornal A CRÍTICA*, em 24 de agosto de 2006.





A falta de um porto amplo e moderno na capital do Amazonas comprometeu por muitos anos a economia da região. De 1856 a 1858 o Amazonas exportava 52.800 t (cinquenta e duas mil e oitocentas toneladas) de borracha para o exterior, cujos países ávidos de maior lucro, instalaram suas agências em Manaus para comercialização do produto.

O embarque e desembarque das mercadorias (borracha, castanha, madeiras e outros produtos) era feito por uma rampa de pedra, entre dois muros de arrimo<sup>155</sup>, por onde desciam as mercadorias que eram fiscalizadas pela Alfândega e embarcadas nas canoas<sup>156</sup>, catráias<sup>157</sup> e batelões<sup>158</sup> que as transportavam até os navios ancorados ao largo<sup>159</sup>.

No período de seca, quando o Rio Negro baixava o seu nível sensivelmente, os barcos eram impedidos de aportar nas rampas, causando grandes prejuízos ao comércio. Dentre as constantes necessidades, repetiu-se por muitos anos, a falta de condições nos serviços de embarque e desembarque de mercadorias em Manaus.

Várias obras foram realizadas e reparos das rampas foram mencionados; no entanto, essas obras não superavam definitivamente os velhos problemas, e não tinham porte nem estrutura para solucionar os problemas de embarque e armazenamento de mercadorias com segurança e eficiência.

A exploração, o beneficiamento e a exportação da borracha se regulamentam e Manaus passa a ser sede das grandes casas exportadoras. A cidade fica diretamente ligada ao mercado internacional e contribui economicamente com 38% das divisas do país.

Em 1900, foi fechado contrato entre o Governo Federal e a firma *B. Rymkierwicz & Cia.*, entretanto é transferido para a firma inglesa *Manaos Harbour Limited*. Em 22 de agosto de

155 Muro de arrimo - Muro de grande espessura, destinado à proteção de aterros ou encostas.

156 Canoa - Embarcação sem quilha, formada por um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda-falsa, aberto ou coberto.

157 Catraia - Pequeno barco tripulado por um só homem. Canoa motorizada.

158 Batelão - Embarcação robusta de ferro ou de madeira, fundo chato, com propulsão própria ou sem ela, usada para desembarque ou transbordo de carga. Usada no comércio do regatão ou no transporte de gado.

159 ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.





1902 foi sancionada a Lei Nº 384<sup>160</sup>, aprovando o contrato de 25 de março do mesmo ano, ampliando para sessenta anos o prazo de concessão dos serviços do Trapiche 15 de Novembro ou Trapiche Princesa Isabel para a empresa de melhoramentos do Porto de Manaus.

O Porto de Manaus foi construído respeitando o fenômeno de “cheia e vazante” do Rio Negro. O litoral e o antigo igarapé foram aterrados e foi levantado um muro de arrimo, construído à jusante, acompanhando o pequeno trecho, já existente, de meados do século passado. Além do cais de alvenaria, foi construído um cais sobre bóias de ferro cilíndricas, flutuando independente do nível do rio. É composta por uma ponte flutuante em forma de “T”, e grande parte dessa estrutura, assim como os armazéns, guindastes e outros elementos são de ferro do sistema *DANLY*, de origem belga.

Nota-se, ainda, que os armazéns construídos pela *Manaos Harbour Limited* são todos de ferro corrugado e tanto as paredes quanto as coberturas foram produzidas pela *P & W Mac Lellan Ltd. – Clutha Works, Glasgow*, de acordo com o registro gravado em algumas estruturas da construção.

O Porto possui no cais acostável a seguinte infraestrutura: Cais Fixo – Paredão: 359,09 metros; Plataforma – 296,30 metros; Cais Flutuante, Road-way – 253 metros e torres de 262,70 metros; Apoio para atracação com cinco bóias cilíndricas, e dois rebocadores.



Ilustração 34.

**Imagens do Porto de Manaus.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

160 Coleção de Leis do Amazonas – 1903 a 1915 (1915). Manaus Imp. Oficial.





O Porto de Manaus, com sua ponte flutuante em forma de “T”, é conhecido como *Road-Way*, denominação deixada pelos ingleses. Essa ponte tem 253 m (duzentos e cinquenta e três metros) de comprimento e 24 m (vinte e quatro) metros de largura. O flutuante das torres possuem 262,7 m (duzentos e sessenta e dois metros e setenta centímetros) de comprimento e 19,2 m (dezenove metros e vinte centímetros) de largura. Apresenta passeios laterais para uso de pedestre e uma pista central para veículos. Durante a década de setenta, essa ponte foi avariada por uma embarcação, e ao ser recuperada perdeu sua característica original, tornando-se fixa sobre pilares de concreto. Nas proximidades dessa ponte flutuante, existe uma outra ponte com uma estrutura bastante semelhante, além de outras menores.

Todo esse conjunto flutuante, assim como os prédios onde funcionava a Administração do Porto, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº 1192-T-86, Livro de Belas Artes Inscrição: 589, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Inscrição: 100, em 14-10-1987, como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

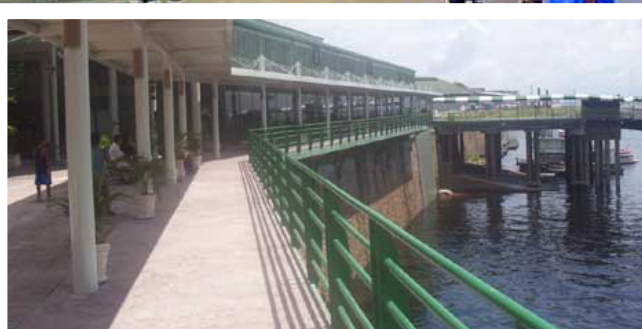


Ilustração 35 e 36.

**Áreas de Embarque Internacional.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 37.**  
**Área de Embarque**  
**Regional e Internacional.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 38.**  
**Navio Arctic Sunrise**  
**Greepeace, no Porto de**  
**Manaus.**

Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





## ARMAZÉM DO PORTO (c 1888).

O edifício do Armazém do Porto localizado na área do Porto de Manaus, à margem esquerda do Rio Negro, e faz parte integrante do Conjunto Arquitetônico do Porto.



Ilustração 39.  
Vista aérea dos Armazéns  
do Porto.

Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Durante muito tempo, esse armazém foi conhecido como “Trapiche 15 de Novembro” e possivelmente trata-se do mesmo Trapiche Princesa Isabel, rebatizado com o advento da República. Em 1900, o porto passou a ser explorado pela “*Manaus Harbour Limited*”. A exploração comercial do porto, nesse período, tinha sido contratada com o Barão Rymkiewicz. Geraldo Gomes da Silva<sup>161</sup> informa que não conhece nenhum documento que comprove a origem desse edifício, mas a análise do seu sistema construtivo não deixa margem a dúvidas tratar-se do sistema *DANLY*.

As fotos que figuram no Álbum do Amazonas (1901-1902) mostram já um armazém com cobertura em telhas onduladas, que podem ter substituído as originais, também em chapas estampadas. Coincidência ou não, o autor encontrou no porto de Manaus, uma cerca construída com chapas estampadas, iguais às utilizadas

161 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986. p.201



na cobertura da Estação Ferroviária do Bananal-SP, e em duas residências em Belém.

As janelas, com sua parte superior em arco abatido, são semelhantes às que existiram no mercado São João, em São Paulo.

O “Trapiche 15 de Novembro”, é o único armazém do conjunto, construído em chapa prensada de fabricação belga.

As consultas nos Livros do IPHAN<sup>162</sup> se referem a documentos existentes, e às instalações construídas pela “*Manaus Harbour Limited*”, firma inglesa que se constituiu em 1900, para explorar comercialmente o porto.



Ilustração 40.  
Vistas aéreas dos  
Armazéns do Porto.  
Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Os armazéns construídos por essa empresa inglesa, de 1903 a 1910, são todos em ferro corrugado, tanto paredes como cobertura, e sua origem estão gravadas nos próprios edifícios, onde se lê: *P & W. Maclellan Ltd Clutha Works, Glasgow*, em pequeninas placas metálicas soldadas aos perfis da estrutura vertical portante. Existem vários desses armazéns,

162 IPHAN, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Inscrição: 100, Processo Nº 1192-T-86, 14 de outubro de 1987.



não somente em Manaus, como também em Belém, mas não pretendem ser outra coisa que não armazéns, não deixando transparecer que tenham sido concebidos com outra intenção, além de servir de abrigo seguro para as mercadorias.

O Armazém do Porto foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº 1192-T-86, Livro de Belas Artes Inscrição: 589, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Inscrição: 100, em 14-10-1987.

MUSEU DO PORTO (c 1905).

O Museu do Porto fica localizado à Rua Vivaldo Lima nº 61, e também insere-se no Conjunto Arquitetônico do Porto.

A construção do edifício que atualmente abriga o museu, data de 1905, e também foi construído pelos ingleses da “*Manaus Harbour Limited*”, firma inglesa que se constituiu em 1900, para explorar comercialmente o porto.

O prédio possui revestimento em tijolinho, uma das características tradicionais da arquitetura inglesa, frontão triangular sobre uma cornija, além do uso de óculos e pilastras colossais endossadas.

O Museu do Porto foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº. 1192-T-86, Livro de Belas Artes Inscrição: 589 do Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Inscrição: 100, em 14-10-1987.

ALFÂNDEGA (p 1906 – i 1909).

O edifício da Alfândega está localizado na área do Porto de Manaus, à margem esquerda do Rio Negro, e faz parte integrante do Conjunto Arquitetônico do Porto. Grande parte desse conjunto foi construída pelos ingleses para abrigar diversas seções da administração da Alfândega e do Porto.





Ilustração 41.  
Cartão postal do Ed.  
Alfândega.  
Autor: A Favorita

O progresso gerado pela comercialização internacional da borracha, nos idos de 1870, na região norte do Brasil, fez de Manaus uma das cidades mais prósperas do mundo, tornando necessária a melhoria do complexo Portuário, assim como a construção de um prédio para abrigar a Alfândega<sup>163</sup>.

A construção desse prédio data da primeira década do Século XX, durou dois anos, quando se instalou na cidade a empresa inglesa *Manáos Harbour Limited*, que deteve a concessão do Porto de Manaus por 60 anos. Na parte externa do edifício existe uma placa indicando que a pedra fundamental foi lançada pelo Exmo.sr. Afonso Pena, em 27 de junho de 1906, mas outras placas indicam que o prédio foi construído pela *Manáos Harbour Limited* e concluído em 1908, sendo a Alfândega instalada em 17 de janeiro de 1909.

Segundo informação do estudioso Leandro Tocantins<sup>164</sup> o prédio “veio da Inglaterra em peças: vistosa arquitetura

163 IPHAN, Livro de Belas Artes, Inscrição: 589, Processo N° 1192-T-86, 14 de outubro de 1987.

164 TOCANTINS, Leandro. *Aspectos da arquitetura tradicional de Manaus*. In: *Arquitetura*. Revista do IAB Rio de Janeiro: Arte Nova. 1965. p.36 a 39.



trabalhada, sendo uma reprodução de prédio inglês comum nas ruas londrinas de 1900”.

Formado por vasto quadrilátero com quatro pavimentos, medindo 19 metros de altura, 23 de largura e 30 de comprimento, com paredes de granito ornadas com basalto, foi o primeiro edifício pré-fabricado do mundo<sup>165</sup>. Seus blocos de tijolos aparentes, pré-montados e importados da Inglaterra, sua pavimentação em tábuas, mosaicos e cimentado; pintura a óleo e caiação, reproduz prédios londrinos do início do século XIX.

As fachadas dessas construções apresentam, em geral, alguns elementos característicos, que imprimem uma unidade ao conjunto, ou seja, a utilização de tijolos aparentes (aparelho inglês) e o revestimento de alvenaria tratada em bossagem (rusticação), além de uma tendência para cheios, dando uma aparência pesada aos prédios e um aspecto bastante medieval. O prédio da Alfândega não foge a essa referência, tornando-se ainda mais forte pelo uso de uma torre de mensagem construída em sua guardamoria, que fica na lateral do prédio.

A fachada da Alfândega apresenta quatro pavimentos, cujos pés-direitos reduzem de tamanho à medida que se elevam, de modo que o tamanho do terceiro corresponde a menos da metade do primeiro: é o chamado andar ático. A fachada está dividida em três corpos, sendo o central ligeiramente proeminente e mais elevado que os laterais. O revestimento do prédio é feito com alvenaria lisa e grande parte da fachada é revestida em cerâmica em tom caramelo.

O andar térreo do corpo central é vazado por uma grande porta em arco pleno, enquanto que o segundo pavimento é vazado com uma portada com três janelas de arco pleno, unidas por quatro colunas que constituem as ombreiras das janelas. O andar ático, no terceiro pavimento, é recortado por três envasaduras com arco abatido, sobre esses ergue-se a cornija simplificada que apóia o frontão

---

165 Livros da Alfândega registram, conforme verificado pela autora em 1986. Consta também essa informação na página <http://www.receita.fazenda.gov.br/Memória>.



retangular contendo a inscrição “Alfândega”, sendo essa área coroada com uma cimalha<sup>166</sup> em forma de ameias, interrompida ao centro pela estrela republicana.



Ilustração 42.  
Fachada do Edifício da  
Alfândega.  
Autora: Graciete Guerra  
da Costa

A base da fachada desse prédio até a altura das bandeiras do primeiro pavimento é revestida em cerâmica tratada como bossagem, assim como os cunhais<sup>167</sup>, e quase

166 Cimalha - um acabamento ornamental ao longo da parte superior de um anteparo, parede ou teto; usualmente decorada e algumas vezes com AMEIAS na construções acasteladas.

167 Cunhais - Pilastras situadas nos ângulos das construções.



todo o segundo pavimento, inclusive as colunas, suas bases e parapeitos das janelas, as empostas do andar ático, a cornija, o frontão e o coroamento das ameias.

O pavimento térreo de cada uma das fachadas dos corpos laterais é vazado por três arcos, contendo janelas de vergas retas, tendo o arco central aproximadamente o dobro da medida das aberturas laterais; um pouco acima de cada um desses dois arcos laterais localiza-se uma envasadura em formato quadrado. O segundo pavimento é composto por um conjunto de cinco janelas ligadas por seis colunas de ordem compósita que constituem as ombreiras<sup>168</sup> das janelas. O terceiro pavimento, o andar ático, é composto por cinco pequenas envasaduras ligadas por pilastras e, sobre a cornija do prédio, ergue-se a cimalha recortada em formato de ameias. As bandeiras das janelas e de outras envasaduras do térreo e as do terceiro andar são dotadas de adufas<sup>169</sup>.

Em uma das laterais do prédio ergue-se a guardamoria<sup>170</sup>, uma pequena construção tratada com as mesmas características do prédio principal, contendo uma torre de mensagem; encontra-se comprometida pela colocação de um pára-sol. Essa construção é uma evidente referência a dois palácios góticos italianos, o Palácio Público de Montepulciano e o Palácio de Priori em Volterra, enquanto que o aspecto geral do prédio principal lembra o Palácio Strozzi, em Florença, e o Palácio Publios, em Siena.

As referências históricas presentes nessa obra pré-montada fazem-na um importante exemplar do eclético cenário arquitetônico da cidade.

O edifício da Alfândega foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº 1192-T-86, Livro de Belas Artes Inscrição: 589, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Inscrição: 100, em 14-10-1987.

168 Ombreiras - Partes laterais retas de uma porta, ou janela, e que sustentam a verga.

169 Adufas - Pranchas de madeira ou pedra colocadas obliquamente nas aberturas dos campanários a fim de orientar o som para baixo, ou em janelas, para proteção contra intempéries.

170 Guardamoria - Repartição anexa às alfândegas, encarregada da polícia fiscal nos portos e a bordo dos navios.





**Ilustração 42.**  
**Fachada do Edifício da**  
**Alfândega.**

Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 44.**  
**Fachada do Edifício da**  
**Alfândega.**

Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 45.**  
**Fotografia do Edifício da**  
**Alfândega.**

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24  
de agosto de 2006.







### GRUPO ESCOLAR SALDANHA MARINHO (c 1910)

O Grupo Escolar Saldanha Marinho fica localizado a Rua Saldanha Marinho esquina com a Rua Costa Azevedo, s/nº, no Centro da cidade.

Foi construído, provavelmente em 1910, dado que não foi confirmado devido a informações desencontradas e ausência dessa informação na listagem de tombamento.

Em 1988, o Governador Amazonino Mendes tombou diversos Grupos Escolares dentre eles, o Grupo Escolar Saldanha Marinho, através do Decreto Nº. 11.191 de 14/06/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas em 16/06/1988.

### FACULDADE DE DIREITO (c 1937)

O edifício da Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas fica localizado a Rua Coronel Sergio Pessoa, s/nº - Centro.



**Ilustração 46.**

**Faculdade de Direito.**

Autor: Marcicley Rego

Fonte: Pontes Filho, História do Amazonas, Editora Valer, 2000, p. 120.



O prédio onde funciona a Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, até o início do século XX, apresentava apenas um pavimento sobre porão alto. O aspecto da construção que se mantém atualmente data provavelmente de 1937, de acordo com as datas gravadas nas urnas instaladas em seu hall de entrada.

O prédio possui dois pavimentos sobre porão alto, com três corpos, sendo o central mais recuado e com uma escadaria que conduz a um hall. O corpo central apresenta os dois pavimentos vazados por arcos abatidos<sup>171</sup>, sustentados no primeiro por quatro colunas que fazem referência à ordem Coríntia, enquanto que as colunas do andar superior apresentam capitéis compósitos<sup>172</sup>. A cornija<sup>173</sup> desse corpo ostenta o nome “Faculdade de Direito do Amazonas” e, sobre ela, ergue-se um frontão curvo ou cimbrado, tendo ao centro do seu tímpano<sup>174</sup> um círculo contendo o símbolo do direito. Os corpos laterais possuem, em cada pavimento, três janelas, sendo a central em arco pleno<sup>175</sup>, enquanto que as laterais, além de serem mais estreitas, apresentam vergas retas. Apesar da estrutura simplificada do prédio, a fachada da Faculdade de Direito é bastante movimentada, em consequência do excesso de janelas e o uso dos cunhais e outros elementos de revestimento. É uma fachada eclética composta com variados elementos do vocabulário clássico.

O edifício da Faculdade de Direito foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas, Decreto Nº 11.188 de 14/06/1988, Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 16-06-1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

171 Arco abatido - Denominação genérica utilizada para os arcos formados por segmentos de círculo podendo ser rebaixado ou com dois centros.

172 Capitel compósito - Referente à Ordem Compósita, é uma combinação romana posterior à ordem coríntia, de elementos das ordens jônica e coríntia.

173 Cornija - 1. Conjunto de molduras que arremata a parte superior das construções, saliente em relação ao paramento. 2. Na arquitetura clássica, parte superior do entablamento.

174 Tímpano - Superfície interna do frontão delimitada pelas suas linhas de contorno.

175 Arco pleno - Também chamado Arco de plena volta, é um arco com o perfil de uma semicircunferência.



## MERCADO MUNICIPAL DE MANAUS (c 1880 – i 1883)

O Mercado de Ferro Adolpho Lisboa fica localizado na Rua dos Barés, s/nº ocupando a quadra inteira entre a Rua Marquês de Santa Cruz e a Rua Rocha dos Santos, e tem como característica principal ser um prédio que apresenta duas fachadas distintas, uma voltada para o Rio Negro e a outra para a Rua dos Barés.



Ilustração 47.

Mercado Municipal  
Adolpho Lisboa

Autor: Cartão Postal

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS)  
em 05/01/2006.

O arquiteto e historiador Geraldo Gomes da Silva<sup>176</sup>, informa que o Mercado Municipal de Manaus ou Mercado de Ferro Adolpho Lisboa foi o segundo a ser montado no Brasil. A construção do mercado de ferro foi iniciada a 6 de janeiro de 1880 *Bakus & Brisbin*, de Belém, pela quantia de 260:000\$000 réis (duzentos e sessenta contos de réis), convertidos para os dias de hoje<sup>177</sup> R\$ 10.034.244,00 (dez milhões, trinta e quatro mil, duzentos e quarenta e quatro reais), com pavilhões em estrutura de ferro, pela firma *Francis Morton Engineers Liverpool*. As obras tiveram começo a 2 de agosto de 1880, ficaram prontas e foram recebidas

176 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986. p.162

177 LAEMMERT, Eduardo e Henrique. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1847. No ano de 1846, pelo Decreto de Nº 401, de 11 de setembro, o Imperador criou o sistema milésimo, conhecido como 3º Sistema Monetário. Para a conversão do ouro, foi utilizado o site do Jornal O Estado de São Paulo, Cotações do ouro para o dia.



provisoriamente a 14 de julho de 1883. A inauguração dos seus primeiros pavilhões de ferro data de 15 de agosto de 1883. Dessa época é datado o edifício principal.

No governo de Silvério José Nery foi nomeado superintendente municipal o Capitão Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, cuja gestão estendeu-se de 1902 a 1907, que contratou o engenheiro italiano Filintho Santhoro para levantar a planta de um novo edifício, e a execução das obras de frontaria, em alvenaria de tijolos, voltada para a Rua dos Barés.

A pedra fundamental foi lançada em 1º de março de 1902, e, em maio do mesmo ano, as obras já estavam bastante adiantadas. Essas obras foram concluídas posteriormente pelo empreiteiro Afonso Campora, provavelmente em 1906, de acordo com as inscrições nas cartelas dos frontões laterais.

A arquiteta Jussara Derenji<sup>178</sup> relata que ao chegar na capital do Amazonas, o engenheiro italiano Filintho Santhoro já encontrou o Mercado Público (os pavilhões em ferro inaugurados em 1883) construído. Em 1890, foram construídos dois pavilhões laterais, iguais. Na realidade, eram galpões abertos, com estrutura coberta em madeira e recobrimento de telhas de zinco. Com o crescimento da cidade o mercado foi ampliado, assim como a preocupação com a fachada, voltada para a Rua dos Barés.

Em 1905, o mercado foi arrendado a Alfredo de Azevedo Alves, numa transação que geraria uma controvertida ação judicial e que se estendeu por mais de duas décadas. Graças a essa questão, foi possível resgatar a história da construção do mercado. Em 1909, foi contratado com Paulo Tosti a construção do pavilhão de ferro para comercializar tartarugas e provavelmente é desta época a construção dos dois pavilhões laterais. A iluminação era feita a querosene.

No período de três anos de arrendamento, procedeu-se às obras de ampliação do mercado, o que foi feito sem

---

178 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Eclética do Pará. In: Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.





obedecer, à risca, o projeto da superintendência. De qualquer forma foi nesse período que se montaram dois pavilhões de ferro com cobertura de zinco estampado, para a venda de peixe e carne, respectivamente no lado oriental e ocidental do primitivo pavilhão de ferro.

O Mercado é composto por um conjunto de construções, erguidas em diferentes épocas. A planta baixa localizada em 1991, no Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural, no Rio de Janeiro, está anexada ao processo de tombamento do mercado. O conjunto possui quatro pavilhões: o principal, que é central e maior, dois laterais (o pavilhão de peixe, à esquerda, e o pavilhão de carne, à direita) e um posterior (pavilhão das tartarugas) colocado em diagonal e perpendicular aos três.

Trata-se de um galpão de mais ou menos 45 metros de comprimento e 42 de largura, construído em estrutura de ferro. Todavia, o frontão do pavilhão central, que dá de frente para o Rio Negro, ostenta a seguinte inscrição: “Mercado Público. 1882. Na administração do Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Alarico Jose Furtado”. A estrutura é sustentada por 28 colunas, sendo os parapeitos e as duas salas ao lado da fachada principal de alvenaria de pedra e de tijolo. O pavimento é calçado com lajes retangulares de cantaria<sup>179</sup> e a rua central com paralelepípedos. Possui duas salas, uma em cada extremo da fachada principal e vinte boxes para vendagem, separados uns dos outros por grades de ferro e com balcões de madeira guarnecidos na parte superior com tampos de mármore.

Os dois pavilhões laterais possuem 360 m<sup>2</sup> de área útil, sem contar as projeções dos grandes beirais, abertos, cobertos com arcos de ferro, suportados por colunas de ferro fundido. As duas fachadas principais, com frontões curvos acompanhando as formas dos arcos de coberta, ostentam delicados ornatos em ferro fundido, acompanhados por vidros coloridos. Os pavilhões têm parapeitos em alvenaria de pedra, até a altura de 1,00 metro, e daí para cima, são fechadas com grades de ferro de varões verticais sem nenhuma pretensão plástica. As

---

179 Cantaria - Trabalho em pedra aparelhada (esquadrejada).



inscrições encontradas nas colunas de ferro fundido “*Walter Marcfarlane, Glasgow*” permitem identificar a origem escocesa desses componentes arquiteturais.

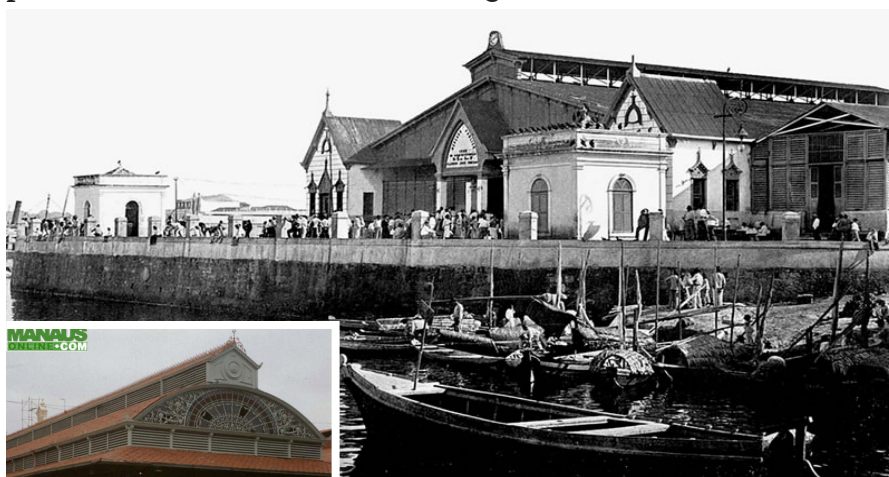
O Pavilhão das Tartarugas desenhado e fabricado por “*Walter Marcfarlane, Glasgow*”, possui comprimento de 36,40m; largura 9,00m de centro a centro das colunas. Comprimento 38,40m; largura 11,00m; sobre abas do telhado, 4,74m. Altura sobre a cumeeira, 7,406m. As paredes consistem em colunas de ferro fundido entre as quais existem tábuas maciças com ventiladores e uma encimada por guarda-vento envidraçada. É totalmente fechado com chapas de ferro, venezianas do mesmo material, e vidro. O teto é de aço, coberto com telhas de zinco, em chapas onduladas, é em quatro águas que se desdobram nas entradas, formando um pequeno frontão, decorado com ferro fundido e vidro colorido. As portas de ferro lavrado, que não podem ser galgadas, sustentam-se sobre calços e correm por trás das paredes para evitar toda obstrução. Características especiais são os beirais dos telhados envidraçados com seus adornos sobre as portas principais e o letreiro ornamental sobre as cumeeiras<sup>180</sup>.

Por fim os dois pequenos pavilhões de planta octogonal, montados próximos às extremidades do Pavilhão das Tartarugas, em 1893, se destinaram, primeiramente, a café e refrescos. Possuem 5m de diâmetro, 4,80m de altura até os beirais dos telhados, 8,50 de altura externa. As paredes “*Walter Marcfarlane, Glasgow*”.

Ilustração 48.

Mercado Municipal Adolpho Lisboa, antes da Avenida Manaus Moderna, com o acesso direto para o Rio Negro.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.



180 COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.



No final da década de oitenta, o Mercado Municipal de Manaus sofreu uma interferência em seu entorno, ao ser contornado por uma avenida do Projeto da Manaus Moderna, mudou-se a paisagem isolando-o do Rio Negro. O conjunto do mercado e seu entorno imediato compreendem os pavilhões, os jardins, o embarcadouro e o trecho correspondente da margem do rio. É um importante exemplar da Arquitetura do Ferro no Brasil, com características próprias da era industrial, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº. 1179-T-85, Livro de Belas Artes Inscrição: 584 do Livro Histórico Inscrição: 514, em 01-07-1987.

#### CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA (i 1906).

O Cemitério de São João Batista fica localizado à Avenida Boulevard Álvaro Botelho Maia s/nº, antiga Avenida Boulevard Amazonas–Centro, na quadra entre a Rua Joaquim G. Pinheiro e a Rua Major Gabriel, ao lado da Praça Chile, onde se localiza o Reservatório do Mocó. O Cemitério fica no exato limite entre os bairros Centro e Nº. Sª. das Graças.



Ilustração 49.

Cúpula e Entrada  
Principal do Cemitério  
de São João Batista.

Autora: Cacilda Teixeira  
da Costa

Fonte: O Sonho e a  
Técnica, Arquitetura do  
Ferro no Brasil



“Situado no alto do bairro do Mocó, em terrenos comprados pelo município aos herdeiros do capitão-de-mar-e-guerra Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso, em 1890 e 1903, que se limita ao norte com o Pico das Águas, a leste com a Avenida Major Gabriel, ao sul com o Boulevard Amazonas e a oeste com terras particulares; ocupando uma área de 92.160 m<sup>2</sup>, fechada por um muro de alvenaria de pedra e tijolo com gradil e portões de ferro.” *“Relatório apresentado à Intendência Municipal de Manaus, em sessão de 1.º de Outubro de 1922, pelo Superintendente Dr. Basílio Torreão Franco de Sá.”* – Tipografia Cá e Lá, 1922.

Os grandes cemitérios também constituem uma inovação do século XIX. Tornaram-se necessárias em consequência do crescimento das cidades e das precárias condições sanitárias dos velhos cemitérios urbanos que compunham uma ameaça à saúde pública.

Em 18 de setembro de 1890, a Intendência Municipal autorizou o intendente Dr. João Carlos Antony a orçar as despesas para as obras deste Cemitério (destocamento, nivelamento e cerca de arame farpado); e mandou que as obras fossem iniciadas tão logo fosse o orçamento concluído e aprovado pela Intendência.

O cemitério de Manaus foi projetado pelo engenheiro Hermano Bittencourt. Suas grades e portal, encomendados a *Walter Macfarlane & Co. Glasgow* pelo empresário cearense Humberto Sabóia de Albuquerque, foram instalados em 1906.

Hermano Bittencourt, como era uso no século XIX em projetos que utilizassem peças pré-fabricadas, projetou-o e construiu-o no Brasil, provavelmente recorrendo aos catálogos<sup>181</sup>.

Seis meses depois (2 de abril de 1891) o governador Eduardo Gonçalves Ribeiro baixou o bairro de São Raimundo, correspondendo provavelmente ao local que se estende do Ginásio Marquês de Santa Cruz aos fundos da igreja de São Raimundo.

181 COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.





O Cemitério de São João Batista foi inaugurado em sessão solene realizada no dia 5 de abril de 1891, às 4 horas da tarde. O primeiro sepultamento ocorreu no dia 19 do mesmo mês: Dr. Aprígio Martins de Menezes, médico baiano que se radicara em Manaus ainda jovem, logo depois de ser diplomado pela Faculdade de Medicina de Salvador, em 1867. Aprígio de Menezes foi deputado provincial em várias legislaturas, poeta e historiador. Escreveu: *Névoas matutinas* (versos) e *Almanaque da Província do Amazonas para o ano de 1884*, obra que reuniu, pela primeira vez, informações sistematizadas sobre a História do Amazonas.

Em 05 de junho de 1891 a Intendência Municipal de Manáos concede à Santa Casa de Misericórdia, “trinta e cinco metros dentro deste cemitério, obrigando-se a referida Santa Casa a fazer a divisão de acordo com o plano da intendência”. Em 03 de setembro do mesmo ano o Município de Manáos contrata com o Sr. Manoel Coelho de Castro, a construção de um necrotério e de uma casa para a Administração deste cemitério<sup>182</sup>.

Em 1900, o superintendente Municipal Dr. Arthur Cezar Moreira de Araújo manda fazer os seguintes serviços e obras:

- substituir a cerca de arame farpado por cerca de pau a pique;
- construir uma rampa na face que dá para o Boulevard Amazonas;
- construir um portão na face que dá para a Avenida Major Gabriel.

A Intendência Municipal promulga a Lei N.º 233, aprovou o ato do Superintendente Municipal Dr. Arthur Cezar Moreira de Araújo que concedeu área para a construção de um jazigo para Etelvina de Alencar, assassinada na Colônia de Campos Salles, em 30 de agosto de 1901. Na data de 27 de fevereiro de 1904 a Lei Municipal N.º 337 concedendo área neste cemitério à Irmandade do Santíssimo Sacramento.

---

182 GARCIA, Etelvina. *Referências da História*. Manaus, s/d.



Em 1906, autorizado pela Lei N.º 430, de 1905, o Superintendente Municipal Adolpho Lisboa manda construir:

- muro com gradil e portões de ferro nas faces que limitam o cemitério com o Boulevard Amazonas e com a Rua Major Gabriel;
- “*uma Capela de estilo*”, no lugar do antigo necrotério.

Em 1911, o Superintendente Municipal Dr. Jorge de Moraes manda pintar os portões e o gradil de ferro e caiar os muros.

A Lei Municipal N.º 772 concede área “*para jazigo das Irmãs de Sant’Anna que falecerem neste Estado*”, em 02 de outubro de 1913.

O Superintendente Municipal Dr. Dorval Pires Porto, em 1916, manda reconstruir a Capela e construir uma nova casa para a Secretaria desta necrópole.



Ilustração 50.  
Cemitério de São João  
Batista

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24  
de agosto de 2006.

Em 1921 o Superintendente Municipal Dr. Basílio Torreão Franco de Sá manda limitar os quarteirões com cercas de pitangueiras, “*relacionar todas as sepulturas perpétuas e distingui-las com marcos de alvenaria, tendo gravadas as iniciais SP, os respectivos números e a data da inumação*”. No ano seguinte ele manda construir os muros dos lados



norte e oeste (extensão de 588,70 m<sup>2</sup>), “três sentinas, um grande mictório, um quarto para guardar ferramentas e materiais e um banheiro, terminando também a edificação do sumidouro, então apenas iniciada”, tudo em alvenaria de pedra e tijolo.

A peculiar abóbada<sup>183</sup> da entrada principal é composta por módulos de arco e suporte para telhado, todos preparados para vidro plano. Essas estruturas eram recomendadas nos catálogos para varandas, estufas e toda a sorte de estruturas leves, até em aquários. No *show room* do catálogo de 1882, é mostrada uma montagem de abóbada semelhante à do cemitério de Manaus. O mesmo módulo pode formar uma abóbada de berço<sup>184</sup>, como no cemitério, composta de “escamas” de ferro fundido e vidro, e que consta dos catálogos do seu fabricante – *Walter Macfarlane, Glasgow* ou ser encostado a uma parede ou outro tipo de peça, conforme a necessidade de cada construção. O Portão do Cemitério São João Batista é considerado por Geraldo Gomes da Silva<sup>185</sup> um interessante exemplar de portão coberto para um logradouro público.

O gradil de ferro instalado sobre o muro de alvenaria do cemitério, trata-se do modelo nº 1023 do *Illustrated Catalogue*, 6ª edição, página 281, conjugado ao pilar de sustentação nº 739, página 338 do mesmo catálogo que, de acordo com as instruções, se repete a cada dez pés<sup>186</sup> (3,30m).

Nos grandes pilares da entrada do cemitério estão aplicadas cartelas ornamentais onde se lê: “Projetado e construído por Hermano Bittencourt, engenheiro civil”; “Estas obras foram executadas por ordem do Superintendente Municipal Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, em 1905”. “Built for Humberto Sabóia de Albuquerque C. E. Manaus. By *Warter Macfarlane & Co. Saracen Foundry. Possilpark, Glasgow, Scotland*”. Esses mesmos pilares são apresentados no catálogo

183 Abóbada - Teto formado por superfície curva. No caso da abóbada do Cemitério São João Batista, a peculiaridade está na extensão da abóbada.

184 Abóbada de berço - Abóbada de seção semicircular.

185 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986. p.113, 115, 116.

186 1 pé (12 polegadas) ou 0,33 metros.



especial de fontes adaptadas às funções de bebedouro para cães ou suportes de lâmpada.

O Cemitério São João Batista foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas, Decreto Nº 11.198 de 14/06/1988, Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14-04-1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

### RESERVATÓRIO DO MOCÓ (c1893- c 1899).

O Reservatório do Mocó fica localizado na Praça Chile, s/nº, ao lado do Cemitério São João Batista, no início do Bairro Nº. Sª. das Graças.



**Ilustração 51.**

**Reservatório do Mocó**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

A construção do reservatório de água do Mocó foi iniciada durante a administração do governador Eduardo Ribeiro, em 1893 e concluída em 1899. Trata-se de uma grande estrutura de ferro camuflada por uma fachada em alvenaria, com quatro faces iguais que formam uma grande caixa recortada por arcos.

As quatro faces da fachada são revestidas com bossagem, e cada lateral do andar térreo apresenta uma





seqüência de sete arcos, ligados por pilares. Cada face do segundo pavimento apresenta sete falsas janelas com frontão curvo definindo o desenho das janelas. Essas são separadas por pilastras duplas. Sobre a cornija, ergue-se uma platibanda sem ornamentos, dividida por pequenas duplas de pilastras que seguem o mesmo sentido das pilastras do pavimento anterior.

A estrutura de ferro é de origem inglesa<sup>187</sup> em chapas de ferro e perfis de duplo “T”, constando em algumas peças a inscrição “*Dorman & Long*”<sup>188</sup>, a mesma encontrada na ponte Benjamin Constant.

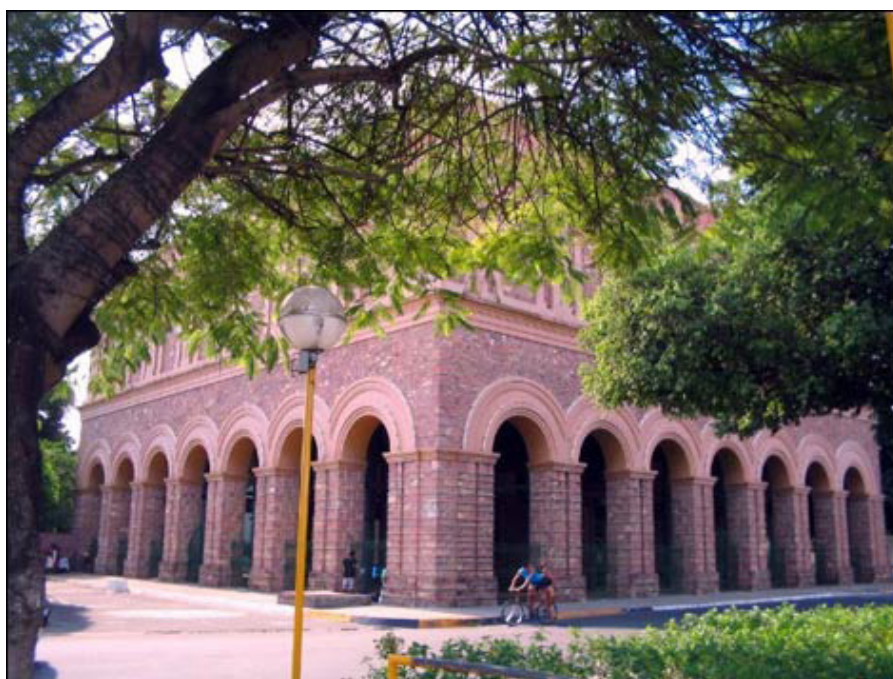


Ilustração 52.

**Reservatório do Mocó**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

A construção de uma fachada para esconder a estrutura, como aconteceu no Mercado Adolpho Lisboa, assim como o cuidado com o tratamento de seu revestimento, revelam uma grande preocupação com o aspecto estético do prédio, discordando-se portanto do historiador Geraldo Gomes da Silva<sup>189</sup>, quando afirma que esta obra não apresenta

187 Grande parte do ferro do reservatório foi substituída em 1998, pois se encontrava arruinada.

188 *História do Abastecimento de Água de Manaus*. Manaus: COSAMA, 1989.

189 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986, p.94.



“nenhuma pretensão estética”; entretanto concorda-se com a afirmação de que a fachada não tem nenhuma relação com a “lógica funcional da estrutura de ferro” e que foi utilizada para mascarar o novo material, notando-se, entretanto, que esse procedimento não é exclusivo do Reservatório do Mocó. Essa prática manteve-se por muitas décadas até a aceitação do ferro como material capaz de ser aplicado e evidenciado nas fachadas.

O Reservatório do Mocó é uma das quatro obras manauaras tombadas pelo IPHAN, um importante exemplar da Arquitetura do Ferro no Brasil, com características próprias da era industrial, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Processo Nº 1127-T-84, Livro de Belas Artes Inscrição: 569, Livro Histórico Inscrição: 497, em 24-04-1985, e uma das 38 tombadas pelo Estado do Amazonas.

#### BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS (c 1904 – i 1910<sup>190</sup>)

A Biblioteca Pública do Estado do Amazonas é um dos mais importantes exemplares da Arquitetura Eclética de Manaus. O edifício está localizado na Rua Barroso esquina da Avenida Sete de Setembro e ocupa toda a extremidade da quadra compreendida entre a Avenida Sete de Setembro e a Rua Henrique Martins, no Centro.

A reduzida largura da Rua Barroso não favorece uma ampla visão frontal de sua fachada. Sendo assim, perde-se a noção do conjunto, impedindo dessa maneira a noção de uma de suas principais características, que é a monumentalidade, prejudicando a valorização adequada se estivesse num ponto mais estratégico.

Segundo o pesquisador Antônio Monteiro de Souza<sup>191</sup> o atual prédio da Biblioteca Pública só foi construído no governo de Constantino Nery, entre 1904 e 1907. Em julho de 1906, o governador informava que entre as obras

190 BRAGA, Genesino. *Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas*. Belém, 1958, p.74

191 SOUZA, Antônio Monteiro de. *Amazônida – história e administradores do Amazonas*. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966.



“em andamento e em vias de conclusão” encontrava-se a Biblioteca, Estatística e Arquivo Público, e em seu parecer o prédio da Biblioteca era “um dos mais importantes edifícios públicos que, a par de sua beleza, reunia condições de solidez” e previa para o final daquele ano, a conclusão da obra. Em 1929, o prédio era denominado de Palácio Legislativo, e, em 1945, a ala direita foi totalmente destruída por um incêndio que arrasou todo o acervo bibliográfico. O prédio só foi recuperado dois anos depois.



**Ilustração 53.**

**Fachada da Biblioteca Pública.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O edifício da Biblioteca Pública possui planta baixa em formato retangular, dividida simetricamente, assim como sua fachada, que é bastante sóbria, apresentando raros elementos ornamentais. Tem dois andares sobre um porão alto. A construção é bastante vazada, criando um movimentado jogo entre os cheios e os vazios. É composta por três corpos, sendo o central um pouco mais proeminente e mais alto que os laterais. O pavimento térreo do corpo central contém três envasaduras, todas em arco pleno; o portão principal, ladeado por duas janelas de púlpito com balaustrada, os quais se encontram em um nível mais elevado nas laterais da escada que dá acesso ao hall do edifício.





No segundo pavimento, repete-se praticamente o mesmo esquema: são janelas de púlpito, sendo a do centro maior que as duas laterais e contendo arco pleno, enquanto que as outras duas apresentam arcos rebatidos. Cada pavimento do corpo lateral é vazado por cinco janelas, sendo as do térreo em arco pleno, enquanto que as janelas do piso superior são de púlpito, em arco rebatido e apresentam balaustradas. Sobre a cimalha do prédio, ergue-se a platibanda composta por balaustradas interrompidas e sobre o corpo central, existe um frontão triangular contendo o símbolo do Estado do Amazonas.



**Ilustração 54.**  
Fotografia da **Biblioteca Pública**, tirada do outro lado da Avenida Sete de Setembro.  
Autora: Graciete Guerra da Costa





Cada piso deste prédio é dividido em três grandes salas e, na parte central do pavimento térreo, fica o hall de entrada. Imediatamente à frente da entrada, fica a monumental escada de ferro que permite o acesso para o pavimento superior. É um projeto industrial da firma escocesa *Walter MacFarlane & Co*<sup>192</sup>, que internacionalmente conseguiu transformar este elemento de função predominantemente utilitária em um objeto, também, decorativo.

Sua estrutura geral lembra a forma de uma âncora, em ferro fundido e com duas laterais em curva que, ao se encontrarem ao centro, seguem numa só reta até o segundo pavimento. Os degraus são vazados em bordaduras, e nas laterais da escadaria o guarda-corpo composto por balaustrada, cujas grades centrais apresentam desenho com características *Art Nouveau*: é composto por entrelaçamentos sinuosos de vegetais quase estilizados.

O destaque do segundo pavimento é o teto contendo uma clarabóia e o revestimento com estuques<sup>193</sup> bastante elaborados, além das paredes marmorizadas com faixas decorativas.

O edifício da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas, Decreto Nº 11.033 de 12/04/1988, Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14-04-1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

## RESIDÊNCIA DO GOVERNADOR DO AMAZONAS SILVÉRIO NERY (c 1899)

A residência do Governador do Estado do Amazonas Silvério Nery, fica situada à Avenida Joaquim Nabuco, esquina com a Rua Miranda Leão.

A construção do prédio data de 1899, conforme informação de uma cartela fixada sobre a platibanda da esquina.

192 COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994, p. 144.

193 Estuque - Argamassa composta de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, usada para revestir paredes internas, foros e ornamentos.



A arquiteta e historiadora Jussara Derenji informa que o projeto da residência foi atribuída ao engenheiro italiano Filinho Santhoro, e até poucos anos atrás, serviu de residência aos descendentes do governador à época, Silvério Nery.

Trata-se de uma construção simples, de base historicista, característica dos primeiros projetos de Santhoro na Amazônia<sup>194</sup>.

A fachada principal apresenta cinco janelas de púlpito com vergas<sup>195</sup> retas, sendo a do centro e às das extremidades coroadas por frontões triangulares. Sobre a cornija contendo friso é com tríglifos<sup>196</sup>, ergue-se o frontão triangular contendo uma cartela e uma sinuosa ornamentação vegetal e uma cartela fixada sobre a platibanda da esquina<sup>197</sup>.

#### SANTA CASA DE MISERICÓRDIA (c 1900 – c 1905)

A Santa Casa de Misericórdia fica localizada na Rua Lobo D'Almada entre a Rua 10 de Julho e a Rua José Clemente, atrás do Palácio da Justiça, no Centro.



Ilustração 55.

Santa Casa de Misericórdia.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

194 MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852 – 1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

195 Verga - Viga de pedra ou madeira colocada horizontalmente sobre um vão para sustentar a parede, podendo ser reta ou curva.

196 Tríglifo - Ornato arquitetônico em um friso de ordem dórica, e que consta de três sulcos.

197 BRAGA, Robério. **Manaus, Memória fotográfica**. Manaus: SUFRAMA, 1985.



O Hospital de Misericórdia de Manaus data, segundo a arquiteta e historiadora Jussara da Silveira Derenji<sup>198</sup>, da segunda metade do século XIX, o que leva a afirmar que a construção se deu em 1900-1905 aludida por Rotellini, em 1906, como uma reforma ou ampliação.

A obra da Santa Casa de Misericórdia estava sob a responsabilidade de outro italiano, o comendador Antonio Jauzzi, sendo a única obra identificada na Amazônia, do grande construtor de prédios da Avenida Central do Rio de Janeiro. Continuando, Derenji informa ainda que o exame do edifício indica reformulações datáveis dos anos 30, mas a volumetria e a modenatura das aberturas são devidas ao prédio original.

A capela do Hospital Santa Casa de Misericórdia data de 1903, foi restaurada em 1989, e pode ser considerada original. Construída no governo de Ramalho Júnior, em 1900, a capela tem linhas góticas, no que se assemelha a construção similar na Santa Casa de Belém.

## PENITENCIÁRIA DO ESTADO DO AMAZONAS (c 1904 – c 1908).

A Penitenciária do Estado do Amazonas fica situada à Avenida Sete de Setembro, s/nº, entre a Avenida Duque de Caxias e a Ponte Benjamin Constant, tendo aos fundos o Igarapé dos Educandos. Atualmente denominada Penitenciária Central Desembargador Raimundo Vital Pessoa.

A Penitenciária do Estado do Amazonas foi construída entre 1904 e 1908<sup>199</sup>, e projetada pelos irmãos italianos Carlos e Francesco Rossi, que assinaram também as plantas do Palácio da Polícia, em 1904. Os dois irmãos formavam a firma *Rossi & Irmãos* que chegou a Manaus para as obras do Teatro Amazonas, onde trabalharam com subcontratos, e em 1906, já estariam trabalhando nas obras da Avenida

198 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.

199 DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.



Central do Rio de Janeiro. A penitenciária foi inaugurada em 19 de março de 1906.



Ilustração 56.  
Penitenciária do Estado  
do Amazonas.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em  
05/01/2006.

A penitenciária recebeu tratamento sóbrio, usando com critério e cuidado as bossagens do revestimento em diamante, frisos compostos por métopas<sup>200</sup> e tríglifos, e, o entablamento<sup>201</sup> vigoroso. Além da fachada, as laterais do corpo principal do edifício, também, são tratadas com bossagem interrompida até o segundo pavimento.

O corpo principal do edifício é composto de dois pavimentos, com pilastras que dividem o pavimento térreo em três seções – uma central, contendo apenas um portão de arco pleno, e duas laterais, que contém cada uma um óculo. O pavimento superior é um pouco mais estreito e corresponde somente à largura do corpo central inferior, contém uma janela em arco pleno e sobre essa um óculo. No entanto, esse pavimento é bastante recortado, sendo composto por cinco pequenas torres que encerram as quatro colunas e a empena recortada. Ameias dão um ar românico e os recortes do frontão fazem referência direta à arquitetura flamenga.

200 Métopa - Intervalo quadrado entre os tríglifos de um friso dórico, coberto por placa de mármore ou ornado com florões ou baixos-relevos.

201 Entablamento - 1. Conjunto de molduras que coroam a parte superior de um elemento arquitetônico. 2. Na arquitetura clássica, remate da colunata.





Ilustração 57.

Penitenciária do Estado  
do Amazonas, fotografia  
da época em que foi  
construída.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em  
05/01/2006.

Foram utilizadas como identificadoras da função do prédio estilizações da arquitetura militar, como torres e ameias.

O edifício da Penitenciária Central Desembargador Raimundo Vital Pessoa foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas, Decreto Nº 11.195 de 14/06/1988, Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 16-06-1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.

#### PALACETE DA IMPRENSA OFICIAL (c 1893 - i 1894).

O Palacete da Imprensa Oficial é um singelo exemplar da arquitetura pública de Manaus e, em função de alguns elementos do repertório clássico em sua fachada, pode ser inserido numa primeira abordagem como Neoclássico. Numa observação mais detida, descobrir-se-á uma pequena variação de elementos decorativos, distribuídos, principalmente, nos entablamentos do primeiro e do segundo pavimentos, assim como a platibanda<sup>202</sup>, o que leva a concluir que a obra não apresentava grande fidelidade aos padrões clássicos, estando mais comprometida com as características do Ecletismo.

202 Platibanda - Mureta de alvenaria maciça ou vazada, construída no topo das paredes externas de uma edificação, contornando-a acima da cobertura, e que se destina a proteger ou camuflar o telhado e compor ornamentalmente a fachada.



O palacete<sup>203</sup> foi uma das obras concluídas durante o governo de Eduardo Ribeiro, destacando, entretanto, que este prédio já estava em construção, quando foi adquirido pelo governo do Estado através de permuta com um comerciante local. Segundo informa Arthur Reis<sup>204</sup>, a transação foi divulgada por Eduardo Ribeiro em sua mensagem de 10 de julho de 1893, ao comunicar que a obra do palacete já estava em andamento e era “sólida construção, vasto, com espaço para redação e várias oficinas”. A obra foi inaugurada em novembro do mesmo ano e, em 1894, ao anunciar o fato, o governador alegava que o palacete constituía-se em “um próprio estadual de grande valor”, fora construído “com muita elegância”, no entanto já se fazia necessária a ampliação de suas instalações, por isso comunicava a aquisição do prédio contíguo, para ampliar o edifício que se estenderia da Rua Municipal (atual Avenida Sete de Setembro) à Rua Henrique Martins.

É um prédio estreito e de pequenas proporções, tipo sobrado; um padrão bastante comum adotado para uso comercial e residencial e quase todas as cidades brasileiras, até a segunda década do século XX. É um edifício de dois andares, com três envasaduras em arco pleno em cada andar, o seu revestimento de alvenaria era tratado em bossagem e a platibanda apresentava almofadões, tendo ao centro o símbolo republicano.

---

203 Álbum do Amazonas (1902) – Manaus – 1901-1902

204 REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.



## PALÁCIO RIO NEGRO<sup>205</sup> (c 1903).

O Palácio Rio Negro fica localizado na Avenida Sete de Setembro, Nº 1546, Centro.

O “Palacete Scholz”, construído nos primeiros anos do século XX pelo empresário alemão, exportador de borracha, Waldemar Scholz para sua residência particular, foi hipotecado ao comerciante Luiz da Silva Gomes. Adquirido pelo governador Pedro de Alcântara Bacellar, em 1918, passando então a ser denominado de Palácio Rio Negro, para sede do Poder Executivo e Residência Oficial do Governador.

Waldemar Scholz estabeleceu-se em 1903 na Rua dos Remédios, com seu armazém para compra e beneficiamento de borracha. Em 1913, participou da fundação do Clube Alemão, em Manaus. Era cônsul da Áustria e compunha a Diretoria da Associação Comercial, à qual prestou inúmeros e relevantes serviços. A queda da economia da borracha conduziu o próspero comerciante a uma situação desesperadora. Retornando à Europa vendeu o palacete ao Estado.



Ilustração 58.

Detalhe da Fachada do  
Palácio Rio Negro.

Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

205 PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.





**Ilustração 59.**  
**Detalhe da Fachada do**  
**Palácio Rio Negro.**  
Autor: SEC- Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Ilustração 60.

**Fachada do Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Foi na administração do médico baiano Pedro D'alcântara Bacellar que, embora em meio a difíceis momentos da economia estatal, o Governo adquiriu por compra, no valor de duzentos contos de réis<sup>206</sup>, convertidos para os dias de hoje<sup>207</sup> R\$ 7.718.649,60 (sete milhões, setecentos e dezoito mil, seiscentos e quarenta e nove reais), o Palacete Scholz, transformando-o no Palácio Rio Negro. A economia do estado não permitia tal operação. Os cofres públicos sentiam o abalo da queda permanente dos preços da borracha, principal sustentação econômica à época. O governador, entretanto, em decisão segura, e no firme propósito de dar maior dignidade à administração Executiva do Estado, não mediu esforços para satisfazer às exigências de compra. Na escritura de compra e venda do imóvel encontra-se a descrição detalhada do edifício, inclusive os móveis e utensílios, assim como a decoração e a pintura;

206 BITTENCOURT, Agnello. **Fundação de Manaus: Pródromos e Sequências**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1969. P.76

207 LAEMMERT, Eduardo e Henrique. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1847. No ano de 1846, pelo Decreto de Nº 401, de 11 de setembro, o Imperador criou o sistema milésimo, conhecido como 3º Sistema Monetário. Para a conversão do ouro, foi utilizado o site do Jornal O Estado de São Paulo, Cotações do ouro para o dia 23 de agosto de 2006.



esse documento serviu de base para que a Comissão do Patrimônio Histórico do Estado pudesse reconstituir a forma original do imóvel.



**Ilustração 61.**  
**Detalhe da Fachada do**  
**Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Erguido às margens do Igarapé de Manaus, entre as antigas pontes “romanas”, o palácio, desde que foi adquirido pelo Estado, recebeu reparos e reformas de toda ordem. Remendos, pinturas, modificações, ampliações enfim, de suas linhas originais, e, sobretudo, pela intensidade e permanência do seu uso, sofreu desgaste enorme na sua conservação, o que deixou o edifício bastante deteriorado<sup>208</sup>.

O volume do edifício seria simétrico se não houvesse o corpo da extrema direita, que parece ter sido um acréscimo, e que, até 1945, mantinha-se com apenas um pavimento. O equilíbrio da fachada é apenas suavemente perturbado pela existência de um torreão na lateral esquerda do prédio, que deveria compor com o pavimento da extrema direita antes de sua ampliação, quando se quebrou um pouco com a harmonia da fachada.

208 BRAGA, Robério dos Santos. **Palácio Rio Negro**. Manaus: Edição Comemorativa da restauração do Palácio Rio Negro, Série Patrimônio 2.



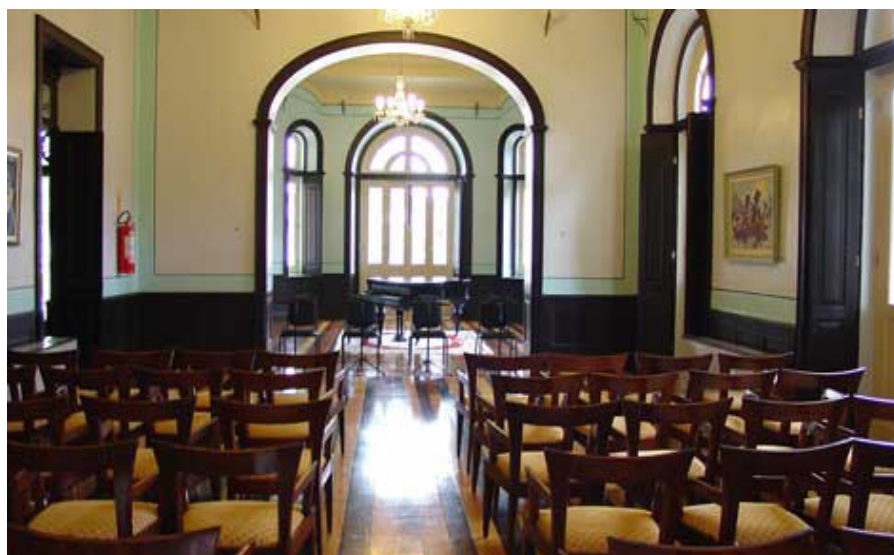


**Ilustração 62.**

**Detalhe interno do  
Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 63.**

**Detalhe do auditório do  
Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 64**

**Varanda no 2. Pavimento  
da fachada posterior do  
Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Ilustração 65.  
Palácio Rio Negro, jardins  
da fachada posterior.  
Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O prédio tem dois andares e três corpos, sendo a fachada tratada com uma variação de elementos decorativos que produz um rico movimento entre os cheios e vazios. As paredes do primeiro pavimento são tratadas com bossagem ou rusticação interrompida, enquanto que as do segundo pavimento, com bossagem contínua. O acesso ao primeiro pavimento é feito através de uma escada - com duas entradas e guarda-corpo com balaustrada que apóiam duas esculturas em ferro fundido<sup>209</sup> sobre pedestais

<sup>209</sup> São as obras O Índio e A Índia, do escultor Jules Salson, reproduzidas no início do século XX pela fundição francesa Val D'Osne.





da ordem dórica - que leva a um pequeno pórtico com quatro colunas dóricas sobre pedestais. A porta principal é recortada em arco pleno e apresenta uma bandeira decorada com círculos. Os corpos laterais apresentam janela de púlpito em arco pleno e com balaustrada. Cada corpo lateral do pavimento térreo é reforçado por quatro cunhais em forma de pilastras dóricas.



Ilustração 66.

Mobiliário do Palácio Rio Negro.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

No segundo pavimento, os três corpos são unidos por uma varanda cercado com balaustradas, interrompidos por pedestais que sustentam colunas com fustes acanelados e capitéis compostos. As três portas que se abrem para o terraço possuem vergas retas, coroadas com ornamentados frontões curvos.

O entablamento do prédio ostenta alguns elementos ornamentais, freqüentes nas construções ecléticas; no entanto, o seu uso é comedido. Sobre a cimbalha do corpo central ergue-se a platibanda com balaustrada intercalada por uma cartela contendo a tradicional estrela republicana.



**Ilustração 67.**

**Hall interno do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



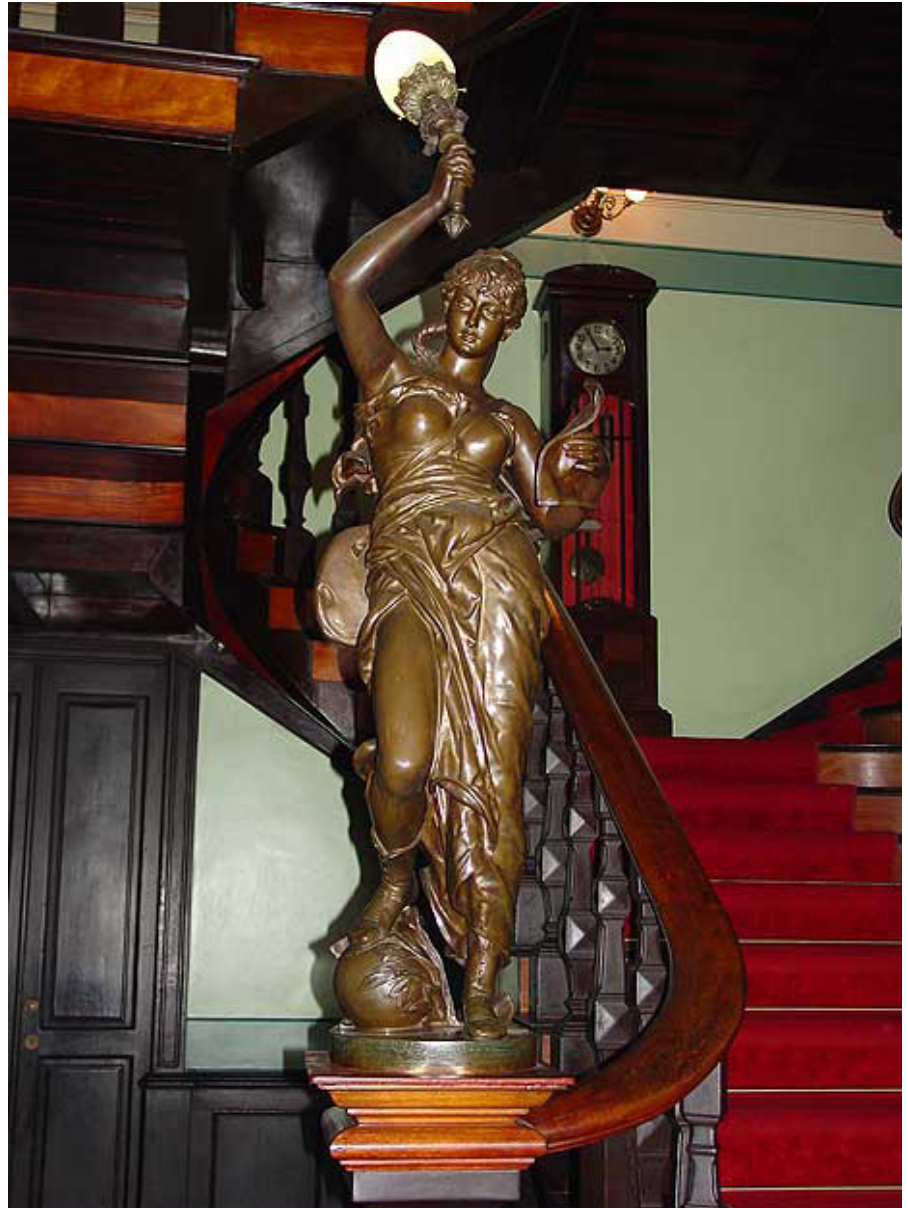
**Ilustração 68.**

**Escada interna do  
Palácio.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Sem dúvida, trata-se de uma fachada eclética, porém deve-se ressaltar o seu caráter comedido, bem de acordo com o gosto que parece ter sido predominante na cidade. Apesar da variação de elementos decorativos, o conjunto apresenta um aspecto que remete aos padrões clássicos.



**Ilustração 69.**  
**Detalhe do Hall Interno.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O Palácio Rio Negro foi tombado pelo Governo do Estado como Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, através do Decreto Nº. 5.218, em 03 de outubro de 1980, no Governo de José Lindoso, logo após uma restauração que resgatou algumas de suas características originais<sup>210</sup>. Atualmente se encontra pintado com amarelo e branco. Entretanto, há indícios de a pintura primitiva ter sido em tons neutros, apesar de as fotos, de 1913, apresentarem a fachada em tons claros.

<sup>210</sup> Desde 1996 o Palácio Rio Negro deixou de ser a sede do Governo e passou a funcionar como Centro Cultural.





## TEATRO AMAZONAS (p 1881<sup>211</sup> - i 1896).

O Teatro Amazonas fica localizado na Praça São Sebastião s/nº, no quadrilátero formado pela Rua José Clemente, Rua Costa Azevedo, Avenida 10 de julho e Avenida Eduardo Ribeiro, onde se encontra a fachada posterior.



Ilustração 70.

Teatro Amazonas, inaugurado em 1896, a foto mostra as fachadas principais e parte do entorno.

Autora: Graciete Guerra da Costa

Devido a grande quantidade de informação que se tem do Teatro Amazonas<sup>212</sup>, na literatura Nacional e Internacional, e por ser um bem tombado e inventariado pelo IPHAN, não entraremos em mais detalhes. A intenção deste estudo é identificar o Patrimônio Local e reunir o acervo arquitetônico por período histórico.

O Teatro Amazonas teve projeto elaborado no Gabinete Português de Engenharia de Lisboa<sup>213</sup>, da autoria de Bernardo

211 Ano da aprovação do Projeto do Teatro.

212 GARCIA, Etelvina. **Manaus, Referências da História**. ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro. **Um olhar pelo passado**. Manaus: Imprensa Oficial, 1897, pg.12. CASTRO, Mavignier de. **Síntese Histórica e sentimental da evolução de Manaus**. Manaus: Typ. Fênix, 1948. DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX**. Manaus: SEC, 1998, p.93. REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/ Superintendência Cultural do Amazonas, 1989. ANDRADE, Moacir. **Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas**. Manaus, Humberto Calderaro, 1985. VALLADARES, Clarival do Prado. **Restauração e recuperação do Teatro Amazonas**. Rio de Janeiro: Bloch, 1974, p.5 e 6. MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Teatro Amazonas**. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas. 3 v. Coleção de Leis do Amazonas – 1903 a 1915 (1915). Manaus Imp. Oficial. Site da Prefeitura Municipalde Manaus [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br); Site da Secretaria de Estado de Cultura [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br); Site do IPHAN [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br). Site do Jornal A Crítica [www.acritica.com.br](http://www.acritica.com.br).

213 DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX**. Manaus: SEC, 1998, p.93.



Antonio de Oliveira Braga, em 1881, passando por muitos construtores e empregando um número expressivo de artistas nacionais e estrangeiros, até a sua inauguração em 1896.



Ilustração 71.

Teatro Amazonas, a foto mostra em primeiro plano o Monumento à Abertura dos Portos.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

A obra foi iniciada em 1884<sup>214</sup>, tomando maior impulso por uma Lei de 1892, que oferecia facilidades a artistas brasileiros e estrangeiros que quisessem se fixar em Manaus. Foi inaugurado em 1896.



Ilustração 72.

Teatro Amazonas.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

214 IPHAN, Livro Histórico, Inscrição: 390, Processo Nº 0693-T-86, 20 de dezembro de 1966.



A construção apresentou soluções avançadas para a época destacando-se a estrutura metálica da cobertura incluindo a cúpula. A obra foi interrompida várias vezes devido à dificuldade de importação de materiais nobres. As colunatas<sup>215</sup>, alisares<sup>216</sup>, óculos e balaústres foram feitos de cimento, alvenaria e reboco, entretanto esses materiais foram tratados para parecerem mármore e outros materiais nobres.



Ilustração 73.

Teatro Amazonas, detalhe das balaustradas.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

A decoração interna ficou a cargo de Crispim do Amaral, Domenico de Angelis, Silvio Centofani, Adalberto de Andreis e Francisco de Alegini e a decoração externa por Henrique Mazzolani. A pintura abobadada do salão nobre foi elaborada por Domenico de Angelis, assim como o quadro apresentado “A Glorificação das Belas Artes na Amazônia”, que enfeita o *plafond* do teatro. A pintura à maneira de *gobelins* nunca tinha sido reproduzida em tapeçaria e é considerada uma das mais belas do acervo brasileiro. O Salão Nobre é utilizado apenas para visitaç o e tem capacidade para 200 pessoas.

215 Colunatas - Seq encia de colunas.

216 Alisar - 1. Guarni o de madeira, que cobre a junta entre a ombreira ou marco da esquadria e a parede. 2. R gua para prote o de uma parede, fixada na altura do encosto das cadeiras.





A cúpula é composta de 36 mil peças de escamas em cerâmica esmaltada e telhas vitrificadas, vindas da Alsácia. Foi adquirida na Casa Koch Frères, em Paris. A pintura ornamental é da autoria de Lourenço Machado. O colorido original, em verde, azul e amarelo é uma analogia à exuberância da bandeira brasileira.



**Ilustração 74.**

**Teatro Amazonas, foto interna dos camarotes.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Na administração de Efigênio de Sales o edifício sofreu alterações internas. Foram retirados os sete camarotes frontais da segunda ordem, construindo-se aí, uma arquibancada, encimada por uma grande concha estilizada. Também houve supressão de paredes internas, que separavam dois corredores longitudinais e contínuos às frisas da primeira ordem. Ampliou-se o local da orquestra e foram feitas obras de estuque e pintura no vestíbulo e corredores. Nos anos 60 foi pintado de rosa, sua cor original. Em 1974, algumas alterações foram restauradas. Aldo Calvo fez o restauro da cenografia, todas as construções foram demolidas e removidas, preservando apenas as paredes externas. Foram construídos 20 camarins além de dependência de serviço, passarelas, acessos, escadas, sanitários e um bar. O forro da orquestra se tornou móvel, capaz de elevá-la ao nível do espetáculo. O edifício agora é pintado de rosa e branco. Em 1985, seu estado era de abandono e seu palco servia para formaturas e ensaios de grupos que ajudavam no caminho da deterioração. Não existia vigilância e muitos bens foram depredados e até mesmo roubados. Passou então por quatro anos de reformas sendo reinaugurado em 1990.



**Ilustração 75.**

**Teatro Amazonas, foto interna dos camarotes.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 76.**  
**Teatro Amazonas, detalhe da entrada principal.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)



**Ilustração 77.**  
**Teatro Amazonas, vista da entrada principal.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)







**Ilustração 78.**  
**Teatro Amazonas, pintura**  
**do teto.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 79.**  
**Teatro Amazonas,**  
**vista panorâmica dos**  
**camarotes em dia de**  
**espetáculo.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Ilustração 80.  
Teatro Amazonas, vista dos jardins.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Ilustração 81.  
Teatro Amazonas,  
mobiliário interno.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).







**Ilustração 82.**  
Teatro Amazonas, vista do  
Salão Nobre.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 83.**  
Teatro Amazonas, vista  
dos camarotes.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Ilustração 84.

Teatro Amazonas, vista do  
Salão Nobre.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Ilustração 85.

Teatro Amazonas, mostra  
os camarotes e parte da  
pintura do teto.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

[www.manausonline.com](http://www.manausonline.com)



Ilustração 86.

Teatro Amazonas, a foto mostra as fachadas principais e parte do entorno.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Ilustração 87.

Teatro Amazonas, a foto noturna mostra as escadarias e a balaustrada.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





**Ilustração 88.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra as escadarias e parte da balaustrada.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 89.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra as escadarias e a balaustrada.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





**Ilustração 90.**

Teatro Amazonas, a foto mostra os detalhes da fachada no 2. pavimento e o teto da varanda do mesmo andar.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 91.**

Teatro Amazonas, foto tirada dos jardins.

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 92.**

**Teatro Amazonas, detalhe do frontão curvo na fachada principal.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O teatro foi reformado em 1929, 1962 (ou 1964), 1974, 1985, 1990 e 2001 quando recebeu uma restauração nas argamassas das fachadas e pintura.

O Teatro Amazonas foi tombado pelo Governo Federal através do IPHAN, em 1966, pelo Processo N°. 0693-T-63, no Livro Histórico, Inscrição N°. 390, em 20 de dezembro de 1966, sendo o primeiro monumento tombado em Manaus pelo Patrimônio Histórico.



## CENTRO DE ARTES CHAMINÉ OU TEATRO CHAMINÉ (1913).

O edifício do Centro de Artes Chaminé, fica localizado a Avenida Lourenço da Silva Braga (Avenida Manaus Moderna) com a Rua Izabel, s/nº. – Centro. Também chamado Teatro Chaminé, pela sua situação estratégica é possível visualizar, de longe o seu grande marco, uma nobre chaminé, tanto quem está em terra como quem está no rio.



**Ilustração 93.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O prédio possui ao lado direito uma chaminé de 24 metros, construída com tijolos compactos refratários, coroada por um chapéu em ferro moldado. Por isso, ficou conhecido como chaminé.



**Ilustração 94.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé  
em vista aérea de sua  
localização.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





**Ilustração 95.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Originalmente, o prédio tinha a finalidade de ser Usina de Tratamento de Esgotos da cidade. Foi construído em 1910 pela empresa inglesa *Manaos Improvements*, concessionária de serviços de saneamento, contratada pelo governo estadual a partir de 1906.



**Ilustração 96.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé vista  
lateral, com a chaminé  
em primeiro plano.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





**Ilustração 97.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé foto mostra  
sua chaminé de 24m em tijolos refratários.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





**Ilustração 98.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 99.**

**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé,  
fachada principal.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Ilustração 100.

Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24 de  
agosto de 2006.

Em 1913, o sistema de tratamento de esgotos ainda não havia começado a funcionar quando, revoltada contra as altas taxas cobradas, a população destruiu o escritório da empresa. A *Manaos Improvements* deixou inacabados os serviços sanitários e a usina nunca funcionou.

Ele tem um só pavimento<sup>217</sup>, de pé-direito alto, que é simetricamente dividido em três corpos, na forma de uma letra 'H'. O corpo central mede 16,45 m x 11,00 m e os dois corpos laterais medem 18,04 m x 10,65 m cada um deles. Possui muitas janelas e portas, ao todo são 26 janelas externas muito amplas e 05 portas envidraçadas.

O corpo central possuía um amplo salão onde estavam instaladas as bombas da casa de máquinas. Atualmente esse salão foi transformado num *foyer* para sala de espetáculos do teatro.

Depois de 80 anos de total abandono, o prédio da antiga Usina de Tratamento de Esgotos foi restaurado e revitalizado em 1993 como Centro de Artes Chaminé para abrigar a Pinacoteca do Estado, com exposições

217 GARCIA, Etelvina. *Manaus, Referências da História*. Manaus, s/d.



temporárias, tendo suas atividades suspensas em 1997, em razão de laudo técnico de especialistas, pelo alto grau de poluição e risco, e pelas obras urbanas realizadas naquela área.

Em 14 de novembro de 2002 o prédio, já como Usina Chaminé, foi reaberto como parte das ações do Programa de Preservação da Natureza da Memória Cultural e Histórica do Amazonas.

A Usina Chaminé tem por objetivo central despertar na comunidade uma manifestação artística vanguardista que fuja dos conceitos e formas já apresentadas sem desprezar as manifestações artísticas tradicionais.

Ilustração 101.

Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé.

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24 de  
agosto de 2006.







**Ilustração 102.**  
**Centro de Artes Chaminé  
ou Teatro Chaminé  
interior do edifício depois  
da restauração.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Nesse sentido, o observador terá a oportunidade de confrontar o “novo” e o “tradicional” formando, assim, seu próprio conceito de arte.

O edifício do Teatro Chaminé foi tombado pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 15.485 de 17/06/1993, publicado no Diário Oficial em 18/06/1993, no governo de Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, que nele instalou o Centro de Artes Chaminé, em solenidade realizada no dia 15 de junho desse mesmo ano.

#### IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO (i 1888).

A Igreja de São Sebastião fica localizada na Rua 10 de Julho esquina da Rua Tapajós, em frente a Praça São Sebastião, praça em que fica localizado também o Teatro Amazonas, no Centro Histórico da cidade.

Segundo informação de Tenreiro Aranha<sup>218</sup>, em 1867, por iniciativa do Dr. Canavarro, foi construída uma capela sob a invocação de São Sebastião. Em 1875, Bernardino de Souza notou que, além da construção da Igreja Matriz, existia também a “Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e

218 ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro. *Um olhar pelo passado*. Manaus: Imprensa Oficial, 1897, p.12.



a do Hospício de São Sebastião”, que era administrada pelos religiosos capuchinhos.

O historiador Mavignier de Castro<sup>219</sup> afirmou que a atual igreja de São Sebastião foi construída sob a direção do franciscano Gesualdo Machetti de Lucas e a obra fora inaugurada em 7 de setembro de 1888, substituindo “uma ermida dedicada àquele mártir”, que havia no mesmo local. Entretanto, esses dados não confirmam as informações coletadas nos relatórios dos presidentes da Província do Amazonas.



Ilustração 103.  
Igreja de São Sebastião.  
Autora: Graciete Guerra  
da Costa

Nos relatórios da província, a referência mais antiga a respeito da construção da igreja data de novembro de 1868, quando o vice-presidente Leonardo Ferreira Marques

<sup>219</sup> CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e sentimental da evolução de Manaus*. Manaus: Typ. Fênix, 1948.



anunciou o começo da construção da “Capella de São Sebastião”, que estava contratada com o empresário Leonardo Antonio Malcher. Em maio de 1877, o presidente Domingos Monteiro Peixoto determinou que fossem “aplicadas as obras da capela de S. Sebastião às louças que sobraram do ladrilho da Igreja Matriz”, de acordo com a Lei nº 298, de 12 maio de 1874.

Apesar das freqüentes liberações de verbas para a obra da igreja, em 1884 faltava muito para a sua conclusão e, em 24 de setembro desse ano, foram assinados dois contratos com Ambrósio Bruno Candis: um contrato referente à “construção do tecto e construção das cimalthas, estuque e forros das abóbodas” e o segundo era para concluir “todas as obras restantes... inclusive a colocação dos altares” com exceção das obras das torres.



**Ilustração 104.**

**Igreja de São Sebastião  
vista do Teatro Amazonas.**

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24 de  
agosto de 2006.

No ano seguinte, a Assembléia liberou mais recursos referentes às obras de conclusão da Igreja de São Sebastião. Mas, em outubro de 1886, sem qualquer explicação, Candis, o construtor da igreja, retirou-se “furtivamente” da cidade, sem ter concluído as obras contratadas. Em 21 de janeiro de 1887, o presidente rescindiu o contrato com Gandis e solicitou à diretoria da Repartição de Obras Públicas que “as obras



constantes do respectivo orçamento” fossem realizadas por essa Repartição<sup>220</sup>.

Em março de 1887, o diretor da Repartição de Obras Públicas informou que as obras estavam “quasi concluídas, faltando apenas a escada da frente e o ladrilho da igreja”, cujas pedras tinham chegado pelo vapor Sobralense. Para o altar-mor, haviam sido aproveitados os “600 tijolos de mármore dos que se achavam depositados no passeio público”. Uma das torres da igreja foi iniciada em 12 de setembro, e sua obra de alvenaria concluída em 24 de novembro de 1886. Mas, em virtude do “rigor da estação” das chuvas, em 21 de janeiro de 1887, o presidente mandara suspender os trabalhos de revestimento da igreja<sup>221</sup>.

Segundo Otoni Mesquita<sup>222</sup>, em maio de 1887, o presidente mandou concluir as obras da igreja de São Sebastião “ficando salva a importância da outra torre”, mas tendo “esgotado o crédito” para a obra em 1º de julho daquele ano, ela foi suspensa por ordem do diretor de Obras Públicas. Em 12 de setembro do mesmo ano, o presidente mandou fazer o orçamento das obras necessárias para a conclusão da “torre leste e corpo da igreja”.

A Diretoria das Obras Públicas colocou em concorrência e foi arrematada por José Hermida que, em janeiro de 1888, já havia iniciado os trabalhos, com previsão de conclusão para quatro meses. Entretanto, as obras não foram concluídas no prazo previsto, e em 12 de junho de 1888, o diretor da Repartição de Obras Públicas explicava que “tendo findo o prazo para a conclusão da obra em 19 de março”, a presidência tinha concedido um novo prazo “improrrogável” de 40 dias úteis.

No interior do templo há uma placa na parede lateral com a seguinte inscrição “Tempo Lux Hsc F: Jesua

220 BITTENCOURT, Agnello. **Contribuição para a chorografia política do Estado do Amazonas**. Manaus: Typ. Palais Royal.

221 MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

222 MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.





duus Machetti Ord. Min. S. Francisco Et Missionum Prefects  
Diocesana Autoritata Munitus a Fundamentis Erigere  
Curavit Et Dee VII Septembris A. D. M. D. CCCLXXXVIII  
Benedixit Culltuique Catholico Aperuit”.

Apesar da placa indicar a data da conclusão da obra como setembro de 1888, deduz-se que a igreja não se encontrava devidamente concluída, pois, em 1891. Todavia, foi somente em 1892, que o governador Eduardo Ribeiro (1892, p. 17) deu uma resposta à questão, afirmando ter uma solução definitiva a respeito dos “proprios” onde se exercia o culto católico, e dizendo que “o Estado não deve mais a sua conta a conservação desses prédios”.

Em 1900, a obra da igreja de São Sebastião voltava a ser discutida, sendo o assunto resgatado através de duas notas publicadas no jornal *A Federação*: a primeira, em edição de 31 de março, dizia: “Parece que vai sofrer ainda algumas modificações a planta da igreja de São Sebastião, cujas obras foram contratadas pelo Sr. Henrique Mazzolani”, e a segunda comunicação, datada de 19 de abril, informava que já se encontrava com o governador o orçamento para as obras da igreja. Apesar dessas informações, parece que a construção manteve-se paralisada, porque, em junho de 1901, o governador Silvério José Nery criticava o estado de abandono em que se encontrava a construção: “exposta a intempéries com as paredes abaladas pelos trabalhos preliminares de um majestoso plano de edificação”.

A igreja de São Sebastião sofreu uma reforma, provavelmente no final dos anos trinta, projetada pelo arquiteto Aluísio de Araújo, que modificou alguns elementos da fachada do prédio, mas manteve a simetria da planta baixa, em formato de cruz grega<sup>223</sup>.

A igreja é revestida com pó-de-pedra e um tratamento que sugere a bossagem. Entretanto, a fachada apresenta um ligeiro desequilíbrio em virtude da ausência da sineira de uma das torres que ladeia o corpo central e que provavelmente

223 CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e sentimental da evolução de Manaus*. Manaus: Typ. Fênix, 1948.



jamais será concluída, contudo, este aspecto não chega a comprometer o todo da composição do prédio.



Ilustração 105.  
Igreja de São Sebastião.

Autor: A Favorita  
Fonte: Cartão Postal  
coleção da autora.

A construção apresenta dois pavimentos e um corpo central ladeado por uma torre de cada lado. O corpo central possui um pórtico, composto por quatro colunas toscanas que sustentam os três arcos plenos da entrada do templo e restringem-se ao primeiro pavimento, emoldurando a porta principal e os dois nichos que a ladeiam. Sobre esse pórtico, há um balcão ou terraço, cujo acesso é feito através de duas portas de vergas retas. Entre essas portas existe um óculo e sobre ele abre-se um nicho central contendo a imagem de São Sebastião.

A Igreja de São Sebastião foi tombada pelo Governo do Estado do Amazonas pelo Decreto Nº 11.038 de 12/04/1988, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 14/04/1988, no Governo de Amazonino Armando Mendes.



## RESERVATÓRIO DA CASTELHANA (1898).

Os relatórios do período provincial não se referem ao Reservatório da Castelhana, mas é provável que seu projeto seja de autoria do engenheiro Lauro Bittencourt, que durante sua atuação na Repartição de Obras Públicas dirigiu as obras do serviço de abastecimento de água da cidade.

O historiador Antônio Loureiro<sup>224</sup> observou que o estilo arquitetônico deste prédio é o mesmo da antiga Casa de Bombas e da represa projetadas por Bittencourt, em 1883. Realmente, estas construções parecem ter composto o mesmo conjunto, ambas apresentando algumas características medievais que se podem lembrar o neogótico.

A Castelhana é um prédio de pequeno formato; no entanto, o predomínio de seu traçado vertical e a presença de alguns elementos decorativos de sua fachada dão-lhe a característica de uma fortaleza gótica. A obra foi construída sobre um terreno pouco mais elevado que o nível da rua, sendo escavada uma passagem para que o primeiro pavimento ficasse no mesmo nível da rua, mas, atualmente, foi construída uma barreira de terra que impede este contato.

O pavimento térreo é vazado por uma porta em arco pleno e duas pequenas janelas quadradas. No segundo pavimento, abrem-se três magras janelas de arco pleno com molduras ogivais e, abaixo da cornija, existe um relevo ornamental em forma de grega, produzindo uma seqüência de pequenos arcos ogivais que circundam todo o prédio. A platibanda é recortada em forma de ameias, tendo ao centro uma elevação ladeada por pequenas agulhas; nas extremidades, sobre os cunhais do prédio, erguem-se duas agulhas maiores. Atualmente, este prédio pertence à Companhia de Águas do Amazonas – COSAMA. Até os primeiros anos da década de 80 apresentava um aspecto pouco cuidado, sendo recuperado posteriormente e pintado em cor-de-rosa e branco, comprometendo a originalidade da

---

224 LOUREIRO, Antônio. *A Cidade de Manaus e o país das seringueiras*. Manaus, 1988.



construção, retirando-lhe o aspecto histórico e imprimindo-lhe uma aparência de fantasia pós-moderna.

## **2.4 PRAÇAS E EQUIPAMENTOS URBANOS.**

### **PRAÇA D. PEDRO II**

A praça D. Pedro II fica situada na Avenida Sete de Setembro, entre a Rua Governador Vitório e a Rua G. Salgado.

Na primeira planta da cidade, traçada em 1852, o local da atual Praça D. Pedro II denominava-se Largo do Pelourinho, posteriormente foi chamado de Largo do Quartel. Essa área é, sem dúvida, uma das mais antigas da cidade; próximo a ela ficava a Fortaleza da Barra, que iniciou o povoamento do lugar, e, no final do século XIX, descobriram-se, naquela área, muitos artefatos indígenas, e essas descobertas foram mencionadas por dois viajantes estrangeiros. Em 1869, Paul Marcoy publicou um livro<sup>225</sup> com as suas narrativas pela América do Sul, no qual incluía sua passagem por Manaus, notando que na época haviam descoberto um cemitério indígena na cidade, próximo da antiga fortaleza. Entre 1867 e 1869, quando esteve na região, o engenheiro Franz Keller-Leuzinger fez referência a essa descoberta, apresentando, inclusive, ilustração de uma urna contendo o corpo de um índio.

Após o período monárquico, a praça passou a chamar-se de Praça da República. Outro dado a respeito dessa praça é fornecido pelo historiador Agnello Bittencourt<sup>226</sup>, informando que, quando o governador Eduardo Ribeiro mandou nivelar as ruas em torno da praça, descobriu-se uma grande quantidade de urnas funerárias indígenas, levando-o a concluir que o núcleo principal do cemitério ficava sob a Praça.

225 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródomos e seqüências*. Manaus: Sergio Cardoso, 1969, p. 32-33.

226 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródomos e seqüências*. Manaus: Sergio Cardoso, 1969, p. 32-33.





Essa praça sofreu uma reforma<sup>227</sup> durante a administração de Eduardo Ribeiro, em torno de 1893, que pode ser comprovada por uma fotografia que ilustra um álbum publicado naquele ano e, em 20 de junho do mesmo ano, o governador Eduardo Ribeiro previa, em sua mensagem, que em breve seriam concluídos os trabalhos da Praça da República, que passaria a oferecer “um ponto de reunião agradável a população” e, um ano depois, anunciava também, que o “jardim da praça da República” havia sido aberto ao público em janeiro daquele mesmo ano e, “além de achar-se fartamente provido de grande numero de plantas e flores raras, dispostas com gosto e arte”, tinha em sua parte central “uma sumptuosa fonte de bronze” e, dispersos pelo jardim, “outros adornos destinados a proporcionar aos visitantes as preciosas commodidades”.

Até aquela época, a manutenção das praças e outros serviços da cidade eram mantidos pelo Governo do Estado e não pela Prefeitura Municipal ou Intendência; no entanto, em janeiro de 1898, o governador Fileto Pires Ferreira informava que “o jardim da praça da República e o que fica em defronte a Matriz”, assim como a arborização da cidade e o viveiro de plantas, passariam a ser mantidos pelo município.

Nos primeiros anos do século XX, a Praça D. Pedro II era ainda a mais importante da cidade e um texto publicado no Álbum do Amazonas 1901-1902, informava que nela se desenvolvia uma programação musical todos os domingos, quintas-feiras e feriados, quando se apresentava “uma das magníficas bandas do Regimento Militar do Estado” que tocava de 6 às 9 da noite, atraindo grande “concorrência” ao pequeno, mas elegante jardim.

Através da análise de fotografias feitas no início do século XX, é possível perceber que o aspecto visual da praça sofreu pouca transformação: sua vegetação é ainda farta, talvez mais volumosa, cercada por mangueiras e algumas seringueiras de porte considerável. É, atualmente, composta

---

227 ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.



por vários canteiros delimitados por desenhos geométricos e, além da fonte em ferro fundido mencionada por Eduardo Ribeiro como bronze, destaca-se o coreto de ferro, instalado no local no final dos anos 80 do século XIX.

#### CORETO DA PRAÇA D. PEDRO II (i Década de 1880).

Quando foi instalado na Praça D. Pedro II, o coreto era chamado “*challet* de ferro” e o historiador Antônio José Loureiro<sup>228</sup> informa que, entre março de 1882 e março de 1883, desenvolveram-se obras no Passeio Público “com a chegada da cantaria, das grades e do *challet*”.

Inicialmente o *challet* foi instalado no Passeio Público, pois, em 9 de maio de 1887, o presidente Conrado Jacob Niemeyer ordenou a transferência do mesmo para o local onde se encontra atualmente. No fim daquele ano, os trabalhos de instalação estavam quase concluídos, faltando a cobertura, ladrilho e a pintura das partes metálicas, além da colocação do material de ferro. As obras foram concluídas em fevereiro de 1888.

Nenhuma peça do mobiliário urbano adquiriu mais notoriedade do que o coreto, ainda hoje presença obrigatória nas praças de pequenas cidades interioranas.

Geralmente os coretos tinham planta circular ou poligonal, tendendo para o círculo. Estavam assentados sobre uma base maciça (com ou sem porão), de alvenaria, e se apoiavam em esbeltas colunas de ferro fundido e cobertos com delgadas lâminas de ferro galvanizado ou zinco.

A construção ergue-se sobre uma base octogonal, as grades do parapeito são bem simples, compostas por desenhos de círculos e elipses, enquanto que a ornamentação limita-se a desenhos de flores-de-lis estilizadas e colocadas no centro de elipses. Oito magras colunas sustentam o telhado. Até o início do século o coreto era decorado por elaborados lambrequins, que já não existem.

228 LOUREIRO, Antonio José de Souto. *Síntese da história do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978, p.19;183.



Alguns coretos contêm indicações de sua origem; entretanto, as referências bibliográficas raramente oferecem detalhes, a ponto de nominar os fabricantes. Sabe-se, pelas inscrições existentes nas colunas de ferro fundido, que o coreto situado na Praça D. Pedro II, em Manaus, foi pré-fabricado por “*Francis Moreton & Co. Engineers – Liverpool*”.

#### CHAFARIZ DA PRAÇA D. PEDRO II (DÉCADA DE 1880).

Os serviços públicos instalados exigiam mais e mais equipamentos que não existiam em quantidade suficiente, para atender aos anseios de “modernização” ou atualização da sociedade. Mais uma vez, o ferro importado desempenhou papel importantíssimo, e sua utilização na construção do mobiliário urbano passou a ser uma constante.

Uma peça que adquiriu notoriedade foi o chafariz. Ainda hoje, em uma linguagem mais moderna, as fontes e o chafariz se constituem presença obrigatória em praças das cidades brasileiras.

O Chafariz da Praça D. Pedro II foi fabricado por “*Francis Moreton, Engineers, Liverpool*”. Segundo Geraldo Gomes da Silva<sup>229</sup>, as inscrições estão contidas na base de ferro fundido do chafariz. As variações desses equipamentos consistiam somente na decoração, mas os fabricantes ofereciam inúmeras variações e possibilidades para a escolha do cliente pelos catálogos das peças.

#### PRAÇA HELIODORO BALBI – PRAÇA DA POLÍCIA

A Praça Heliodoro Balbi fica localizada na Avenida Sete de Setembro, e forma um triângulo com as ruas José Paranaguá e Leovegildo Coelho, no Centro da cidade.

---

229 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986.



Ilustração 106.  
Praça Heliodoro Balbi ou  
Praça da Polícia.

Autor: Cartão Postal editado  
por volta de 1900.

Fonte: GERODETTI, João  
Emílio & CORNEJO, Carlos.  
**Lembranças do Brasil: as  
capitais brasileiras nos  
cartões postais e álbuns  
de lembranças.**



A atual Praça Heliodoro Balbi é também chamada de Praça da Polícia, por ficar em frente ao quartel da Polícia Militar. Essa praça já possuiu vários nomes: Praça Vinte e Oito de Setembro, Largo do Palacete, Praça da Constituição, Praça Gonçalves Ledo, Praça Roosevelt e Praça João Pessoa.

O *Álbum do Amazonas*<sup>230</sup>, publicado em 1902, apresenta pelo menos duas fotografias dessa praça, onde é possível notar que parte dela ainda se mantinha em obras, com seu calçamento em paralelepípedos, enquanto em outras partes o calçamento estava concluído, e havia algumas pequenas árvores cercadas por proteção.

A construção e ajardinamento da praça só ocorreram em 1906, por determinação do prefeito Adolpho Lisboa. Foi nesse período provavelmente que instalaram o coreto e algumas esculturas de ferro que ainda se encontram espalhadas pelos jardins da praça. Entre essas, destacam-se a escultura de Diana, a caçadora, com a seguinte inscrição em sua base “Val D’Osne 58 B<sup>0</sup> - Paris”; uma ninfa e a figura de Hermes, contendo em suas bases a seguinte inscrição: “Fondu Par Le Val D’Osne 58 B<sup>0</sup> Voltaire-Paris”<sup>231</sup>; uma fantástica luta entre um javali e um cão, esta obra assinada por Ch. Perron.

230 *Álbum do Amazonas: Manaus – 1901-1902*. Contratado em 1900 e impresso provavelmente em 1902, sem local, editora e data.

231 A fundição francesa *Val D’Osne* forneceu algumas peças em ferro fundido para Manaus no início do século e manteve atividades até 1986.





Outros atrativos eram os pequenos lagos artificiais com bordas rochosas e pontes de alvenaria, imitando rústicos troncos de madeira, além de alguns bancos executados com o mesmo tratamento.

Em meados dos anos de 1980, a praça sofreu uma reforma radical, pretendendo devolver-lhe sua antiga feição, mas a instalação de novos elementos e os deslocamentos de outros sugerem que a reforma não tenha sido baseada em dados históricos. Contudo, constatou-se a recuperação do coreto de ferro localizado na praça.

#### CORETO DA PRAÇA HELIODORO BALBI

A Praça Heliodoro Balbi fica localizada na Avenida Sete de Setembro e forma um triângulo com as ruas José Paranaquá e Leovegildo Coelho, no Centro da cidade. Também denominada Praça da Polícia.

Ignora-se a data da instalação do coreto da Praça da Polícia, mas provavelmente tenha sido na primeira década do século XX, quando se tornou mais intensa a importação de produtos de ferro. Suspeita-se que sua origem seja escocesa, por lembrar bastante alguns exemplares exibidos no catálogo da firma *Walter Mac Farlane, de Glasgow* que, na época, forneceu grande parte do material de ferro fundido utilizado em Manaus.

O historiador Geraldo Comes da Silva<sup>232</sup> insere o coreto da Praça Heliodoro Balbi no gênero do “vale-tudo estético”, próprio da desobediência às regras clássicas que até a primeira metade do século XIX eram seguidas, quando passaram a desprezar as leis tradicionais de proporções, em função de um mercantilismo que visava prioritariamente o lucro.

---

232 SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel. 1986, p. 201.



Ilustração 107.  
Coreto da Praça Heliodoro  
Balbi.

Autor: BENCHIMOL,  
Samuel. *Zona Franca de  
Manaus: A conquista da  
maioridade*. São Paulo:  
Sver & Boccato, 1989.

Apesar da sugestão feita por Geraldo Gomes da Silva para classificar as características formais do coreto da Praça da Polícia, não se pode ignorar a graciosidade da construção, mas que não chega a ser elegante: é muito alongado, e seu reduzido diâmetro é obstruído pelo excesso de elementos, entre os quais se destacam as luminárias em forma de globo, ocupando um grande espaço em relação ao todo da obra.



O coreto está montado sobre uma base de formato octogonal, em alvenaria, com uma altura aproximada de um metro, possui duas escadas, cada uma com seis degraus, e o guarda-corpo é constituído por grades de ferro com desenhos sinuosos, mesclando folhagens às cabeças de dragão, apresentando características *Art Nouveau*, mas esses elementos misturam-se de maneira harmoniosa às linhas geométricas e simples do *Art Déco*. Esse guarda-corpo de ferro circunda todo o coreto e acompanha a inclinação das escadas. O teto é sustentado por oito colunas, e cada uma delas se apóia em um dos vértices da base octogonal. Cada uma dessas colunas sustenta um vaso e, pouco acima, um medalhão composto com folhagens e lira, além do lustre em ferro fundido imitando ramos vegetais que contém três globos. Quatro dessas colunas de sustentação funcionam como condutores de águas pluviais, e na extremidade inferior de cada uma delas existe uma calha ornamental em forma de hidra.

O telhado faz referência a um pagode chinês, característica muito comum nesse tipo de construção. A cobertura é modelada em forma de escamas e sobre o centro eleva-se um pequeno zimbório octogonal, sustentado por finas colunas. O telhado é contornado por um friso decorado com uma seqüência de gotas de vidro coloridas sobre estruturas de ferro, e na cornija sobre as colunas erguem-se os acrotérios em forma de palmetas, colocados sobre ornamentos que lembram uma espiral na horizontal. Entre as palmetas destacam-se pequenos bustos femininos coroados também com palmetas, tendo a nuca traspassada também por espirais<sup>233</sup>.

A intensificação da urbanização e a importação direta de costumes da Europa desenvolvida, contribuíram substancialmente para alterar a vida brasileira, recém-egressa de uma realidade colonial, onde o convívio

---

233 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 1999.





social ocorria, somente, por ocasião de eventos de caráter religioso.

Os serviços públicos instalados exigiam equipamentos que não existiam em quantidade suficiente para atender os anseios de modernização ou atualização da sociedade. Mais uma vez, o ferro importado desempenhou papel importantíssimo, e sua utilização na construção do mobiliário urbano passou a ser uma constante, a nível nacional.

Os coretos eram bastante admirados pela sua beleza. As variações consistiam apenas na decoração, mas os fabricantes geralmente ofereciam várias alternativas nos catálogos, para escolha dos clientes<sup>234</sup>.

### PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO E JARDINS DA MATRIZ

A Praça Quinze de Novembro fica localizada no triângulo formado pelas avenidas Eduardo Ribeiro, Rua da Instalação e Sete de Setembro. Nesta praça fica localizada a Catedral Metropolitana de Manaus, ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Centro Histórico.

**Ilustração 108.**

#### **Praça da Matriz.**

Autor: Cartão Postal editado por volta de 1900.

Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos.

**Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**



A Praça Quinze de Novembro, como o seu próprio nome sugere, adotou essa denominação após a Proclamação da República. Primitivamente, foi chamada de Largo da Olaria, mas durante o período provincial já era conhecida como Praça da Imperatriz, no entanto, durante o século XX, foi também denominada de Praça do Comércio e Praça

<sup>234</sup> COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.





Oswaldo Cruz, mas, atualmente, é conhecida como Praça da Matriz<sup>235</sup>.

Os relatórios presidenciais mencionaram com uma certa frequência a execução de obras nessa praça, que era um dos principais logradouros da cidade, posição essa que continua ocupando. Em 1864, o presidente Adolpho Lacerda mandou orçar os custos de um “cais” para ser construído na Praça da Imperatriz; quatro anos depois, o presidente Jacintho do Rego informou que a obra do aterro da praça havia sido concluída. Em julho de 1871, os negociantes Antônio Joaquim da Costa & Irmãos se propuseram a realizar “gratuitamente” o aterro e o calçamento do espaço entre as duas rampas que existiam naquela praça, mas em troca solicitaram os degraus de pedra que havia no local; justificavam seu pedido alegando que estes degraus não eram utilizados pelo público<sup>236</sup>.

Em 1880, foi aprovada a Lei nº 495, autorizando a desapropriação de casas, casebres e terrenos localizados naquela área; em consequência desse ato, é provável que o espaço da praça tenha sido ampliado, no entanto, uma ilustração da igreja Matriz publicada na primeira edição de *Les Pays des Amazones*, em 1885, mostra que, ao lado da igreja, na Rampa da Imperatriz, existiam algumas construções com aspecto pouco cuidado e não havia indício de qualquer ajardinamento, enquanto que a arborização existente era feita com algumas palmeiras imperiais.

Como já foi dito, após a Proclamação da República, todos os setores sofreram algumas mudanças. As novas idéias sobre o espaço civilizado e a nova condição financeira do Estado foram decisivas para a introdução dos melhoramentos do aspecto visual da cidade. Em 1893, o “planno de embelezamento” executado por Eduardo Ribeiro reservou algumas mudanças e melhoramentos na Praça Quinze de Novembro. Incluía-se neste plano o aterro do

235 Informações obtidas no Site da Prefeitura Municipal de Manaus. Disponível em: <http://www.manaus.am.gov.br> em 15/08/2006.

236 MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 1999.



Igarapé do Espírito Santo – que margeava uma das laterais da praça. Tudo isso criou grande expectativa de melhorar o comércio local, pois, além do embelezamento, acreditava-se que estes serviços facilitariam o transporte de mercadorias e o embarque de passageiros, que ainda eram feitos com grande precariedade.

Em 1894, os referidos melhoramentos<sup>237</sup> estavam em execução e, em março de 1896, o governador Eduardo Ribeiro anunciou estar concluído o “embelezamento” da praça e que restava pouco a fazer “além do ajardinamento do espaço entre as escadas e o gramamento das partes lateraes”. Já estava devidamente instalada a “fonte monumental”, mas as “obras complementares da rampa” não haviam progredido por falta do crédito necessário”. A fonte monumental a que se refere Ribeiro é o chafariz de ferro, fabricado pela firma escocesa *Sun Foundry, de Glasgow*, de acordo com inscrições gravadas em algumas peças do conjunto.

Os jardins laterais da Igreja da Matriz só foram iniciados em 1897, pois, em janeiro de 1898, o governador Fileto Pires Ferreira informou ter mandado executá-los nas áreas laterais da igreja Matriz e a obra estava quase concluída, apresentando um “aspecto regular e agradável”, prevendo, ainda, que “os jardins abertos ficariam mais bellos e seriam melhor apreciados”; no entanto, a Praça Quinze de Novembro não deve ter sido beneficiada com esse melhoramento, pois uma fotografia publicada no *Álbum do Amazonas*<sup>238</sup>, mostra que a área em torno do chafariz escocês encontrava-se em obras, que se restringiam ao calçamento com paralelepípedos; e provavelmente foram concluídas antes de 1902, ano de publicação do *Álbum do Amazonas – Manaus 1901-1902*<sup>239</sup>, no qual se encontram algumas fotos da igreja Matriz e seus jardins, com a referida praça inteiramente calçada com paralelepípedos; em torno do chafariz,

237 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródomos e seqüências*. Manaus: Sergio Cardoso, 1969.

238 *Álbum do Amazonas: Manaus – 1901-1902*. Contratado em 1900 e impresso provavelmente em 1902, sem local, editora e data.

239 *Álbum do Amazonas: Manaus – 1901-1902*. Contratado em 1900 e impresso provavelmente em 1902, sem local, editora e data.



um estreito passeio acompanha o formato hexagonal da base da fonte.



Ilustração 109.

Praça da Matriz.

Autor: Cartão Postal de A  
Favorita.

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Outras fotos localizadas no *Álbum* mostram que os jardins laterais eram tratados de maneira romântica, além de arborizados, ajardinados e decorados com vários elementos de aspecto pitoresco: bancos, coretos, grutas e pontes. Grande parte desses elementos ornamentais revela uma estranha concepção do uso dos materiais e sua relação com a natureza, ou seja, numa cidade cercada por uma grande floresta, onde a madeira era um elemento relativamente farto e barato, optou-se por representar os elementos naturais com o uso de alvenaria. Assim construíam cercas, pontes e bancos em alvenaria e pedra, imitando rústicos troncos de madeira.

O *Anuário de 1913-1914*<sup>240</sup> mostra algumas fotos da área localizada entre as duas escadarias da Matriz, indicando que ali havia uma farta vegetação do Horto Municipal.

Uma planta da cidade, confeccionada em 1915 e inserida na dissertação de mestrado de Edinea Mascarenhas Dias<sup>241</sup>, mostra que a área da Praça Quinze mantinha-se inserida em um triângulo e denominava-se Praça do Comércio; entretanto, fotos publicadas no álbum editado

240 *Anuário de Manaus: 1913-1914*. Lisboa: Typ. Da A. Ed. Limitada, 1913.

241 DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do fausto. Manaus -1890-1920*. Manaus: Editora valer, 1999.



em 1939, apresentam o espaço como Praça Oswaldo Cruz e mostram vários jardins, separados por ruas.

O jardim principal, o que continha a fonte de base hexagonal, localizado em frente ao extinto Aviaquário Municipal, tinha um formato quase triangular e, entre este e os armazéns do porto, havia uma outra área ajardinada, em formato de clava alongada, com uma das pontas estreita e a outra mais larga e abaulada. Nesta extremidade mais larga localizava-se um chafariz de ferro, composto por um grupo escultórico que na base apresentava quatro leões e na parte superior uma estátua de mulher segurando uma tocha. À esquerda deste jardim, ficava uma outra área calçada, de formato circular, tendo ao centro um monumento dedicado ao Barão de Sant'Anna Nery e, em uma das suas laterais, um pavilhão que funcionava como um café, que durante a administração de Jorge Teixeira foi destruído, sendo a praça transformada em estacionamento.

Em direção à Rua da Instalação e ao lado direito da Igreja Matriz, havia outra área em formato de clava, onde outrora existiu um chalé de ferro de dois andares (em frente ao Banco do Brasil) e uma pequena construção em alvenaria, onde funcionava o Pavilhão Ajuricaba. Mavignier de Castro<sup>242</sup> informa que o relógio municipal foi instalado no início da Avenida Eduardo Ribeiro durante a administração do prefeito Araújo Lima: o relógio importado e instalado sobre uma torre de aspecto pesado, com revestimento em alvenaria tratada com rusticação. Em frente ao porto da cidade, no ponto extremo da mesma avenida, foi erguido um pequeno obelisco de alvenaria dedicado ao 1º centenário da elevação da Vila da Barra do Rio Negro à categoria de cidade, datado de 1948.

Os jardins da Matriz foram um dos poucos espaços conservados após o processo de descaracterização das praças de Manaus; perdendo somente alguns elementos decorativos, ganharam uma arborização frondosa, composta

242 CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus*. Manaus: Typ. Fenix.





por seringueiras (plantadas em 1969) e *flamboyants*, além de algumas espécies amazônicas. No entanto, o conjunto paisagístico que compunha a Praça Quinze de Novembro foi bastante modificado, sendo grande parte das áreas verdes substituídas por vias asfaltadas. Manteve-se, apenas, o jardim em torno do chafariz escocês, que, em 1991, encontrava-se incompleto pela retirada de algumas peças que o compunham, mas atualmente está completo.

A pequena Praça Santos Dummont desapareceu e, nos anos sessenta do século XX, o seu chafariz, contendo o conjunto de quatro leões que sustentavam a base da mulher segurando a tocha, encontrava-se instalado na extinta Praça da Bola (que ficava no encontro da Av. João Coelho com o Boulevard Amazonas, atualmente Av. Constantino Nery com Boulevard Alvaro Maia) até 1998, quando foi retirado por solicitação da Secretaria da Cultura, que pretendia instalá-lo na área do centro antigo; as estátuas dos leões, que compunham a base da peça, encontravam-se, até 1991, espalhadas nos jardins do Horto Municipal, no bairro do Aleixo, e para lá foram levadas as outras peças em 1998.

Durante a administração do prefeito Jorge Teixeira, desapareceu a praça arborizada, com o pavilhão Ajuricaba, além de suas frondosas mangueiras, enquanto que o chalé foi desmontado e transferido para outro local; atualmente se encontra em frente à área onde antigamente havia a Praça Tamandaré, depois Tenreiro Aranha e atualmente Adalberto Valle, e funciona como um posto de venda de artesanato da FUNAI.

A Praça da Matriz vem sendo muito maltratada. Ocupada por camelôs e terminais de ônibus, tornou-se uma área tumultuada e semelhante a tantas outras espalhadas pela cidade, refletindo muito bem um aspecto comum das áreas urbanas, sem orientação de uma política de preservação e de melhoria das condições de bem-estar da população.



## PRAÇA GENERAL OSÓRIO

A Praça General Osório fica localizada na Avenida Epaminondas esquina com a Rua 24 de Maio, tendo aos fundos a Rua José Clemente, em frente ao Colégio Militar de Manaus, no Centro.

Atualmente (estamos em 2006), a Praça General Osório é apenas um campo de futebol cercado de muros por todos os lados, mas, na primeira planta da cidade levantada em 1852, o espaço denominava-se Campo da Pólvora, e era um grande descampado no final do antigo Bairro da Campina. Era o ponto mais afastado do centro do pequeno povoado da Barra do Rio Negro, e ficava no início do caminho para Cachoeira Grande, esboço primitivo da atual Avenida Epaminondas.

Em uma das extremidades dessa praça, iniciou-se em 1863<sup>243</sup>, a construção do quartel, prédio ocupado atualmente pelo Colégio Militar de Manaus, mas até 1884 as obras estavam paralisadas por dependerem de verbas do Governo Imperial. É provável que sua conclusão só tenha ocorrido após a Proclamação da República, quando os militares passaram a assumir maior importância nos destinos da nação e a praça já se denominava Praça Uruguaiana.

Em 1898, o governador Fileto Pires Ferreira anunciou que já estavam projetados os “melhoramentos” que convinhavam ser feitos para o embelezamento da Praça General Osório.

Comparando a planta da cidade de 1852 com a de 1895, percebe-se claramente a ampliação da malha urbana: o campo da Pólvora foi reduzido em pelo menos um terço de sua área original e passou a denominar-se Praça General Osório, perdendo a área de uma rua e um quarteirão, atualmente ocupado pelo Colégio D. Bosco e seus anexos, entre os quais se destacam a nova capela e um centro de esportes, duas construções de concepção moderna, totalmente inconcebíveis para compor com

243 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: Pródomos e Sequências*. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1969. P.58



a arquitetura do colégio, além de constituírem-se numa agressão ao mesmo. A capela, provavelmente dos anos quarenta, foi demolida e substituída por uma igreja de arena; e, na outra extremidade, ergueram um prédio que é um verdadeiro caixote, destituído de qualquer preocupação estética.

Na planta de 1895, parte do antigo Campo da Pólvora aparecia como Praça Uruguaiana; atualmente, esta está reduzida a duas pequenas seções triangulares, um tanto ou quanto deslocadas. Em uma destas seções existe um malcuidado e pequeno jardim tendo ao centro um busto de Dom Bosco colocado sobre um pedestal. A outra seção encontra-se ocupada por uma pequena feira de frutas e outras quinquilharias que ocupam inclusive as calçadas do passeio, dificultando o trânsito de pedestres.

Fotografias produzidas por Fidanza, publicadas no *Álbum do Amazonas*<sup>244</sup>, editado em 1902, permitem uma visão da grande extensão da Praça General Osório, dividida por largos passeios que delimitavam geometricamente as áreas gramadas e recentemente arborizadas; era definida como do gênero *square*, dos ingleses, “isto é, sem vegetação elevada, a não ser na avenida que a delimitava, plantada de arvoredos”.

Quase ao centro da praça havia um coreto, com cobertura metálica, bastante simples, e sua base era trabalhada no estilo pitoresco (próprio do Romantismo), semelhante ao tratamento dado a alguns elementos decorativos que existiam nos jardins da Matriz e que posteriormente foram adotados na Praça da Constituição. Eram construções em alvenaria, imitando troncos vegetais e rochas. Ao fundo da praça, já se distinguia nas fotos, o quartel construído no estilo das antigas Casas da Câmara e Cadeia do período colonial, que foram erguidas em várias cidades brasileiras, mas esta construção teve suas laterais ampliadas, modificando o traçado original.

---

244 *Álbum do Amazonas: Manaus – 1901-1902*. Contratado em 1900 e impresso provavelmente em 1902, sem local, editora e data.



Ignora-se quando a praça perdeu o seu coreto e os passeios que a dividiam; mas já nos primeiros anos da década de 1960, era apenas um grande gramado cercado por um pista sem calçamento e cercado por árvores, tendo em uma de suas laterais uma arquibancada em alvenaria.

Neste local acontecia, desde os anos 1950, um dos mais tradicionais eventos culturais do Estado do Amazonas - o Festival Folclórico - que, no período junino, constituiu-se, até hoje, na maior festa da cidade, com grande participação popular. No entanto, em meados dos anos setenta, a praça deixou de ser de uso público, foi cercada com muros e grades, tornando-se privativa do Exército, que transformou o espaço num campo de futebol para treinamentos físicos e, no local da arquibancada, foi erguido um ginásio coberto. O festival que acontecia anualmente no local foi transferido para áreas periféricas da cidade, sem tradição e sem estrutura para sediar este tipo de evento, reduzindo, assim, o brilho e a importância da festa. Posteriormente, o festival passou a acontecer na Praça Francisco Pereira da Silva<sup>245</sup>, mais conhecida como Bola da Suframa<sup>246</sup> local mais amplo e mais de acordo com as tendências massivas que a “cultura popular” assumiu na região, e atualmente se transferiu para o Centro de Convenções - Sambódromo. Inverteu-se uma das antigas características das apresentações, ou seja, os grupos folclóricos apresentavam-se no alto de um tablado e agora são vistos do alto das arquibancadas como num desfile de carnaval<sup>247</sup>.

245 Francisco Pereira da Silva foi, mais tarde, o autor do Projeto de Lei que criou a Zona Franca de Manaus.

246 Bola da SUFRAMA é a rótula que dá acesso ao Distrito Industrial, e por se localizar próxima da sede dessa Superintendência recebeu este nome.

247 MESQUITA, Otoni Mesquita. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.





## PRAÇA DA SAUDADE

A Praça da Saudade fica localizada no quadrilátero formado pela Rua Ferreira Penna, Rua Ramos Ferreira, Avenida Epaminondas e Rua Simão Bolívar, no Centro da Cidade.



**Ilustração 110.**

**Praça da Saudade.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

A praça possui aproximadamente 12,6 mil metros quadrados.

A Praça da Saudade foi inaugurada em 1865 e inicialmente era conhecida como Largo da Saudade. Seus limites eram os Institutos de Educação do Amazonas - IEA e o Cemitério São José, onde hoje se encontra a sede do Atlético Rio Negro Clube. Passou à denominação de praça em 1897, mas só em 1932 foram construídos os jardins e passeios.

Em 1938 teve seu traçado original modificado e seus canteiros foram renovados com a colocação de vegetação exótica, mas as estátuas de bronze que representam os homens primitivo e moderno foram colocadas em 1963, época em que foram retiradas as pérgulas laterais.

Seu entorno imediato classifica-se como uso misto, possuindo habitações, escolas particulares e públicas,



os mais variados tipos de comércio, serviços e órgãos governamentais.

Sobre a origem de sua denominação, destaca-se, a hipótese de que fora em decorrência de sua localização, próxima ao Cemitério São José, cujo espaço atualmente é ocupado pelo Atlético Rio Negro Clube.

Quanto à arborização e ajardinamento da praça, havia um projeto elaborado durante a administração de Eduardo Ribeiro, que pretendia embelezar a área depois de “convenientemente regularizado o seu leito”. No mapa de 1893, este espaço era denominado de Praça Cinco de Setembro, e estendia-se desde o novo Palácio do Governo (atual Instituto de Educação do Amazonas) até a Avenida Epaminondas. Não havia o quarteirão de casas residenciais que atualmente existe entre o Instituto de Educação do Amazonas e a Rua Ferreira Pena.

Em março de 1897, o governador Fileto Ferreira referiu-se a esta praça como parte de um arrojado projeto paisagístico que pretendia executar em torno do novo Palácio, do Governo, o qual abrangia, além da Praça Cinco de Setembro, o antigo Cemitério São José e um grande terreno localizado na parte posterior do palácio, em construção. No ano seguinte, o governador Fileto Ferreira voltou a mencionar esse projeto e, mesmo reconhecendo como “escassos” os recursos do Orçamento, pretendia empreender “esta magnífica obra”. A Comissão de Saneamento já tinha projetado o “bellissimo parque” e, para facilitar o trânsito em frente ao palácio, tiveram que bifurcar a Avenida Eduardo Ribeiro; já haviam desapropriado a maior parte dos terrenos necessários para “levantar-se a obra projectada”. Iniciaram os serviços de terraplenagem, e o governador previa que, dentro de pouco tempo, Manaus teria “um ponto de recreio e uma obra d’arte que muito a honraria”, mas tudo isso dependia de o Congresso liberar “os meios necessarios”.

Fotografias e postais, produzidos até o início dos anos sessenta do século XX, mostram a praça limitada por um desenho retangular, quase quadrado, cortado por oito



alamedas que convergiam para o centro, onde se localizava a estátua de Tenreiro Aranha; estas alamedas eram ligadas por um passeio em formato de círculo, constituindo, assim, um desenho geométrico bastante simplificado.

A praça era pouco arborizada e, em algumas de suas extremidades, havia caramanchões apoiando alguns vegetais. No entanto, durante os anos sessenta, a praça perdeu uma parte de sua área, localizada em frente ao Rio Negro Clube, onde antigamente havia um caramanchão com *bougainville*. Ergueu-se no local o chamado Palácio da Cultura, um prédio de três andares, onde passaram a funcionar algumas repartições públicas estaduais e, na extremidade aposta a este prédio, na lateral da Rua Ferreira Pena, foi posteriormente construído um conjunto de gosto duvidoso, composto por uma piscina revestida de azulejos, tendo ao centro uma fonte decorada com pastilhas coloridas e em cada uma das suas duas extremidades havia a escultura de uma figura humana, fundidas em bronze, apoiadas sobre um suporte revestido em azulejos. As esculturas faziam referência ao homem da caverna e ao homem do futuro. À noite, a fonte era iluminada com refletores coloridos, bem ao clima da época. Recentemente, ao final dos anos 1980, esta praça sofreu uma grande reforma e, sob a ação do prefeito Manoel Ribeiro, seu calçamento foi substituído, assim como seu traçado ganhou um pequeno anfiteatro, e resgataram-se os antigos caramanchões, substituiu-se a fonte com um jogo de iluminação que já não funcionava e reinstalaram-se as duas esculturas que se encontravam no Horto Municipal, mas recentemente a fonte foi retirada.

A determinação da Prefeitura é retomar a praça em sua forma original, trabalho que inclui as residências no entorno como aconteceu com o Largo de São Sebastião para que a população tenha orgulho deste importante logradouro público.

O projeto de revitalização é o resultado de mais de um ano de debates e levantamento histórico sobre a praça e revela um amadurecimento da sociedade com relação a uma



participação mais direta na evolução do controle externo sobre os investimentos públicos, informa o presidente do Instituto Municipal de Planejamento Urbano (Implurb), o arquiteto e urbanista Claudemir José Andrade<sup>248</sup>.

O projeto de revitalização preparado pelos técnicos do Implurb e da Secretaria de Estado de Cultura - SEC<sup>249</sup> resgata a história da praça e prevê a volta dos caramanchões que existiam em suas laterais. A idéia é fazer com que a Praça da Saudade seja utilizada não apenas como área de lazer, mas também como um espaço cultural, a exemplo do que acontece hoje na Praça São Sebastião.

A revitalização da Praça da Saudade faz parte do programa *Belle Epoque* e para chegar aos detalhes do projeto original foi preciso recorrer a fotos antigas e através desse documento fotográfico os técnicos puderam trabalhar, inclusive, sabendo o número exato de colunas nos caramanchões e o espaçamento entre elas.

Pouco coisa restará da praça atual. Todas as intervenções que foram feitas ao longo dos anos e que descaracterizaram a praça do traçado original serão retiradas. Além do prédio, que será demolido em breve, assim como os banheiros públicos e o palco, serão removidos o espelho d'água e as estátuas que representam o homem primitivo e o homem moderno assim como o monumento a Bíblia.

Informações recentes colhidas com técnicos da Prefeitura Municipal de Manaus revelam que o único monumento que faz parte da história da Praça da Saudade, a estátua de Tenreiro Aranha, primeiro presidente da Província do Amazonas, foi retirada há alguns anos. A Secretaria de Estado de Cultura - SEC fará a restauração do monumento ao mesmo tempo em que a Prefeitura Municipal de Manaus - PMM estiver executando a obra de recuperação do traçado original da praça.

---

248 Informações extraídas da página da Internet da Prefeitura Municipal de Manaus. Disponível em: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.

249 Informações extraídas da página da Internet da Secretaria de Estado de Cultura. Disponível em: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br) em 15/08/2006.





No traçado original da praça, datado de 1932, o monumento a Tenreiro Aranha ficava no centro e a partir dele surgiam os passeios em forma radial com oito braços de acesso e duas circunferências ao seu redor que por sua vez possibilitavam o tráfego ao redor da praça. Foi sobre esse traçado que trabalharam os técnicos do Implurb e da SEC.

Todo o comércio ambulante será retirado da praça e será recolocado no entorno, onde a SEC executará um trabalho de revitalização das residências, algumas delas sendo transformadas em centros gastronômicos, a exemplo do que aconteceu no Largo de São Sebastião.

Cento e dezenove pessoas foram cadastradas pela Associação dos Expositores da Praça da Saudade. Essa lista será comparada ao levantamento feito pelo Ministério Público Estadual. A proposta apresentada pelos técnicos prevê no espaço físico da praça apenas bancas de tacacá<sup>250</sup>, de revistas, e telefone público, todas seguindo o estilo adotado no Largo, e ainda, alguns vendedores de pipoca. As demais atividades que hoje se estabeleceram no local ficarão no entorno.

O Implurb estima que o início das obras deva acontecer em breve, depois de concluídas as fases que vêm a seguir como detalhamento do projeto para que seja fechado o valor do orçamento<sup>251</sup>.

## MONUMENTO À PROVÍNCIA

O Monumento à Província está instalado atualmente na Praça da Saudade, Avenida Epaminondas esquina com a Rua Ferreira Pena, no Centro da cidade.

O historiador Mário Ypiranga Monteiro<sup>252</sup> informa que a montagem do monumento foi executada pelos artistas italianos Silvio Centofanti e Raffaelis Marchesi, e a

250 Tacacá – Comida regional, típica da Região Amazônica, que consiste no caldo do tucupi, extraído da mandioca, goma de tapioca e camarão seco, tomados em uma cuia.

251 Informações colhidas pela autora com técnicos da Prefeitura Municipal de Manaus.

252 MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História do Monumento à Província**. Manaus: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas, Série Patrimônio 3, s/data.



obra só foi transferida para a atual localização, na Praça da Saudade, em 1932.

O monumento dedicado à data de Elevação à Categoria de Província do Amazonas, na verdade, é uma homenagem ao primeiro presidente da província, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, político paraense que se manteve no cargo por apenas seis meses, talvez por isso é que, ao escrever sobre o monumento, o historiador Mário Ypiranga Monteiro<sup>253</sup> questionasse a quem o mesmo era dedicado: à província ou a seu primeiro presidente? Realmente é pertinente a interrogação de Monteiro, mas a indefinição da homenagem surgiu com a idéia inicial da obra, pois a ementa do projeto, apresentada por Silvério Nery em 09 de maio de 1883, e publicada pelos *Annais da Assembléia*, referia-se à “criação de um monumento comemorativo a João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha”. No entanto, no conteúdo do projeto, o autor se refere a “um monumento para comemorar a data da lei que eleva a comarca do Amazonas, à categoria de província”, e, ao especificar as características formais da obra, assim como as proporções e os materiais a serem empregados, determinava que, seria colocado o busto do primeiro presidente da província, confeccionado em bronze, e o monumento seria instalado na Praça 28 de Setembro.

Em 12 de junho de 1883, foi sancionada a Lei nº 617, que autorizava a execução do referido projeto (Coleção de Leis da Província do Amazonas, 1883, p. 22). A concorrência pública para a construção do monumento foi aberta em 1883 e, em setembro daquele ano, o jornal *Amazonas* noticiava que no dia anterior haviam aberto as duas propostas concorrentes: uma de Antônio Teixeira Rodrigues e outra dos engenheiros João Carlos Antony e John Moreton.

Provavelmente, nenhuma das duas foi aprovada, pois, no ano seguinte, abriu-se nova concorrência e em 16 de fevereiro de 1884, o presidente José Paranaguá mencionava

253 MONTEIRO, Mário Ypiranga. *História do Monumento à Província*. Manaus: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas, Série Patrimônio 3, s/data.



a apresentação de “cinco projetos” para a construção da “Coluna Comemorativa da lei que criou a província do Amazonas”, sendo escolhida pelo júri a proposta dos empresários Malcher, Ramalho & Castro. O presidente afirmava não ter resolvido nada sobre as referidas propostas, pois nenhuma lhe parecia satisfazer “as exigências da lei da auctorização”; apesar do impasse, o presidente informava já terem sido iniciadas as obras da construção da base do monumento. Em 5 de setembro do ano anterior; fora lançada a pedra fundamental da obra, e em cinco dias foi concluída a base para a coluna, na Praça 28 de Setembro, em frente ao Paço da Assembléia Provincial, atualmente quartel da Polícia Militar.

O monumento parece ter sido esquecido por quase uma década, e só em 1894 é que foi retomado, ao aprovar-se a Lei Nº 71, que abriu o crédito para a obra, e no ano seguinte, a Lei Nº 125 ampliou este crédito “para auxiliar a aquisição do Monumento”. No entanto, em 1898, o governador Fileto Pires Ferreira reservou outro local, na Praça 5 de Setembro, para instalar a “estátua do fundador da província”. Contudo, o monumento só foi erguido em 1907, por iniciativa do superintendente municipal coronel Adolpho Lisboa, sendo instalada na antiga Praça Tamandaré, atual Praça Adalberto Valle, recuperada em 1987.

O monumento apresenta uma base revestida em mármore, e alguns elementos ornamentais e a escultura de corpo inteiro do primeiro presidente da província são confeccionados em bronze. Sua estrutura apresenta alguma semelhança com o monumento dedicado à abertura dos portos, mas é bem mais simples e rígida. A escultura em bronze leva a assinatura de E. Quatrini, o mesmo artista de Roma que executou o monumento da abertura dos portos.



## PRAÇA DE SÃO SEBASTIÃO

A Praça de São Sebastião fica localizada na Rua 10 de Julho em frente ao Teatro Amazonas, no Centro Histórico da cidade.



Ilustração 111.

**Monumento à Abertura  
dos Portos**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

Em termos paisagísticos, a Praça de São Sebastião é muito simples, não apresenta nenhuma característica inovadora, entretanto sua vizinhança com o teatro e as





atividades nela desenvolvidas fazem-na uma importante referência para a cidade.

A praça apresenta um formato retangular; mas os vértices são abaulados, dando-lhe uma forma quase circular; calçada com pedras portuguesas pretas e brancas, dispostas em um sinuoso desenho que se repete por toda sua extensão. Esse desenho inspirou o desenho que por muitos anos caracterizou a Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. A praça é destituída de jardins, mas atualmente é quase que totalmente circundada por *ficus benjamins* e, sobre estas árvores, foi executada uma topiaria<sup>254</sup> simples.

Ao entrar no século XX, a Praça de São Sebastião não tinha ainda estas características, mas os administradores pareciam preocupar-se com sua aparência. Em janeiro de 1898, o governador Fileto Ferreira comunicou não ter sido possível até aquela data empreender o embelezamento da Praça São Sebastião<sup>255</sup>.

Os chafarizes da Praça São Sebastião, e as fontes ornamentais são originais, em ferro e estão em bom estado de conservação. Contudo, nem todos que ainda existem no Brasil são de ferro. O bronze foi utilizado com frequência, na fabricação desse tipo de equipamento urbano.

---

254 Topiaria - Técnica de podar vegetais visando a criação de diferentes configurações para adornar praças e jardins.

255 BITTENCOURT, Agnello. **Fundação de Manaus: Pródornos e Sequências**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1969.



**Ilustração 112.**  
**Monumento à Abertura dos Portos**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



## 2.5 - PONTES DE MANAUS

Estando a cidade de Manaus localizada numa região bastante cortada por igarapés, seus bairros primitivos desenvolveram-se naturalmente isolados por esses “caminhos de canoas”<sup>256</sup>. A construção de pontes tornou-se uma necessidade cada vez mais requisitada para facilitar a comunicação entre as diversas áreas da cidade.

Em 1852, ao ser instalada a Província do Amazonas, sua capital possuía apenas duas pontes de madeira, mas este número foi ampliado o durante o período provincial.

Constantemente, os relatórios presidenciais referiam-se a construções e consertos de pontes que consumiam grande parte das pequenas verbas destinadas às obras públicas. Estas construções requeriam reparos contínuos, pois, sendo construídas em madeira, não resistiam muito à ação das águas e do tempo.

Em 1870, a cidade possuía quatro pontes e um pontilhão, todos construídos em madeira, mas a preocupação em conservá-los levou o então diretor da Repartição de Obras Públicas, Luiz Martins da Silva Coutinho, a sugerir que o sistema adotado até aquela época fosse substituído pela “alvenaria de pedra e cal” que, em sua opinião, incontestavelmente oferecia outras garantias de segurança, além da vantagem do “embelezamento”; todavia, sua sugestão parece não ter sido acatada porque, mais de dez anos depois, mantinha-se o velho e frágil sistema; mas, ao mencionar as pontes em seu relatório de 1884, o presidente José Paranaguá, descreveu que seis pontes eram de madeira, algumas com pequenas obras em alvenaria e apenas uma era de ferro.

Ao encerrar-se a última década do século XIX, as antigas pontes mencionadas nos relatórios presidenciais já haviam desaparecido em consequência dos aterros

---

256 AB'SABER, Aziz Nacib. *Problemas geomorfológicos da Amazônia brasileira*. Textos do Simpósio sobre a Biota Amazônica.



dos igarapés que cortavam a parte mais antiga da cidade<sup>257</sup>. Com a ampliação da malha urbana, os limites de suas ruas avançaram sobre os igarapés mais volumosos, exigindo a construção de novas e maiores pontes.

Nesse sentido, o governador Eduardo Ribeiro<sup>258</sup> incluiu em seu “planno de embelezamento da cidade” o projeto de três pontes que deveriam ser instaladas na Rua Municipal, construídas sobre os igarapés de Manaus (Ponte Romana I), Igarapé Bittencourt (Ponte Romana II) e o Igarapé da Cachoeirinha (Ponte Benjamin Constant).

A primeira ponte foi sendo executada, enquanto as obras das outras duas já haviam sido contratadas. Na mesma época o governador alargou a Estrada Epaminondas (atual Avenida Constantino Nery), na qual foi construída uma ponte de “aço e alvenaria” sobre o Igarapé da Cachoeira Grande, que cortava a referida estrada, pois o governador acreditava que esta obra facilitaria bastante o trânsito para a “Colônia João Alfredo e cercanias”.

Durante os anos de 1893 e 1894, foram liberados diversos créditos para a construção destas obras. Em 1894, o governador informou que as obras das quatro referidas pontes encontravam-se em andamento, destacando que duas seriam construídas em alvenaria e outras duas em ferro. Em 1º de março de 1896, Ribeiro (1896, p. 22) anunciou a conclusão de quatro pontes: duas em aço e alvenaria sobre os igarapés da Cachoeirinha e da Cachoeira Grande; uma em alvenaria, sobre o Igarapé de Manaus, e outra em madeira “solidamente construída sobre o Igarapé do Umarisal”. Extranha-se a inclusão desta última ponte na relação, assim como a exclusão da ponte sobre o Igarapé Bittencourt, que estava prevista. Mas tanto a ponte sobre o Igarapé de Manaus quanto a ponte sobre o Igarapé Bittencourt ostentam placas com a data de 1895.

257 MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

258 ANDRADE, Moacir. **Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas**. Manaus: Humberto Calderaro, 1984.





## PONTE BENJAMIN CONSTANT ou PONTE DE CACHOEIRINHA

A ponte de ferro sobre o Igarapé da Cachoeirinha foi batizada com o nome de Benjamin Constant e, segundo indicação do historiador Antônio Loureiro<sup>259</sup> ela foi inaugurada em 7 de setembro de 1895 e, em 18 do mesmo mês, também foi inaugurada a ponte sobre o Igarapé da Cachoeira Grande, que fora desenhada por Frank Hirst Hebblewhite.

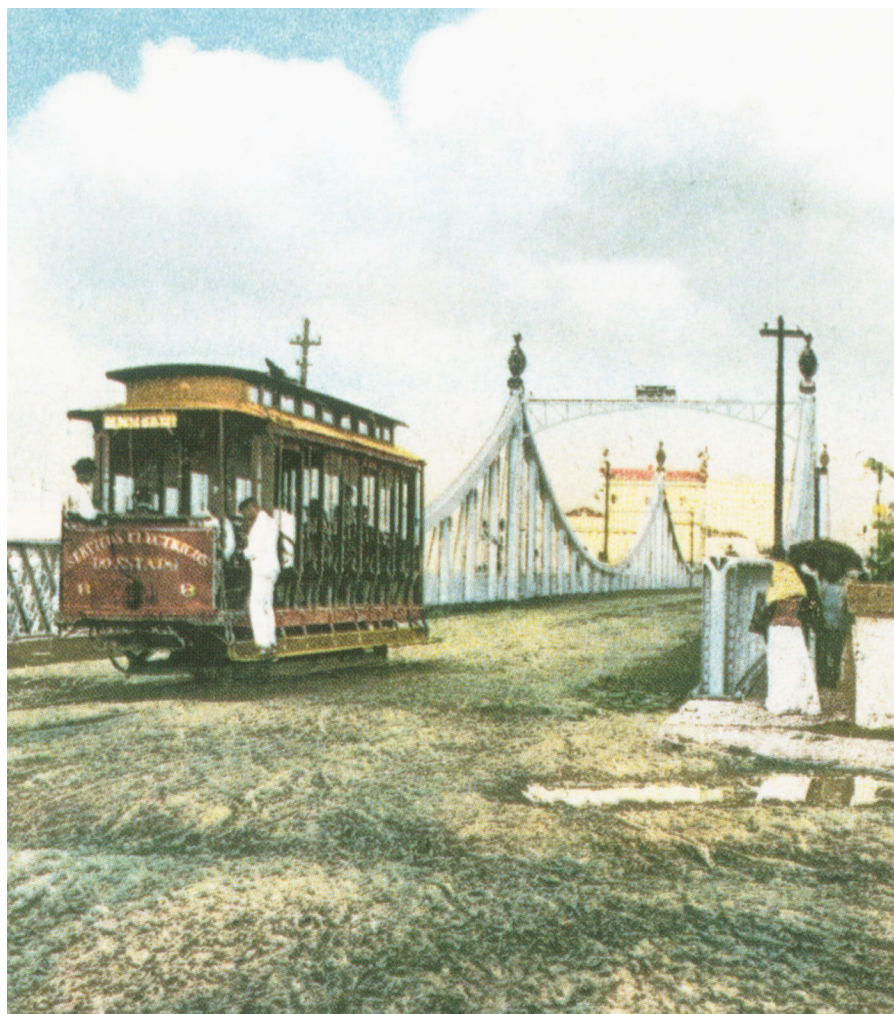


Ilustração 113.

Ponte Benjamin Constant  
ou Ponte de Ferro da  
Cachoeirinha ou Ponte  
Eduardo Ribeiro. Situada  
na Av. Sete de Setembro.

Autor: Cartão Postal editado  
por volta de 1907.

Fonte: GERODETTI, João  
Emílio & CORNEJO, Carlos.  
**Lembranças do Brasil: as  
capitais brasileiras nos  
cartões postais e álbuns  
de lembranças.**

O material em ferro de sua estrutura apresenta várias gravações nome *Dorman Long & C<sup>o</sup> L<sup>o</sup>*, provavelmente a indústria que produziu o material. No alto da ponte há uma

259 LOUREIRO, Antônio José de Souto. *Síntese da História do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.



placa contendo apenas a indicação “Administração Eduardo Gonçalves Ribeiro 1892-1896”. Em 1969, durante o governo de Danilo de Mattos Areosa, esta ponte sofreu uma grande reforma e, em 1987, durante a administração do governador Gilberto Mestrinho, passou por uma restauração, mas atualmente se encontra necessitando de urgentes reparos.

Dentre as pontes de Manaus, a Ponte Benjamin Constant destaca-se pelo seu desenho elegante. Obedece à estrutura de uma ponte pênsil, cuja estrutura básica foi usada com frequência pelos ingleses e norte-americanos.

Na realidade, a Ponte Benjamin Constant não é nenhuma obra inovadora da arquitetura moderna, mas apresenta um belo desenho que é mais uma opção formal do que uma necessidade funcional, pois é sustentada por pilares, mas é exatamente esta forma que quebra a monotonia horizontal que caracteriza a maioria das pontes. Os movimentos sinuosos de seu traçado criam uma dinâmica que a destaca na paisagem. No início do século XX, apresentava uma bela vista, sobre o igarapé, com seus pequenos barcos e suas margens arborizadas<sup>260</sup>.

### PONTE DA CACHOEIRA GRANDE

A Ponte da Cachoeira Grande fica localizada sobre o Igarapé da Cachoeira Grande e é hoje conhecida como Ponte de Flores, por estar localizada no Bairro de Flores.

Esta construção é bastante simples, composta por linhas retas, predominantemente horizontais. Nas laterais erguem-se os guarda-corpos com treliças de ferro, e no centro destas laterais eleva-se um corpo um pouco mais alto, tratado com o mesmo sistema.

É digno de nota o contraste existente entre o igarapé no início do século passado e o estado em que se encontra atualmente. O largo curso d'água cercado por arborização que havia, encontra-se reduzido a um estreito e poluído igarapé, com vegetação bastante escassa.

---

260 ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.





## PONTE ROMANA

A Ponte Romana se localiza sobre o Igarapé de Manaus e até hoje mantém ainda um aspecto de antigas construções romanas, apresentando uma aparência pesada que é reforçada pelo tratamento feito com bossagem e com os dois grandes apoios em forma de contraforte, colocados ao lado dos arcos de passagem das águas.





Os únicos elementos ornamentais desta obra são os quatro mascarões sobre os dois arcos da ponte. Atualmente, a quantidade de água sob essa ponte ficou menor e as margens do igarapé, que outrora estavam arborizadas, atualmente se encontram tomadas por palafitas e improvisadas construções em alvenaria que se fixaram na área e comprometem a aparência do lugar e a saúde da população.



**Ilustração 114.**

**Ponte sobre os Rios Negro e Solimões. Vista aérea.**

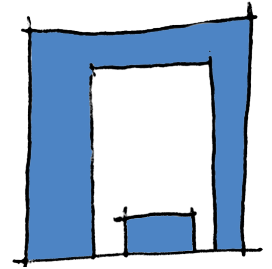
Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.









## Lenda do Açaí

*Há muito tempo, quando ainda não existia a cidade de Belém, vivia neste local uma numerosa tribo indígena.*

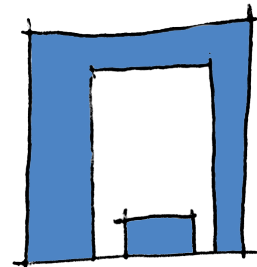
*Nesta época os alimentos eram escassos e por este motivo o cacique tomou uma decisão muito cruel: resolveu que todas as crianças que nascessem a partir daquela data, seriam necessariamente sacrificadas, uma vez que não haveria alimentos suficientes para todos.*

*Entretanto, IAÇA, filha do cacique, acidentalmente deu a luz a um lindo menino o qual não foi poupado da cruel decisão de seu avô. A índia chorava todas as noites com saudade de seu filhinho, até que em uma noite de lua cheia, o choro de uma criança a atraiu ao pé de uma esbelta palmeira. Lá seu filho a esperava de braços abertos.*

*Radiante de alegria, IAÇA correu para abraçá-lo, mas quando o fez fortemente, a criança misteriosamente desapareceu! No dia seguinte, a moça foi encontrada morta, abraçada ao tronco da palmeira. Seu rosto ainda trazia um suave sorriso de felicidade e seus olhos negros fitavam o alto da palmeira que estava carregada de frutinhas escuras. Então, o cacique mandou que apanhassem os frutos e percebeu que dele poderia se extrair um suco violáceo quando amassado, que passou a ser a principal fonte de alimento daquela tribo. Este achado fez com que o cacique suspendesse os sacrifícios e as crianças voltaram a nascer livremente, pois a alimentação não era mais problema naquela tribo.*

*Em agradecimento a Tupã e em homenagem a sua filha, o Cacique deu o nome de AÇAÍ aos frutinhas encontrados na palmeira, que é justamente o nome de IAÇA invertido.*





## CAPÍTULO III

### **3º Período, 1914-1967**

O presente capítulo objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus a partir de 1914, ou seja, quando o surto da economia gomífera havia chegado ao fim. Suas marcas, porém, ficaram registradas na transformação de uma pequena vila em uma cidade cosmopolita, na figura de seus monumentos e nos registros e arquivos oficiais, enfim, na memória de nossa conturbada história. Desta vez, o que vai caracterizar o período é a estagnação econômica – com um pequeno salto quantitativo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que forçou os aliados a se voltarem para a antiga fonte de produção de borracha: a Amazônia. Estagnação que só terminou com a implantação de um novo modelo econômico, caracterizado pela criação da Zona Franca de Manaus, em 1967.

Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

Ilustração 116.

Estádio Vivaldo Lima.  
Projeto do arquiteto  
Severiano Mário Porto,  
em 1965.

Autor: Implurb /  
Prefeitura Municipal de  
Manaus

Fonte:  
[www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)





### 3.1. – Aspectos Históricos e Econômicos 1914-1967

A partir de 1911, a sociedade brasileira passou por uma aguda crise socioeconômica e política. O modelo agrário-exportador, baseado na cultura cafeeira, começou a ruir e, com ele, a hegemonia das oligarquias do café, cuja expressão maior era a política dos governadores, implantada e “legitimada” pela república do “café-com-leite”. Ao governo central só interessavam os impostos arrecadados com a atividade gomífera na Região Norte, e, com o fim da economia da borracha, as atenções estavam todas voltadas para o sul do país<sup>261</sup>.

Ao assumir o Governo do Amazonas, de 1913-1917, o Dr. Jonathas Pedrosa se comprometeu em assegurar as boas relações entre o Estado e a União. Em 1º de janeiro de 1917, um protesto contra o resultado oficial das eleições debelou rebelião sangrenta no dia da posse do governador Pedro Bacellar.

Na data de 25 de março de 1917 foi fundado o Instituto Geográfico e Histórico do Estado do Amazonas, pelo governador Pedro Bacellar.

A Manaus de 1920 é resultado do apogeu e do declínio da borracha. A produção do espaço da cidade desenvolveu-se menos sob influência de suas condições geográficas do que pelo impulso que adquiriu com o crescimento econômico determinado pela produção e exportação da borracha. Manaus esteve, no período áureo da borracha, mais ligada ao mercado externo do que ao mercado nacional; portanto a espacialidade produzida em Manaus no período da borracha foi uma determinação do exterior.

Como assinala Caio Prado Júnior<sup>262</sup>, cada uma das regiões desenvolvia a monocultura, de maneira isolada, e produzia quase que exclusivamente para exportação. O principal produto de exportação brasileira do período foi o café, vindo, a seguir, a borracha. A borracha representou, em

261 PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000. p.146.

262 PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.



média, 28% dos recursos de todas as exportações brasileiras no período. Em 1910, a produção da borracha atingiu 38.177 toneladas e divisas na ordem de 24.646.000 libras esterlinas, representando quase 40% das exportações brasileiras.

Apoiado pelo grupo dos Nery e dos Pedrosa, Pedro Alcântara Bacelar foi eleito governador do Amazonas, pelo período 1917-1920, e tomou posse contando com o apoio de forças federais<sup>263</sup>.

O declínio da economia gomífera, entre os anos 1920-40, por um lado, reduziu a pressão sobre as florestas e, por outro, isolou a região do contexto nacional e do capitalismo internacional, retornando à economia de subsistência, os produtos complementares à borracha passando a se constituir a base da economia regional.

Dessa forma, a extração de castanha, de ouro e a criação de gado bovino, concentradas principalmente no Pará, conheceram uma breve fase de expansão e atraíram as chamadas “frentes pioneiras agropecuárias e minerais<sup>264</sup>” vindas espontaneamente do Nordeste, a partir de 1920-30.

Os Nery<sup>265</sup> lançaram o juiz Luiz Nortinger Ferreira como candidato ao governo do Estado. Porém, boicotando a eleição e convencendo o presidente Epitácio Pessoa, Bacelar conseguiu fazer com que, sob proteção de tropas federais, dispostas desde o Palácio da Justiça até o Palácio Rio Negro, Rego Monteiro tomasse posse do governo do Estado.

A atividade mais importante no Amazonas continuava sendo a extrativa, agora com a castanha. Tal como a castanha fora produto complementar na época do “boom” da borracha, com o fim da economia gomífera, o garimpo, a pecuária e a agricultura passaram a completar a atividade extrativa de castanha, que se expandiu.

263 PONTES FILHO, Raimundo Ferreira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

264 OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

265 BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de biografias, vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.



Nos períodos de entressafras da castanha, o garimpo reativou-se mais intensamente. A pecuária concentrou-se na Ilha do Marajó a atendia basicamente aos mercados de Manaus e Belém. O cultivo de juta, arroz e pimenta por colonos japoneses, em escala comercial, fracassou. A pesca, a caça e a produção agrícola no período de 1920-40, constituíam-se em atividades da economia de subsistência.

Em 1924, em Manaus, o clima de inquietação e descontentamento com o governo de Rego Monteiro era geral. A população vivia sob uma aguda crise econômica, e o grupo oligárquico dominante impunha perseguições a opositores.

Surgido no seio das Forças Armadas, entre jovens da baixa e média oficialidade, o Tenentismo se estendeu de 1922 até 1934, opondo-se frontalmente ao sistema republicano vigente, que privilegiava apenas as oligarquias estaduais e fazia proliferar a corrupção e a violência política brasileiras.

O movimento de 1924, em Manaus, chegou ao final, com a prisão do tenente Ribeiro Júnior e seus companheiros militares e civis integrantes do movimento. Diversos segmentos da sociedade manauense ainda prestaram homenagem ao tenente deposto.

A partir do novo pacto entre as oligarquias, lançou-se uma candidatura visando impedir o retorno de Rego Monteiro e seu grupo ao poder, e que mantivesse os privilégios conquistados com a rebelião de 1924.

O nome escolhido e posteriormente eleito foi o do deputado estadual Efigênio Ferreira de Sales, natural de Minas Gerais, porém formado profissional e politicamente no Amazonas.

O governador Efigênio de Sales realizou obras e priorizou, sobretudo, a educação pública. Durante a sua administração grupos de estrangeiros foram beneficiados com concessões de terras. O seu mandato foi entre 1925 – 1929.

Sucedendo o governo de Efigênio Sales, toma posse o gaúcho Dorval Pires Porto. Chegando ao Amazonas em princípios do século XX, foi mediador e demarcador de terras para legitimar a posse dos seringais. Foi eleito para o período de 1929 – 1933.



Em virtude da “Revolução de 1930”, que levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil, o governador Dorval Porto foi deposto e, em seu lugar, assumiu Cordeiro Júnior, Francisco Pereira da Silva e José Alves Brasil.

A partir desse momento, o Amazonas e os demais estados brasileiros passaram a ser governados por interventores indicados diretamente pelo governo federal, em pacto com os grupos dominantes locais.

O presidente Getúlio Vargas convocou eleições em 1932. As eleições foram realizadas em 3 de maio de 1933. Getúlio Vargas foi eleito presidente pelo Congresso, exercendo constitucionalmente o governo até o golpe de 10 de novembro de 1937, quando se instaurou o chamado Estado Novo.

Durante a fase constitucional, entre 1934 e 1937, no Amazonas, foi eleito para o governo do Estado Álvaro Botelho Maia<sup>266</sup>, que representava o contraponto às antigas oligarquias que tinham dominado o poder e o cenário político em décadas anteriores. Nesse contexto, a vitória de Álvaro Maia representava o desejo de mudança na política local. Em 10 de abril de 1937, ele funda a Associação Amazonense de Imprensa.

A partir de 1940, a borracha voltaria a dominar a região amazônica, ainda que de modo muito breve.

Em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os Estados Unidos entram no grande conflito, e o Japão bloqueou o Oriente, passando a controlar as exportações dos países exportadores de borracha (Malásia, Ceilão, Indonésia e outros). Isso forçou os aliados a se voltarem para a antiga fonte de produção de borracha: a Amazônia.

Assim, em 1942, foi assinado o chamado Acordo de Washington<sup>267</sup>, proposto pelos Estados Unidos ao Brasil, visando empreender uma atuação conjunta que viabilizasse

---

266 Álvaro Botelho Maia – Nasceu no seringal, em Humaitá-Am, transferiu-se para Manaus ainda criança, e concluiu o faculdade de direito no Rio de Janeiro. Foi professor efetivo até 1930. Foi interventor de 1930 – 1931, e com o golpe de Getúlio Vargas manteve-se no poder até 1945.

267 Acordo de Washington – Em 1943, na capital norte-americana, formalizou-se a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através de convênios que passaram à história com o nome de Acordo de Washington. Um dos itens desse Acordo foi a exploração da borracha na Amazônia, junto com um programa de saúde e melhoramento das condições sanitárias da região. Esse acordo durou cinco anos.





o crescimento rápido da produção da goma nativa. Iniciou-se a Batalha da Borracha. Pelo Acordo de Washington contrataram-se, então, enormes contingentes para reativar a exploração do látex na Amazônia.

Estima-se que, entre 1942-1945, as necessidades projetadas para o tempo de guerra eram de 100 mil toneladas de borracha, que implicava na contratação de 100 mil seringueiros nordestinos<sup>268</sup>, os chamados “soldados da borracha”, para trabalhar nos seringais da região. Finalizada a guerra, o interesse americano e mundial pela borracha da Amazônia não tinha mais sentido. A região retornou ao isolamento e à economia de subsistência. Essa é uma das esquecidas frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial, onde morreram milhares de brasileiros nordestinos – os Soldados da Borracha.

Durante a Segunda Guerra Mundial, outros projetos foram iniciados, tendo em vista a recuperação da economia da borracha. Esse empreendimento envolveu até mesmo empresas estrangeiras, que foram agraciadas, por exemplo, com milhões de hectares de terra para o cultivo da seringueira na Amazônia. Pelo desconhecimento da especificidade do ecossistema amazônico, incompetência política e administrativa do governo brasileiro, e, mais uma vez, pela falta de investimento em pesquisa científica, os projetos tornaram-se inviáveis economicamente e foram abandonados pelas empresas, tão logo acabou o embargo ao fornecimento de borracha pelos países asiáticos, com o fim da guerra. O sucesso do cultivo da seringueira nos dias de hoje em São Paulo e no Mato Grosso confirmam essa interpretação.

Houve ainda a pretensão de Adolf Hitler (1889-1945) de ocupar o espaço vital amazônico, por força de seu delírio megaexpansionista e anti-semita, querendo levar para a Amazônia os contingentes humanos que não interessassem ao seu projeto. Felizmente ele perdeu a guerra<sup>269</sup>.

268 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo Editora Três, 1994.

269 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo Editora Três, 1994.



Dos “Acordos de Washington”, firmados entre o Brasil e os Estados Unidos, restou o Banco de Crédito da Borracha, que foi transformado, em 1950, no Banco de Crédito da Amazônia, objetivando ser também instrumento operacionalizador do Artigo 199, instituído pela Constituinte de 1946. Tal artigo determinava a aplicação de 3% da renda tributária anual da União, Estados e Municípios amazônicos no Plano de Valorização Econômica da Amazônia, nos vinte anos posteriores. Esse artigo foi regulamentado após sete anos, em 1953, e para efetivá-lo, o governo federal criou a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia - SPVEA, e nomeou como superintendente Arthur César Ferreira Reis, função que exerceu até 1955. Com o golpe militar de 64, foi nomeado interventor no Amazonas<sup>270</sup>.

Em 1950, Getúlio Vargas, em nível nacional, e Álvaro Maia, no Amazonas, retornaram ao poder por via eleitoral. Álvaro venceu o senador Severino Nunes e, em 1954, tentou a reeleição, disputando as eleições com o jovem Plínio Coelho. Todavia foi derrotado abrindo caminho para o populismo.

O Presidente Getúlio Vargas assinou em 29 de outubro de 1952 o Decreto N°. 31.672, que criou o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA.

Dois anos depois, em 20 de janeiro de 1954, o presidente Getúlio Vargas inaugurou as obras de ampliação do Aeroporto de Ponta Pelada.

A Lei Estadual N°. 98, de 16 de dezembro de 1956, criou o Banco do Estado do Amazonas S.A. – BEA.

Em 1958, o Governo Federal, através do Ministério dos Transportes, DNER, construiu a BR 010 – Rodovia Belém-Brasília, e em 1960, a BR 364, Rodovia Cuiabá - Porto Velho.

A partir dos anos 50, o populismo constituiu-se na principal característica da política brasileira. Foi gerado desde o advento da Revolução de 30 e operado como elemento consolidador da hegemonia da burguesia mercantil e industrial no campo político, contra a antiga

---

270 ROQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL – Amazonas, 1967.



política das oligarquias. O populismo promoveu a crescente incorporação das massas populares ao processo político sob tutela do Estado, cujo comando estava nas mãos de um líder carismático junto às massas.

No Amazonas, o primeiro político a incorporar tal modelo foi Plínio Ramos Coelho, vencendo as eleições de 1954. Até 1964, ano do golpe militar, Plínio revezou-se no governo do Estado com Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, apesar dos atritos surgidos entre ambos ao longo desses quase dez anos de convivência no governo. O golpe de 1964, contudo, afastou-o do governo, suspendendo seus direitos políticos por dez anos.

O golpe de 1964 impôs um final ao regime populista preponderante até então, desde meados de 1930, iniciando, assim, uma nova fase da história política brasileira.

No Amazonas, o governador eleito Plínio Ramos Coelho foi deposto, e a fase dos interventores retornou. Durante o período que vai de 1964 a 1982, foram designados para Manaus os seguintes nomes: Arthur César Ferreira Reis<sup>271</sup> (1964-1967), Danilo Duarte de Matos Areosa (1967-1970), João Valter de Andrade (1971-1974), Henoch da Silva Reis (1975-1978), José Bernardino Lindoso (1979-1981) e Paulo Pinto Nery (1982).

Após a revolução de 31 de março de 1964, assumiu o governo do Estado o Professor Arthur César Ferreira Reis. Nasceu em Manaus, advogado, sociólogo, administrador de empresas, historiador, levou para Manaus uma nova concepção de governo. Em pouco mais de dois anos a frente do executivo deixou um impressionante saldo de realizações e obras públicas em benefício da cidade e de todo o estado. Criou as Centrais Elétricas do Estado, levando energia para mais de 8 municípios amazonenses<sup>272</sup>.

Acabou com a Cidade Flutuante e, antecipando-se ao Plano de Habitação, construiu as primeiras casas

271 Arthur César Ferreira Reis – Nasceu em 08 de janeiro de 1906, em Manaus, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui relevante obra sobre História do Amazonas, Economia, Geografia e Sociologia.

272 ANDRADE, Moacir. MANAUS: Ruas, Varandas e Fachadas. Manaus: Humberto Calderaro, 1985.



populares, o Núcleo Habitacional do Estado do Amazonas, localizado no Bairro da Raiz, para abrigar a população da cidade flutuante com o apoio do Governo Federal, sem o qual não seria possível o saneamento. A cidade flutuante era defendida por alguns políticos da época, sendo o maior conglomerado humano conhecido no Amazonas. Ela já estava criando novos e graves problemas de natureza social e sanitária, alvo de reportagens fantásticas e de entrevistas em jornais brasileiros e estrangeiros, gerando assim, uma opinião pública negativa ao Amazonas, principalmente à sua capital, Manaus, para onde se dirigiam diariamente turistas de todo o mundo.

Arthur Reis foi o responsável pela implantação da Companhia de Telecomunicações do Amazonas, que dotou Manaus de um moderníssimo sistema de telefone e que ligou a capital a vários longínquos municípios.

Fez construir a estrada Manaus-Manacapuru, terminou a rodovia Manaus-Itacoatiara, que se arrasava por mais de 10 anos, e iniciou as obras de uma das mais importantes ligações rodoviárias do Amazonas, a estrada Manaus-Porto Velho, no Território Federal de Rondônia, hoje Estado de Rondônia.

O governador Arthur Reis foi também o responsável pela reformulação do sistema administrativo do Estado, com o auxílio de técnicos da Fundação Getúlio Vargas e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No campo da educação e cultura, o saldo foi dos mais positivos. Além de escolas primárias, construiu ginásios e criou as Coleções do Governo do Estado, a Pinacoteca Pública, tendo restaurado a Biblioteca Estadual<sup>273</sup>.

Finalmente foi Arthur Reis, juntamente com Arthur Amorim, na ocasião Secretário de Planejamento, que dotou Manaus de uma Zona Franca habilitada para o comércio e a indústria, que tantos e tão reais benefícios trouxe e vem trazendo a essa cidade em plena selva.

---

273 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro, 1967-1968.





Em 1966, já no governo militar de Castelo Branco, o Artigo 9º da Lei 5.173, de 21 de outubro, extinguiu a SPVEA e, em seu lugar, instituiu a SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, encarregada de coordenar a ação federal para desenvolver a região, agora, porém, por meio de concessão de incentivos fiscais, estabelecendo áreas de livre comércio, e da formulação e implantação de programas voltados para a ocupação e aproveitamento econômico da Amazônia.

### **3.2. – Evolução Urbana 1914-1967**

A cidade de Manaus nos anos 20 mostrava-se preocupada com a crise que atingia especialmente as finanças públicas. Não se observou preocupações com políticas públicas que dessem conta da expansão ou da estagnação da cidade. Aceitou-se simplesmente o curso dos acontecimentos como inevitável, o que garantiria a dimensão política à espacialização da cidade. Não se pode dizer também que se lhe deu tratamento técnico. Percebe-se que as políticas públicas foram de curtíssimo prazo, e procuravam a resolução de problemas da cidade e/ou pessoais, não se aplicando um plano capaz de solucionar problemas coletivos, ou capaz de pensar a cidade para o futuro próximo ou mais distante.

No final dos anos 40 e especialmente nos anos 50, seguindo os rumos da arquitetura moderna brasileira, a arquitetura de Manaus buscou ser “funcional e moderna”, principalmente naquelas representativas do Estado e de cunho social<sup>274</sup>.

A tendência foi seguida em outros setores da construção pública e privada, tais como bancos, escolas, empresas estatais, hospitais, correios e outros serviços nacionais e regionais. Esses rumos seguiam formas simples,

---

<sup>274</sup> COSTA, Graciete Guerra da. *Arquitetura Moderna de Manaus: Como a arquitetura moderna de Severiano Mário Porto incorporou práticas construtivas e atendeu aos condicionantes climáticos locais*. Anais do 1º Seminário DOCOMOMO – Norte/Nordeste, 8 a 11 de maio, 2006.



estrita modulação, forte definição formal, para assegurar uma modernidade compatível com o novo Estado.

Na arquitetura privada, edifícios ou residências, os aportes formais e as tecnologias recém-chegadas proveram o sustento básico do desenho funcional.

O aeroporto de Ponta Pelada, em Manaus, foi construído por Álvaro Vital Brazil<sup>275</sup> em 1944, hoje transformado em aeroporto militar sob a responsabilidade do Comando da Aeronáutica. A construção de novas pontes e a pavimentação de ruas foi necessária para atender à instalação de fábricas de beneficiamento de produtos extrativos, à construção da Refinaria de Manaus e, principalmente, à ampliação da rede viária, para possibilitar a introdução do transporte rodoviário coletivo e a circulação de automóveis.

Nos anos 50 a expansão da cidade ainda era insignificante<sup>276</sup>, embora tivessem ocorrido modificações da espacialidade por conta da construção do Aeroporto de Ponta Pelada e da Refinaria de Manaus, na parte sudeste da cidade, direcionando a ocupação para o Bairro de Educandos e adjacências. Até a década de 60, Manaus era uma cidade-balneário. Além do Balneário do Parque 10 de Novembro, da Praia da Ponta Negra, da Praia do Amarelinho, da Cachoeira do Rio Tarumã, todos os igarapés e a orla do Rio Negro eram utilizados para a realização de piqueniques, regatas, competições de natação e inúmeras festas fluviais.

Em 1965, o então governador Arthur César Ferreira Reis, preocupado com o futuro desenvolvimento de Manaus, contratou os arquitetos Luis Carlos Antony e Fernando Pereira Cunha para elaborarem o Plano Diretor da Cidade de Manaus.

---

275 DERENJI, Jussara da Silveira. In: **Modernismo na Amazônia**, Revista Projeto n. 192, p. 75.

276 OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Vater / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, p.149-151.



Posteriormente, houve mudança de governo, e o Governador Danilo de Mattos Areosa continuou seguindo a mesma linha de ação, compreendendo a necessidade da implantação do Plano Diretor.



**Ilustração 117.**

**Plano Diretor elaborado em 1965 por Luiz C. Antony & Fernando Pereira da Cunha. Manaus possuía 230.000 habitantes.**

Autor: Antony & Pereira da Cunha.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

Em 1966, já no governo militar de Castelo Branco, o Artigo 9º da Lei 5.173, de 21 de outubro, instituiu a SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, encarregada de coordenar a ação federal para desenvolver a região. Esse desenvolvimento foi planejado por meio de concessão de incentivos fiscais, estabelecendo áreas de livre comércio, e da formulação e implantação de programas voltados para a ocupação e aproveitamento econômico da Amazônia.



**Ilustração 118.**  
**Plano Diretor elaborado em 1967 por Luiz C. Antony & Fernando Pereira da Cunha.**  
Autor: Antony & Pereira da Cunha.  
Fonte: *Arquitetura Brasileira do Ano*, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

Dois aspectos são fundamentais para o entendimento da Arquitetura Moderna de Manaus. O primeiro é a ausência de profissionais engenheiros e arquitetos. Do ponto de vista da construção civil, poucos arquitetos ou engenheiros projetaram para Manaus no período da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes.

O segundo aspecto, de certa maneira relacionado ao primeiro, é a ausência de cursos de arquitetura em Manaus até a década de noventa. Até hoje não existe curso de arquitetura na Universidade Federal do Amazonas. Os cursos de arquitetura existentes em Manaus pertencem a faculdades particulares, com profissionais vindos de fora.

A ida de arquitetos formados pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro para outras cidades, estimulou a difusão da arquitetura moderna brasileira. Além de Álvaro Vital Brazil, sabe-se que pouquíssimos arquitetos passaram por Manaus. Hugo Segawa<sup>277</sup> os denominou *Peregrinos*,

<sup>277</sup> SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1999*. São Paulo, Edusp, 1997.





*Nômades e Migrantes*, em referência à disseminação apontada, a qual potencializa, assim, que a arquitetura brasileira assuma certa feição regionalizada.

O estudo do período revela que, em 1965, estabeleceu-se na cidade a firma Antony & Pereira da Cunha - Arquitetos Associados Ltda, diante da necessidade de elaborar um Plano Diretor para a cidade. Foram, também, de Antony & Pereira da Cunha, os projetos do Palácio da Cultura Lôbo d'Almada e a Sede do Departamento de Estradas e Rodagem.

Além desses profissionais, um reduzido grupo dominou o panorama construtivo até fins da década de sessenta. Esse grupo, com destaque para Cesar Oiticica<sup>278</sup>, que foi o primeiro diretor-presidente da COHAB-AM, compunha-se de Ivan Pimentel, Sergio Bernardes, que projetou o Hotel Tropical de Manaus, encomendado pela VARIG, Mário Emílio Ribeiro, e de Agesilau de Souza Araújo, que nasceu em Manaus, mas que se formou arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1966, e que mais tarde veio a projetar a Sede da Justiça Federal do Amazonas.

Em 1965, Manaus era uma cidade de 230.000 habitantes, que estava se organizando para receber a infraestrutura da Zona Franca. No governo de Eduardo Ribeiro, em 1884, tinha sido elaborado um pequeno plano urbanístico que culminou com as avenidas largas e bem traçadas.

Para elaborar um novo Plano Diretor, ainda em 1965, o então governador Arthur César Ferreira Reis contratou os arquitetos Luiz Carlos Antony e Fernando Pereira da Cunha.

Com a criação da Zona Franca de Manaus, a firma Antony & Pereira da Cunha – Arquitetos Ltda. modificou a conceituação inicial diante da necessidade de se criar um Distrito Industrial, cujos estudos econômicos ficaram a cargo do CNPI – Consórcio Nacional de Planejamento Integrado S. A., através de uma de suas componentes, a TECNOMETAL S. A. Segundo esse Plano Diretor, Manaus teria duas barragens

---

278 *Arquitetura Brasileira do Ano*, Rio de Janeiro, 1967-1968.



na boca dos Igarapés de Educandos e de São Raimundo. Dessa forma poder-se-ia ter uma avenida de ligação<sup>279</sup> este-oeste, marginal ao Rio Negro, dando outra feição ao Plano Viário.

Dentro desse mesmo Plano Viário, destacam-se a avenida de contorno e as de penetração ao centro da cidade.

As citadas barragens conteriam as águas dos igarapés em nível permanente, durante a cheia e a vazante, proporcionando aos manauenses dois belos lagos com suas margens urbanizadas com jardins e avenidas-parques.

Do ponto de vista habitacional, dois conjuntos foram projetados, um para o Governo do Estado, com 500 habitações, uma escola primária, um clube, lojas, mercado e um ambulatório; o outro conjunto habitacional foi projetado para o IPASE.

Outra sugestão era aquela que se referia à arborização da cidade: que fossem feitas praças com arborização, cada uma de um tipo de árvore, por exemplo: uma arborizada só com seringueiras, outra só com oitis, outra só de piquiás etc.

A idéia era que Manaus se transformasse numa cidade polinucleada, e seus vários centros de comércio, abastecimento, culto, diversão etc, fossem previstos para uma população de 800 mil habitantes.

No plano cultural, a cidade seria dotada de um Palácio Cultural, o Lôbo d'Almada, cuja construção seria financiada pelo BNH, sendo que o convênio tinha acabado de ser assinado. O Palácio congregaria a Secretaria de Turismo, o Museu do Índio, a Pinacoteca, a Numismática, um restaurante típico e um auditório.

Objetivamente, o Plano Diretor tem sido aplicado nos seguintes pontos:

*Plano Viário* - ruas e artérias estão sendo alargadas ou construídas, como é o caso do anel perimetral.

*Plano Cultural* - Promoveu-se a construção do Palácio da Cultura Lôbo d'Almada, que será financiada pelo BNH.

---

279 Essa avenida de ligação é a mesma que separou o Mercado Adolpho Lisboa do Rio Negro e chama-se Avenida Lourenço da Silva Braga. Ela faz parte do Projeto Manaus Moderna.



*Plano turístico* - Preparou-se o Centro de Convenções e o Parque 10. Este último dotado de piscina e área para prática de esportes, projeto do arquiteto Severiano Mário Porto. Outrossim, promoveu-se a ligação de Manaus, por vôos internacionais, com outros países.

*Plano Industrial* – Foi elaborado o Plano do Distrito Industrial.

*Plano Habitacional*- Iniciado no Governo Arthur Reis, com a criação da COHAB-AM, seu primeiro Presidente construiu e viu inaugurado o 1º Conjunto Habitacional financiado pelo BNH, em Manaus, o Conjunto de Flores, com 306 residências, bem como adquiriu o terreno para a construção do segundo conjunto habitacional, traçou o urbanismo e projetou as casas, aprovando os citados projetos no BNH, deixando ao seu sucessor a execução do futuro Conjunto do Parque 10 de Novembro. A administração da COHAB-AM foi a responsável pelo início das obras do Conjunto Parque 10 de Novembro, término do Conjunto da Raiz, extensão das atividades da Companhia de Habitação no interior do Estado, bem como pela execução do Conjunto do IPASE.

Em 1965, foi ainda elaborado o projeto do Bairro da Raiz, objetivando o atendimento do plano habitacional do Governo amazonense. A empresa contratada para o projeto foi Antony & Pereira da Cunha - Arquitetos Associados Ltda.

Os estudos se desenvolveram no sentido do aproveitamento máximo da área (84.647 m<sup>2</sup>) destinada a atender a aquele programa. Observou-se, inicialmente, que a área era pequena para o perfeito funcionamento de “uma unidade de vizinhança”, mas, tendo em vista a grande urgência do programa, apresentou-se a solução que, se não perfeita, mais se aproximou, proporcionalmente, de um bom planejamento urbanístico para a cidade, qual seja:

1º) Foi eliminada, totalmente, a penetração de veículos no interior do bairro, por se tratarem de unidades populares e tendo em vista as distâncias se apresentarem pequenas, fáceis de se percorrer a pé. Este procedimento, além de ser o mais correto para o programa, apresentou



as seguintes vantagens: gastou-se menos na área; mostrou-se mais econômico, pela eliminação de ruas, no lugar das quais surgiram alamedas para pedestres.

2º) As alamedas para pedestres serão arborizadas, obedecendo à orientação de um botânico da região, e terão como função o atendimento às residências, a ligação com áreas verdes e a localização para a instalação de esgotos puviais e de águas servidas.

3º) A locação das residências obedeceu à melhor orientação solar, procurando-se norte-sul, evitando-se leste-oeste.

4º) Adotou-se, para melhor ventilação das quadras, as casas geminadas duas-a-duas. Preteriu-se a solução de casas em série, pois, embora dando maior número de habitações, impediria a ventilação cruzada, permitindo-a somente na direção das alamedas, o que seria prejudicial aos moradores. Mais adiante, no projeto de arquitetura, pôde-se notar o cuidado que se teve para tornar as residências mais agradáveis, tendo em vista o clima amazônico – previu-se colchão-de-ar e ventilação cruzada no teto das habitações.

5º) As quadras se comunicam através das alamedas de pedestres com as áreas verdes, que se interligam em todo o planejamento, convergindo para o “plateau” (atualmente campo de futebol) onde será construído o Centro Comunal, em que ficarão congregados todos os serviços de uso comum: polícia, prefeitura, posto de saúde, creche, pombal, coreto, monumento, caixa d’água, igreja, lago, parques e escola primária.

6º) Em locais pré-estabelecidos, serão construídos o mercado, as lojas e os abrigos para atender à população (farmácias, sapatarias, barbearias, bares, alfaiatarias, enfim, locais de trabalho para fixação da população). O mercado será localizado na entrada do bairro no trajeto trabalho-domicílio, facilitando a compra e a carga-descarga dos gêneros, bem como o tráfego de caminhões.

As análises das relações sócio-espaciais explicitam as contradições resultantes da produção da cidade numa





sociedade desigual. Ao mesmo tempo, possibilitam aflorar a realidade menos discutida. Tomamos dois exemplos em que fica explícito o papel do Estado na configuração urbana da cidade de Manaus: a questão habitacional e a maneira como predomina a apropriação do solo urbano a partir de concessões por parte do poder público.

O problema habitacional do Amazonas, como aconteceu no resto do País, é um problema da Capital. Todas as condicionantes da vida moderna, bem como a cada vez maior procura da cidade, esvaziando o interior, faz com que, pouco a pouco, núcleos habitacionais em péssimas condições de vida se formem nas periferias ou em locais não ocupados e de fácil acesso das cidades. Manaus não fugiu à regra geral, e o caboclo amazônida, também, não deixou de se sentir atraído pelo convite da cidade e pela talvez fácil conquista de um lugar ao sol, na indústria, no comércio etc. Homem acostumado ao morar à beira dos rios, seu lugar preferido para montar seu tapiri foi, sem dúvida, as margens dos inúmeros igarapés que cortam Manaus. Ali se formaram verdadeiros núcleos, bairros sobre águas, e as palafitas proliferaram, até ganharem o grande rio, num aglomerado maior e trágico - a célebre cidade flutuante.

Foi durante o Governo do sociólogo Arthur César Ferreira Reis que se veio a iniciar um estudo em profundidade do problema habitacional e das condições sub-humanas das populações dos igarapés e cidade flutuante. Um levantamento sócio-econômico desta última foi levado a efeito por um grupo de estudantes de Sociologia, da PUC, e suas conclusões vieram a dar uma idéia da realidade daquele imenso núcleo - verdadeira cidade dentro de outra.

Com a extinção da cidade flutuante, levada a cabo por determinação e execução da Capitania dos Portos, viu-se o Governo do Estado com o grande problema de alojar e integrar definitivamente aquela população de 30.000 pessoas.

A solução partiu mais do sociólogo do que do governante - foi planejado o Bairro da Raiz, que viria a alojar todos aqueles ex-habitantes da cidade flutuante.



Antecipava-se, assim, o Governo Estadual, ao plano do BNH, que utilizava verbas federais. O Conjunto da Raiz, em linhas gerais, compreende: uma área total do terreno: 84.640 m<sup>2</sup>, uma área dos lotes: 98 m<sup>2</sup>, uma área construída de 140 unidades c/37 m<sup>2</sup> e 222 unidades com 45 m<sup>2</sup>.

Em 27 de junho de 1965, pela Lei 226, era criada, em regime de Economia Mista e tendo como maior acionista o Governo do Estado, com 51 % das ações, a Companhia de Habitação do Amazonas - COHAB-AM, que, constituída em 21 de setembro, começou a operar em 26 de outubro do mesmo ano, tendo sua primeira diretoria composta pelo arquiteto César Oiticica, Diretor-Presidente, Economista Nozor dos Santos Nascimento, Diretor-Financeiro, e Economista Vicente Pereira, Diretor Técnico.

Integrava-se, assim, o Amazonas, ao Plano Habitacional do Banco Nacional da Habitação, e a COHAB-AM, através de seus convênios com o BNH, carrega para o Amazonas uma boa soma de recursos do Governo Federal.

Os trabalhos iniciais da COHAB-AM desenvolveram-se cientificamente, partindo-se da pesquisa de áreas apropriadas, levantamento topográfico da área escolhida, terraplenagem do terreno, aprovação do projeto no BNH e início do que seria hoje o Bairro de Flores:

O terreno, atravessado por um igarapé natural, fica localizado num dos pontos mais agradáveis da cidade, na Estrada de Flores, próximo do centro, tendo sido sua localização um dos pontos determinantes de sua escolha, pois que se evita, assim, o problema de se deslocar para pontos distantes demais do local de trabalho (área total do terreno: 140.000 m<sup>2</sup>; área dos lotes: 120 m<sup>2</sup>; área de construção: 280 m<sup>2</sup>; e total das residências: 306 unidades habitacionais).

Concomitantemente à construção, o Setor Sócio-Econômico da COHAB-AM providenciava o levantamento das populações a serem transferidas para aquele conjunto, transferência esta que deveria estar adstrita às normas ditadas pelo BNH.



Num verdadeiro trabalho de equipe, desenvolvia-se a rotina da COHAB-AM, o que possibilitou a entrega, numa primeira fase, de 50 unidades, por ocasião do segundo aniversário do Governo Arthur Reis, e, posteriormente, a 30 de janeiro de 1967, último dia daquela gestão, eram inauguradas as restantes 265 residências do Bairro de Flores.

O urbanismo do Bairro de Flores visou à integração da arquitetura à natureza.

O mercado local, bem como a área de recreação, deixados projetados, ainda se encontram em fase de construção. Inaugurado, coube ao Estado ultimar toda a parte relativa a água, esgoto e luz, o que só foi concluído em junho de 1967, tendo sido entregue aos moradores em ato solene, que contou com a presença do Ministro do Interior, em 13 de julho de 1967, já na gestão Danilo Areosa, tendo como presidente da COHAB-AM o Maj.-Eng. José Ribamar.

A COHAB-AM elaborou um programa para cumprir até meados de 1968, que atinge a quantidade de 1797 unidades, sendo as restantes 363 unidades do Bairro da Raiz, agora sob a responsabilidade da COHAB-AM, e 1.303 unidades do novo conjunto residencial. O conjunto residencial, pode ser descrito da seguinte maneira:

Área total do terreno: 965.000 m<sup>2</sup>

Área dos lotes: 266 m<sup>2</sup>

Áreas de construção: com 28 m<sup>2</sup> = 417 unidades

com 37m<sup>2</sup> = 450 unidades

com 45 m<sup>2</sup> = 436 unidades

Total de residências: 1.303 unidades habitacionais

Seu urbanismo foi elaborado pelos arquitetos César Oiticica e Leon Manickchand, que também tiveram o cuidado de providenciar um levantamento climatológico da região, baseado em dados fornecidos pelos Serviços de Meteorologia dos Padres Salesianos e Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), o que muito contribuiu para a localização ideal das casas, obtendo-se o mínimo de insolação no interior das mesmas, levando-as ao máximo de conforto. As casas teriam



dois e três quartos, além de sala, cozinha e sanitários. Foi também projetado um sistema de esgotos que utiliza fossas biológicas individuais, e a distribuição de água potável será baseada em fonte própria, havendo, ainda, um reservatório elevado com capacidade aproximada de 250.000 litros.

O programa da COHAB-AM desenvolve-se, no momento, entre a capital e o interior do Estado. Na capital, sua ação envolve os já citados conjuntos do Parque 10 de Novembro e Bairro da Raiz, e no interior volta-se, inicialmente, para os municípios de Benjamim Constant, Itacoatiara, Parintins e Tabatinga.

A produção da moradia nos ajuda a compreender a paisagem que, sem querer abandonar toda a riqueza da morfologia urbana, expressa a aparência da cidade, tornando-se um fator importante no tecido urbano e no conteúdo demográfico da cidade.

Sobre a moradia em Manaus, José Ribamar Freire<sup>280</sup>, utilizando-se do Cadastro Predial de Manaus, publicado no Mesário Estatístico Nº 31, revela que, no período do pós-guerra, havia na cidade de Manaus um total de 10.358 casas, ou seja, 55,1% podiam ser consideradas casebres, estâncias, barracões e casas de taipa ou de madeira<sup>281</sup>. André Araújo sustenta que, no mesmo período, 60% eram de taipa nua, coberta de zinco ou de palha, de chão batido, localizadas em áreas insalubres próximas aos igarapés e sem infra-estrutura.

Na cidade de Manaus havia, na época, vários tipos de moradia: a casa de alvenaria, a casa de madeira, a casa de palha, a casa-palafita e a casa flutuante.

**A casa de alvenaria:** Um tipo habitacional comum no centro e nos bairros mais desenvolvidos de Manaus. Eram de um ou dois pavimentos, construídas em tijolo de oito furos, com reboco paulista, cobertas de telhas de barro

280 ABA - *Arquitetura Brasileira do Ano*, Rio de Janeiro, 1967-1968.

281 OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920 – 1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.





ou de amianto. Também era encontrada nos conjuntos habitacionais da classe média.



**Ilustração 119.**

**Casas em alvenaria no centro de Manaus**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**A casa de madeira:** É ainda hoje o tipo mais comum na região Amazônica, pela abundância de madeira na região. Essas casas tinham quase sempre um só pavimento, uma estrutura em madeira de lei (apenas o alicerce e os pilares eram de boa qualidade) com barrotes de 20 cm x 20 cm. As paredes eram em tábuas de madeira de 2ª classe, e a cobertura era em telhas de zinco, alumínio, ou telhas de amianto. O piso era elevado, em madeira. Essas casas eram situadas geralmente na periferia da cidade.



**Ilustração 120.**

**Casa de madeira é a casa típica do caboclo da Amazônia.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**A casa de palha:** A moradia típica do caboclo que mora na várzea, que o ampara através da abundância da natureza exuberante. É construída sobre uma estrutura de madeira açacu (madeira que resiste às cheias dos rios e dura entre 30 a 40 anos), coberta e cercada de palha. O piso era de madeira, se a casa fosse suspensa, e de barro batido, se estivesse em terra firme.

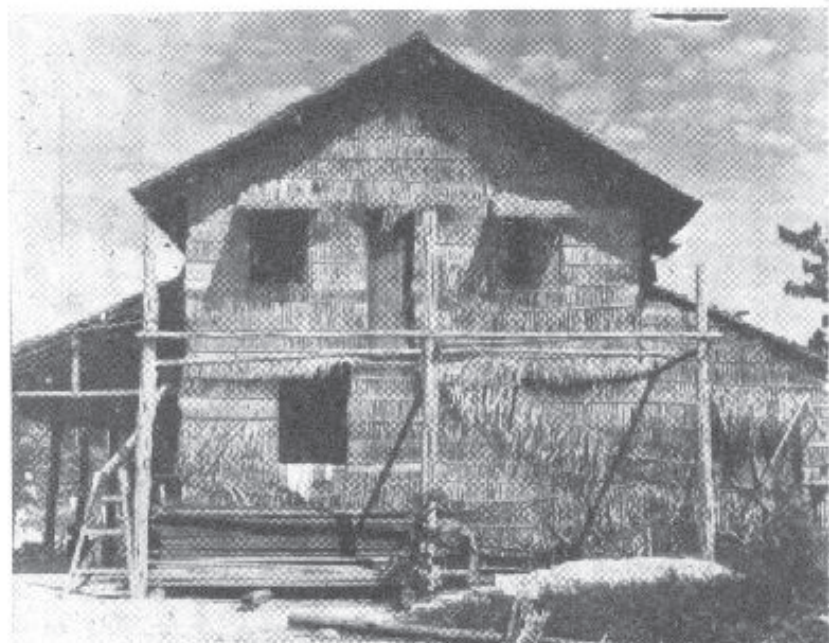
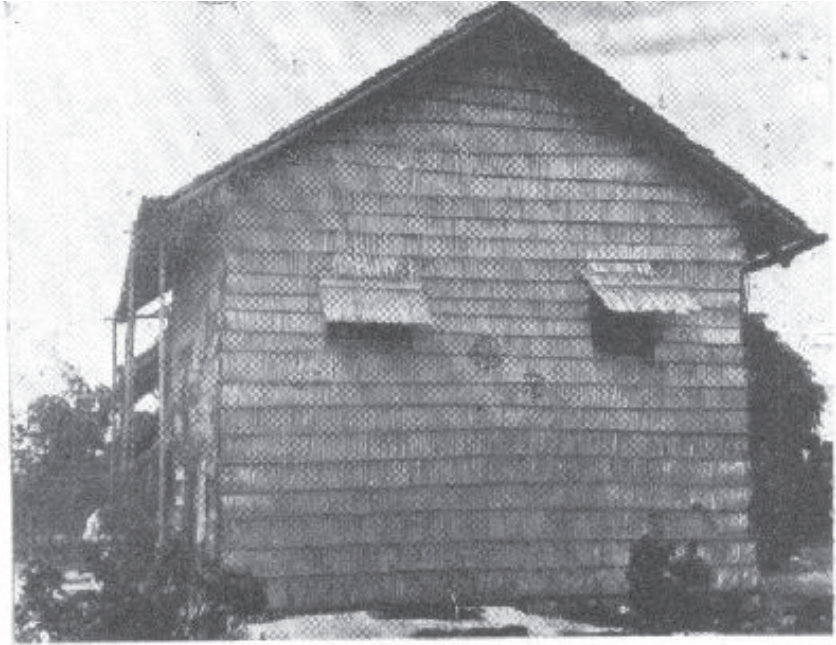


Ilustração 121.

Casa de Palha.

Autor: Arquivo da ABA.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.





**A casa-palafita:** É ainda hoje característica do vale amazônico; é construída de madeira sobre altas estacas de açacu, e se localizavam nas margens dos rios, lagos e igarapés. Essa casa é construída, ainda hoje, observando a altura em que o pássaro japiim faz o seu ninho<sup>282</sup>. As casas ficam normalmente a 40 cm ou 50 cm acima da cheia do rio.



**Ilustração 122.**

**Casa-palafita.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.



**Ilustração 123.**

**Casa-palafita.**

Autor: Arquivo da ABA.

Fonte: *Arquitetura Brasileira do Ano*, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

282 Japiim – É um pássaro típico da Região Amazônica, muito conhecido e observado pelos ribeirinhos, que faz o ninho a trinta centímetros acima da altura que o rio atingirá na próxima cheia.



**A casa flutuante:** A casa flutuante é uma casa de madeira construída sobre toras<sup>283</sup> de madeira, amarrada às margens dos rios, podendo ser deslocada de um lugar para outro. Tem área média de 45 m<sup>2</sup>. São casas de pouca altura, muito largas para melhor flutuação e equilíbrio. São sempre construídas de material muito leve, com três ou quatro metros de comprimento, no máximo;



**Ilustração 124. Casa Flutuante.**

Autor: Arquivo da ABA.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

As primeiras casas flutuantes surgidas em Manaus datam de 1920, eram de cearenses egressos dos seringais, que vinham pelo rio vendendo seus produtos e fazendo pequenos negócios. Essa casa possui um compartimento que é utilizado como um pequeno armazém de vendas a retalho, onde está a balança para pesar a carne de caça, o pirarucu, a balata, a borracha, o óleo de copaíba, o cacau, a sorva etc... trazidos pelos caboclos de partes distantes dos rios. No outro compartimento é depositada a mercadoria já adquirida. Um terceiro espaço, à guisa de dormitório, serve também como local para refeições e cozinha. Essa cozinha é sobre o parapeito de uma janela com uma tábua sobre a qual está localizado um fogareiro a carvão vegetal onde é feita a comida de uma só qualidade, geralmente peixe.

283 Tora: As casas flutuantes eram construídas sobre toras (troncos serrados em segmentos) de Ucuúba, Açacu, Paviúba, Envira, Imbuia ou Morototó: madeiras resistentes à água, de grande durabilidade, cerca de 40 anos. A Aquariquara chega a atingir 200 anos.





Todos os flutuantes, há algumas décadas, eram totalmente cobertos com palha de buçu<sup>284</sup>, que as tornavam mais leves<sup>285</sup>. Tinham inconvenientes – além de hospedar insetos variados e até cobras, de cinco em cinco anos tornava obrigatória a mudanças das palhas por outras novas. Hoje, quase todas as casas flutuantes são cobertas com folhas lisas de alumínio, que oferecem maior durabilidade e não atraem animais e insetos; entretanto, esse material as torna mais quentes.

Os flutuantes ancorados na foz dos rios, furos e paranás, são dotados de uma pequena varanda, cercada com forte parapeito de toras de aquariquara para servir de apoio às embarcações que neles aportam para realizarem negócios. Seus flutuadores têm um prolongamento de um metro e meio a dois metros para impedir a aproximação de embarcações à barraca, cujas paredes são construídas de louro de  $\frac{3}{4}$  de polegada de espessura.

Entre a grande variedade de madeira branca das várzeas, citam-se as espécies já estudadas, e que são as mais utilizadas pela população interiorana, e mesmo pela indústria de serrarias de Manaus: Ucuúba (virola), Paviúba (*iritea*), Envira (*teocona*), Caroba (jacarandá), Imbuia (*cecrópia*), Morototó (*didimopana*), sendo todas essas espécies muito comuns na foz de quase todos os rios da grande calha do Amazonas.

A partir da década de 50, todo o litoral da cidade estava tomado por mais de 3 mil casas flutuantes, todas construídas sobre toras de Ucuúba, Açacu, Paviúba, Envira, Imbuia ou Morototó, com uma média de 10 metros de comprimento e um diâmetro médio de 70 cm. Tinham três compartimentos de 3 m x 5 m e altura do pé direito de 2 m ou 2,5 m. A madeira utilizada no vigamento dos assoalhos era a Sucupira Preta (*Bowdichia hartiusii*), da família das

284 Buçu – Palmeira da família da *Manicaria saccifera*, usada em cobertura de todos os tipos devido à impermeabilidade e à durabilidade. As espadas, formadas de tecido flexível, são empregadas na confecção de bolsas e chapéus. Nomes populares: ubucú, bussu e grua.

285 LORENZI, Harri. SOUZA, Hermes Moreira de, COSTA, Judas Tadeu de Medeiros. CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de, FERREIRA, Evandro. **Palmeiras Brasileiras e Exóticas Cultivadas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2004.



leguminosas, com peso específico igual a 1,2. Essa madeira, de cor bem escura, quase preta, é usada na indústria naval por ser de grande resistência ao apodrecimento, e de grande durabilidade quando imersa na água; por isso a procura para a construção dessas casas<sup>286</sup>.

Todas as casas flutuantes são construídas dessa maneira; entretanto, algumas são mais largas e mais baixas para conseguir estabilidade na ocasião do banzeiro<sup>287</sup>, provocado pela passagem de grandes embarcações ou por temporais que sempre aparecem, principalmente nas transições do verão para o inverno.

Os proprietários das casas flutuantes tinham o cuidado especial de somente aplicarem materiais leves na sua construção, para obterem o máximo de flutuação e, conseqüentemente, poderem depositar mais carga, que era colocada sempre num ponto médio da casa para a permanência do equilíbrio. Algumas dessas moradias são dotadas de um prolongamento na sua parte posterior, onde a dona-de-casa lava sua roupa e dá banho nas crianças, que aproveitam para pular na água, usando o flutuador como trampolim. Na varanda da parte posterior da casa, um pequeno quadrado de mais ou menos um metro de lado, é utilizado pelos moradores para servir de banheiro e sanitário.

Elas se localizaram na frente da cidade, à margem esquerda do Rio Negro, abrangendo parte do bairro de Educandos, em frente ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa, estendendo-se até a foz do Igarapé de Educandos.

Segundo Salazar<sup>288</sup>, a origem da cidade flutuante está na crise de emprego e na falta de habitação em Manaus que, por seu turno, resultam do êxodo rural decorrente da estagnação do interior do Estado do Amazonas.

Estudando o surgimento da cidade flutuante, identificaram-se dois aspectos: o primeiro corresponde ao

286 LOUREIRO, Arthur Araújo. SILVA, Marlene Freitas da. **Catálogo das madeiras da Amazônia**. Vol. I e Vol. II, Belém-PA: Gráfica Falangola Editora Ltda., 1968.

287 Banzeiro – Sucessão de ondas provocadas pela passagem da pororoca ou de uma embarcação a vapor no rio, as quais quebram na praia com grande violência.

288 SALAZAR, João Pinheiro. **O abrigo dos deserdados**. São Paulo: USP, 1985. Texto da Dissertação de Mestrado.



resultado do êxodo rural e da falta de moradia na cidade de Manaus, tendo em vista que a população interiorana, quando chegava à capital, em busca de melhores condições de vida, não tinha recursos financeiros e nem onde morar; o segundo, não se constituindo uma questão cultural, vindo da relação do homem da Amazônia com a água, como encontrado em alguns relatos. A cidade flutuante representou uma alternativa mais barata de moradia àqueles que não tinham condições de habitar em terra.

Um outro aspecto relevante para o surgimento e a ampliação da cidade flutuante é que a água, ao contrário da terra, não se constitui propriedade privada, portanto, não foi, no sentido da moradia, mercadoria. O surgimento de moradias sobre a água fugiu à lógica da produção da moradia na perspectiva do capital. Na verdade, representou para a população um meio de diminuição de custos de moradia, visto que não havia necessidade de comprar o lote, nem pagar o IPTU, ou outro tipo de imposto relacionado ao lote.



**Ilustração 125.**

**Cidade Flutuante.**

Autor: Moacir Andrade

Fonte: ANDRADE, Moacir.  
Manaus: Ruas, Fachadas  
e Varandas. Manaus,  
Humberto Calderaro, 1985.



**Ilustração 126.**  
**Conjunto Habitacional da Raiz para onde foi levada a população da cidade flutuante.**

Autor: Arquivo da ABA.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

A cidade flutuante foi extinta pelo governador Arthur César Ferreira Reis, em 1965, porque não havia condições favoráveis à saúde, à segurança e ao bem-estar das pessoas. Todas as casas da cidade flutuante foram retiradas e destruídas pela Capitania dos Portos, que as considerava empecilhos à navegação. Os moradores foram transferidos para os Conjuntos Habitacionais de Flores e da Raiz, formando, assim, esses novos bairros, já mencionados anteriormente, que foram construídos com recursos do BNH – Banco Nacional da Habitação, pelo governo do Estado.

Na década de trinta foram construídos, pelo poder público municipal, na Praça da Saudade, à Rua Ferreira Pena, alguns sobrados para os funcionários municipais.

Em 1955 foi criado o DAER - Serviço Estadual de Construção de Casas Populares, iniciando-se, no ano seguinte, a construção de 40 apartamentos na Praça General Carneiro, no Bairro da Cachoeirinha, o Conjunto Kubtschek, destinado aos funcionários públicos, principalmente os lotados na CERA – Comissão de Estradas e Rodagem do Amazonas.

Na mesma década, outro fator relevante na conformação da morfologia urbana apareceu no mecanismo de domínio do aforamento de terras pelo poder público, que





se constituiu em vetor de expansão urbana, transformando a terra rural, antes pública, em latifúndios urbanos que se tornaram sítios, banhos, chácaras, nos arredores da cidade, transformando a terra em instrumento de especulação.

### **3.3. – Identificação do Patrimônio Local 1914-1967**

PARQUE 10 DE NOVEMBRO (p 1930 – c 1942)

AEROPORTO DE PONTA PELADA / BASE AÉREA DE MANAUS  
(p 1944)

HOTEL AMAZONAS

ESTÁDIO VIVALDO LIMA (p 1965)

PALÁCIO DA CULTURA LÔBO D'ALMADA - IDEAL CLUBE  
SECRETARIA DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO E  
COMISSÃO DE

DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO AMAZONAS —  
CODEAMA (p 1965)

SEDE DO DEPARTAMENTO DE ESTRADAS E RODAGEM.

POLÍCIA MILITAR NO AMAZONAS (p 1965)

HOTEL TROPICAL DE MANAUS

NACIONAL FUTEBOL CLUBE

ATLÉTICO RIO NEGRO CLUBE: NA PRAÇA DA SAUDADE

PRAÇA GENERAL OSÓRIO

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

COLÉGIO MILITAR DE MANAUS

HOSPITAL MILITAR

CINE ALCAZAR – CINE GUARANY (1907 – 1984)

CINEMA AVENIDA (1909, 1912, 1936 – 1973)



### 3.3 - Identificação do Patrimônio Local – 1914-1967

#### PARQUE 10 DE NOVEMBRO<sup>289</sup> (p 1930 – c 1942)

O Parque 10 fica localizado em uma antiga zona de turismo, também denominada zona dos clubes-de-campo, a 6 km do centro da cidade. Possui acesso pelas estradas do V-8 e do Mindú. Distância de cerca de 1000 metros dos dois conjuntos habitacionais mais populares de Manaus – o da COHAB-AM-Flôres, com 800 casas, e o COHAB-AM-Parque10 com 1000 casas.

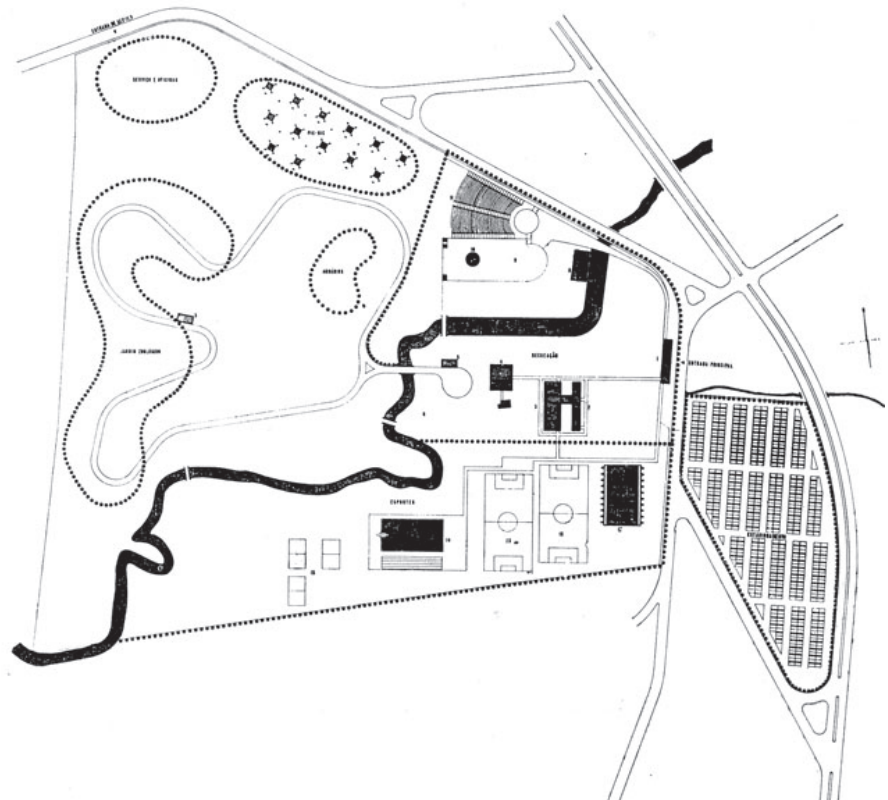


Ilustração 127.  
Projeto para Remodelação  
do Parque 10 de  
Novembro.

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.

A cidade de Manaus, pelas características que possui de uma comunidade encravada no meio da floresta e a margem de um dos maiores rios do mundo, cortada por dezenas de frondosos igarapés, possui o singular hábito dos “banhos<sup>290</sup>” de igarapé, herdado dos seus ancestrais

289 BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródromos e seqüências*. Manaus: Sergio Cardoso, 1969

290 Os banhos de igarapé faziam parte do hábito do Amazonense.



longínquos, talvez dos seus primitivos habitantes índios que têm o costume de banhar-se muitas vezes por dia nas águas dos igarapés das suas aldeias.

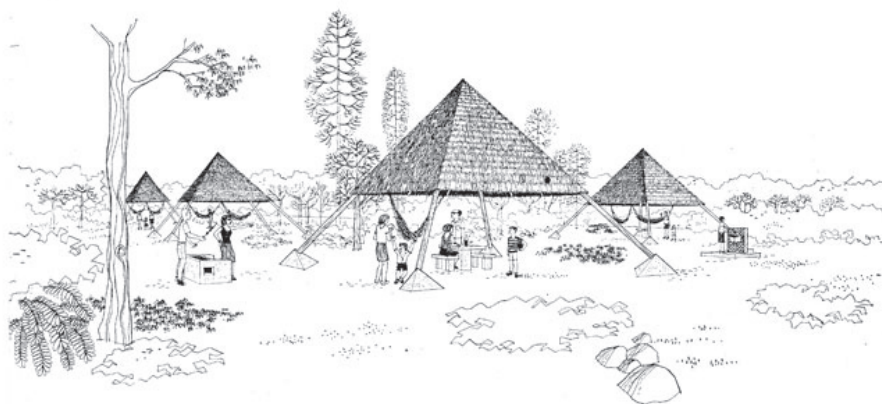


Ilustração 128.

Parque 10 de Novembro  
- Churrasqueiras.

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.

No fim da década de 1930, no Governo do Dr. Álvaro Maia, sendo Prefeito Municipal o Dr. Antônio Maia, planejou-se construir o Parque 10 de Novembro.

O Parque foi construído pela Prefeitura, no ano de 1942, destinado às atividades recreativas da cidade. Dispondo de uma grande área livre com um balneário e um bar, sendo o balneário o ponto mais importante, isto devido ao clima e a cultura do banho nas águas dos igarapés<sup>291</sup>, é um convite permanente. Nos fins de semana o Parque 10 é o local preferido de grande parte da população, por ser um dos poucos lugares públicos a oferecer as mínimas necessidades recreativas.

Para o projeto do Plano Diretor do Parque 10, o partido adotado compreendeu:

Recreio e Diversão: Constituindo melhoria das piscinas existentes; *playground*; 1 Bloco de restaurante com a modificação total do serviço de bar, pista de dança, instalação de sorveteria; construção de um caminho com trezinho, que deverá percorrer todo o zoológico, com duas estações de paradas intermediárias; Churrasqueiras para preparação de local para churrascos, peixadas, espetos, e outros, bem

291 Igarapés - [do tupi *iara'pé*, "caminho d'água".] São canais naturais, estreitos entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme.



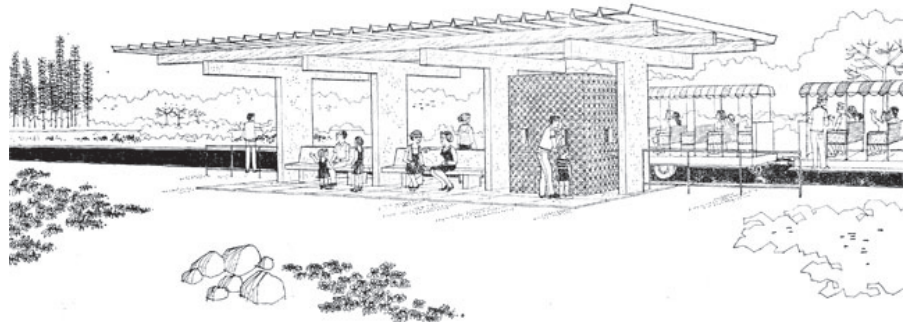
próximo às zonas destinadas a piquenique; quadras de esportes, natação e saltos, ginástica, quadras polivalentes para basquete, vôlei e futebol de salão, 2 campos de futebol; 1 anfiteatro ao ar livre; mudança e ampliação do zoológico; iluminação adequada para valorizar a beleza do local à noite; estacionamento para 600 veículos.

Ilustração 129.

Parque 10 de Novembro  
- Estações intermediárias  
do tremzinho.

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.



#### AEROPORTO DE PONTA PELADA / BASE AÉREA DE MANAUS (p 1944)

O Aeroporto de Ponta Pelada e a Base Aérea de Manaus situam-se aproximadamente a seis quilômetros a sudeste do centro da cidade. Esse conjunto limita-se ao norte com o Distrito Industrial, a oeste com os bairros de São Lázaro e Colônia Oliveira Machado, a leste com a Vila Buriti e ao sul com a margem esquerda do Rio Negro, no Bairro do Crespo.

Em 1944, o projeto completo, foi elaborado por Álvaro Vital Brazil, com todos os detalhes estruturais, cálculos, projetos de instalações hidráulicas e elétricas e saneamento da região. Foi idealizado levando em consideração as peculiaridades da Região Amazônica, o clima, a rapidez da execução e o aproveitamento dos materiais disponíveis na cidade.

Apenas o projeto do aeroporto foi executado. O da Base Aérea, devido a alterações no comando da aeronáutica foi totalmente modificado.

O projeto do aeroporto foi importante porque antes a capital amazonense só era acessada por via fluvial. As grandes distâncias existentes entre Manaus e as principais capitais brasileiras tornavam as viagens de navio extremamente demoradas, sem contar que alguns produtos perecíveis ficavam impedidos de serem transportados.





Para que se tenha uma idéia dessas distâncias uma viagem entre Manaus e Cruzeiro do Sul, cidade à oeste do estado do Acre, até hoje leva cerca de 30 dias para ser realizada de navio. Essas viagens variam também de acordo com a época do ano, ou seja, em função da cheia ou vazante dos rios. Outro fator a ser considerado é que os rios da Amazônia não correm em linha reta, aumentando ainda mais o percurso em função de seus inumeráveis meandros.

A implantação do Aeroporto de Ponta Pelada serviu para atender, inclusive, às possibilidades de pouso alternativo para aeronaves que faziam a rota dos Estados Unidos da América para o Brasil.

### HOTEL AMAZONAS

O Edifício do Hotel Amazonas fica localizado na Rua Miranda Leão, s/nº, em situação adjacente à Praça Tenreiro Aranha.



**Ilustração 130.**

**Hotel Amazonas.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.



O Prédio possui algumas características modernistas, com pilotis marcado por colunas redondas e pé direito duplo, e foi concebido para ser um hotel de grande porte.

No térreo funciona a EMANTUR – Empresa Amazonense de Turismo.

### ESTÁDIO VIVALDO LIMA (p 1965)

O Estádio Vivaldo Lima fica localizado no cruzamento da Avenida Constantino Nery com a Avenida Pedro Teixeira no Bairro de Flores. A localização estratégica do estádio a meio caminho de qualquer ponto da cidade se torna ainda mais eficaz com o acesso feito por amplas avenidas e serviço de transporte coletivo dimensionado para atender a população daquela área.

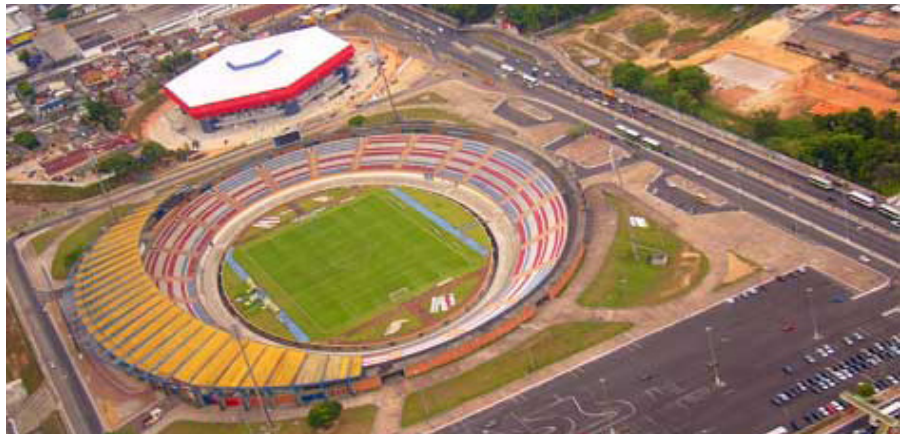


Ilustração 131.

#### Estádio Vivaldo Lima.

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



Ilustração 132.

#### Estádio Vivaldo Lima em dia de jogo.

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O Estádio Vivaldo Lima foi um dos primeiros projetos do arquiteto Severiano Mário Porto, quando ele ainda era recém-chegado a Manaus, em 1965<sup>292</sup>.

292 ZEIN, Ruth Verde. **Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto**. In: Revista Projeto Nº. 83, Janeiro 1986.



## PALÁCIO DA CULTURA LÔBO D'ALMADA (IDEAL CLUBE) (p 1965)

O Palácio da Cultura está localizado na Av. Eduardo Ribeiro, onde hoje se encontra o Ideal Clube, num terreno de pequena área. O Ideal Clube, inicialmente foi fundado na rua Dr. Moreira, depois transferido para a Rua Henrique Martins, e finalmente, para a Avenida Eduardo Ribeiro.

O Governo do Amazonas, seguindo a ação dinâmica do Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, inclui no seu Plano de Ação várias obras de inestimável valor cultural. Esse projeto foi contratado também com Antony & Pereira Da Cunha - Arquitetos Associados Ltda.

Faltava à cidade de Manaus um centro cultural que pudesse estimular o forte desejo de sua população em difundir seu interesse pela cultura. Foi dada a incumbência de projetar um edifício que pudesse abrigar várias instituições de cultura: Museu do Índio, Pinacoteca, Escultura, Numismática, exposições itinerantes, aulas de pintura e escultura e a sede do Departamento de Turismo<sup>293</sup>.

Devido aos pequenos recursos do Estado não se poderia prever a construção de um Museu isolado da sede do Departamento de Turismo. Por esta razão, tornou-se imprescindível uma solução que desse a flexibilidade necessária para o atendimento do programa-projeto. O terreno indicado situa-se na Avenida Eduardo Ribeiro, principal artéria de vivência da cidade. Como os autores do Plano Diretor da cidade, já haviam previsto a necessidade de edificar um centro de cultura no final da avenida; todavia, o terreno proposto, atualmente uma praça, seria obra muito onerosa para uma ação a curto prazo. Ficou estabelecido que primeiro seria erguido o Museu Lôbo d'Almada.

O acesso ao pilotis foi feito por escadaria em granito. A entrada da sala de projeções do clube cultural ficou ao lado da caixa da escada nobre. Na esplanada do pilotis foi localizada uma escultura; à direita estão os dois cilindros em

---

293 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro, 1967-1968.



tijolo aparente, alternados, que encerram as salas do clube cultural. À esquerda, o hall nobre, os elevadores, escada e sala de exposições itinerantes.

Os acessos verticais estão no terço do bloco, tendo à esquerda, no primeiro pavimento, as áreas destinadas às funções menores do programa: Diretor do Museu, Sede do Departamento de Turismo. À direita, ocupando dois terços restantes do prédio, foi localizado o Museu do Índio. O salão tem pé direito útil de 4,50 m, com áreas vazadas no piso e teto.

No 2º pavimento, à esquerda, o salão de exposições da Coleção Numismática do Estado. As moedas serão expostas em placas de blindex, em sanduíche. A disposição foi vertical e horizontal, de acordo com estudos que seriam feitos posteriormente. À direita dos acessos verticais foi localizado o salão de pintura e escultura, sendo que as varandas e terraços serão usados para exposição de esculturas ao ar livre.

Consta do programa fornecido pelo DEPRO um restaurante, que situou-se no último andar, pois daí se descortina uma vista panorâmica do Teatro Amazonas. No último andar também existem peças de escultura e o salão de aulas de desenho.

As pequenas dimensões do terreno e o gabarito prefixado pelos contratantes exigiram que a distribuição das áreas para as diversas funções fosse a mais compacta possível.

Foi previsto no Plano Diretor a área vizinha ao Museu para, a médio prazo, ser desapropriada para a construção do Centro Cívico da cidade, ficando o prédio Lôbo d'Almada com funções exclusivamente de Museu.

SECRETARIA DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO E  
COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO  
AMAZONAS — CODEAMA (p 1965)

O terreno destinado ao projeto pertencia ao Estado e ocupava posição central em relação à cidade, sendo, por isso mesmo, de dimensões limitadas, correspondendo, pra-





ticamente, à forma geral de construção. Foi contratada, em 1965, a equipe de arquitetos Cesar Oiticica & Ivan Pimentel Arquitetos Associados.

O programa estabelecido compreendia os escritórios da Secretaria de Coordenação e Planejamento e da CODEAMA, assim como uma sala de reuniões e uma biblioteca, comuns aos dois organismos.

Deve-se frisar que a colocação destes dois órgãos em um mesmo prédio atendia a uma necessidade administrativa fundamental, já que a CODEAMA era um órgão de assessoramento da Secretaria.

Segundo entendimentos iniciais, a arquitetura deveria atender ao funcionamento exato das atividades a serem exercidas, isto é, sem permitir superdimensionamento de áreas, tendo em vista o aspecto econômico, considerado como muito importante. No entanto, o prédio, como sede de Secretaria de Estado, deveria apresentar características nobres e principalmente, um profundo sentido de adaptação à Região e ao seu clima especial.

Ficou determinado, de início, que não haveria condicionamento de ar, sendo, portanto, necessário proteção absoluta contra o clima da região. Esta foi, de resto, a preocupação fundamental do projeto e a determinante do partido adotado.

Assim, a arquitetura procurou cercar os espaços úteis de varandas, visando total aeração e a proteção das fachadas da radiação solar. Utilizou-se, na extremidade externa da varanda, elemento pendurado, em veneziana, atuando como “brise-soleil”. Projetou-se todos os elementos de fachada em veneziana. Evitou-se em todo o projeto o emprego do vidro.

Apesar da grande quantidade de madeira utilizada, os acabamentos e detalhes de execução foram bastante simples, objetivando sempre a redução do custo da obra e tendo em vista as dificuldades particulares de construção em Manaus. Pode-se dizer que, apesar da existência de certos materiais alienígenas (telhado em canaleta de fibro-



cimento, por exemplo), mantêve-se o propósito inicial de projetar para a região.

O emprego desses materiais (importados para o Estado) justifica-se pela inexistência local de materiais que satisfaçam às necessidades fundamentais do projeto (no caso do telhado, exemplo citado, qualquer material de cobertura teria que ser importado).

O projeto procurou<sup>294</sup>, por outro lado, fornecer um sistema perfeito e moderno de instalação elétrica, proposição esta dificultada pela versatilidade permitida na distribuição dos compartimentos de escritório.

Visando adaptar, ao máximo, o prédio ao terreno, o bloco correspondente à sala de reuniões e biblioteca ficou em nível mais baixo, sendo a ligação feita por rampas.

Pretendeu-se uma unidade de espaços e de tratamentos, diferenciando, porém, os setores do público daqueles correspondentes aos escritórios. A sala de reuniões e a biblioteca foram isoladas do corpo do prédio, procurando-se definir suas atuações especiais.

#### POLÍCIA MILITAR NO AMAZONAS (p 1965)

O Complexo da Polícia Militar no Amazonas fica situado na esquina da Rua Benjamim Constant com a Rua Aristides Rocha, s/nº.

Em 1965, o projeto do 1º Batalhão Polícia Militar foi contratado com o arquiteto Severiano Mario Porto.

Seu efetivo inicial de 74 homens, em 1876, foi-se multiplicando até atingir 1.400 policiais militares, em 1964.

Manaus, repentinamente alçada à situação de Capital da Zona Franca, não tinha qualquer infra-estrutura para responder àquela responsabilidade.

Foi em 1965 que o Brasil acordou para o problema, que já nesta altura se apresentava como uma nítida opção – ocupá-la por brasileiros ou perdê-la para a ávida cobiça das

---

294 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro, 1967-1968.



nações pressionadas por problemas demográficos. E coube ao professor Arthur César Ferreira Reis, chamar a atenção do País para este fato.

O Governo, em 1965, e o anterior desencadearam, então, uma série de medidas - entre as quais a criação da SUDAM e da Zona Franca de Manaus - que representavam uma primeira atitude séria e uma iniciativa arrojada para a integração do Norte primitivo ao Centro-Sul desenvolvido. Pela primeira vez a Amazônia sentiu-se alvo das atenções nacionais, o que lhe trouxe um novo estímulo para enfrentar os enormes problemas que a região apresenta, que não são exclusivamente amazônicos, mas, sim, conseqüências do subdesenvolvimento e do vazio demográfico e econômico levados a um perigoso extremo pela despreocupação nacional de séculos.

E este novo alento integrou, numa mesma ação, os Governos federal e estadual, união esta consubstanciada no Primeiro Plano Quinquenal da SUDAM - Superintendência Para o Desenvolvimento da Amazônia.

O projeto então, foi concebido para atender o aumento do efetivo atual para 5.000 homens, em 5 anos, na medida que o orçamento fosse comportando este acréscimo.

Conceituou-se a Segurança Pública como “investimento de infra-estrutura. Se a área estadual não possuía atividade econômica relevante, investir significava ativar a economia, pois é fator normativo para o desenvolvimento econômico que se espera em decorrência dos incentivos federais.”

Norteados por tal raciocínio, o arquiteto e sua equipe planejaram a criação de um Batalhão para o interior do Estado, com oito (8) Companhias sediadas em cada “capital de zona fisiográfica”, segundo as define o IBGE. Estas Companhias, então, destacariam elementos para os municípios-satélites, demais integrantes da zona fisiográfica.

Para a realização deste plano necessitava-se, no entanto, da base física indispensável, ou seja, de quartéis e instalações afins.

Coube ainda à PMEA em Manaus, a operação dos Departamentos Estaduais de Transporte (fluvial e rodo-



viário) e de Comunicações (rede rádio oficial do Estado) num serviço de integração estadual de justificativas óbvias, particularmente se soubermos que nada existe ainda neste gênero, num Estado em que as distâncias se medem em muitas centenas de quilômetros, e que há cidades que distam de Manaus 1.800 km em caminho reto ou 30 dias de viagem, em embarcações fluviais que contornam os intermináveis meandros dos rios amazônicos.

Nesta área, a pecuária, a agricultura e a industrialização de produtos extrativos darão à PME A os meios necessários para que, juntamente com a venda reembolsável destes e de outros produtos, se torne cada vez menos onerosa aos cofres do Estado, fazendo com que aquele caro aparelhamento policial, que poderia se manter durante algum tempo, ou mesmo indefinidamente, na expectativa de uma perturbação da ordem pública, deixasse de ser uma capacidade parcialmente ociosa e fosse empregado em ações úteis à comunidade.

#### TROPICAL HOTEL MANAUS (p 1966)

O Hotel Tropical de Manaus fica localizado à margem esquerda do Rio Negro, na Praia da Ponta Negra, distante 13 km a oeste do centro da cidade.



**Ilustração 133.**  
**Tropical Hotel Manaus ou**  
**Hotel Tropical.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Ele é o quarto hotel implantado pelo Departamento de Turismo da administração do governador Arthur César Ferreira Reis quando iniciou um processo de preparação de infra-estrutura amazense, de modo a permitir a implantação de uma indústria de turismo em termos altamente rentáveis<sup>295</sup>.



**Ilustração 134.**  
**Tropical Hotel Manaus ou**  
**Hotel Tropical.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O Hotel Tropical foi projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes, em 1966, construído pela REALTUR do grupo VARIG<sup>296</sup>.

O Amazonas sempre foi uma das regiões a despertar maior interesse entre europeus e norte-americanos. Tradicionalmente, o turista inglês visita a Amazônia brasileira, e, especialmente, a cidade de Manaus, aonde chega em busca de um mundo exótico e desconhecido.

A administração amazonense, por intermédio do Departamento de Turismo e Promoção, deu prosseguimento ao plano original, que permitiu a ligação de Manaus aos Estados Unidos, pela VARIG, o que já vinha sendo feito pela Avianca, a mais antiga companhia de aviação da América do Sul.

295 ABA - *Arquitetura Brasileira do Ano*, Rio de Janeiro, 1967-1968.

296 Informações extraídas do Site da PMM - Prefeitura Municipal de Manaus [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.



**Ilustração 135.**  
**Tropical Hotel Manaus,**  
**ancoradouro de barcos de**  
**turismo.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



O problema de hospedagem foi longamente estudado pelo DEPRO - Departamento de Turismo e Promoção do Estado do Amazonas- e as facilidades foram oferecidas aos hoteleiros que desejassem construir novos hotéis no Estado. A legislação da SUDAM, EMBRATUR, SUFRAMA e outros órgãos federais, concedendo facilidades fiscais, em muito influenciou na decisão dos empresários, e, naquele momento, existiam quatro hotéis projetados para Manaus. Um deles pertence ao Grupo Serrador, do Rio de Janeiro; outro foi projetado pela HORSA, o terceiro por um grupo brasileiro-norte-americano, e que se chamará Amazon Jungle, e o quarto o Tropic Hotel da VARIG.

**Ilustração 136.**  
**Tropical Hotel Manaus**  
**ou Hotel Tropical, vista**  
**aérea.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).





Ilustração 137.

Tropical Hotel Manaus ou  
Hotel Tropical, vista ao  
fundo da Praia da Ponta  
Negra.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

É o complexo hoteleiro que contém a mais adequada infra-estrutura da capital amazonense. Possui várias categorias de apartamentos para hospedagem, 5 piscinas, sendo a maior delas de ondas com cascata, 4 restaurantes de cozinha regional e internacional, vários bares, salas e estar, jardins de inverno com pássaros da região, galeria de comércio com produtos da Zona Franca e outras de produtos regionais e artesanato. Possui ainda zoológico e orquidário, além de trilhas em mata fechada com guia, para excursões na selva; vários barcos para passeios no Rio Negro e Encontro das Águas e aviões para passeios mais rápidos e em locais de maior distância.



NACIONAL FUTEBOL CLUBE: Rua Saldanha Marinho Nº.  
516.

ATLÉTICO RIO NEGRO CLUBE: Na Praça da Saudade

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

PRAÇA GENERAL OSÓRIO

COLÉGIO MILITAR DE MANAUS

HOSPITAL MILITAR

CINE ALCAZAR – CINE GUARANY (1907 – 1984): Na Praça  
Heliodoro Balbi.

CINEMA AVENIDA (1909, 1912, 1936 – 1973): Avenida  
Eduardo Ribeiro.









## Lenda da Vitória-Régia

*Com a tentativa de tocá-lo, a índia subiu numa árvore alta. Porém, não obteve sucesso.*

*Na noite seguinte, ela decidiu subir na mais alta cachoeira para poder sentir com suas mãos a maciez do rosto de seu amor, mas novamente foi em vão, pois quanto mais alto ela subia, mais a lua se distanciava de seus delicados dedos. Muito desapontada, Iracema resolveu voltar a sua aldeia.*

*Na noite seguinte, esperando realizar seu sonho, ela tomou o caminho do rio para rever Jaci, quando percebeu sua luz refletida no espelho das águas. A bela índia se aproximou da margem do rio e ficou hipnotizada com o que viu: a lua, imensa, resplandecente.*

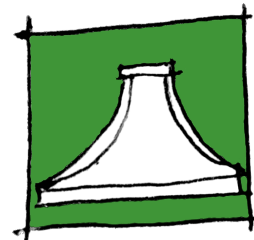
*Com sua inocência, a bela índia pensou que a lua tinha vindo se banhar no rio e esperar por sua visita. Então, Iracema mergulhou nas profundezas das águas desaparecendo para sempre.*

*A lua, sentindo-se culpada ao ver aquela jovem vida perdida, a transformou em uma flor gigante - a Vitória-Régia - com um inebriante perfume e pétalas que se abrem nas águas para receber em toda sua superfície a luz da lua.*









## CAPÍTULO IV

### 4º Período, 1967-1990

O presente capítulo objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com a história econômica mais recente do Amazonas, que após o apogeu da borracha, caracteriza-se pelo advento da Zona Franca de Manaus - ZFM.

O modelo ZFM é o responsável pela inserção da economia do Estado no sistema capitalista internacional, e, por conseguinte, também pelos benefícios promovidos no Estado, e por certos impactos provocados na região. Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local. Período em que se nota o aparecimento de uma nova arquitetura.

Ilustração 139.

Sede da SUFRAMA  
- Superintendência  
da Zona Franca de  
Manaus. Projeto do  
arquiteto Severiano  
Mário Porto, em 1971.

Autor: Autor: Arq.  
Severiano Mário Porto.

Fonte: BENCHIMOL,  
Samuel. **Zona  
Franca de Manaus:  
A conquista da  
maioridade**. São Paulo:  
Sver & Boccato, 1989.





#### 4.1 – Aspectos Históricos e Econômicos 1967-1990

A partir de 1967 a Zona Franca de Manaus foi criada pelo Decreto-lei Nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, como uma área de livre comércio de importação, exportação e de incentivos fiscais especiais. Foi estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário, dotado de condições econômicas que permitissem seu desenvolvimento em face dos fatores locais e de grande distância em que se encontram os centros consumidores de seus produtos<sup>297</sup>.



Ilustração 140.

##### Distrito Industrial

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O prazo para duração da Zona Franca de Manaus, inicialmente, foi fixado em 30 anos, e depois prorrogado por mais 25 anos, na forma do Artigo 40 das Disposições Transitórias, da Constituição Federal, promulgada em 05 de outubro de 1988.

Segundo o Prof. Samuel Benchimol<sup>298</sup>, a Zona Franca de Manaus foi fundada numa filosofia e política fiscal de

297 BENCHIMOL, Samuel. *Zona Franca de Manaus: a conquista da maioria*. São Paulo: Sver & Boccato, 1989, p. 9.

298 BENCHIMOL, Samuel. *Zona Franca de Manaus: a conquista da maioria*. São Paulo: Sver & Boccato, 1989, p. 9.



livre iniciativa de economia de mercado, desativada e libertada das inibições burocratizantes e estatais desestimuladoras. Ela conseguiu atrair, nas duas primeiras décadas de seu funcionamento, um considerável número de empresários e empreendedores de todo o país e do exterior.

Foi estabelecida com uma área de 10.000 Km<sup>2</sup>, na qual seria implantado um Distrito Agropecuário, com a infraestrutura capaz de lhe proporcionar um desenvolvimento contínuo e seguro, e um centro comercial dotado de uma legislação que lhe garantisse incentivos fiscais e atraísse capitais. Nessa mesma época foi criada a Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, entidade autárquica, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, autonomia administrativa e financeira, com sede e foro na cidade de Manaus, com a responsabilidade administrativa de todas as instalações da Zona Franca e a incumbência de disciplinar o seu livre comércio e instalações de indústrias no seu Distrito Industrial<sup>299</sup>.

**Ilustração 141.**  
SUFRAMA - Sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus.  
Autor: Arq. Severiano Mário Porto.  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



A área da Zona Franca originalmente tinha comprimento máximo contínuo na margem esquerda dos rios Negro e Amazonas, de uma linha de 50 km a jusante e 70 km a montante da cidade de Manaus, nas proximidades do porto, considerado nela integrada<sup>300</sup>.

Políticos dos Estados do Acre, Rondônia e Roraima, conseguiram que os benefícios da Lei Nº. 288/67 fossem estendidos a toda a área chamada Amazônia Ocidental,

299 ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, p.85.

300 Informações extraídas do Site da Superintendência da Zona Franca de Manaus-SUFRAMA [www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br) em 15/08/2006.



que engloba os Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

Mesmo depois de criada e estruturada a Zona Franca de Manaus, os esforços para sua implementação continuaram; interesses diversos contrários ao Estado do Amazonas e de seu desenvolvimento lutaram dentro e fora do Congresso Nacional para revogar a lei que a criara ou tentar modificá-la, enfraquecendo os seus objetivos fundamentais<sup>301</sup>.

Apenas no setor industrial, que passou a liderar o processo econômico, estavam implantadas, até 1990, 354 empresas de grande e médio portes produzindo bens finais, e 47 fabricando bens intermediários e componentes, que geraram, em 1987, 76.931 empregos diretos, sendo 71.111 em Manaus e 5.820 no interior da Amazônia Ocidental<sup>302</sup>.

Em termos de criação de emprego, o maior setor foi o do pólo eletrônico, com uma mão-de-obra de 37.827 operários, seguido do pólo madeireiro, com 8.172; do pólo de duas rodas (motocicletas, ciclomotores) e material de transporte, com 4.352; têxtil, com 3.941; produtos termoplásticos, com 3.489; pólo relojoeiro com 3.403; metalúrgico, com 1832; mecânico, com 1488; cutelaria, escrita e acendedores, com 1366, e outros<sup>303</sup>.

A Zona Franca industrial gerou um faturamento, em dólares equivalentes, a US\$ 2,682 bilhões em 1985; US\$ 4,300 bilhões em 1986; e US\$ 2,479 bilhões, de janeiro até agosto de 1987.

Nesses anos de operação do modelo, a Zona Franca de Manaus, pelas suas peculiaridades próprias, tem respondido positivamente a essa política fiscal, pois não somente contribuiu para a geração de um enorme contingente de empregos diretos e indiretos, como também alavancou o processo de expansão, desenvolvimento e modernização da cidade.

301 ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Humberto Calderaro, 1985, 85-87.

302 Anuário Estatístico da SUFRAMA, 1990.

303 BENCHIMOL, Samuel. *Zona Franca de Manaus: a conquista da maioria*. São Paulo: Sver & Boccato, 1989.



A economia regional e nacional foi, assim, amplamente favorecida pelo surgimento dos pólos industrial e comercial de Manaus, tanto do ponto de vista cambial, quanto do interesse de interiorização do desenvolvimento nacional.

A partir da década de 1970, quando se inicia o deslocamento das primeiras indústrias para compor o Distrito Industrial de Manaus, observa-se logo em seguida o crescimento da cidade e o aparecimento de uma nova arquitetura.

A arquiteta e historiadora Sylvia Ficher, provavelmente, foi a primeira a fazer referência sobre a Arquitetura Moderna de Manaus no livro *Arquitetura Moderna Brasileira*<sup>304</sup>, em 1982. Em seu relato, concretizado no capítulo “Região Norte: Manaus”, ela reconhece as especificidades da arquitetura local, chama a atenção para os aspectos climáticos da Região Amazônica, e trata particularmente da obra de Severiano Mário Porto.

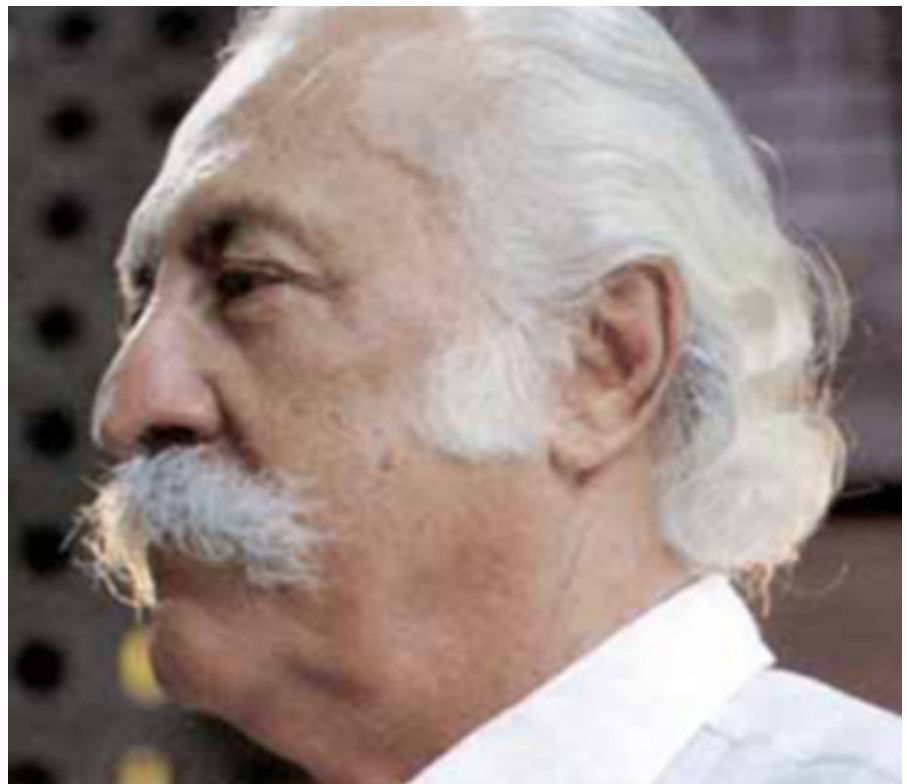


Ilustração 142.  
Foto do Arq. Severiano  
Mário Porto.  
Fonte: [www.google.com](http://www.google.com)

304 FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura Moderna Brasileira*. Projeto Editores Associados Ltda., São Paulo, 1982.





Em texto publicado em 1986, o arquiteto chileno Enrique Browne<sup>305</sup> constata que a consagração internacional costuma preceder o reconhecimento em sua própria região, citando principalmente Oscar Niemeyer e Luis Barragán. Embora a modernidade não possa ser dissolvida ou esquecida apenas pelo desejo da mera novidade, precisa necessariamente ser compreendida de maneira mais abrangente do que vem sendo feito. Severiano Mário Porto, como muitos outros arquitetos latino-americanos, insere-se no que Browne denomina a “outra modernidade”, percorrendo caminhos alternativos que não deixam de ser tributários da herança moderna<sup>306</sup>.

Para Browne, a arquitetura latino-americana tem-se desenvolvido numa permanente tensão entre “espírito de época” e “espírito de lugar” – simplificada, entre o desejo de estar ao dia e a vontade de pertencer a um ambiente.

Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto nasceu em Uberlândia, e com cinco anos mudou-se para o Rio de Janeiro. Começou a trabalhar ainda na faculdade, como desenhista em uma construtora. Formou-se na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, em 1954. Foi para Manaus em 1965, e durante um bom tempo ficou na “ponte aérea”, um mês em Manaus, um mês no Rio. Em Manaus havia pouquíssimos profissionais e logo Severiano construiu casa e fixou residência. O projeto da residência do arquiteto rendeu-lhe a IX Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro, ano 1971.

Premiado na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, em 1985, mais divulgado por suas obras empregando materiais e madeiras da Região Amazônica, Severiano trilha, desse modo, um caminho próprio; afastado dos modernistas pioneiros, opera uma modernidade que lhe é peculiar, com uma produção variada e abrangente: Estádio Vivaldo Lima (1965), Restaurante Chapéu de Palha (1967),

305 BROWNE, Enrique. *Un Doble Espiritu en la Arquitectura Contemporânea de la América Latina*, ensaio correspondente a um capítulo do livro do mesmo autor, acerca da Arquitetura Latino-americana, 1986.

306 ZEIN, Ruth Verde. *Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto*, In: Revista Projeto N.º. 83, 1986.



Estudo para Remodelação do Parque 10 de Novembro (1967), Sede Administrativa da PORTOBRÁS (1969), Campus da Universidade do Amazonas (1970-1980), Residência do Arquiteto (1971 - IX Premiação Anual do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro), Sede da SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus (1971 - XII Premiação Anual do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro), Sede da Secretaria de Produção do Estado do Amazonas (1972), Reservatórios Elevados da COSAMA - Companhia de Saneamento do Amazonas (1972), Agência da VARIG (1972), Edifício-sede do BASA - Banco da Amazônia S. A. (1973), Residência Roberto Schuster (1978), Ambulatório Médico do IPASEA – Instituto de Previdência e Aposentadoria do Estado do Amazonas (1979), sede da TELAMAZON - Telefônica de Manaus (1979), Centros de Apoio Operacional, Centrais Telefônicas no interior do Estado do Amazonas, Clube do Trabalhador – SESI-AM (1980), Vila Olímpica de Manaus (1980), Pousada na Ilha de Silves (1979-1983), Centro Integrado de Saúde da Santa Casa de Misericórdia de Manaus (1983).

A arquitetura de Severiano Mário Porto pertence à tradição brasileira de adaptação de postulados modernos ao sítio físico, clima, materiais e ao jeito brasileiro. Severiano integra a geração de arquitetos que vivenciou de perto o início do processo de difusão do modernismo na arquitetura brasileira<sup>307</sup>. Quando optou por trabalhar em Manaus, construiu uma arquitetura própria, a um só tempo moderna, regional e contemporânea. Na Amazônia, o acompanhamento da obra é muito difícil, e também o transporte dos materiais necessários, pois nos locais o máximo que se tem são pequenas olarias, o demais vem de barco de Manaus, demorando meses. Todas as distâncias são muito grandes.

Por esse tipo de problema, pela necessidade de aproveitar ao máximo os recursos materiais locais, em

307 Revista PROJETO N.º 83 pg. 44 Texto de Ruth Verde Zein, Silvia Penteadó e Denise Yamashiro, 1986.



vez de trazê-los de longas distâncias, é que Severiano Porto foi desenvolvendo a arquitetura “amazônica” que lhe é peculiar. “Não foi um processo deliberado, mas um comportamento natural decorrente das possibilidades e das necessidades da região”.

O modernismo que Severiano pratica não se encerra numa forma<sup>308</sup>, nem na leitura tecnologicamente correta, mas de um contemporâneo que inclui todos os tempos possíveis e vividos no tempo em que se vive. Seu universo é abrangente, envolve fatores de natureza tecnológica, cultural e também econômica. Suas implicações envolvem interações complexas e completas, refletindo a própria vida humana. Esse conjunto constitui uma síntese marcada na conformação arquitetônica, muitas vezes, relativamente inabordável em palavras. A linguagem arquitetônica de Severiano é determinada por fatores identificados com a natureza tectônica (como toda arquitetura), voltada para resolução da adaptação do contexto material (terreno, clima, materiais disponíveis e outros.), mas tomados no espectro amplo de questões e ponderados pela propriedade das suas circunstanciais possibilidades. Em conjunto, esses fatores compõem um quadro, que seria regional? Ecológico? E diante do qual opera, como meios de resolução de requisitos de natureza social.

O fato de se ter relatado o trabalho do arquiteto Severiano Mário Porto, especificamente neste capítulo, deve-se ao grande número de obras que ele projetou e que acabou por caracterizar esse período estudado.

Houve também, em Manaus, a diminuição da dependência tecnológica externa, por intermédio da criação de centros e laboratórios de pesquisa e experimentação, pela implantação de novos cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Instituto Tecnológico da Amazônia - ITAM, e de cursos de pós-graduação no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - INPA, bem como de

---

308 HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. *Entre o Regional e o Moderno*, In: Revista AU Nº. 130, Janeiro de 2005.



novas escolas técnicas de mineração e informática, para capacitação e qualificação de mão-de-obra de alto nível<sup>309</sup>.

As possibilidades de expansão da economia da Amazônia Ocidental crescem sempre na medida em que a ciência, a tecnologia e o conhecimento dos recursos naturais e outros se ampliam, fazendo aumentar as opções e oportunidades da população.



Ilustração 143.

Sede da 1a.  
Superintendência  
Regional do IPHAN.

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

309 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. *AMAZÔNIA TERRA VERDE: Sonho da Humanidade*. São Paulo: Editora Três, 1994.





Em 1987, foi criada em Manaus a sede da 1ª Diretoria Regional do Patrimônio Histórico, hoje 1ª Delegacia Regional do IPHAN, inicialmente implantada, em 1979, em Belém. As ações de preservação de bens imateriais e do patrimônio arqueológico da região foram privilegiadas<sup>310</sup>. Duas equipes de especialistas das áreas de arqueologia e de educação patrimonial visitaram 11 municípios da região do Médio Amazonas, alvo de freqüente tráfico de material arqueológico. Realizaram trabalhos de localização geo-referenciada e cadastro de sítios arqueológicos, participando de reuniões com autoridades governamentais e não-governamentais, e prestando esclarecimentos às populações locais.

O prefeito Manoel Ribeiro teve o seu mandato interrompido em 6 de julho de 1988, quando o governador Amazonino Mendes decretou intervenção no município de Manaus, e retomou o poder em 5 de dezembro do mesmo ano. Alfredo Nascimento foi o interventor municipal nomeado por Amazonino Mendes.

Desta vez, o país e a Amazônia, graças aos esforços da Petrobras e aos novos instrumentos de sensoriamento remoto, radamgrafia, geofísica, geo-sísmica e geologia, conseguiram detectar grandes reservas de gás natural e condensado, e grandes concentrações de petróleo, em várias localidades próximas a Manaus.

#### **4.2 - Evolução Urbana 1967-1990**

Com a criação da Zona Franca de Manaus, a firma Antony & Pereira da Cunha – Arquitetos Associados que foi contratada, em 1965, para elaborar o Plano Diretor, modificou a conceituação inicial do plano, diante da necessidade de se criar um Distrito Industrial. Os estudos econômicos desse plano ficaram a cargo do CNPI – Consórcio Nacional de Planejamento Integrado S. A., através de uma de suas componentes, a TECNOMETAL S.A.<sup>311</sup>.

310 Dados colhidos pela autora junto à 1ª Delegacia Regional do IPHAN, com sede em Manaus.

311 *Aba, Arquitetura Brasileira do Ano / Rio de Janeiro, GB/1967-1968.*



**Ilustração 144.**  
**Vista aérea da cidade.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O Distrito Industrial de Manaus, localizado à leste da cidade, tem como limites: ao norte o Bairro do Japiim; ao sul o Aeroporto de Ponta Pelada (Base Aérea de Manaus), áreas do Comando da Aeronáutica, Comando da Flotilha do Amazonas onde fica a Vila Buriti (Vilas Militares da Aeronáutica e Marinha); à oeste o Bairro da Betânia; e à oeste Estação de Tratamento de Água do Mauzinho, CEASA e Bairro Armando Mendes<sup>312</sup>.

<sup>312</sup> Informações extraídas da Planta da Cidade de Manaus. Geograf Didática Ltda. Osasco – SP, 2004.



Em 28 de fevereiro de 1967, o Presidente Castelo Branco, reformulou a Zona Franca de Manaus em bases mais concretas, num raio de 10.000 km<sup>2</sup> com centro industrial<sup>313</sup> e outro agropecuário, dotados de condições econômicas que permitissem o desenvolvimento da região, em razão do isolamento econômico a que a Amazônia estava sujeita à época.



**Ilustração 145.**

**Vista aérea da Avenida  
Manaus Moderna que  
liga o Porto ao Distrito  
Industrial.**

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do  
Jornal A CRÍTICA, em 24 de  
agosto de 2006.

313 Página da internet pesquisada em 07/9/2006. [www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br).



Segundo esta reformulação do Plano Diretor, a cidade teria duas barragens, construídas pelo DNOCS, na boca dos Igarapés de Educandos e São Raimundo. Dessa forma poder-se-ia ter uma avenida de ligação leste-oeste, marginal do Rio Negro<sup>314</sup>, permitindo assim que as mercadorias chegadas no porto pudessem ser levadas diretamente ao Distrito Industrial sem ter que passar pelo Centro da cidade.

Toda a região amazônica, embora fraca de densidade populacional, é ocupada pelo caboclo, o homem brasileiro, e foi observando esse caboclo que, segundo Severiano, aprendeu a fazer a arquitetura regional. O homem da região está muito bem adaptado em seu meio, sabe viver e dali extrair sua condição, alimento e moradia.

Na evolução urbana de Manaus notou-se que parte dos espaços verdes da cidade foi preservada até os meados dos anos 1970, quando as praças passaram a ser retalhadas e reduzidas, em função de novas necessidades urbanas, levando a interpretar esse fato como mais um sintoma do brusco crescimento e da falta de estrutura para novas situações que surgiam.

Executaram-se mudanças radicais na fisionomia urbanística da cidade, e as reformas urbanas promovidas pelo prefeito Jorge Teixeira arrasaram alguns espaços, reduzindo sensivelmente as áreas das praças da cidade, descaracterizando algumas e reduzindo ou eliminando outras, sem deixar qualquer vestígio; algumas, talvez, tivessem que ser redimensionadas em função das novas necessidades de circulação; questiona-se, entretanto, a validade dessas medidas, que algumas vezes transformaram praças em estacionamentos, feiras e outros usos, sacrificando a animação urbana em função de uma programação mecanicista de uso de espaços tradicionais, ignorando sua história social.

---

314 Esta avenida é conhecida como a Avenida Manaus-Moderna que alterou o entorno do Mercado Adolpho Lisboa, por passar entre o mercado e o Rio Negro. Na verdade, no Plano Diretor, essa avenida contornava o mercado pela Rua dos Barés, deixando o mercado em contato direto com o Rio Negro. Entretanto, conforme estudos *in loco* da autora, um grande aterro foi feito no rio para comportar a Avenida Manaus-Moderna.





### **4.3. – Identificação do Patrimônio Local 1967-1990**

RESTAURANTE CHAPÉU DE PALHA (1967)

SEDE ADMINISTRATIVA DA PORTOBRÁS (1969)

CAMPUS DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS (1970-1980)

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO (1971)

SEDE DA SUFRAMA

Superintendência da Zona Franca de Manaus (1971)

SECRETARIA DE AGRICULTURA DO ESTADO DO AMAZONAS  
(1972)

RESERVATÓRIOS ELEVADOS DA COSAMA

Companhia de Saneamento do Amazonas (1972)

AGÊNCIA DA VARIG (1972)

SEDE DO BASA - Banco da Amazônia S.A. (1973-1974)

PRÉDIO DO IMEC (1976)

Arq. David Rodney Lionel Pennington

CONJUNTO DO INPA

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1976-  
1983)

Arq. David Rodney Lionel Pennington

CONJUNTOS HABITACIONAIS DE HABITAÇÃO COLETIVA  
(1977)

Arq. Ivanete Cintra Machado.

EDIFÍCIO-SEDE DA JUSTIÇA FEDERAL (1978)

Arq. Agesilau Souza de Araújo

PROJETO PADRÃO PARA JARDINS DE INFÂNCIA (1979-  
1980)

Arq. Edunyra Assef

EDIFÍCIO-SEDE DA TELAMAZON

Companhia Telefônica de Manaus (1979)

Arq. Severiano Mário Porto.

AMBULATÓRIO DO IPASEA

Instituto de Previdência e Aposentadoria (1979)

Arq. Severiano Mário Porto.

CLUBE DO TRABALHADOR SESI-AM (1980)

Arq. Severiano Mário Porto.

VILA OLÍMPICA DE MANAUS (1980)



- CONJUNTO HABITACIONAL PARQUE DO AYAPUÁ (1981)  
Arq. Mario Alvise Tedesco
- CONJUNTO HABITACIONAL DO IPASEA (1981)  
Arq. Mario Alvise Tedesco
- CONJUNTO HABITACIONAL ACARIQUARA (1981)  
Arq. Mario Alvise Tedesco
- CONJUNTO HABITACIONAL DOS JORNALISTAS (1981)  
Arq. Mario Alvise Tedesco
- RESTAURAÇÃO E REFORMA DO MUSEU DA CIDADE DE  
MANAUS (1982)  
Arq. Edunyra Assef.
- CONJUNTO PAULO VI NO ALEIXO (1982-1983)  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- CONJUNTO SOL NASCENTE NO ALEIXO (1982-1983)  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- CONJUNTO SAMPAIO MONTEIRO NO PARQUE 10 (1982-  
1983)  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- AGENCIA DO BEA  
Banco do Estado do Amazonas (1982-1983)  
na Rua Guilherme Moreira:  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- ESCOLA NO BAIRRO DA GLÓRIA (1982-1983)  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- CENTRO COMUNITÁRIO DO CONJUNTO HILÉIA (1982-  
1983)  
Arq. José Henriques Bento Rodrigues
- CENTRO DE ATENDIMENTO DO IPASEA (1983)  
Arq. Regina Maria Lopes Pereira Lobato e  
Arq/Urb Graciete Guerra da Costa
- COZINHAS POPULARES (1983)  
Arq. Marçal Lemos Pereira
- RESIDÊNCIA DO SR. RUY BENZECRY  
Arq. Roger de Souza Abraham
- RESIDÊNCIA DO SR. HAROLDO FURTADO  
Arq. Roger de Souza Abraham
- AGENCIA DO BEA



Banco do Estado do Amazonas (1984) no Parque 10:

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

REFORMULAÇÃO DE DIVERSAS PRAÇAS DE MANAUS  
(1984)

José Carlos Bonetti

FEIRA DO BAGAÇO (1984)

Bairro da Compensa: Arq. Lauro Yoshimura



### **4.3 - Identificação do Patrimônio Local (1967 – 1990)**

#### RESTAURANTE CHAPÉU DE PALHA (p 1967)

O Restaurante Chapéu de Palha foi um projeto elaborado para resultar em uma obra de rápida execução, baixo custo e com materiais típicos da Região Amazônica. Esses materiais eram predominantemente a madeira e a palha.

O restaurante se localiza no tranqüilo bairro de Adrianópolis, de cota ligeiramente mais elevada que o centro da cidade, de clima privilegiado e fora do centro urbano.

Os materiais utilizados nas fundações foram sapatas aparentes de concreto, com uma estrutura de postes de aquariquara, madeira característica da região muito utilizada no posteamento da rede elétrica, antes do surgimento dos postes de concreto. As paredes externas foram executadas em tijolo aparente, e o piso em tijolo recozido. O acabamento final era em verniz. A cobertura como o próprio nome já caracteriza é de palha de palmeiras da região e o forro com outro tipo de palha trançada<sup>315</sup>.

Severiano especificou até alguns detalhes na decoração e procurou desenvolver a mesma linguagem, dentro do mesmo espírito do restaurante, com a utilização de cadeiras de vime, abajours em forma de chapéu de palha e outros detalhes.

#### ZOOLÓGICO DO SIGS – CENTRO DE INSTRUÇÃO GUERRA NA SELVA (c 1967)

O Zoológico do SIGS, como é conhecido, fica localizado na Avenida São Jorge, s/nº, no Bairro de São Jorge.

O zoológico foi construído em 1967 com o objetivo inicial de fornecer informações sobre a fauna amazônica para os alunos do Curso de Operações na Selva, do Exército.

Mantido pelo Exército Brasileiro, o zoológico possui em uma área de 30 mil metros quadrados, instalações especialmente projetadas para os 300 animais da região, de 73 espécies diferentes.

---

315 ABA. ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO/ Rio de Janeiro, GB/ 1967-1968.





**Ilustração 146.**  
**Zoológico do CIGS.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

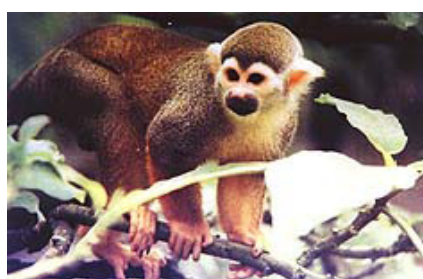
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 147.**  
**Zoológico do CIGS.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 148.**  
**Zoológico do CIGS. Alguns  
animais**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



O projeto consiste em grandes viveiros de telas para os pássaros, tanques em alvenaria para os répteis e jaulas em alvenaria com grades e portões de ferro para os felinos.

O Zoológico do Cigs transformou-se em importante referência em conhecimento e pesquisa. Além de palestras teórico-práticas relativas à questão da preservação do meio ambiente e da fauna amazônica, o zoológico também investe na recuperação de animais para devolução ao seu habitat natural.

Onças, suçuaranas, jaguatiricas, gatos-mouriscos, macacos de diversas espécies, jibóias, sucuris, jacarés-açu, veados, araras e gaviões reais são algumas das espécies encontradas no Zoológico do CIGS – Centro de Instrução de Guerra na Selva. As maiores atrações são uma sucuri de seis metros, as onças pintadas, os maiores predadores da América Latina, e a pantera negra (onça de pêlo todo negro).

#### SEDE ADMINISTRATIVA DA PORTOBRÁS (p 1969)

A Sede Administrativa da Portobrás faz parte integrante de um conjunto projetado para atender a todas as necessidades do antigo DNPVN – Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, tanto na parte administrativa e de serviços quanto na criação de facilidades para seus funcionários.



**Ilustração 149.**

**Sede Administrativa da  
PORTOBRÁS, à beira do  
Rio Negro.**

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: CJ ARQUITETURA  
N.20 - AMAZÔNIA, 1978.



Esse conjunto se localiza na Estrada da Ponta Negra às margens do Rio Negro e o bloco da sede se localiza exatamente na ponta do terreno que avança para o Rio Negro, que devido aos desníveis que ocorrem entre as cheias e as vazantes, permite as embarcações atracarem em torno da sede ou que então surjam praias que serão utilizadas pelos usuários do conjunto.

Para realçar a beleza do sítio da Sede Administrativa da Portobrás, e explorar a beleza do Rio Negro, uma ponta circundou o edifício com um muro de pedra visível apenas na baixa estação e onde as embarcações atracam nas épocas de cheia. O edifício circular em concreto aparente e os muros de arrimo executados em pedra de tom avermelhado, própria da região. As esquadrias são de madeira envernizada com vernizes nas fachadas externa e interna, permitindo uma ampla ventilação cruzada.

O partido se desenvolve em torno de um amplo pátio central e possui dois anéis de circulação: um interno entre o pátio e os escritórios e o outro externo junto ao muro de arrimo. Graças à posição das aberturas que permitem canalizar as brisas do rio, foi possível dispensar o uso do ar condicionado.

Internamente numa faixa central temos uma canaleta corrida que permite localizar ou agrupar instalações sanitárias em qualquer sala. O pátio interno é arborizado, o que ameniza a insolação.

#### CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS<sup>316</sup> - (p 1970-1980)

A doação de uma área verde com dimensão de aproximadamente 700 hectares, situada na Avenida Rodrigo Otávio, s/nº, no Bairro Coroado, nas proximidades do Distrito Industrial, zona leste da cidade, pelo Governo do Estado, ensejou o início da construção do Campus Universitário, projetado pelo arquiteto Severiano Mário Porto, e que ostenta premiação nacional.

---

316 CJ ARQUITETURA Nº. 20 – AMAZÔNIA, pg. 27, 1978.





Ilustração 150.

**Campus da Universidade  
Federal do Amazonas**

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: BRITO, Rosa  
Mendonça de. **Da Escola  
Universitária Livre de  
Manáos à Universidade  
Federal do Amazonas,**  
Manaus: EDUA, 2004.

A Fundação Universidade do Amazonas (1962). Sucessora legítima da Escola Universitária Livre de Manáos, aos poucos, foi se consolidando e ampliando sua estrutura, que funcionavam em prédios isolados, espalhados pelo centro da cidade.

As diretrizes iniciais partiram do estudo de toda a área do *campus*, à procura de um local que pudesse propiciar a construção de um tipo de arquitetura adequada ao clima e ao emprego de pouco equipamento de ar-condicionado.

Em toda a área encontram-se dois platôs em cotas bem elevadas, o primeiro já utilizado em sua totalidade com as instalações da área de educação física, onde se situam as instalações provisórias que abrigam parte das unidades da universidade, chamada *mini-campus*. O segundo escolhido para o projeto, situa-se praticamente no centro geográfico da área, cercado de nascentes em suas bases e envolvido por uma densa vegetação tropical.

Ilustração 151.

**Campus da Universidade  
Federal do Amazonas**

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: BRITO, Rosa  
Mendonça de. **Da Escola  
Universitária Livre de  
Manáos à Universidade  
Federal do Amazonas,**  
Manaus: EDUA, 2004.







O projeto, iniciado em 1973, agrupa todas as diversas unidades, institutos, laboratórios de ensino e pesquisa, biblioteca, administração, e outros. O partido adotado foi de um sistema de malhas, modulado, intercalado por jardins e áreas verdes, e ainda unidades administrativas, biblioteca, reitoria, aula magna, restaurante, centro comunitário, que possibilitasse flexibilidade de adaptações e acréscimos constantes, devido principalmente ao crescimento dinâmico que ocorre nas universidades.

As circulações de pedestres foram projetadas como uma rede de interligação de todo o *campus* universitário, suporte estrutural do projeto, e que, percorrendo toda a área construída, converge para os equipamentos gerais e complementares, como a biblioteca central, a reitoria, aula magna e centro comunitário, de uso mais intenso e comum a toda a população universitária.

A rede de veículos foi traçada perifericamente ao conjunto construído, adaptando-se o mais possível às curvas do terreno e distribuindo os carros em zonas de estacionamento. Esse estacionamento atende com bastante proximidade toda a universidade, contando para isso somente com ramificações essenciais ao seu funcionamento, de forma a liberar o mais possível o platô para as atividades universitárias, e alimentando a partir dessas zonas estratégicas, a malha de circulação de pedestres, integradora de todo o *campus* universitário.

## RESIDÊNCIA DO ARQUITETO SEVERIANO MÁRIO PORTO – (p 1971)

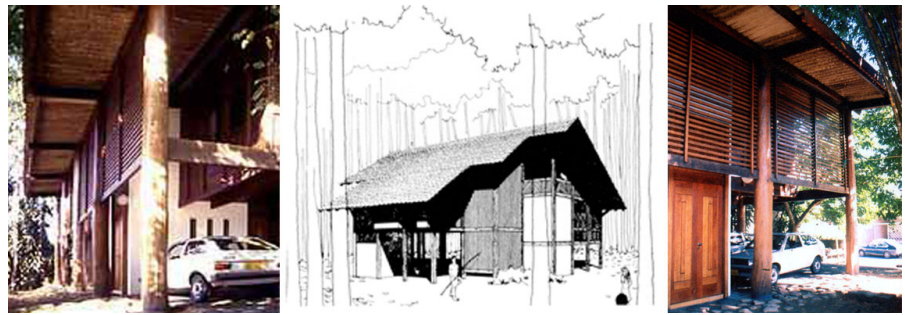
O arquiteto Severiano Mário Porto, indo residir temporariamente em Manaus, e querendo construir uma casa rapidamente, a baixo custo e de acordo com as condições ecológicas da região, resolveu levantá-la, utilizando a madeira como material básico.

Apesar de a região ser rica em madeira das mais variadas espécies e características, a construção com este material não era bem vista como padrão decente de moradia. Em Manaus a madeira era considerada como típica



das camadas sociais de menor nível de renda. O próprio BNH - Banco Nacional da Habitação, em seus programas habitacionais não utilizou a madeira como alternativa para propiciar uma moradia mais barata, apesar de ser este o material de que estão construídas, praticamente todas as casas populares da região.

**Ilustração 152.**  
**Residência do Arquiteto.**  
Autor: Arq. Severiano Mário Porto.  
Fonte: CJ ARQUITETURA N.20 - AMAZÔNIA, 1978.



Na residência de 308 m<sup>2</sup> do arquiteto, os cômodos principais foram distribuídos em torno de um jardim interno cujo espaço é iluminado pela luz que se filtra através de elementos vazados. O interior é ventilado por estreitos basculantes verticais de piso a teto montados em estrutura de alumínio e que contrastam com o dimensionamento da madeira da estrutura. O andar superior é suportado por vigas de madeira onde se apóiam as paredes de alvenaria; os pisos são de pranchões de madeira. A madeira empregada – itaúba, maçaranduba, sucupira vermelha, sucupira amarela, sucupira preta, cedro, aguano ou mogno, louro aritu, macacaúba – foi trazida da mata próxima.

Esse projeto lhe rendeu a IX Premiação Anual do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro – Prêmio Marcelo Roberto Habitação Unifamiliar.

SEDE DA SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus – (p 1971)

A Sede SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus fica localizada na confluência da Avenida Ministro João Gonçalves de Araújo com a Avenida Governador Danilo de Matos Areosa, s/nº, no Distrito Industrial Castelo Branco.



Esse edifício tem um caráter extremamente importante pelo que ele representa para o Estado do Amazonas. É o órgão responsável pelo planejamento e implantação da Zona Franca de Manaus, do Distrito Industrial e do Distrito Agropecuário.

O Conjunto Arquitetônico é constituído por blocos da Administração, Museu, Auditório, Castelo d'Água e Área de Estacionamento. Fisicamente o conjunto é formado pela união de módulos estruturais de 15 m x 15 m, independentes entre si, que em função de sua forma de tronco de pirâmide oca, funcionam, em relação à tiragem de ar, como coifas distribuídas por toda a área coberta.



**Ilustração 153.**

SUFRAMA - Edifício  
Sede situado no Distrito  
Industrial.

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: BENCHIMOL,  
Samuel. **Zona Franca de  
Manaus: A conquista da  
maioridade.** São Paulo:  
Sver & Boccato, 1989.

Nas salas e conjuntos administrativos foi utilizada para montagem e cobertura das mesmas uma estrutura metálica leve, independente e bem mais abaixo da cobertura dos módulos. No fechamento das salas foram utilizadas divisórias removíveis que permite um amplo remanejamento das mesmas dentro da modulação utilizada que foi de 1,25m x 1,25m.

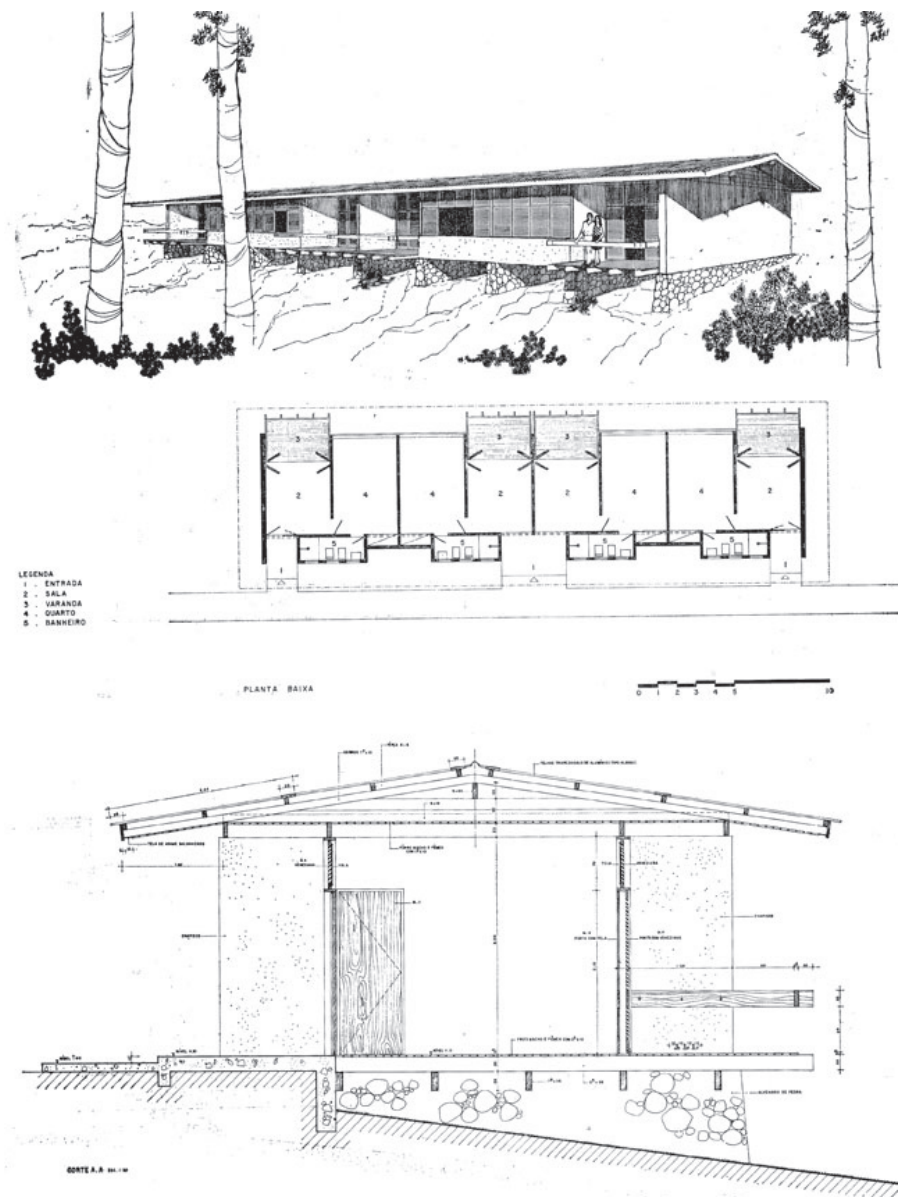
Quanto ao conjunto todo, em função do sistema construtivo adotado, haverá sempre a possibilidade de se



aumentar a área construída por meio do acréscimo de novos módulos estruturais.

### SEDE DA SECRETARIA DE PRODUÇÃO DO ESTADO DO AMAZONAS – 1972

A Secretaria de Produção fica situada na Avenida André Araújo, s/nº, Bairro do Aleixo. Essa situação privilegiada do terreno, e sua amplitude, possibilitaram a dispersão setorial, segundo um critério de prioridade e um programa elaborado pelos técnicos administrativos da Secretaria de Produção.



**Ilustração 154.**  
**Secretaria de Produção do**  
**Estado do Amazonas.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.





Partindo de uma idéia inteiramente amazônica, Severiano Mário Porto projetou uma Secretaria de Estado<sup>317</sup> ecológica, constituindo-se depois do projeto do Restaurante Chapéu de Palha, no mais integrado à realidade regional.

A importância da contribuição de Severiano na arquitetura de Manaus está no fato de que antes da sua chegada à cidade, os manauaras não aceitavam a origem de sua arquitetura indígena, e principalmente aquelas construções que deveriam representar o Estado.

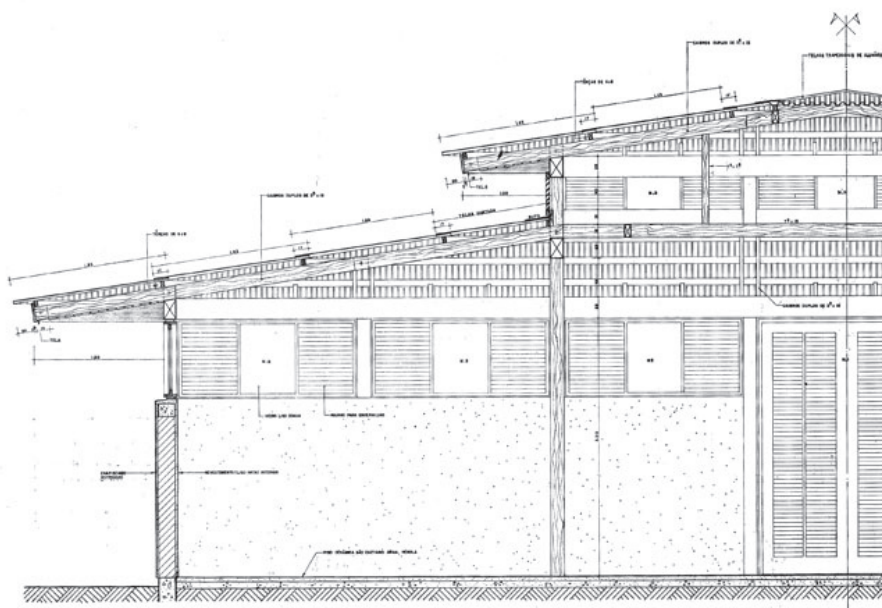


Ilustração 155.

Secretaria de Produção,  
corte esquemático.

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.

A idéia de utilizar um grande lago de onde emergiriam vários pavilhões, formando o corpo principal da Secretaria, traz a inspiração indígena e utiliza sabiamente conceitos e vivências das populações nativas.

Como se vê, todo o processo criativo foi submetido a um planejamento global, o que possibilitou a criação de um complexo, que, além de ecológico, é funcional, evitando as improvisações comuns a muitos prédios públicos brasileiros, em que a funcionalidade é, muitas vezes, sacrificada aos efeitos plásticos.

A Secretaria de Produção alia um planejamento exato à preocupação com o clima e a vivência amazonense.

317 ABA. ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO/ Rio de Janeiro, GB/ 1967-1968.



Um outro ponto a ressaltar foi a preocupação do arquiteto com a utilização de materiais abundantes na região. O uso intensivo das diversas madeiras nobres, a substituição de vigas de concreto por vigas de madeira, a utilização do arenito rosa que é o único tipo de pedra encontrado na região, identificam ainda mais a Secretaria de Produção, com a região amazônica e em especial com o Amazonas<sup>318</sup>.

Construído em sua maior parte, o grupo de pavilhões sobre o lago constitui uma bela unidade plástica, lembrando uma vila amazônica e traindo certa tendência orientalizante. Esta última influência se nota em vários projetos de arquitetos já integrados ao mundo amazônico, o que talvez se explique pelos traços orientais encontrados na mentalidade do índio e do caboclo da região.

A partir da Secretaria de Produção vários projetos surgiram e foi ela que inspirou o engenheiro Meira, de Belém do Pará, no projeto do Campus da Universidade Federal do Pará. O projeto pavilhão-galeria cobertura ou passadiço foi repetido, e deram ao projeto paraense uma leveza que se identifica com o trópico.

#### AGÊNCIA DA VARIG (p 1972)

A agência da VARIG fica situada na Avenida Guilherme Moreira Nº 201, Bairro Centro, no coração do comércio da Zona Franca de Manaus.

O prédio era um antigo casarão térreo, de 439,20 m<sup>2</sup> de área construída, que a VARIG contratou, em 1972, o arquiteto Severiano Mário Porto para a elaboração de um projeto de reforma. Nesse projeto a fachada foi restaurada, mantendo suas características originais.

No interior, entretanto, as paredes de alvenaria foram derrubadas e uma nova concepção totalmente regional, usando materiais, madeira e palha da região Amazônica, foram utilizadas.

---

318 ABA. ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO/ Rio de Janeiro, GB/ 1967-1968.



## SEDE DO BANCO DA AMAZÔNIA - BASA (p 1973)

O Banco da Amazônia fica situado na Avenida Sete de Setembro, s/nº, no Bairro Centro.



**Ilustração 156.**

**BASA - Banco da  
Amazônia.**

Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira  
do Ano, Rio de Janeiro - GB,  
1967-1968.

As características do banco, voltado para o desenvolvimento regional, foram expressas pelo projeto através de madeiras da região, com seus troncos em sua textura e formas originais colocados nas entradas principais, e internamente nas formas e finalidades mais diversas, com madeiras de tipo e seção variados. Grandes painéis treliçados na fachada principal reduzem a luminosidade sem impedir



a visão do interior e exterior. A estrutura das lajes é em concreto, perfeitamente integrada às madeiras.

Mais motivado pela voga ecológica, se não tanto por ideologia, mas pela definição do tema e do próprio programa que antecede a solução arquitetônica, ocorre nessa obra elementos com um quê de interesse antropológico, de leitura e adaptação do que teria sua origem ou vinculações com a cultura autóctone ou vernacular do Norte do Brasil<sup>319</sup>.

Nesse caso, a combinação de uma busca pela contemporaneidade da obra se expressa não só pela interpretação do programa – em relação ao qual Severiano procede a certa elaboração de cunho ecológico -, mas também pela maior inter-relação entre os elementos que se mostram pertencentes a épocas distintas, expressando mais diretamente o que constituiria certo amálgama de elementos de culturas e realidades à primeira vista distintas e até *contraditórias*, mas que Severiano nos mostra não serem.

#### SEDE DA JUSTIÇA FEDERAL (p 1978)

O edifício-sede da Justiça Federal fica localizado na Avenida André Araújo, Nº. 25, Bairro do Aleixo.

O projeto do edifício da Justiça Federal foi elaborado em 1978 pelo arquiteto Agesilau Souza Araújo, natural de Manaus e que formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1956<sup>320</sup>.

#### AMBULATÓRIO MÉDICO DO IPASEA (1979)

O Ambulatório médico do IPASEA - Instituto de Previdência e Aposentadoria do Estado do Amazonas fica localizado na Avenida Visconde de Porto Alegre, s/nº, no Bairro da Praça 14 de Janeiro.

Severiano Mário Porto foi o arquiteto contratado para o projeto em 1979. O projeto foi concebido para atender as necessidades do funcionalismo do Estado do Amazonas. Devido à realidade ainda hoje existente, os ambulatórios

319 ABA. ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO/ Rio de Janeiro, GB/ 1967-1968.

320 Primeira Mostra de Trabalhos de Arquitetos de Manaus. IGHA, IAB-AM. Manaus, 22 a 26 de outubro de 1984.





dos institutos transmitem uma sensação de falta de opção e impossibilidade de melhores soluções. Grande parte disso se deve às bases físicas em que eles se situam, devido aos espaços inadequados, geralmente adaptados e freqüentemente mal conservados.

Nesse projeto, Severiano procurou uma solução adequada às exigências do clima, que fosse alegre, humana, digna, precisasse de pouca conservação, sem prejuízo das suas necessidades de funcionamento. As circulações para usuários, funcionários e médicos são independentes; apenas os consultórios, biblioteca, espaços administrativos e auditório possuem ar-condicionado; as circulações e salas de espera são em varandas protegidas do sol e da chuva, mas permitem o livre cruzamento do vento. A fachada principal, voltada para oeste, recebeu alguns elementos protetores, como beirais, *brises* verticais e elementos vazados de concreto armado.

SEDE DA TELAMAZON – Companhia Telefônica de Manaus – (p 1979).

A Sede da Companhia Telefônica de Manaus fica localizada na Avenida Getúlio Vargas, s/nº, no Bairro Centro.

A Companhia Telefônica de Manaus foi criada em 1966, após a compra da concessionária inglesa; foi dimensionada com previsão para a demanda de um horizonte de 20 anos. Com a criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, as previsões passaram a ficar desatualizadas, atingindo os índices previstos para o fim do período em poucos anos<sup>321</sup>.

A simples materialização da área do Estado do Amazonas, num mapa, evidenciou que a própria manutenção dessa fronteira só poderia subsistir com suporte num sistema de transportes e comunicações perfeitamente entrosados.

A despeito disso, houve o reconhecimento governamental, em termos de empreendimento, de que

---

321 ABA. ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO/ Rio de Janeiro, GB/ 1967-1968.



a existência de uma rede de telecomunicações é condição mínima necessária, embora obviamente não suficiente, para que se criassem condições mínimas de progresso.

No caso particular do Estado do Amazonas, um eficiente sistema regional de telecomunicações, se não elimina, na totalidade, as conseqüências sócio-econômicas do isolamento das comunidades amazonenses pelas deficiências de transportes, as atenua em um nível compatível com as necessidades do desenvolvimento.

O prédio inicial da central telefônica e administração foi sendo ampliado com novas unidades após a aquisição de terrenos vizinhos. Em 1979, Severiano projetou um prédio administrativo e outros elementos de integração do conjunto. Com a fachada voltada para o sol da tarde, o projeto procurou protegê-la com elementos do tipo *brises*, localizados na parte externa do prédio.

#### PRÉDIO DO IMEC (1976)

Arq. David Rodney Lionel Pennington

#### SEDE DO INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1976-1983)

A sede do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia fica localizada na Avenida André Araújo, N.º.1756, no Bairro do Aleixo, próximo a rotula do Coroadó.

O projeto da sede é de autoria do arquiteto David Rodney Lionel Pennington, juntamente com outros prédios do conjunto, tais como: auditório, alojamentos para os pesquisadores e edifícios para os cursos de pós-graduação<sup>322</sup>.

Órgão da Administração Direta do Ministério da Ciência e Tecnologia, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, foi criado em 29 de outubro de 1952, pelo Presidente Getúlio Vargas, através do Decreto N.º 31.672, com a finalidade de realizar o estudo científico do meio físico e

322 Primeira Mostra de Trabalhos de Arquitetos de Manaus. IGHA, IAB-AM. Manaus, 22 a 26 de outubro de 1984.



das condições de vida da região amazônica, tendo em vista o bem-estar humano e os reclamos da cultura, da economia e da segurança nacional.



Ilustração 157.  
INPA - Instituto  
Nacional de Pesquisas da  
Amazônia.  
Autor: INPA  
Fonte: [www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br)

Sua missão é gerar, promover e divulgar conhecimentos científicos e tecnológicos sobre a Amazônia Brasileira para a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais em benefício, principalmente, da população regional.

Ao longo de cinco décadas, vem assumindo responsabilidade crescente na tarefa de produzir



conhecimento, estabelecendo um compromisso com o desenvolvimento sustentável, a defesa do meio ambiente e de seus ecossistemas, expandindo os estudos sobre a biodiversidade, a sociodiversidade, os recursos florestais e hídricos.



Ilustração 158.  
INPA - Instituto  
Nacional de Pesquisas da  
Amazônia.  
Autor: INPA  
Fonte: [www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br)





CONJUNTOS HABITACIONAIS DE HABITAÇÃO COLETIVA  
(1977)

Arq. Ivanete Cintra Machado.

CLUBE DO TRABALHADOR SESI-AM (1980)

Arq. Severiano Mário Porto.

CONJUNTO HABITACIONAL PARQUE DO AYAPUÁ (1981)

Arq. Mario Alvise Tedesco

CONJUNTO HABITACIONAL DO IPASEA (1981)

Arq. Mario Alvise Tedesco

CONJUNTO HABITACIONAL ACARIQUARA (1981)

Arq. Mario Alvise Tedesco

CONJUNTO HABITACIONAL DOS JORNALISTAS (1981)

Arq. Mario Alvise Tedesco

RESTAURAÇÃO E REFORMA DO MUSEU DA CIDADE DE  
MANAUS (1982)

Arq. Edunyra Assef.

CONJUNTO PAULO VI NO ALEIXO (1982-1983)

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

CONJUNTO SOL NASCENTE NO ALEIXO (1982-1983)

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

CONJUNTO SAMPAIO MONTEIRO NO PARQUE 10 (1982-  
1983)

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

AGENCIA DO BEA - Banco do Estado do Amazonas (1982-  
1983)

Rua Guilherme Moreira:

Arq. José Henriques Bento Rodrigues



ESCOLA NO BAIRRO DA GLÓRIA (1982-1983)

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

CENTRO COMUNITÁRIO DO CONJUNTO HILÉIA (1982-1983)

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

CENTRO DE ATENDIMENTO DO IPASEA (1983)

Arq. Regina Maria Lopes Pereira Lobato e

Arq/Urb Graciete Guerra da Costa

COZINHAS POPULARES (1983)

Arq. Marçal Lemos Pereira

RESIDÊNCIA DO SR. RUY BENZECRY

Arq. Roger de Souza Abraham

RESIDÊNCIA DO SR. HAROLDO FURTADO

Arq. Roger de Souza Abraham

AGENCIA DO BEA

Banco do Estado do Amazonas (1984)

Bairro do Parque 10:

Arq. José Henriques Bento Rodrigues

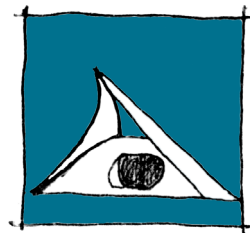
REFORMULAÇÃO DE DIVERSAS PRAÇAS DE MANAUS  
(1984)

José Carlos Bonetti

FEIRA DO BAGAÇO (1984)

Bairro da Compensa: Arq. Lauro Yoshimura





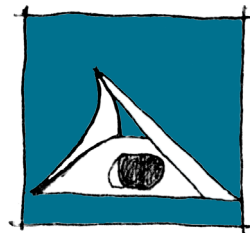
## Lenda do Uirapuru

*É o Uirapuru que vai cantar. De súbito, todas as aves se calaram. Um silêncio impressionante empolgara a alma de todas as coisas da natureza. Então comecei a ouvir um gorjeio muito sutil e muito doce que me embalava maciamente como uma rede misteriosa. Fechei os olhos enfeitiçado, esquecendo-me de tudo. O Uirapuru cantava.*

*A magia de sua voz enchia e imponderalizava todo o ambiente, como o fluido de um encantamento selvagem, a que emprestava ainda maior poder e fascinação a sombra que o emaranhado dos cipós dava à selva ou o soturno rumor dos rios gigantescos ou o fragor das pororocas indômitas. A ave dominava pelo sortilégio de sua voz, com estranha força de melodia. Uma nota última, vibrante, pôs termo ao seu canto e partiu veloz através do espaço, acompanhado do coro infinito de outras aves. Itaboan, com o rosto iluminado de alegria, exclamou: - Uirapuru dá sorte já achei o caminho. E mostrou-me os sinais que ele tinha deixado nas árvores. Foi assim que eu conheci o pássaro da felicidade.*







## CAPÍTULO V

### 5º Período, 1990-2004

O presente capítulo objetiva identificar os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus de 1990 aos dias de hoje. Período caracterizado pelo processo de metropolização. A população desassistida e sem perspectivas do interior, veio em massa para a capital. O êxodo rural foi a tônica da década de 80. O capítulo busca, ainda, traçar perspectivas de crescimento para a cidade, utilizando-se como base a própria história de sua evolução urbana, na tentativa de estudar, dentro do contexto atual e da legislação urbana vigente, os caminhos que podem ser trilhados daqui em diante. Ao longo do capítulo serão identificadas construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

Ilustração 160.

Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Perspectiva do conjunto da obra de 9.383,33 m<sup>2</sup>.

Autor: Implurb/  
Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete  
Liberato Magalhães/  
SEMOSB.



### 5.1. - Aspectos Históricos e Econômicos (1990-2004)

O período é marcado pelo fenômeno da metropolização. O conjunto metropolitano com o Distrito Industrial equipase também para assumir um papel terciário: a cidade de Manaus tem grande preponderância sobre os demais municípios do Amazonas, seja no comércio, seja na infraestrutura administrativa ou financeira.



**Ilustração 161.**  
Vista aérea da cidade  
em que se observa o seu  
crescimento.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O Parque Industrial de Manaus, hoje, abriga mais de 400 empresas mundialmente conhecidas, que geram mais de 50 mil empregos diretos e 350 mil indiretos, somente na cidade de Manaus, e outros 20 mil nos demais Estados da região. Atualmente, o volume de capital gerado pela ZFM é superior a US\$ 10 bilhões<sup>323</sup>.

A cidade ganhou um comércio de importados, e depois um pólo industrial, onde se concentram centenas de fábricas. Com a ZFM, a capital voltou a experimentar um súbito crescimento demográfico: a população passa de 200 mil habitantes na década de 60, para 900 mil nos anos 80 e, finalmente, 1,5 milhão em 2002, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>324</sup>.

323 Informação extraída do Site da SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus. [www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br) em 15/08/2006.

324 Informação extraída do Site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) em 15/08/2006.



**Ilustração 162.**  
Vista aérea da cidade em que se vê a ocupação irregular do solo até a beira do rio.

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



O setor de educação e pesquisa, embora fortemente ligado a Manaus, por causa das Universidades e do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, também conta com vários postos e equipamentos em outros municípios, nas Anavilhanas, e no próprio Rio Negro. O setor de Lazer, ligado ao ar livre, encontra-se disseminado fora de Manaus, nos hotéis de selva, nos igarapés, no Rio Negro, e em municípios como Parintins (Boi-Bumbá), Barcelos (Pesca Esportiva), dentre outros.

Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo foi o governador do Estado do Amazonas. Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto elegeu-se prefeito de Manaus em 1988. Ele e o vice-prefeito eleito Felix Valois Coelho Júnior tomaram posse no dia 1º de janeiro de 1989 e concluíram seus mandatos em 31 de dezembro de 1992.

**Ilustração 163.**  
Vista aérea da cidade em que se observa o processo de metropolização.

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)







Inaugurada em 26 de março de 1990 pelo Governador Amazonino Mendes, a Vila Olímpica possui uma infraestrutura e equipamentos adequados às atividades a que se destinam. Vários campeonatos e exposições em níveis nacional e internacional são realizados nesse local.

Em 1992, foi inaugurado o Complexo do Parque de Cultura, Esporte e Lazer, do Projeto de Urbanização da Ponta Negra, elaborado pelo arquiteto Severiano Mário Porto.



**Ilustração 164.**  
**Vista aérea do Complexo da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

Outro complexo construído, em 1992, foi o Parque Municipal do Mindu, localizado no bairro do Parque 10 de Novembro, para preservar o habitat do sauí-de-coleira. Possui área de 330.000 m<sup>2</sup>.

Em 1º de janeiro de 1993, foram empossados os eleitos em 1992: o prefeito Amazonino Mendes e o vice-prefeito Eduardo Braga. Amazonino elegeu-se senador da República em 1994 e renunciou ao mandato de prefeito, que foi completado pelo vice-prefeito, Eduardo Braga.

Em 1993, o então governador Gilberto Mestrinho estabeleceu o tombamento pelo Governo Estadual do Teatro Chaminé, através do Decreto Nº 5.485, de 17/06/1993, publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas no



dia 18/06/1993, transformando o antigo prédio em um Centro de Artes e Cultura, que, a partir dessa data, passou a denominar-se Centro de Artes Chaminé<sup>325</sup>.

Em 1994, foi elaborado o projeto das Aldeias Infantis SOS Brasil, pelo arquiteto Severiano Mário Porto, tendo como colaborador o arquiteto Mário Emílio Ribeiro. Foi inaugurado em 1997<sup>326</sup>.

Em 1996, o prefeito eleito foi Alfredo Pereira do Nascimento, que tomou posse em 1º de janeiro de 1997, junto com o vice-prefeito Omar Abdel Aziz. Reeleitos em 2000, o prefeito Alfredo Nascimento e o vice-prefeito Omar Aziz assumiram em 1º de janeiro de 2001 e não completaram seus mandatos. Omar Aziz foi eleito vice-governador do Amazonas em 2002, e renunciou ao mandato de vice-prefeito.

O atual prefeito de Manaus é o economista amazonense Serafim Fernandes Corrêa, eleito em 2004 e empossado no dia 1º de janeiro de 2005, com o vice-prefeito, Mário Frota, que, para assumir esse cargo, abriu mão de dois anos de um mandato de deputado estadual, iniciado em janeiro de 2003.

A infra-estrutura da cidade tentou, nesse tempo, se adequar às demandas crescentes de indústrias, moradia e equipamentos públicos (hospitais, escolas, unidades de segurança...) Segue-se uma sistemática implantação de obras viárias, viadutos. Finalmente, a reestruturação física da cidade é completada por obras que visam aos aspectos sociais, mas que constituem um apoio à estruturação geral<sup>327</sup>.

325 Informação sobre o Teatro Chaminé foi concedida pela arquiteta Regina L. P. Lobato da Secretaria de Cultura, Diretoria de Patrimônio através da Lista de Bens Tombados da SEC.

326 HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. **Entre o Regional e o Moderno**. In: Revista AU Nº. 130, São Paulo, Editora PINI, janeiro 2005.

327 Informação extraída do Site da Prefeitura Municipal de Manaus. [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.



## 5.2. – Evolução Urbana (1990-2004)

No estudo que se segue, utilizaremos a Teoria da Sintaxe Espacial, num estudo sobre a natureza do universo sócio-espacial da cidade, e, dessa forma, mostraremos como aspectos da forma física dos assentamentos encontrados podem constituir pré-requisitos para definir um determinado modo de vida. A Teoria da Sintaxe Espacial tem por objetivo estudar as implicações sociais do espaço arquitetônico. Essas implicações cobrem um amplo espectro da vida social. Na verdade, este trabalho procura entender como os espaços da cidade influenciam o modo de vida das pessoas.



Ilustração 165.  
Imagem de Satélite mostrando a localização de Manaus, vê-se o Rio Negro a noroeste passando pela frente da cidade, enquanto o Rio Solimões vem pelo Sudoeste.

Autor: INPE

Fonte: [www.inpe.gov.br](http://www.inpe.gov.br)

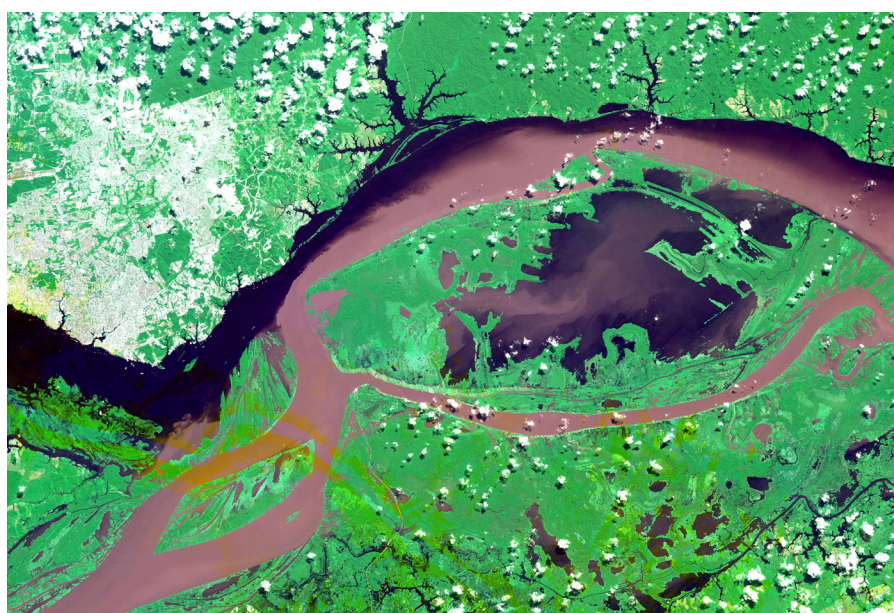


Ilustração 166.  
Ampliação da Imagem de Satélite mostrando a localização de Manaus. O Rio Negro lado-a-lado com o Rio Solimões por mais de 6Km.

Autor: INPE

Fonte: [www.inpe.gov.br](http://www.inpe.gov.br)





Não se trata, aqui, de fazer uma análise exaustiva sobre a estrutura da cidade, e sim, utilizando os mapas e as informações que se tem da vida do lugar, saber se os espaços públicos da cidade favorecerão ou não, ao longo do tempo, os encontros e relacionamentos pessoais, e de que maneira eles atuam no crescimento da cidade.



**Ilustração 167.**  
**Mapa de Axialidade do**  
**Centro da cidade, um**  
**sistema vernacular mais**  
**urbano.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

Fonte: 4th International Space Syntax Symposium, London UCL, 2003.

Analisando inicialmente a cidade pela margem do Rio Negro na direção Leste, nota-se que os indicadores de inteligibilidade apontam para o centro da cidade pelo seu sistema “vernacular” como um sistema mais urbano<sup>328</sup>. À

328 COSTA, Graciete Guerra da. *The morphology of Manaus downtown*. 4<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium, London, 17-19 June 2003.





medida que nos afastamos do centro da cidade, o sistema vai ficando mais rarefeito, esparso e descontínuo, e por isso há uma clara diferenciação entre os lugares em termos de co-presença.

O centro possui poucos desníveis, já que Manaus está situada em uma grande planície; mesmo assim, notamos algumas elevações em alguns pontos do centro.

Numa escala bem menor, estão alguns pouquíssimos edifícios altos, com aberturas para o exterior e entradas de garagem. Também ocorrem outros tipos de construção, mas sempre se nota a presença de aberturas para a rua ou para a praça. No mapa de convexidade, é possível verificar, pelos elementos disponíveis e do conhecimento do lugar, a identificação de barreiras e os perímetros dos espaços convexos, como, também, as transições entre estes e os espaços fechados, cujos acessos sejam controlados por portas, portões, balaustradas, muretas, ou quaisquer outros elementos que marquem a diferença entre o que é público e o que é privado: uma igreja, uma escola etc.

O estudo dos aspectos da co-presença do espaço arquitetônico, em relação aos quais a Sintaxe Espacial ocupa lugar central, igualmente pressupõe um conjunto de variáveis que são peculiares a esta abordagem<sup>329</sup>.

Com relação aos espaços da cidade, as categorias selecionadas devem permitir a realização dos objetivos centrais da teoria: estabelecer relações entre espaço e sociedade, esta entendida como um sistema de probabilidade de encontros. Para fazê-lo, a teoria sintática parte do pressuposto que “a organização espacial humana, seja na forma dos assentamentos, seja na forma dos edifícios, é o estabelecimento de padrões de relações compostos essencialmente de barreiras e permeabilidades de diversos tipos<sup>330</sup>.

Essas barreiras de permeabilidade são, de fato, sanções físicas a um sistema de encontros e restrições que constituem

329 HOLANDA, Frederico R. B.: *O Espaço de Exceção*, Tese de Doutorado, UnB, Brasília, 1997.

330 Linha de reflexão proposta por autores como Baumgartem, Osborne, Coutinho e Beedsley. In: Holanda, *O Espaço de Exceção*, op. cit, p.69.



a sociedade, tanto no nível dos assentamentos, como no nível dos edifícios.



**Ilustração 168.**  
**Mapa de Conectividade**  
**do Centro da cidade, um**  
**sistema vernacular mais**  
**urbano.**

Autora: Graciete Guerra da  
Costa

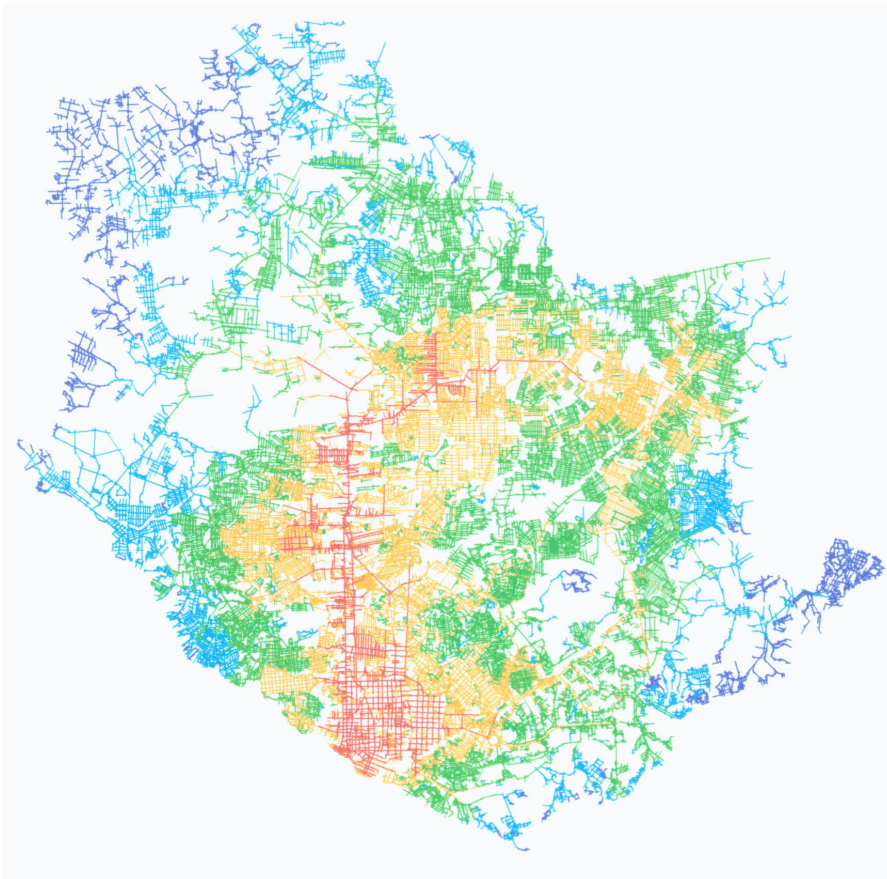
Fonte: 4th International  
Space Syntax Symposium,  
London UCL, 2003.

O sistema de espaços abertos do centro é obviamente contínuo, mas é, também, constituído por elementos que podem ser identificados e analisados. São ruas, praças e avenidas.

As áreas em branco no mapa correspondem às áreas do Aeroporto Internacional de Manaus, ao Campus Universitário/Reserva Florestal do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e ao Distrito Industrial. Nessas áreas, a ocupação de pedestres ao longo das linhas axiais



não existe. Sabe-se que quanto menos inteligível o sistema, menos a co-presença é previsível.



**Ilustração 169.**  
**Mapa de Axialidade**  
**da cidade.**

Autor: Valério Augusto  
Soares de Medeiros

Fonte: 5th International  
Space Syntax Symposium,  
Delft University  
of Technology, the  
Netherlands, 2005.

Em 1994, a partir de um concurso público de idéias realizado pela Prefeitura, foi concebido o Projeto de Regeneração do Centro Antigo de Manaus. A iniciativa contou com a parceria do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e teve como propósito promover a regeneração de toda a área do nascedouro da cidade, ou seja, a extensão do entorno do antigo prédio da Prefeitura. A regeneração proposta, no entanto, não se limitava à recuperação dos imóveis, de valor histórico inquestionável, mas envolvia também o uso que se dava à área, atendendo a uma moderna tendência urbanística de uso e ocupação.

O processo que norteou a realização do concurso contou com consultoria técnica do historiador Mário Ypiranga Monteiro. Já os critérios de avaliação, como proposta conceitual, solução física e plano de gestão, bem como a





adequação entre os três itens, foram definidos com o aval do IAB. À época, três equipes participaram do concurso, sendo vencedora a que contava com os arquitetos Roberto Moita, Almir de Oliveira, Mércia Parente e Ana Lúcia Abraham<sup>331</sup>.



**Ilustração 170.**

**Centro de Manaus.**

Autor: Implurb / Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 171.**

**Vista aérea do Centro da cidade.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

<sup>331</sup> Informação extraída do Site da Prefeitura Municipal de Manaus. [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.





**Ilustração 172.**  
**Vista aérea do perímetro  
do Projeto do Centro  
Histórico.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 173.**  
**Vista aérea do perímetro  
do Projeto do Centro  
Histórico.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O foco principal do Projeto de Regeneração do Centro Antigo de Manaus foi a busca da sustentabilidade econômica e social da área em questão, levando-se em conta a sua vocação natural (o turismo). Para tanto, foi concebido dentro das mais rigorosas técnicas de intervenção em centros históricos. Os conceitos que sustentaram sua proposta estão expressos nas recomendações de várias Cartas Patrimoniais, editadas em encontros internacionais de especialistas, tendo sido referendados pela inclusão de Manaus, em 13 de janeiro de 2004, no Programa Monumenta/BID<sup>332</sup>, do

332 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.



Ministério da Cultura, que tem como foco o resgate e a conservação permanente dos principais conjuntos histórico-arquitetônicos urbanos do país.

**Ilustração 174.**

**Área de intervenção  
do Projeto do Centro  
Histórico.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 175.**

**Projeto do Centro  
Histórico. Aspecto  
das edificações após a  
restauração.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



Numa concepção mais moderna, patrimônio é algo que pode se auto-sustentar. Tudo depende da visão de quem gere esse produto. Nesse contexto, o Projeto de Regeneração do Centro Antigo de Manaus teve um de seus pontos mais fortes, pois definiu suas ações num plano urbanístico baseado na premissa da atração de investimentos para a área, o que significa a retomada de sua rentabilidade sócio-econômica e cultural.



**Ilustração 176.**  
**Vista da zona leste da cidade.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 177.**  
**Vista aérea do Centro.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

A área proposta para ter sido objeto de intervenção do Projeto acha-se contida no perímetro do Centro Histórico de Manaus, tombado em 1990 pela Lei Orgânica do Município (Art. 342), e que representa 10% de todo o sítio sob proteção legal (o equivalente a 50 hectares ou 500.000 m<sup>2</sup>), possuindo monumentos tombados em nível federal, estadual e municipal. Por isso, o perfil da área de intervenção está associado a três





pólos de atração, que também funcionarão como âncoras do Projeto: Mercado Adolpho Lisboa e seu entorno; Conjunto Urbanístico, Paisagístico e Arqueológico do Paço da Liberdade/ Praça D. Pedro II; e Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Porto Flutuante de Manaus<sup>333</sup>.

**Ilustração 178.**

**Projeto do Centro Histórico.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)



**Ilustração 179.**

**Área de intervenção do Projeto do Centro Histórico.**

Autor: Cartão Postal editado por volta de 1970.

Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**



333 Aba, *Arquitetura Brasileira do Ano* / Rio de Janeiro, GB/1967-1968.





**Ilustração 180.**  
**Edifício sob intervenção**  
**do Projeto do Centro**  
**Histórico.**

Autor: SEC - Secretaria  
de Estado de Cultura do  
Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

O sistema de espaços abertos pode ser, ou não, intensamente “alimentado” por transições a partir dos espaços interiores. Num sistema mais integrado, como o Centro de Manaus, temos de dobrar um número pequeno de esquinas, em média, para irmos de uma rua para qualquer outra. Dizemos também que um sistema é “segregado” quando ele é pouco integrado, são pequenas ruas sem saída que cortam a Rua Silva Ramos, a Rua Ferreira Pena e outras; nesse caso, as linhas do mapa axial aparecem na cor azul. A medida de integração varia teoricamente de Zero ao  $\infty$ , refletindo um sistema mais profundo ou assimétrico, ou segregado possível, e mais integrado, ou raso, ou simétrico possível.

Nos sistemas não-inteligíveis, a ocupação de pedestres ao longo das linhas axiais tende a ser aleatório, e a trama não contribui para uma clara diferenciação entre os lugares em termos de co-presença. O Centro de Manaus, pelo seu sistema vernacular, pode ser considerado bem inteligível; conseqüentemente, mais urbano.

Ao longo da Praia da Ponta Negra, onde se instalou um projeto de lazer para preservação da orla do Rio Negro, notam-se entradas mais esparsas e descontínuas em relação ao resto da cidade. Isso por que os intensos níveis de co-presença nas ruas estão mais relacionados à vida cotidiana



do que às atividades de lazer nos espaços públicos, como é o caso da Ponta Negra.

**Ilustração 181.**  
**Projeto de Urbanização**  
**da Praia da Ponta Negra.**  
**Vista aérea**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 182.**  
**Projeto de Urbanização**  
**da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



A praia da Ponta Negra fica localizada na margem esquerda do Rio Negro, a leste, e distante 13 km do centro de Manaus. Constitui um dos cartões postais da cidade. É o principal espaço de convivência de lazer da cidade, muito freqüentada nos fins de semana. Daí, ao longo do século XX, o interesse dos prefeitos em cuidar da qualidade das infra-estruturas montadas ao longo



da orla do Rio Negro. Em 1992, o arquiteto Severiano Mário Porto foi contratado para elaborar o Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra.

Hoje, a Praia da Ponta Negra se transformou num Parque de Cultura, Esporte e Lazer. O complexo conta com uma estrutura urbana formada por um largo calçadão, onde são dispostos vários quiosques, pequenas lojas, caminhos, uma rede de ciclovias. Possui também um anfiteatro ao ar livre, palco montado para apresentações ganhadoras do Festival Folclórico de Manaus, *shows* e espetáculos (desde ópera, teatro, até grupos folclóricos de Boi-Bumbá), quadras de areia para esportes coletivos (vôlei, basquete, futebol de areia), sorveterias, bares e restaurantes<sup>334</sup>.

Na direção Leste, também pela margem do rio, ocorrem entradas esparsas e descontínuas devido à localização da Base Aérea de Manaus, antigo aeroporto internacional da cidade, hoje, apenas, aeroporto militar (Ponta Pelada).



**Ilustração 183.**

**Projeto de Urbanização  
da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

<sup>334</sup> Informação extraída do Site da Prefeitura Municipal de Manaus. [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.



**Ilustração 184.**  
**Projeto de Urbanização**  
**da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 185.**  
**Projeto de Urbanização**  
**da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)





Ilustração 186.

Ponta Negra, pista de  
Skate.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

Os indicadores de integração mostram no mapa de axialidade que uma rua integra no sentido Sul/Norte o miolo do sistema, e que ela coincide com a direção que foi adotada pelo governo quando transferiu a nova sede do Governo do Estado do Amazonas, hoje localizada ao Norte do centro da cidade.

Em tramas muito integradas, o núcleo integrador tende a vazar para toda a área, mas este não é o caso de Manaus, onde o núcleo integrador se concentra no miolo do sistema, como já foi dito, e como mostra o mapa sintático.

Os grupos sociais que ocorrem no interior dos edifícios são distintamente constituídos por pessoas específicas, realizando tarefas próprias. A preocupação que se deve ter aqui é analisar não só os usos do solo, mas para que tipo de pessoas.

Dentre as áreas sul e norte da cidade, podemos dizer que as áreas do norte são mais formais, enquanto as áreas do sul são mais urbanas.

Em geral, os grandes hotéis, áreas de lazer para grandes eventos, estádios de futebol, bumbódromo, e outros, estão localizados longe do centro da cidade. Apresentam-se, na área do centro, as igrejas, as escolas, o comércio da Zona Franca, os hospitais e outros edifícios públicos como a Biblioteca Pública, o Teatro Amazonas e outros. A variedade de rótulos é muito grande. Existem bancos, comércio intenso de produtos fabricados na Zona Franca, serviços profissionais e pessoais, restaurantes,



igrejas, dois portos, casas de câmbio, agências de viagem, teatros, cinemas, instituições de ensino etc.

O Distrito Industrial e sua movimentação no fluxo de mercadorias nos dois sentidos (ida-e-volta, com caminhões grandes e pequenos), também utiliza intensamente o centro da cidade, inclusive sábados, domingos e feriados nacionais, para desenvolver suas atividades<sup>335</sup>.

Os grupos de comércio, em dias úteis, utilizam os espaços edificados abrangendo o contato social com outras categorias (transporte privado, automóveis). Nos fins de semana, cessa o funcionamento das lojas e órgãos institucionais, mas estes dão lugar às atividades turísticas, passeios de barco, ópera na Praça do Teatro Amazonas, ou aos simples visitantes que vão usufruir a paisagem e as belezas naturais.

No centro de Manaus a inteligibilidade é alta, e encontramos, também, uma predictibilidade alta. O número absoluto de pedestres é muito alto, principalmente na área próxima ao comércio da Zona Franca e do Porto Flutuante, ou seja, ao sul da cidade, devido ao caráter central-metropolitano da área. Algumas áreas não possuem residências; em outras, ainda que em pequeno número, existe a constatação de moradia na área da Escadaria dos Remédios, que é um outro porto, só que com características regionais: de lá saem os barcos, as chatas, os catamarãs, que sobem o Rio Solimões e o Rio Negro, ou descem o Rio Amazonas, para atender às populações ribeirinhas do Estado, cujo acesso só é possível por via fluvial ou aérea. Entrou-se nesta consideração para mostrar a importância dessa área, não só para a cidade, mas para todo o Estado.

Manaus possui alguns elementos que poderão influenciar na medida de inteligibilidade e também na predictibilidade, que se refere à correlação entre a medida de integração das linhas axiais e a presença de pessoas ao longo dessas mesmas linhas. Os índices de co-presença

---

335 COSTA, Graciete Guerra da. *The City, the forest and the center: configurational analysis of Manaus*. 5<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium, Delft, THE NETHERLANDS, 13-17 June 2005.



também podem ser afetados. Esses elementos aos quais nos referimos são aspectos histórico-econômicos e também de uso do solo.

Manaus apresenta um alto índice de pessoas nos espaços públicos, caracterizando um forte exemplo de “cultura das ruas”. Recentemente, a cidade presenciou o Festival de Ópera, que ocorre ao ar livre, na Praça São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas, com programação internacional dentro e fora dos teatros. Manaus ainda possui quatro teatros no centro da cidade.

A população de Manaus é o resultado da mistura das raças indígena, branca, negra e ameríndia, com a predominância de caboclos, os nativos.

O povoamento da cidade foi determinado por dois elementos básicos: o rio e a floresta. Estiveram por lá os portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e, mais tarde, os migrantes nordestinos (os arigós); depois, com a criação da Zona Franca de Manaus, os paulistas.

Manaus, um centro comercial e industrial devido à instalação da Zona Franca<sup>336</sup>, apresenta um grande número de pessoas voltadas a essas atividades, além de trabalhadores autônomos, formais e informais, um pequeno número de funcionários públicos e um número ainda menor da classe alta (incluam-se, nesta categoria, os turistas internacionais).

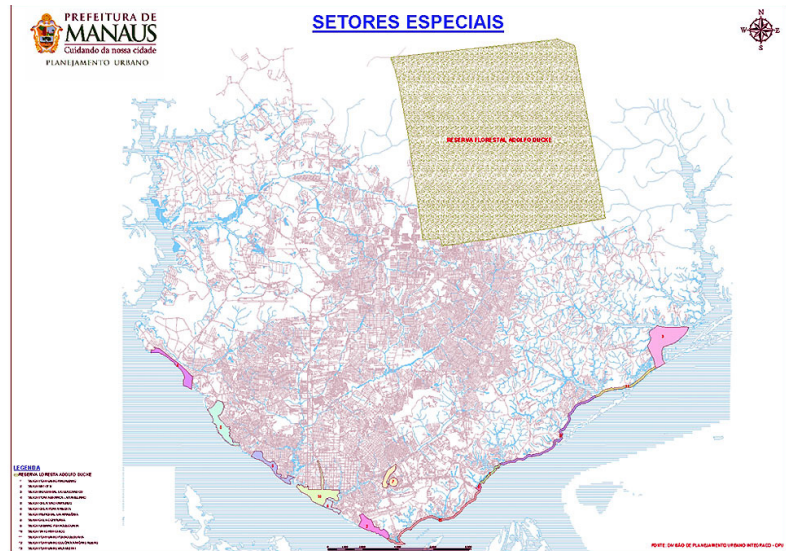
Pesquisa realizada em 1990 no Distrito Industrial de Manaus, hoje o maior pólo eletroeletrônico da América Latina<sup>337</sup>, revelou um dado surpreendente: os operários do distrito superaram seus pares japoneses, tidos como os mais eficientes do mundo, em 11 segundos na linha de produção. Quer dizer, os tradicionais coletores dos produtos da floresta, caçadores, pescadores e artesãos descobriram que entre a fibra ótica e a juta, a distância está na tecnologia do objeto e não na competência do indivíduo.

336 PONTES FILHO, Raimundo P.: *Estudos de História do Amazonas*, 2000.

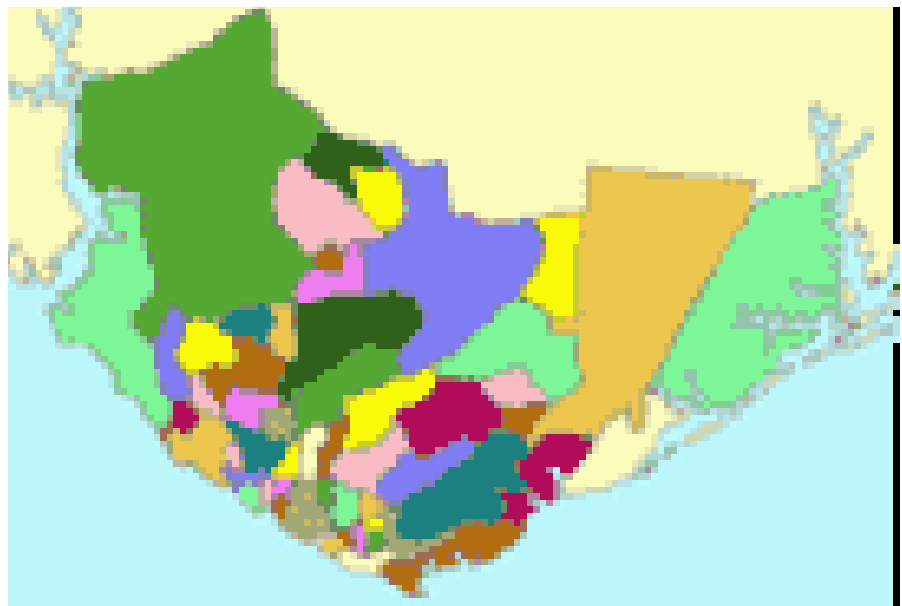
337 RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. *Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade*. São Paulo: Editora Três, 1994.



**Ilustração 187.**  
**Plano Diretor, Planta da cidade.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 188.**  
**Plano Diretor, Planta dos bairros.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



Quanto à relação entre trabalho e moradia, alguns moradores do centro trabalham próximo ao local da moradia; outros, não.

Desse modo, esta pesquisa exploratória nos levou a concluir sintaticamente que Manaus possui um centro denso, profundo e urbano, com o resto da cidade menos integrada, portanto mais rarefeita.



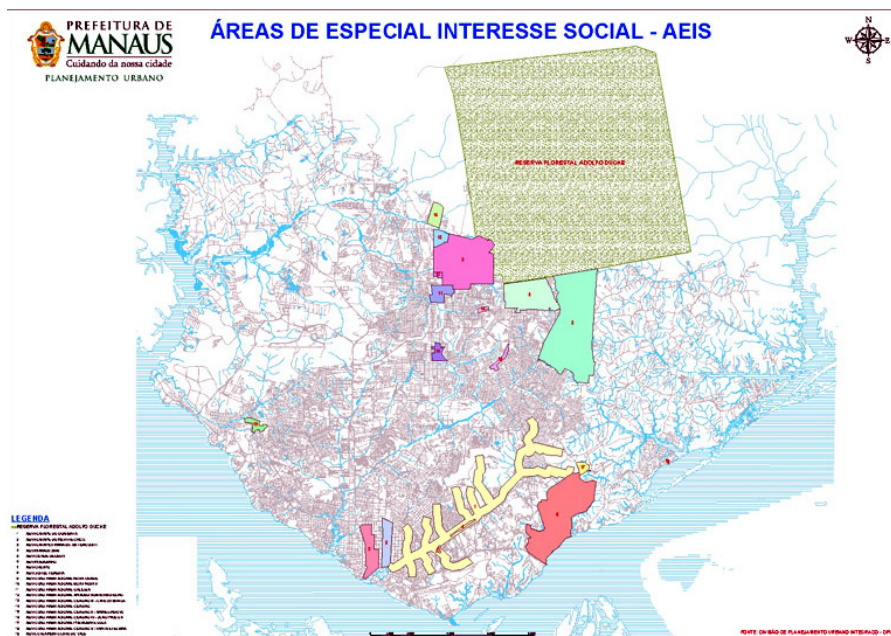


Ilustração 189.

Plano Diretor, Áreas de  
interesse Social.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O Plano Diretor Urbano e Ambiental ou Plano Diretor de Manaus – PDM, foi regulamentado pela Lei Nº 671, de 4 de novembro de 2002. Com ele, a Prefeitura tem o instrumento necessário e atualizado para planejar o crescimento e tentar conter o avanço em direção às áreas verdes (as invasões), ordenar a ocupação do solo e estimular a verticalização urbana<sup>338</sup>.

O PDM é uma ferramenta essencial para a mudança. Antes, muitos processos ficavam emperrados porque as regras não condiziam com a realidade. Alguns projetos tinham que passar pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano, o que demandava ainda mais tempo na obtenção da licença. O Plano Diretor corrige essas distorções porque está atualizado.

Entre os casos mais graves verificados em Manaus, no que diz respeito ao espaço urbano, figura o número crescente de invasões, que ajudaram a desfigurar as feições da capital amazonense. Nessas áreas, problemas de infraestrutura somaram-se à pobreza dos moradores e tornaram o quadro geral bastante delicado. A disponibilidade de terra com baixo ou nenhum custo (invasões), provocou a abertura de ruas de forma caótica, o que gerou um sistema

338 Informação extraída do Site da Prefeitura Municipal de Manaus. [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.

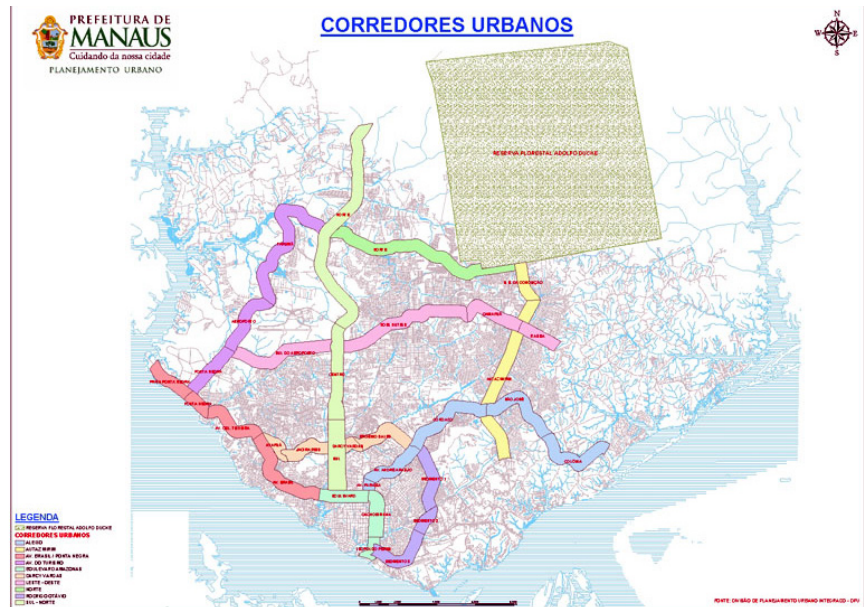


viário desarticulado, caracterizado por vias muito estreitas, tanto para a passagem de veículos quanto para a execução de obras básicas como asfalto, meio-fio e calçadas.

**Ilustração 190.**  
**Plano Diretor, Estrutura Urbana.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 191.**  
**Plano Diretor, Corredor Urbano.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



Conter o crescimento desordenado é umas das tarefas mais difíceis, que começa a ser executada com a aprovação do novo Plano Diretor. Na corrida contra o tempo, o poder público vai fazer os investimentos necessários, como a abertura de vias de acesso, criando condições para que os loteadores implementem serviços como água e energia elétrica antes de começarem a comercializar os lotes.



A inovação e a preocupação com a qualidade de vida do manauara fizeram com que a Prefeitura Municipal viabilizasse a criação de três novos espaços de lazer e contemplação. Esses projetos contaram com a participação de profissionais de vários estados brasileiros em dois concursos nacionais, e a contratação de Oscar Niemeyer para a elaboração de um projeto arquitetônico em homenagem ao cartão postal mais conhecido da cidade: o encontro das águas dos rios Negro e Solimões.

Inicialmente, a Prefeitura desapropriou duas grandes áreas que se encontravam abandonadas, e criou os parques Ponte dos Bilhares, entre as avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, na Chapada, Zona Centro-Sul, e a Lagoa do Japiim, na Avenida Rodrigo Otávio, no Bairro do Japiim, Zona Sul. O lançamento de concursos nacionais para a escolha dos anteprojetos arquitetônicos para esses parques mobilizou arquitetos de vários estados e possibilitou uma versatilidade de idéias<sup>339</sup>.

### **5.3. – Identificação do Patrimônio Local (1990-2004)**

VILA OLÍMPICA DE MANAUS

ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL

PARQUE DO MINDU (c 1992).

BOSQUE DA CIÊNCIA e MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS

JARDIM BOTÂNICO - ADOLPHO DUCKE

LAGOA DO JAPIIM

PONTE DOS BILHARES

PONTA DAS LAJES - ENCONTRO DAS ÁGUAS (p 2005)

---

339 Informação sobre os trabalhos da Prefeitura de Manaus foi concedida pela Engenheira Maria Izanete Liberato Magalhães, Subsecretária de Habitação da SEMOSB através de Lista de documentos enviados em 25.09.2006.



### 5.3. – Identificação do Patrimônio Local: 1990-2004

Este capítulo é composto por obras realizadas entre 1990 e 2004. Os textos são iniciados pelo nome do prédio, o endereço, a data de construção/projeto/conclusão da obra, o nome do arquiteto e/ou do escritório. Cada edifício possui um texto explicativo e uma pequena ficha técnica. A maior parte das obras selecionadas possui acesso livre: são públicos, institucionais e, alguns poucos turísticos e comerciais. Outros, no entanto, tem acesso controlado, não possuem informações catalogadas, o que significa que não é possível inventariar a área sem uma visita ao local.

#### VILA OLÍMPICA DE MANAUS (i 1990)

A Vila Olímpica de Manaus fica situada na Avenida Pedro Teixeira, s/nº, logo após o Estádio Vivaldo Lima, no bairro D. Pedro.

Inaugurado em 26 de março de 1990, pelo Governador Amazonino Mendes, a Vila Olímpica está entre as mais bem preparadas e equipadas da América Latina. Muitos campeonatos e exibições a nível nacional e internacional são realizados nesse local.

O projeto da Vila Olímpica é de autoria do arquiteto Severiano Mário Porto, com a colaboração do arquiteto Mário Emílio Ribeiro<sup>340</sup>.

A Vila Olímpica também atende aos moradores da cidade, e desenvolve muitas atividades em seus 228.288 m<sup>2</sup>. Atividades essas que ajudam a desenvolver o esporte local, formando novos atletas. Entre as atividades encontramos: Pista de Atletismo; Campo de Atletismo; Parque Aquático: Piscina Olímpica - medindo 25 x 50m; Piscina Semi-Olímpica - medindo 17 x 25m; Piscina para Saltos Ornamentais - medindo 12 x 17,2m; A torre de Salto em concreto aparente com altura construtiva de 11 metros<sup>341</sup>.

340 SABBAG, Haifa Yazigi. *Severiano Porto e a Arquitetura Regional*. Arquitetura-Crítica, AC 012, setembro 2003. [www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp](http://www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp).

341 ZEIN, Ruth Verde. *Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto*. In: Revista Projeto Nº. 83, Janeiro 1986, p.45.





O Parque Aquático dispõe de cabine de cronometragem (25m<sup>2</sup>) com equipamento tipo Colorado Rey Sistema Cab - Cam The Performance Edge. Vestiário masculino e feminino, bar e sanitários para uso público.

Quadras Esportivas: Possui quatro quadras para prática de esportes. Todas as quadras são cobertas com estruturas metálicas, acopladas com vestiários, para atender atletas em treinamento. Distribuindo-se em uma quadra polivalente, para Futebol de Salão e Handebol, outra para Voley e Basquete, e quadra para Tênis de Mesa e outra que atende Ginástica Olímpica, Lutas e Artes Marciais.

Sala de Musculação e Recuperação física e área para prática de Skate.

A Vila Olímpica possui também um Alojamento, com capacidade para abrigar 220 atletas. Um Refeitório que atende 160 refeições simultâneas. Dois prédios para Administração, e dois para Manutenção, além de telefones públicos, e um moderno sistema de Sonorização com controle de mesa distribuidora, com chamadas simultâneas<sup>342</sup>.

O abastecimento de água potável se dá através de poço artesiano de 80 metros de profundidade e sistema de cisterna e reservatório elevado com capacidade para 96 m<sup>3</sup> de água.

Para os estudantes praticantes de esporte, a Vila Olímpica oferece orientação de 4 treinadores e 2 médicos cubanos, 4 treinadores russos e 1 coordenador brasileiro, todos da melhor qualificação internacional, responsáveis pela preparação de atletas recordistas mundiais e olímpicos. Os treinadores são assessorados por 7 professores, 3 monitores, 2 médicos, 2 enfermeiras, 2 fisioterapeutas, 1 massagista e 1 odontólogo, todos brasileiros. O atendimento também se dá aos deficientes visuais e auditivos.

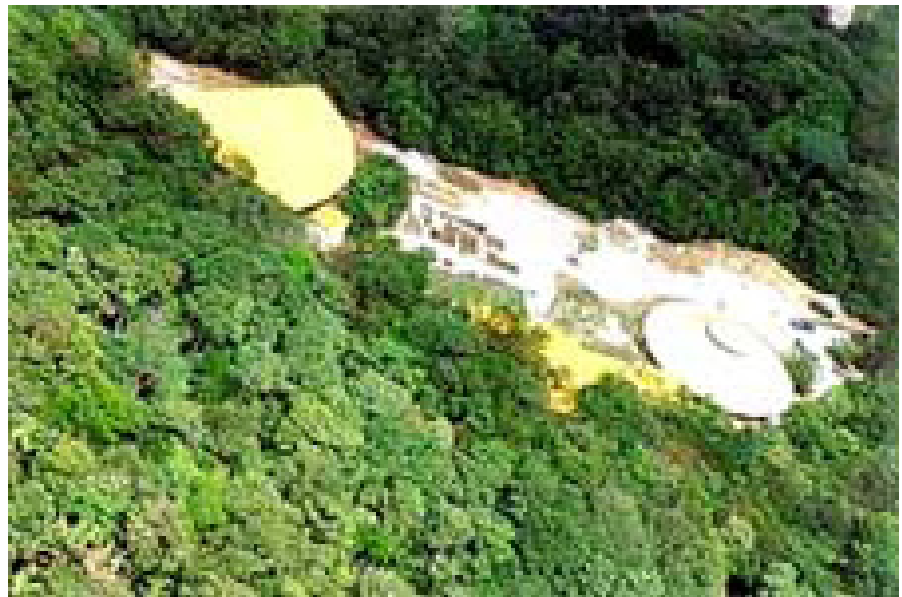
---

342 CAMPOS, Elizabete Rodrigues de. *A Arquitetura Brasileira de Severiano Mário Porto*. Texto Especial N°. 209, São Paulo, dezembro 2003. [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br).



### PARQUE DO MINDU (c 1992).

O Parque do Mindu fica localizado na Rua Perimetral s/n, no Bairro do Parque 10, no perímetro urbano de Manaus. O local onde está instalado o Parque do Mindu é um dos últimos refúgios do sauím-de-coleira, macaco ameaçado de extinção que só existe na região de Manaus.



**Ilustração 192.**  
**Parque do Mindu. Vista Aérea.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 193.**  
**Parque do Mindu. Entrada do parque.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

Em 1992, foi criado com dois objetivos: o primeiro preservar o hábitat do sauím-de-coleira<sup>343</sup>, mico ameaçado

<sup>343</sup> Sauím-de-coleira – Macaco de pequeno porte, mico, é hoje a subespécie mais ameaçada de extinção de todos os micos. Ocorre somente em uma pequena região nas vizinhanças de Manaus, ao Norte do Rio Amazonas e a leste do Rio Negro. Alimenta-se de frutos, insetos e gomas de vegetais. Vive em grupos.



de extinção, devido à caça e à destruição do seu hábitat, conseqüentes do crescimento e desenvolvimento de Manaus; e o segundo tornar-se uma área de interesse ecológico. Administrado pela Sedema - Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Meio Ambiente, voltado às atividades científicas, educativas, culturais e turísticas.



**Ilustração 194.**  
**O Sauim-de-coleira.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 195.**

**Parque do Mindu.**  
**Restaurante.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 196.**

**Parque do Mindu.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

Possui uma área de 330.000 m<sup>2</sup> que abriga trilhas nas matas, o Parque do Mindu é contemplado de biblioteca com um centro de informações sobre meio ambiente, estacionamento, anfiteatro para seiscentas pessoas, canteiros



de ervas com propriedades medicinais e aromáticas, orquidário, trilha suspensa e sinalização.

A arquitetura desses espaços é do tipo chapéu-de-palha, em madeira de lei, cobertura de palha, piso cimentado liso. A alvenaria aparece apenas em alguns espaços pontuais, como: instalações sanitárias, restaurante do Mindu<sup>344</sup>, cozinha e outros.

**Ilustração 197.**  
**Parque do Mindu.**  
**Aquário.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 198.**  
**Parque do Mindu.**  
**Anfiteatro.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



344 O Restaurante do Mindu realiza nos fins de semana e feriados o café da manhã regional com todas as iguarias da culinária Amazonense.





Em 1996, a Prefeitura de Manaus implantou toda a infra-estrutura do parque, através de um moderno projeto arquitetônico, bem integrado à floresta em forma e escala, permitindo a perfeita interação entre homem e meio ambiente. Com a urbanização das trilhas, é possível caminhar, com segurança, através de quatro ecossistemas distintos: mata de capoeira secundária<sup>345</sup>, mata de terra firme<sup>346</sup>, mata de baixio<sup>347</sup>; e áreas degradadas, que sofreram desmatamento ilegal em 1989.



**Ilustração 199.**

**Igarapé do Parque do Mindu.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 200.**

**Parque do Mindu. Trilhas suspensas.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

345 Mata de capoeira secundária – Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para o cultivo da terra ou para outro fim.

346 Mata de terra firme – vegetação que cresce em terrenos que não são alcançados pelas cheias dos rios.

347 Mata de baixio – Vegetação que cresce em áreas inundáveis à beira-rio.

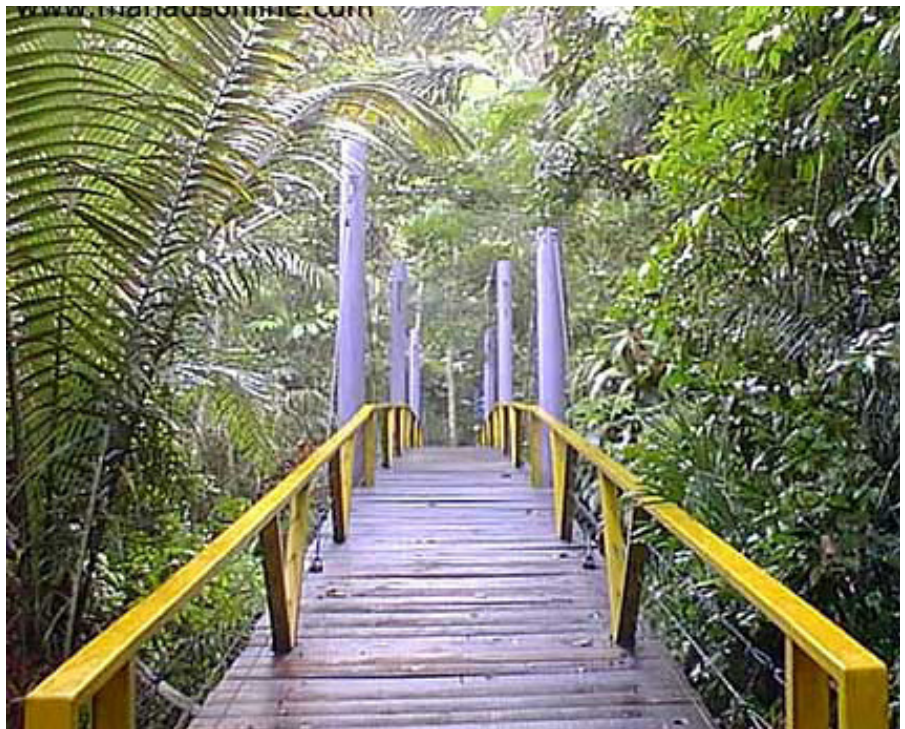




**Ilustração 201.**  
**Parque do Mindu. Trilha principal.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 202.**  
**Parque do Mindu. Trilhas suspensas.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



O Parque do Mindu recebeu atenção especial por parte de ambientalistas impressionados com suas características peculiares. Abriga hoje o projeto Gaia, financiado por empresas e governo da Noruega, desde 1992.



ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL<sup>348</sup> – (p 1994)

Arq. Severiano Mário Porto.

BOSQUE DA CIÊNCIA E O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS  
(i 1995)

O Bosque da Ciência fica localizado na Avenida André Araújo, Nº 1756 –Bairro do Aleixo, no perímetro urbano, local onde funciona as dependências do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, possui uma grande área rica em vegetação e animais da Amazônia.



Ilustração 203.

Bosque da Ciência - INPA.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O Bosque da Ciência é um parque ecológico inaugurado em 1995, ano em que o INPA completou 40 anos de fundação<sup>349</sup>. Das pesquisas realizadas, entre outras, está o projeto de preservação do Peixe-boi (*Trichechus inunguis*) - salvando-o da extinção. O projeto Peixe-boi foi elaborado em 1983, pela arquiteta Graciete Guerra da Costa, e consiste em vários tanques com visores em blindex de alto impacto para a criação e visualização do mamífero aquático, praça de visitação e áreas de serviço independentes ligadas à pesquisa científica.

348 HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. *Entre o Regional e o Moderno*. In: Revista AU Nº. 130. São Paulo: Editora PINI, Janeiro 2005.

349 Informações extraídas do Site do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA [www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br) em 15/08/2006.



**Ilustração 204.**  
**Bosque da Ciência - INPA.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O local foi edificado para possibilitar maior conhecimento sobre o meio ambiente amazônico, ao mesmo tempo em que permite andar por suas trilhas e caminhos. O Bosque foi projetado e estruturado para fomentar e promover o desenvolvimento do programa de difusão científica e de educação ambiental do INPA, ao mesmo tempo em que mantém a integridade física da área, preservando os aspectos da flora e fauna ali existentes.

Educação e lazer se unem neste projeto paisagístico, em aproximadamente 13 ha (treze hectares) de vegetação, com a finalidade de divulgar os programas e pesquisas do INPA, além de contribuir para preservar e recuperar a natureza e a cultura da região. Os principais equipamentos do Bosque são: viveiro de ariranhas, tanque do peixe-boi, condomínio das abelhas, viveiro de jacarés, jardim botânico, trilha suspensa, fauna livre, orquidário, bromeliário e a Casa da Ciência.

O Museu de Ciências Naturais é administrado pela Associação Naturalista da Amazônia, e sua variada coleção de borboletas, insetos e raras espécies de peixes da região ajudam pesquisadores e cientistas em suas tarefas.





## JARDIM BOTÂNICO ADOLPHO DUCKE

O Jardim Botânico Adolpho Ducke fica localizado na Rua Uirapuru, s/nº, no Bairro Cidade de Deus.

Inserido na Zona Leste de Manaus caracteriza-se pela grandiosidade da Reserva Florestal Adolpho Ducke, espalhando-se por cerca de 100 km<sup>2</sup>. O Adolpho Ducke é um espaço destinado à preservação da biodiversidade amazônica contida nessa área verde da Reserva. O Jardim Botânico Adolpho Ducke é, provavelmente, um dos poucos locais a nascer com forte apelo ambiental e social no processo de urbanismo da cidade<sup>350</sup>.



**Ilustração 205.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 206.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

350 Informações extraídas do Site da Prefeitura Municipal de Manaus – PMM, [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.



**Ilustração 207.**  
**Jardim Botânico Adolpho  
Ducke.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 208.**  
**Jardim Botânico Adolpho  
Ducke.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



Na entrada, ergue-se um complexo básico de edificações, composto por um monumento alusivo às madeiras nobres da Amazônia, um pavilhão de exposições, uma cantina, uma biblioteca, salas para educação ambiental, salas administrativas, salas de serviços gerais, banheiros e viveiros para a produção de mudas.

As trilhas interpretativas foram colocadas em ambiente (minimamente) alterado apenas para a abertura dos caminhos que levam às florestas de platô e de terra firme. Ao longo dos séculos, os jardins botânicos têm sido instrumentos indispensáveis para o desenvolvimento científico-cultural, berço de considerável patrimônio florístico, proporcionando material para estudos e pesquisas, promovendo a conservação da flora e a proteção de espécies ameaçadas de extinção.

As comunidades do entorno estão sendo estimuladas e preparadas a trabalhar na confecção e venda de produtos artesanais e na prestação de serviços.

Além do trabalho, as comunidades também integram os programas de educação ambiental, organizados com o objetivo de compreender e assimilar a importância da preservação da Reserva, como fator de qualidade ambiental para toda a cidade. Assim, o espaço oferece à comunidade, sistematicamente, todo um conjunto de atividades de relevante interesse cultural e ambiental.

#### PARQUE LAGOA DO JAPIIM (p 2005)

O Parque Lagoa do Japiim está localizado na Avenida Rodrigo Otávio, ao lado do supermercado atacadista Makro, no Bairro do Japiim, Zona Sul da cidade.



Ilustração 209.  
Parque Lagoa do Japiim,  
entrada. Projeto do  
arq. Gustavo de Abreu  
vencedor do concurso  
público da Prefeitura/IAB.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 210.**  
**Parque Lagoa do Japiim,**  
**vista interna. Projeto**  
**do arquiteto Gustavo**  
**de Abreu vencedor do**  
**concurso público da**  
**Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



A área em questão mede mais de 41 mil metros quadrados e através do Instituto Municipal de Planejamento Urbano, da PMM - Prefeitura Municipal de Manaus a participação dos profissionais de arquitetura foi excelente e os trabalhos apresentados foram de alto nível. O arquiteto Gustavo de Abreu foi o vencedor do Concurso Nacional de Anteprojetos do Parque Lagoa do Japiim. Ele recebeu R\$ 20 mil reais (vinte mil reais) como prêmio e ainda assinou contrato com a PMM no valor de R\$ 150 mil para a execução da obra<sup>351</sup>.

**Ilustração 211.**  
**Parque Lagoa do Japiim,**  
**vista interna. Projeto**  
**do arquiteto Gustavo**  
**de Abreu vencedor do**  
**concurso público da**  
**Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



<sup>351</sup> Informações extraídas do Site da Prefeitura Municipal de Manaus – PMM, [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br) em 15/08/2006.





**Ilustração 212.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



**Ilustração 213.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O parque foi uma antiga demanda dos moradores do Japiim, para a recuperação de uma área que se encontrava abandonada. No Parque Lagoa do Japiim, a lagoa artificial que dá nome ao parque transforma o local em uma das áreas mais bonitas do bairro do Japiim. Gustavo de Abreu disse que procurou valorizar cada aspecto do terreno e acredita que essa diferença tenha lhe garantido o primeiro lugar. “Procurei priorizar a questão ambiental e a acessibilidade aos deficientes físicos para que todos pudessem usufruir da beleza do parque e, pela proximidade do parque com o Distrito Industrial, quis marcar com uma estrutura metálica a arquitetura do anfiteatro que será erguido no centro



da lagoa”, ressaltou o arquiteto. Gustavo é formado pela Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, e mora há dois anos em Manaus. O Parque Lagoa do Japiim faz parte de um complexo de parques urbanos que devem ser implantados pela PMM até o final de 2006. O orçamento inicial para o parque é de R\$ 2 milhões e a expectativa é de que a licitação para a obra seja anunciada no primeiro bimestre e que sua inauguração aconteça entre julho e agosto de 2006<sup>352</sup>.

### PONTE DOS BILHARES

O Parque dos Bilhares fica localizado às margens do igarapé do Mindu, entre as avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, estende-se até a ponte histórica, próxima ao condomínio Cidade Jardim. Dispõe de uma área de 59.674,01 metros quadrados.



Ilustração 214.  
Ponte dos Bilhares.  
Projeto do arquiteto José  
Otávio Sorato vencedor  
do concurso público da  
Prefeitura/IAB.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

Autores do Projeto:  
José Otávio Sorato - Gustavo Braz Carneiro - Fábio Marcizio Gonçalves // Florianópolis - SC // [gfs.arg@terra.com.br](mailto:gfs.arg@terra.com.br)



Um dos objetivos do parque é resgatar um momento histórico da cidade de Manaus quando os bondes eram o meio de transporte utilizado pela sociedade. A Ponte dos Bilhares fazia parte da rota do bonde e, por isso, dentro do parque deverá passar, também, um trilho para o bonde, cuja réplica deve ser feita no município de Santos, São Paulo.

352 Informação sobre os trabalhos da Prefeitura de Manaus foi concedida pela Engenheira Maria Izanete Liberato Magalhães, Subsecretária de Habitação da SEMOSB através de Lista de documentos enviados em 25.09.2006.



Ilustração 215.

Ponte dos Bilhares.  
Projeto do arquiteto José  
Otávio Sorato vencedor  
do concurso público da  
Prefeitura/IAB.

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

O projeto escolhido pela Comissão Julgadora do Concurso Público de Anteprojetos de Arquitetura do Parque Ponte dos Bilhares, lançado pela Prefeitura Municipal de Manaus, é do arquiteto José Otávio Sorato, de Florianópolis - Santa Catarina. O prêmio para o primeiro colocado foi de R\$ 20 mil reais (vinte mil reais), mas, além disso, ele assinou um contrato com a PMM no valor de R\$ 100 mil para a execução da obra. O projeto vencedor foi o que demonstrou maior preocupação com a situação ambiental local, especialmente quanto ao aspecto do saneamento básico, embora a questão não tenha sido solicitada no edital do Concurso, lançado no dia 24 de maio de 2005. O orçamento estimado pelo arquiteto encontra-se dentro do limite de R\$ 2 milhões estipulado pela Prefeitura Municipal de Manaus, em torno de R\$ 1.780 milhões<sup>353</sup>.

O projeto sugere a construção de um local para manifestações folclóricas, que foi denominado “Praça da Fogueira”, além de área para artesanato com barracas móveis; três quadras poliesportivas; teatro de arena para atrações culturais e de contemplação; pista de *skate*; *playground*; bicicletário; relógio solar; equipamento para ginástica; banheiros públicos e outros.

353 Informação sobre os trabalhos da Prefeitura de Manaus foi concedida pela Engenheira Maria Izanete Liberato Magalhães, Subsecretária de Habitação da SEMOSB através de Lista de documentos enviados em 25.09.2006.





Ilustração 216.  
Ponte dos Bilhares.  
Projeto do arquiteto José  
Otávio Sorato vencedor  
do concurso público da  
Prefeitura/IAB.  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)



Ilustração 217.  
Ponte dos Bilhares.  
Projeto do arquiteto José  
Otávio Sorato vencedor  
do concurso público da  
Prefeitura/IAB.  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

A logomarca do Parque Ponte dos Bilhares, sugerida por Sorato, propõe a integração entre a suntuosidade e a elegância da “*belle époque*” por meio da graficação do bonde e das linhas expressivas da ponte. O parque deverá ter, ao todo, 100 vagas para estacionamento.





## PONTA DAS LAJES (p 2005)

O Parque Encontro das Águas fica localizado na Ponta das Lajes, no bairro Colônia Antônio Aleixo, Zona Leste, em área que pertencia a Embratel e foi desapropriada para a criação do parque contemplativo, pela importância do local.



**Ilustração 218.**  
Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Mapa de localização da área.

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.



**Ilustração 219.**  
Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Terreno de 120.000 m<sup>2</sup> onde será implantado o projeto.

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.

O prefeito Serafim Corrêa convidou o arquiteto Oscar Niemeyer, que aceitou elaborar o projeto. O encontro entre os dois para a entrega do projeto final aconteceu no Rio de



Janeiro, em janeiro de 2005. O Parque Encontro das Águas será o primeiro projeto do Oscar Niemeyer no Amazonas.

Trata-se da construção do “Parque Encontro das Águas”, obra de 9.383,33 m<sup>2</sup> de área construída, a ser executada através do convênio pretendido, em um terreno de 120.000,00 m<sup>2</sup>, será implantada estrategicamente em um dos pontos mais elevados de um talude de 54 metros de altura na orla urbana de Manaus, voltado ao encontro das águas dos rios Negro e Solimões<sup>354</sup>.

Ilustração 220.

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.



Ilustração 221.

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.



354 NIEMEYER, Oscar. Memorial descritivo do projeto Parque Encontro das Águas. Rio de Janeiro, 2005.



A estrutura edificada abrigará um restaurante com vista para os rios, um prédio de exposições e um estacionamento para 141 veículos. O conjunto arquitetônico será composto por um pavilhão em formato de oca, com 35 metros de diâmetro na base e altura de sete metros, elevado em relação ao piso da praça, proposta como espaço aberto à paisagem. A estrutura disporá também de um subsolo de igual área. No quadrante mais próximo à encosta, o pavimento do subsolo será aberto ao ambiente externo, protegido por uma marquise. O projeto apresenta a 20,8 metros acima do térreo do memorial, duas lâminas, com 20 centímetros de espessura cada uma, inseridas no topo do prédio de exposições. Uma das lâminas em amarelo é reta, simboliza as águas barrentas do Solimões e a outra, em marrom, representando o rio Negro, é curva.

A partir deste espaço privilegiado, estrategicamente implantado, a população local e visitante, poderá além de observar o encontro dos rios e toda paisagem natural envolvente, usufruir as atividades de serviço, lazer e cultura, abrigadas pelo complexo. Ao caráter utilitário do espaço projetado, soma-se o aspecto referencial a ser constituído com a obra, valorizando um dos elementos naturais mais significativos da região: as águas.

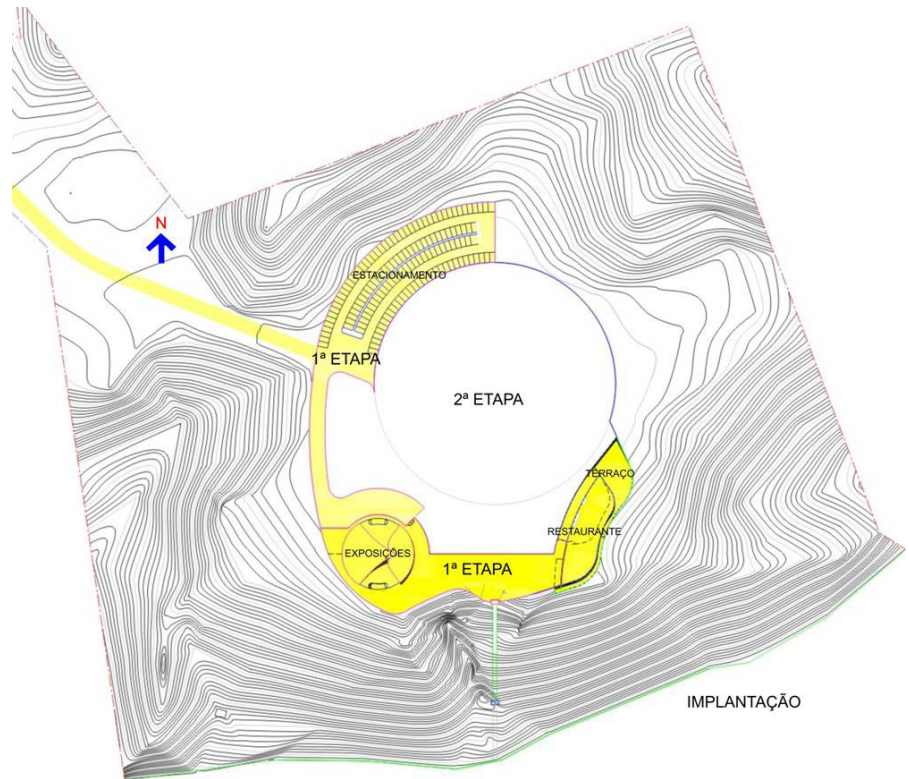


**Ilustração 222.**  
**Fotografia de**  
**sensoriamento remoto da**  
**cidade de Manaus.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus.

Fonte: Eng. Maria Izanete  
Liberato Magalhães/  
SEMOSB.





**Ilustração 223.**  
**Parque Encontro das**  
**Águas ou Ponta das Lajes.**  
**Projeto do arquiteto Oscar**  
**Niemeyer. Projeto de**  
**Implantação.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete  
Liberato Magalhães/  
SEMOSB.

Considerando-se a precariedade e informalidade das outras instalações existentes para realização desta prática já inserida nos roteiros turísticos da cidade, tem-se o equipamento projetado como um espaço distinto, situado em um dos últimos espaços remanescentes abertos à paisagem dos rios na orla urbana da cidade, desde o qual se vislumbra o encontro das águas. Atualmente visualizada por meio de embarcações, ou a partir de áreas privadas da orla, esta imagem, singularizada pela propriedade do contexto, será através do projeto, mais bem usufruída pelos visitantes e pela população local, sendo desta forma, universalizada e difundida como ícone da cidade de Manaus.

A Ponta das Lajes é dos poucos locais, em Manaus, de onde se pode ver, de terra firme, o encontro das águas entre os rios Negro e Solimões, que originam o Rio Amazonas. Fenômeno natural provocado pela confluência das águas escuras do Rio Negro com as águas barrentas do Rio Solimões. Por uma extensão de mais de seis quilômetros, os rios correm lado a lado, sem se misturar. Acontece em decorrência da diferença entre a temperatura e densidade





das águas e, ainda, à velocidade de suas correntezas: o Rio Negro corre cerca de 2 km/h a uma temperatura de 22°C, enquanto que o Rio Solimões corre de 4 a 6 km/h, a uma temperatura de 28°C.

Complementado por uma vista panorâmica da cidade, o acesso ao local pode ser realizado via fluvial, preferivelmente, com uma duração de aproximadamente uma hora a partir do Porto Flutuante.



**Ilustração 224.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Perspectiva do conjunto da obra de 9.383,33 m<sup>2</sup>.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.



**Ilustração 225.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Pavilhão Oca.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/ SEMOSB.



O arquiteto Oscar Niemeyer disse que a criação do projeto fluiu naturalmente e sem dificuldades porque a beleza do lugar o inspirou. Em sua narrativa sobre o projeto Niemeyer descreve o conjunto arquitetônico como um prédio de exposições que “consiste em um pavilhão com a forma de uma oca, com 35 metros de diâmetro na base e altura de 7,2 metros, elevado em relação ao piso da praça, dispondo de um subsolo de igual área. No quadrante mais próximo à encosta, o pavimento do subsolo é aberto para o ambiente externo, protegido por uma marquise, extensão da estrutura do piso térreo”, explica o texto<sup>355</sup>.



**Ilustração 226.**  
**Parque Encontro das**  
**Águas ou Ponta das Lajes.**  
**Projeto do arquiteto Oscar**  
**Niemeyer. Mirante.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete  
Liberato Magalhães/  
SEMOSB.

O terreno terá a maior parte de sua vegetação preservada. O projeto de engenharia e arquitetura custou à Prefeitura Municipal de Manaus, R\$ 600 mil, e um primeiro esboço foi entregue ao Instituto Municipal de Planejamento Urbano - Implurb em outubro de 2005. A licitação para a obra foi aberta no primeiro bimestre de 2006 e a expectativa é entregar o novo parque à população até o final de 2007<sup>356</sup>.

355 NIEMEYER, Oscar. Memorial descritivo do projeto Parque Encontro das Águas. Rio de Janeiro, 2005.

356 Informação sobre os trabalhos da Prefeitura de Manaus foi concedida pela Engenheira Maria Izanete Liberato Magalhães, Subsecretária de Habitação da SEMOSB através de Lista de documentos enviados em 25.09.2006.

BRANCO

## CONCLUSÃO

Durante muito tempo o Brasil só conheceu a Amazônia-lenda, a Amazônia-superstição, a Amazônia-literatura extremada, do Inferno Verde e do **Eldorado**, duas imagens grotescamente distorcidas em que o País se louvou para meio século de discussões estéreis e tentativas frustradas de valorização da área.

Estudar e penetrar na arquitetura da Amazônia é como ficar atônito e até se perder diante da sua grandiosidade e complexidade. Entretanto, apesar dos encantos e de toda essa sua extensão, é preciso que se reflita sobre as verdadeiras raízes dos seus problemas mais preocupantes. Eles estão na internacionalização da Amazônia, no crescimento populacional e na riqueza mal distribuída do globo terrestre. O problema não é só brasileiro. O mundo inteiro precisa de água e de terra, e os países que têm terra e água disponível, como é o caso da Amazônia, estarão sempre sendo pressionados pelos países ricos a ocupá-las cada vez mais e a qualquer custo<sup>357</sup>.

Ao longo de toda a pesquisa o material colhido e interpretado foi utilizado na montagem do processo de evolução urbana de Manaus. Foi utilizado o método específico desenvolvido por Célia Ferraz de Souza e Dóris Maria Muller (SOUZA, 1997). A metodologia aplicada tratou objetivamente da análise do inter-relacionamento dos fatores populacionais, econômicos, socioculturais, político-institucionais e locacionais, que atuaram sobre a cidade em cada período da sua história, procurando destacar, de maneira particular, em cada um deles, as suas funções urbanas e, de maneira geral, suas perspectivas. Ainda em cada um dos períodos, se procurou caracterizar a estrutura física da cidade.

Desta forma, a divisão da história da cidade de Manaus se desenvolveu em cinco períodos: • 1<sup>o</sup> Período, da

---

357 BAUTISTA VIDAL, J.W.; NOGUEIRA, Rui & GAMA E SILVA, Roberto. **AMAZÔNIA: Império das Águas**. Porto Alegre-RS: RIGEL Livraria e Editora, s/d.



colonização -1870; • 2º Período, 1870-1914; • 3º Período, 1914-1967; • 4º Período, 1967-1990; • 5º Período, 1990-2004, sendo que cada período histórico correspondeu a cinco capítulos respectivamente.

O estudo do primeiro capítulo procurou identificar os principais acontecimentos relacionados com a conquista e ocupação do território onde a cidade de Manaus foi implantada. Para tanto, um panorama geral sobre as populações nativas e dos primórdios da colonização local de 1669 a 1870 foi apresentado. Ou seja, da construção da Fortaleza do Rio Negro até o início da exploração sistemática da borracha. Período que se caracterizou pelo povoamento do lugar e pela consolidação da atual cidade. Ao longo do tempo, o Lugar da Barra foi observado por diversos viajantes, que constataram não passar de um povoado simples da Capitania de São José do Rio Negro (cuja capital funcionava, desde 1758, na Vila Barcelos). Mesmo assim, o local progrediu, sendo elevado a cidade, e logo a capital. Em 4 de setembro de 1856, a Cidade da Barra passou a se chamar Cidade de Manaus, lembrando os índios extintos Manáos, que habitavam a região. Ao longo do capítulo, além do Forte da Barra, já demolido, foram identificadas 5 (cinco) construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local, explorados individualmente logo a seguir.

A partir de 1870, quando houve o início do surto da economia gomífera na região, Manaus conheceu um período de franca expansão e desenvolvimento urbano, deixando de ser uma cidade completamente isolada nos confins do norte do país. A cidade conheceu luz elétrica, porto flutuante construído pelos ingleses, bondes, teatros, cinemas, e outros. Esse período áureo, todavia, encerrou-se entre 1913/14, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, retornando a cidade, com isso, a um novo momento de isolamento. Ao longo do capítulo foram identificadas 40 (quarenta) construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

O terceiro capítulo identificou os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus a partir de 1914, ou seja, quando o surto da economia gomífera havia chegado ao fim. Suas marcas, porém, ficaram registradas na transformação de uma pequena vila em uma cidade cosmopolita, na figura de seus monumentos e nos registros e arquivos oficiais, enfim, na memória de nossa conturbada história. Desta vez, o que caracterizou o período é a estagnação econômica – com um pequeno salto quantitativo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que forçou os aliados a se voltarem para a antiga fonte de produção de borracha: a Amazônia. Estagnação que só terminou com a implantação de um novo modelo econômico, caracterizado pela criação da Zona Franca de Manaus, em 1967. Ao longo do capítulo foram identificadas 8 (oito) construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

No quarto capítulo o estudo se concentrou nos principais acontecimentos relacionados com o advento da Zona Franca de Manaus – ZFM, tendo em vista que, na história econômica mais recente do Amazonas, após o apogeu da borracha, nada se compara ao desenvolvimento gerado pela ZFM.

O estudo vai abordar o modelo da ZFM e ele vai ser o responsável pela inserção da economia do Estado no sistema capitalista internacional, e, por conseguinte, também pelos benefícios promovidos no Estado, e por certos impactos provocados na região. Ao longo do capítulo foram identificadas 16 construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

O quinto e último capítulo identificou os principais acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da cidade de Manaus de 1990 aos dias de hoje. Período caracterizado pelo processo de metropolização. A população desassistida e sem perspectivas do interior, veio em massa para a capital. O êxodo rural foi a tônica da década de 80. O capítulo buscou, ainda, traçar perspectivas de crescimento

para a cidade, utilizando-se como base a própria história de sua evolução urbana, na tentativa de estudar, dentro do contexto atual e da legislação urbana vigente, os caminhos que podem ser trilhados daqui em diante. Ao longo do capítulo foram identificadas 11 (onze) construções e/ou monumentos constitutivos do patrimônio local.

Dos edifícios identificados nos cinco períodos estudados 34 (trinta e quatro) estão tombados, sendo 4 (quatro) a nível federal e 30 (trinta) pelo Governo do Estado do Amazonas.

Proceder a um estudo do patrimônio arquitetônico e urbano da cidade de Manaus ofereceu a oportunidade de pensar sobre o papel da arquitetura no Brasil. Trata-se, pois, de introduzir uma nova cultura de preservação de patrimônio em um mundo acostumado a práticas imediatistas e destrutivas, durante anos testemunhadas. O trabalho de construção dessa nova cultura depende de que maneira ele será conduzido. Sob esse aspecto, a cidade de Manaus nos apresenta originalidade das mais potentes.

Preservação e conservação são duas palavras que só estão sendo bem entendidas há muito pouco tempo. Na arquitetura de Manaus somente agora com a implantação de projetos turísticos, hotéis de selva e parques ligados à conservação da fauna e da flora é que se desenvolveu o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de futuras gerações atenderem às suas.

Na área de patrimônio histórico, somente depois que a Prefeitura de Manaus inseriu programas de isenção de IPTU, para os proprietários dos imóveis de interesse histórico, é que se introduziu uma nova cultura em uma população acostumada a não preservar e a destruir o seu acervo arquitetônico. Inúmeros edifícios foram destruídos por essa mentalidade retrógrada e subdesenvolvida, mas também por falta de políticas públicas do Governo Federal voltadas à conservação do patrimônio.

Nesse sentido estamos muito atrasados em nossas pesquisas com relação à arquitetura da Amazônia. Estudos

recentes e dados do IBGE comprovam que apenas 2% dos pesquisadores brasileiros estão atuando na Amazônia, se contabilizarmos os estudos voltados para a arquitetura esse percentual diminui drasticamente. Então, se interessar melhorar os estudos arquitetônicos e urbanísticos deve-se investir em pesquisas científicas. Bem utilizadas elas irão revelar que o Eldorado existe e não se compõe apenas de ouro, pedras preciosas, petróleo, nióbio, biodiesel, biodiversidade, mas também de **arquitetura**.

“... Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão”.

*Carlos Drummond de Andrade.*



BRANCO

## RELAÇÃO DOS PRÉDIOS TOMBADOS

### PELO GOVERNO FEDERAL

#### 1. **Teatro Amazonas**

ENDEREÇO: Praça São Sebastião s/nº, no quadrilátero formado pela Rua José Clemente, Rua Costa Azevedo, Avenida 10 de julho e Avenida Eduardo Ribeiro, onde se encontra a fachada posterior.

LIVRO HISTÓRICO

INSCRIÇÃO: 390

DATA: 20 de dezembro de 1966.

Nº. PROCESSO: 0693-T-63

#### 2. **Reservatório do Mocó**

ENDEREÇO: Praça do Chile, s/nº. Manaus - AM

LIVRO HISTÓRICO

INSCRIÇÃO: 497

DATA: 24 de abril de 1985.

LIVRO DE BELAS ARTES

INSCRIÇÃO: 569

DATA: 24 de abril de 1985.

Nº. PROCESSO: 1127-T-84

#### 3. **Mercado Adolpho Lisboa**

ENDEREÇO: Rua dos Barés, s/nº. (antigo bairro dos Remédios) – Manaus – AM

LIVRO DE BELAS ARTES

INSCRIÇÃO: 584

DATA: 01 de julho de 1987.

LIVRO HISTÓRICO

INSCRIÇÃO: 514

DATA: 01 de julho de 1987.

Nº. PROCESSO: 1179-T-85

Observações: O Mercado e seu entorno imediato compreendem os pavilhões, os jardins, o embarcadouro e o trecho correspondente da margem do rio.

#### 4. Conjunto arquitetônico do Porto

ENDEREÇO: Margem esquerda do Rio Negro  
Fazem parte do acervo as seguintes edificações: Escritório Central e fachada anexa, na Rua Taqueirinha n.º. 125; Setor administrativo, na rua Governador Vitório n.º. 121; Setor de operações, antigo prédio do Tesouro, na rua Monteiro de Souza s/n.º; Museu do Porto, na rua Vivaldo Lima n.º. 61; antiga Casa da Tração Elétrica, na rua Marquês de Santa Cruz s/n.º; Armazéns n.ºs 3, 4, 5, 10, 15, 18 e 20; Road-Way e a bomba de incêndio.

LIVRO DE BELAS ARTES

INSCRIÇÃO: 589

DATA: 14 de outubro de 1987.

LIVRO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E  
PAISAGÍSTICO.

INSCRIÇÃO: 100

DATA: 14 de outubro de 1987.

N.º. PROCESSO: 1192-T-86

#### PELO GOVERNO ESTADUAL

##### 1. Academia Amazonense de Letras

Rua Ramos Ferreira s/n.º - Centro

Decreto n.º. 5.218 de 03/10/1980

Diário Oficial

Governo José Lindoso

##### 2. Agencia do Banco Itaú

Rua Teodoro Souto com Guilherme Moreira s/n.º.

Decreto n.º. 11.201 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Agencia Diário Oficial banco Itaú

Governo Amazonino Armando Mendes

##### 3. Agencia Central dos Correios e Telégrafos

Avenida Eduardo Ribeiro com Teodoro Souto s/n.º  
- Centro.

Decreto n.º. 11.200 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes

- 4. Biblioteca Pública do Estado do Amazonas**  
Rua Barroso esquina com a Avenida Sete de Setembro s/nº - Centro.  
Decreto nº. 11.033 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 5. Cemitério São João Batista**  
Boulevard Álvaro Maia s/nº. – Centro.  
Decreto nº. 11.198 de 14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 6. Centro de Artes Chaminé**  
Rua Isabel, s/nº. – Centro.  
Decreto nº. 15.485 de 17/06/1993  
Diário Oficial 18/06/1993  
Governo Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo.
- 7. Estação de Tratamento de Esgoto Teatro Chaminé**  
Rua Delcídio do Amaral, s/n.º - Centro.  
Decreto nº. 11.186 de 14 /06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 8. Colégio Amazonense Dom Pedro II**  
Avenida Sete de Setembro esquina com a Avenida Getúlio Vargas, s/nº. – Centro.  
Decreto nº. 11.034 de 14/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 9. Comando da Polícia Militar do Amazonas**  
Praça Heliodoro Balbi, s/n.º - Centro.  
Decreto nº. 11.035 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 10. Estação da Castelhana**  
Avenida Constantino Nery com Boulevard Álvaro Maia, s/n.º -Centro  
Decreto nº. 1.187 de 14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes



**11. Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas**

Rua Coronel Sergio Pessoa, s/n.º - Centro

Decreto n.º. 11.188 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes

**12. Grupo Escolar Euclides da Cunha**

Avenida Carvalho Leal esquina com a Avenida Ipixuna

Decreto n.º. 11.192 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes.

**13. Grupo Escolar Barão do Rio Branco**

Avenida Joaquim Nabuco, n.º 1152 – Centro.

Decreto n.º. 11.193 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes

**14. Grupo Escolar José Paranaguá**

Rua José Paranaguá n.º 374 – Centro

Decreto n.º. 11.189 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes

**15. Grupo Escolar Nilo Peçanha**

Avenida Joaquim Nabuco, n.º. 336- Centro

Decreto n.º. 11.185 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes.

**16. Grupo Escolar Ribeiro da Cunha**

Rua Silva Ramos, s/n.º - Centro

Decreto n.º. 11.194 de 14/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes.

**17. Grupo Escolar Saldanha Marinho**

Rua Saldanha Marinho / Costa Azevedo,  
s/n.º - Centro

Decreto n.º. 11.191 de 14/06/1988

Diário Oficial 16/06/1988

Governo Amazonino Armando Mendes

- 18. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição**  
Avenida Sete de Setembro, s/n.º - Centro  
Decreto n.º 11.039 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 19. Igreja de Santo Antonio  
(Igreja do Pobre Diabo)**  
Rua Borba, s/n.º - Cachoeirinha  
Decreto n.º 11.036 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 20. Igreja São Sebastião**  
Rua 10 de Julho / Tapajós, s/nº - Centro.  
Decreto n.º 11.038 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 21. Igreja Nossa Senhora dos Remédios**  
Rua Miranda Leão, s/nº - Centro.  
Decreto n.º 11.037 de 12/04/1988  
Diário Oficial 14/04/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes
- 22. Instituto Benjamim Constant**  
Rua Ramos Ferreira, n.º 1609 – Centro  
Decreto n.º 11190 de 14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes.
- 23. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA**  
Decreto n.º 5.218 de 03/10/1980  
Diário Oficial  
Governo José Lindoso
- 24. Instituto Superior de Estudos da Amazônia – ISEA**  
Decreto n.º 10 443 de 19/08/1987  
Diário Oficial 20/08/1987  
Governo Amazonino Armando Mendes.

- 25. Palácio Rio Negro**  
Avenida Sete de Setembro, Nº. 1546 – Centro.  
Decreto nº. 5.218 de 03/10/1980  
Diário Oficial  
Governo José Lindoso
- 26. Palácio da justiça**  
Avenida Eduardo Ribeiro, Nº. 833 - Centro.  
Decreto nº.5.218 de 03/10/1980  
Diário Oficial  
Governo José Lindoso
- 27. Penitenciária Central**  
**Desembargador Raimundo Vital Pessoa**  
Avenida Sete de Setembro, s/n.º 11.195 de  
14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Mendes.
- 28. Ponte Benjamim Constant**  
Avenida Sete de Setembro, s/n.º. Cachoeirinha.  
Decreto n.º 11.199 de 14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes.
- 29. Relógio Municipal**  
Avenida Eduardo Ribeiro, s/n.º - Centro  
Decreto n.º 16/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Mendes
- 30. Sede do TCU (antiga sede da LBA  
Legião Brasileira de Assistência )**  
Avenida Joaquim Nabuco, n.º 1193 – Centro  
Decreto nº. 11.196 de 14/06/1988  
Diário Oficial 16/06/1988  
Governo Amazonino Armando Mendes.
- 31. Santuário Estadual de S. Antonio de Borba**  
Município de Borba  
Lei nº 856 / 1955
- 32. Catedral de Parintins**  
Município de Parintins  
Lei nº 618/ 2004  
Governo Eduardo Braga

## LISTA DAS OBRAS MAIS RECENTES



Manaus, 26 de outubro de 2006

### RELATÓRIO

**ASSUNTO: OBRAS DE MAIOR IMPORTÂNCIA DA P.M.M. (edificadas)**

Nome		Endereço	Data (elaboração)
Praça Heliodoro Balbi	C	Centro	Março / 1985
Centro de Artes Popular - Edifício Cultural	C	Av. Eduardo Ribeiro / José Clemente	Agosto / 1990
Parque de Lazer Ponta Negra (Implantação do Anfiteatro)	C	Ponta Negra	Agosto / 1993
Canteiro Central / Jardineira	C	Av. Djalma Batista	Agosto / 1994
Reurbanização da Praça do Eldorado	C	Conjunto Eldorado – Parque Dez	Agosto / 1994
Fundação Dr. Thomas	R	Asilo Dr. Thomas	Julho / 1995
Delegacia da Mulher	C	Conj. Residencial Castelo Branco – Parque Dez	Junho / 1996
Reurbanização do Terminal de Integração	C	Constantino Nery	Junho / 1996
Biblioteca Pública Municipal	R	Praça do Congresso	Agosto / 1996
Cidade da Criança	C	Santo Antônio	1996 e 1997
Centro Desportivo do Coroadó	C	Alameda Cosme Ferreira	Abril / 1997
Construção da Sede da SEMED	C	Parque Dez	Agosto / 1999
Ampliação da Central de Artesanato Branco e Silva	C	Av. Recife – Parque Dez	Novembro / 1999
Horto Municipal	C	Av. André Araújo	Dezembro /1999
Centro de Saúde Balbina Mestrinho	C	Rua 17 – Cidade Nova II	Outubro / 2000
C. C. A Centro de Captação do Atleta		Rua Valério Botelho de Andrade	Abril / 2001
Centro de Controle de Zoonose	C	Compensa	Mai / 2001
Centro Cultural de Esporte e Lazer Ponta Negra	C	Skate Parque – Ponta Negra	Junho / 2001
Praça da Matriz – Reestruturação	R	Centro	Outubro / 2001
Maternidade c/ 40 Leitos	C	Av. Brasil – Compensa	Fevereiro / 2002
Canteiro Central da Av. São Jorge	C	Av. São Jorge	Março / 2002
Humanização e Revitalização de Rua Marechal Deodoro da Fonseca	R	Marechal Deodoro – Centro	Junho / 2002
Casa de Saúde da Mulher	C	Jorge Teixeira	Julho / 2002
Bola do Eldorado	C	Rua Recife	Julho / 2002

Av. Brasil, 2971 – Compensa – CEP 69035-110  
 CNPJ: 05.610.385/0001-22 Telefones: 672-1666 / 672-1769  
 E-mail: [implurb@pmm.am.gov.br](mailto:implurb@pmm.am.gov.br)



Nome		Endereço	Data (elaboração)
Reurbanização da Praça Dom Bosco	R	Centro	Julho / 2002
Praça Nossa Senhora de Nazaré	R	Rua Recife/Fortaleza	Outubro / 2002
Nova Praça de Alimentação da Cidade Nova	C	Av. Atroaris	Novembro / 2002
Canalização do Córrego do Mindú	C	Av. Paraíba	Abril / 2003
Reestruturação Urbana da Rua João Valério	R	N. S <sup>a</sup> das Graças	Junho / 2003
Reestruturação Urbana da Rua Pará	R	N. S <sup>a</sup> das Graças	Junho / 2003
Projeto de Ampliação da Sede da SEMESP	C	Av. Cosme Ferreira, s/nº - Coroado II – Aleixo.	Janeiro / 2004
Cemitério do Tarumã	C	Estrada Cosme Ferreira s/nº	Sem data
Memorial da Amazônia	C	Bola da Suframa	Sem data
Feira da Banana	C	Rua Barão de São Domingo - Centro	Sem data
Parque Cachoeira do Urubuí	C	Prefeitura Municipal de Presidente Figueiredo	Sem data

\*LEGENDA: C – Construção / R - Reforma

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A cidade de Manaus e o País das Seringueiras.** Manaus: Associação Comercial do Amazonas, Fundo Editorial, 1988.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia do discurso à práxis.** São Paulo: Edusp, 2004.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Problemas geomorfológicos da Amazônia brasileira.** Textos do Simpósio sobre a Biota Amazônica, s/d.

ABA, ARQUITETURA BRASILEIRA DO ANO / Rio de Janeiro, GB/1967-1968.

AGASSIS, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cury. **Viagem ao Brasil: 1865-1866.** São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

ÁLBUM DO AMAZONAS, 1901-1902, no Governo de Sua Exa. Snr. Dr. Silvério Nery. Manaus: Edição F. A. Findanza, 1902.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. **Dicionário Topográfico, Histórico e Descritivo da Comarca do Alto-Amazonas.** Recife: Typ. Commercial de Meira Henrique, 1852.

AMORIM, Aníbal. **Viagens pelo Brasil.** Rio de Janeiro: Liv. Garnier, 1917.

ANDRADE, Moacir. **Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas.** Manaus, Humberto Calderaro, 1985.

ANNUÁRIO DE MANÁOS: 1913-1914. Lisboa: Typ. Da A. Ed. Limitada, 1913.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2004.

ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro. **Um olhar pelo passado.** Manaus: Imprensa Oficial, 1897.

ARANHA, Tenreiro, **Relatório do presidente de 30 de abril de 1852.**

Associação Comercial do Amazonas. **A Cidade de Manaus e o país das seringueiras.** Manaus: Fundo Editorial, 1988.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

AZEVEDO, Gregório Thaumathurgo. **Eleição federal de 30 de dezembro de 1896.** Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1897.

AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira**, Vol.I. Lisboa.

AZEVEDO, João Lúcio de. **Os Jesuítas no Grão-Pará**. Lisboa, 1901.

BARATA, Mário. **Arquitetura Brasileira dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1852.

BARRETO, Aníbal. **Fortificações do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

BARROS, Aidil Jesus Paes de. **Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1979.

BAUTISTA VIDAL, J.W.; NOGUEIRA, Rui & GAMA E SILVA, Roberto. **AMAZÔNIA: Império das Águas**. Porto Alegre-RS: RIGEL Livraria e Editora, s/d.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica**. Manaus: CEDEAM/UA, 1981.

BENCHIMOL, Samuel. **Exportação da Amazônia Brasileira (1994/1995)**. Manaus: edição reprográfica, 1996.

BENCHIMOL, Samuel. **Guerra na Floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

BENCHIMOL, Samuel. **Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial**. Manaus: Governo do Amazonas, Universidade do Amazonas, Associação Comercial do Amazonas, 1994.

BENCHIMOL, Samuel. **Zona Franca de Manaus: a conquista da maioria**. São Paulo: Sver & Boccato, 1989.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BESSA, José Ribamar. **Bares, Manáos e Tarumãs**. In: Revista Arquitetura e Urbanismo (AU), n.10, fev./mar. 1987.

BIARD, François Auguste. **Dois anos no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1945.

BITTENCOURT, Agnello. **Cinco entenário do Teatro Amazonas**. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1948.

- BITTENCOURT, Agnello. **Contribuição para a chorographia política do Estado do Amazonas**. Manaus: Typ. Palais Royal, 1908.
- BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias, vultos do passado**. Rio de Janeiro: Conquista 1973.
- BITTENCOURT, Agnello. **Fundação de Manaus: Pródomos e Seqüências**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1969.
- BRAGA, Genesino. **Fastígio e sensibilidade do Amazonas de ontem**. Manaus, 1960.
- BRAGA, Genesino. **Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas**. Belém, 1958.
- BRAGA, Robério dos Santos. **Palácio Rio Negro**. Manaus: Edição Comemorativa da restauração do Palácio Rio Negro, Série Patrimônio 2, 1982.
- BRAZIL, Álvaro Vital. **50 ANOS de Arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BRITO, Rosa Mendonça de. **Da Escola Universitária Livre de Manáos à Universidade Federal do Amazonas: 95 anos construindo conhecimentos**. Manaus: EDUA, 2004.
- BROWNE, Enrique. **Un Doble Espiritu en la Arquitectura Contemporânea de la América Latina**, ensaio correspondente a um capítulo do livro do mesmo autor, acerca da Arquitetura Latino-americana, 1986.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BURNS, E. Bradford. **Manaus, 1910**. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas. 1966.
- CAMPOS, Elizabete Rodrigues de. **A Arquitetura Brasileira de Severiano Mário Porto**. Texto Especial Nº. 209, São Paulo, dezembro 2003. [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br).
- CARVALHO, Benjamin de Araújo. **Duas arquiteturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962.
- CASTRO, Marvignier de. **Síntese histórica e sentimental da evolução de Manaus**. Manaus: Typ. Fenix, 1948.
- CJ ARQUITETURA Nº. 20 – AMAZÔNIA, 1978.
- COELHO, José Maria **Memória sobre a capitania de São José do Rio Negro**. In: Revista do IGHB, vol. 203. Rio de Janeiro: Dep. de Imp. Nacional, 1949.



Coleção de Leis do Amazonas – 1903 a 1915 (1915). Manaus Imp. Oficial.

CONDAMINE, Charles-Marie de La. **Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal. Coleção O Brasil Visto Por Estrangeiros, 2000.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: 1ª Edição, EDART-São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972.

CORRÊA, Luís de Miranda. **Manaus: Aspectos de sua arquitetura**. Rio de Janeiro: Ag. da SPVEA, 1964.

COSTA, Cacilda Teixeira da. **O Sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.

COSTA, Graciete Guerra da. **Arquitetura Moderna de Manaus: Como a arquitetura moderna de Severiano Mário Porto incorporou práticas construtivas e atendeu aos condicionantes climáticos locais**. 1º Seminário DOCOMOMO – Norte/Nordeste, 8 a 11 de maio, 2006.

COSTA, Graciete Guerra da. **The City, the forest and the center: configurational analysis of Manaus**. 5<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium, Delft, THE NETHERLANDS, 13-17 June 2005.

COSTA, Graciete Guerra da. **The morphology of Manaus downtown**. 4<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium, London, 17-19 June 2003.

COUSTEAU, Jacques-Yves. **A Expedição de Jacques Cousteau na Amazônia**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., 1984.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Tropicália, 1976.

DANIEL, João. **1722-1776. Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**, Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; e SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

DERENJI, Jorge. **Arquitetura Brasil 500 anos**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife 2002.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura Eclética do Pará**. In: *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura Nortista: A presença italiana no início do século XX**. Manaus: SEC, 1998.

DERENJI, Jussara da Silveira. In: **Modernismo na Amazônia**. Texto publicado na Revista Projeto N°. 192, Dezembro 1995.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Relato do crepúsculo**. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2003.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 1999.

ESTEVES, Antônio R. **Pde. Cristóbal de Acuña. Novo Descobrimento do Rio Amazonas**. Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil, Coleção Orellana vol. 8, 1994.

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Diário da viagem filosófica pela capitania de São José do Rio Negro**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s.d.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Philosophica - Uma Redescoberta da Amazônia, 1792-1992**. Rio de Janeiro: Editora Index Ltda., 1992.

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

GARCIA, Etelvina. **Referências da História**. Manaus, s/d.

GARCIA, Rodolfo. **O Diário do Padre Samuel Fritz**, Revista do Instituto Histórico Brasileiro, N°. 81, Rio de Janeiro, 1918.

GERODETTI, João Emílio & CORNEJO Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004.

GODINHO, Victor e LINDENBERG, Adolpho. **Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1906.

GUIA DA ARQUITETURA ART DÉCO NO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

GUIA DA ARQUITETURA COLONIAL, NEOCLÁSSICA E ROMÂNTICA NO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

GUIA DA ARQUITETURA ECLÉTICA NO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

GUIA DA ARQUITETURA MODERNA NO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

GUIA PHILIPS AMAZÔNIA. São Paulo: Horizonte Geográfico, 2001.

GUIA QUATRO RODAS, BRASIL, 2003. São Paulo: Editora Abril, 2003.

HEMMING, J. **Change in the Amazon basin**. Manchester University Press. 2 volumes, 1985.

HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. **Entre o Regional e o Moderno**. In: Revista AU N°. 130. São Paulo: Editora PINI, Janeiro 2005.

**História do Abastecimento de Água de Manaus**. Manaus: COSAMA, 1989.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1986.

HOLANDA, Frederico R. B. de: **O Espaço de Exceção**, Tese de Doutorado, UnB, Brasília, 1997.

IBGE – Censos Demográficos 1910, 1940, 1950, 1970, 1980, 1991, 2000.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

IPHAN, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Inscrição: 100, Processo N°. 1192-T-86, 14 de outubro de 1987.

IPHAN, Livro de Belas Artes, Inscrição: 589, Processo N°. 1192-T-86, 14 de outubro de 1987.

JORNAL A CRÍTICA em 23/01/2005.

JORNAL DO COMMERCIO, Edição Especial comemorativa dos 335 Anos de Manaus. Manaus, 24 e 25 de outubro de 2004.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO em 16/03/1992.

LAEMMERT, Eduardo e Henrique. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1847. No ano de 1846, pelo Decreto de N° 401, de 11 de setembro, o Imperador criou o sistema milesimal, conhecido como 3º Sistema Monetário.

LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. São Paulo, Studio Nobel, FUPAM, 1999.

LEMOS & C. A. Sucessor. **Enciclopédia Portuguesa**. Porto, 1901.

LEMOS, Carlos A. C. **A Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura militar. Um panorama histórico a partir do Porto de Santos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

Livros da Alfândega.

LORENZI, Harri. SOUZA, Hermes Moreira de. COSTA, Judas Tadeu de Medeiros. CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de. FERREIRA, Evandro. **PALMEIRAS BRASILEIRAS e Exóticas Cultivadas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2004.

LOUREIRO, Antônio José de Souto. **A Cidade de Manaus e o país das seringueiras**. Manaus, 1988.

LOUREIRO, Antonio José de Souto. **Síntese da história do Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

LOUREIRO, Antonio José de Souto. **Tempos de Esperança: Amazonas 1917-1945**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1995.

LOUREIRO, Arthur Araújo. SILVA, Marlene Freitas da. **Catálogo das madeiras da Amazônia**. Vol. I e Vol. II, Belém-PA: Gráfica Falangola Editora Ltda., 1968.

MANAUS: MEMÓRIA FOTOGRÁFICA. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Suframa. Manaus, 1985.

MARCONDES, Sandra Amaral. **Brasil, Amor à primeira vista! Viagem ambiental no Brasil do século XVI ao XXI**. São Paulo: Petrópolis, 2005.

MARTIUS, Carl Friedrich e SPIX, Johan Baptist Von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. São Paulo/Brasília: Melhoramentos / INL, 1975.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1980.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. **O livro de ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.



Mensagem do governador Antônio Constantino Nery, em 10 de julho de 1905.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/ IPHAN, 2000.

MIRANDA, Bertino de. **A Cidade de Manáos**. Manaus, 1908.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A Catedral Metropolitana de Manaus**. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1958.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Aspectos geográficos e humanos**. In: O Jornal. Manaus, 24 de outubro, 1969.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Conquista, (s.d.)

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História do monumento à província**. Manaus: Conselho do IPHAN, Série Patrimônio 3, s.d.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História do monumento da Praça S. Sebastião**. Manaus, Imprensa Oficial, 1972.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Negritude e Modernidade**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1990.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Teatro Amazonas**. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 3 v., 1965-1966.

NABUCO, Joaquim. **Documentos de Origem Portuguesa**, Vol. I, s/d.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

PASSOS, Djalma. **Ocupação da Amazônia e outros problemas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1967.

PATETTA, Luciano. **L'architecture del Ecletismo: fonti, teorie, modeli –1750/1900**. Milano: Razzotta, 1975.

PEVSNER Nikolaus, FLEMING John, HONOUR Hugh. **Dicionário Enciclopédico de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1977.

PLANETA AMAZÔNIA. Revista AU, n.10, fev./mar. 1987.

PONTES FILHO, Raimundo Ferreira. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

**Primeira Mostra de Trabalhos de Arquitetos de Manaus**. IGHA, IAB-AM. Manaus, 22 a 26 de outubro de 1984.

RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo Editora Três, 1994.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil 1500/1720**. São Paulo: Pioneira, 1968.

REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a integridade do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. Apresentação. In: E. Bradford Burns. Manaus. Edições Governo do Estado, 1966

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Apresentação**. In: Luís de Miranda Corrêa. **O nascimento de uma cidade**. Manaus: Ed. Gov. do Estado do Amazonas, 1966.

REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/ Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O Nascimento de uma cidade**. Manaus: Ed. Gov. do Estado do Amazonas, 1989.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

Relatório do presidente João Wilkens de Mattos, em 25 de março de 1870.

ROBACHER, Liliane. **Habitação amazônica**. Curitiba, Universidade Católica do Paraná, 1983.

ROQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Belém: AMEL – Amazonal, 1967.

SABBAG, Haifa Yazigi. **Severiano Porto e a Arquitetura Regional**. Arquitetura-Crítica, AC 012, setembro 2003. [www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp](http://www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp).

SALATI, Enéas. **Origem e distribuição das Chuvas na Amazônia**. In: RAPOSO, Gilberto Mestrinho de Medeiros. **Amazônia Terra verde: Sonho da Humanidade**. São Paulo: Editora Três, 1994.

SALAZAR, João Pinheiro. **O abrigo dos deserdados**. São Paulo: USP, 1985. Texto da Dissertação de Mestrado.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro. **Diário de viagem que em visitaçã o e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente-geral da mesma.** Lisboa: Typ. da Academia, 1989.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus.** 2ª Ed., Manaus, SUFRAMA, Gráfica Lorena, 1990.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Uma Liderança Política Cabocla: Álvaro Maia,** Tese de Doutorado, São Paulo, 1996.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque 1870-1912.** Belém: Paka-Tatu, 2000.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Arquitetura militar no Brasil (Período Colonial).** Brasília: Relatório de Pesquisa / UnB, 2004.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Estudo de proteção do Centro Histórico de Pelotas, RS.** Brasília, 2003.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Memória e Identidade. Coisas que li e escrevi sobre a arquitetura de Pelotas.** Pelotas, 1999.

SCHWEBEL, João André. **Coleção dos prospectos das aldeias e lugares mais notáveis.** Reproduzido por MENDONÇA, Marcos Carneiro de. A Amazônia na era pombalina. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.

SEABRA, Giovanni de Farias. **Pesquisa científica: o método em questão.** Brasília: Editora Universidade.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SEGRE, Roberto. **Arquitetura Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura do Ferro no Brasil.** São Paulo: Nobel, 1986.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana.** São Paulo: Ed. Nacional, 1968.

SOUZA, Antônio Monteiro de. **Amazônida - História e administradores do Amazonas.** Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966.

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

SUFRAMA. **Amazônia: da Conquista ao Desenvolvimento.** Manaus: SAP/DEOS, 1988.

SVENSSON, Frank. **Arquitetura, criação e necessidade**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia – Natureza, Homem e Tempo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Ed. Civilização Brasileira, 1982.

TOCANTINS, Leandro. **Aspectos da Arquitetura tradicional de Manaus**. In: *Arquitetura*. Revista do IAB Rio de Janeiro:Arte Nova, 1965.

TOCANTINS, Leandro. **O Nascimento de uma cidade**. Manaus: Ed. Gov. do Estado do Amazonas, 1966.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

TOCANTINS, Leandro. **Porto de Manaus**. In: *Arquitetura*. Revista do IAB. Guanabara, N° 42, Dez, 1965.

TOCANTINS, Leandro. **Roteiro Histórico e sentimental da cidade do Rio Negro**. Manaus: Ed. Arte Nova, 1969.

TOCANTIS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Restauração e Recuperação do Teatro Amazonas**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A. 1974.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Uma Página Sobre Landi** - In: Alexandre Rodrigues Ferreira - *Viagem Filosófica às Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Edição do Prof. Edgard de Cerqueira Falcão. São Paulo, Gráficos Brunner Ltda, 1970.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: Sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979.

WINK, Ronaldo. **Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2002.

ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1983.

ZEIN, Ruth Verde. **Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto**. In: *Revista Projeto* N° 83, Janeiro 1986.

ZEVI, Bruno. **História da Arquitetura Moderna**. Lisboa, Arcádia, 1973.



INTERNET:

*Site da Prefeitura Municipal de Manaus – PMM*  
[www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

*Site da Receita Federal*  
[www.receita.fazenda.gov.br/Memória](http://www.receita.fazenda.gov.br/Memória)

*Site da Secretaria de Estado de Cultura – SEC*  
[www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)

*Site da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA*  
[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

*Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE*  
[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

*Site do Instituto do Patrimônio Histórico e Art. Nacional – IPHAN*  
[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

*Site do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA*  
[www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br)

*Site do Jornal A Crítica*  
[www.acritica.com.br](http://www.acritica.com.br)

*Site do Jornal O Estado de São Paulo*  
[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)

*Site do Novomilênio de Carlos Pimentel Mendes.*  
[www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br)

*Site do Vitruvius*  
[www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp](http://www.vitruvius.com.br/ac/ac.asp)

## GLOSSÁRIO

Este glossário restringe o significado dos termos aos assuntos e textos deste trabalho, evitando estender a denominação para além das especificidades da arquitetura de Manaus.

**Abóbada** – Teto formado por superfície curva. No caso da abóbada do Cemitério São João Batista, a peculiaridade está na extensão da abóbada.

**Abóbada de berço** – Abóbada de seção semicircular.

**Açaí** – Palmeira (*Euterpe oleracea*) de cujos frutos se faz uma espécie de suco exótico muito apreciado.

**Adufas** – Pranchas de madeira ou pedra colocadas obliquamente nas aberturas dos campanários a fim de orientar o som para baixo, ou em janelas, para proteção contra intempéries.

**Agrafe** – Grampos.

**Aldeola** – Pequena aldeia; aldeota.

**Ameias** – É uma fortificação, um parapeito no alto de uma muralha, com indentações alternadas, ou seja, o parapeito recortado a intervalos regulares para a localização de peças de artilharia. As partes cheias são chamadas de merlões, e alguns autores chamam de ameias as próprias aberturas. Por extensão, decoração do alto de uma parede, imitando ameias.

**Andar Ático** – Um pavimento acima do entablamento principal de uma construção e em estrita relação arquitetônica com a mesma.

**Arco abatido** – Denominação genérica utilizada para os arcos formados por segmentos de círculo, podendo ser rebaixado ou com dois centros.

**Arco pleno** – Também chamado Arco de plena volta, é um arco com o perfil de uma semicircunferência.

**Arcos de Coberta** – Arcos de Cobertura.

**Arcos Rebatidos** – Arcos que se repetem em sentido oposto de sua colocação, que se voltam ou se dobram.

**Bacaba** – Palmeira solitária (*Oenocarpus circumtextus*), de espique anelado, folhas lanceoladas, lineares, flores de cor branca tirante a ocre, em espádices de espata lenhosa, dupla, e drupas roxas.

**Balaustradas** – Uma série de balaústres enfileirados, formando um guarda-corpo.

**Balaústre** – Pequena coluna ou pilar disposto em uma série, sustentando corrimão, formando assim uma balaustrada.

**Banzeiro** – Sucessão de ondas provocadas pela passagem da pororoca ou de uma embarcação a vapor no rio, as quais quebram na praia com grande violência.

**Batelão** – Embarcação robusta de ferro ou de madeira, fundo chato, com propulsão própria ou sem ela, usada para desembarque ou transbordo de carga. Usada no comércio do regatão ou no transporte de gado.

**Beiral** – Prolongamento do telhado além da prumada das paredes; beirado, beirada.

**Borracha** – Substância elástica feita do látex coagulado da seringueira, ou pro processos químico-industriais. *Hevea brasiliensis*: Denominação científica da seringueira, árvore de clima tropical que produz a borracha: uma goma elástica de origem vegetal, leite ou látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Os seringais nativos da Amazônia eram os únicos produtores de borracha.

**Bossagem** – Saliência em uma superfície para ornamentação.

**Caboclo** – è um dos grupos étnicos mais conhecidos na Amazônia, descendente do índio e do europeu. A definição de caboclo pode variar de acordo com a época e o lugar que a explica.

**Cacique** – tuxaua, morubixaba, chefe de tribos indígenas.

**Cacumbi** – [de origem tupi]. Cesto afunilado, muito longo, feito de varas finas e flexíveis.

**Caiação** – Pintura com tinta feita de cal, água e cola. Dar a cor branca com cal.

**Caiçaras** – Cerca ou paliçada feita em torno de taba ou aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais.

**Caixeiro** – responsável pelo barracão da borracha, pela pesagem do produto, pelo depósito de víveres e pelo abastecimento do centro do seringal.

**Caneluras** – Sulcos rasos e côncavos correndo verticalmente no fuste de uma coluna, pilastra, ou outra superfície; podem ir até às ranhuras ou ser suspensos por um filete. A parte inferior pode ser preenchida por uma peça cilíndrica inteiriça.

**Canoa** – Embarcação sem quilha, formada por um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda-falsa, aberto ou coberto.

**Cantaria** – Trabalho em pedra aparelhada (esquadrejada).

**Capitel** – Extremidade superior de colunas e pilastras. Além de decorativa, tem a função construtiva de aumentar a superfície de apoio dos elementos que sustenta.

**Cariátides Gregas** – Uma figura feminina esculpida, usada como coluna para suportar um entablamento ou outro elemento similar. O termo é usualmente aplicado mais amplamente a diversas outras colunas e pilastras esculpidas no todo ou em parte, em formas de figuras femininas.

**Cartilhas** – primeiras letras de alfabetização e aprendizagem escolar nos diversos grupos lingüísticos das tribos amazônicas.

**Catraia** – Pequeno barco tripulado por um só homem. Canoa motorizada.

**Comboieiro** – Incumbido de transportar comboios (lotes de burros com carga, na ida, de mantimentos para o seringueiro e, na volta, de borracha para o barracão) da margem do rio para o centro do seringal e vice-versa.

**Compósitos** – Referente à Ordem Compósita, é uma combinação romana posterior à ordem coríntia, de elementos das ordens jônica e coríntia.

**Copiar** – Telhado de pavilhão. O mesmo que COPIÁRA.

**Cornija** – 1. Conjunto de molduras que arremata a parte superior das construções, saliente em relação ao paramento. 2. Na arquitetura clássica, parte superior do entablamento.



**Corrida do Ouro** – Época que marca a história do Oeste dos Estados Unidos.

**Cruzeiro** – Nas igrejas com duas naves que se cruzam, dá-se o nome de cruzeiro à zona compreendida pela projeção da abóbada que resulta nos transeptos. Por extensão, chamam-se cruzeiros os arcos situados diagonalmente no introdorso daquela abóbada, quando ela é de arestas.

**Cunhais** – Pilastras situadas nos ângulos das construções.

**Dentículos** – Pequenos dentes, dentelos.

**Drogas do sertão** – Produtos nativos da região amazônica, conhecidos como especiarias, entre eles: cacau, cravo, urucum, salsaparrilha, canela, puxuri, baunilha, anil, essências aromáticas e outras. A coleta e o comércio desses produtos foram a base da economia mercantilista, no início da ocupação amazônica pelos europeus.

**Embira** – árvore e arbusto que ocorre no Brasil, da fam. das timeleáceas, esp. do gên. *Daphnopsis* e *Funifera*, muitas tb. conhecidas como embira-branca; embireira, envireira, se extraem as fibras da parte interna, para a confecção de cordas e estopa.

**Emposta** – A última pedra sobre o pilar, ou da pilastra, e da qual nasce a volta do arco. Pedra posta de permeio.

**Encimada** – Ser o remate, rematada, coroada.

**Entablamento** – 1. Conjunto de molduras que coroam a parte superior de um elemento arquitetônico. 2. Na arquitetura clássica, parte superior de uma ordem, consistindo de Arquitrave, Friso e Cornija.

**Envasadura** – Vão. Vão com molduras formando um baixo relevo como se estivesse vasado.

**Estarias** – cabanas, o mesmo que palafitas.

**Estuque** – Argamassa composta de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, usada para revestir paredes internas, forros e ornamentos.

**Ferro forjado** – Ferro muito puro que contém apenas materiais provenientes da escória, mecanicamente muito resistente, pouco sensível à corrosão. Quando tratado na forja aumenta a elasticidade.

**Frechal** – 1. Viga de madeira, sobre a qual assentam os frontais de cada pavimento de uma casa. 2. Viga na qual se pregam os barrotes, à beira do telhado.

**Frontão** – Espécie de empena originalmente triangular, fechando o vão formado pelas duas águas da cobertura, que arremata as fachadas dos edifícios. Com o tempo sofre alterações formais e passa a servir de mero ornamento, colocado em diferentes lugares, como portas, portadas. Apresenta diversas formas: alteado, curvo, curvo interrompido, elevado, triangular.

**Frontão Cimbrado** – Frontão dobrado ou curvado.

**Frontão de Cartela** – Frontão de superfície lisa, geralmente à imitação de um pergaminho, para se gravar uma inscrição ou um ornato.

**Frontispício** – O mesmo que frontaria, isto é, fachada ou frente de um edifício.

**Fusco** – Escuro, pardo, mulatinho escuro.

**Fuste** – Parte principal da coluna, compreendida entre o capitel e a base.

**Gand** – O grande porto comercial da Bélgica.

**Gerente** – Atuava como o subpatrão e dirigia tudo no seringal, sobretudo quando o seringalista viajava ou passava a morar em Belém ou Manaus.

**Guarda-livros** – Encarregado da escrituração comercial do estabelecimento: registro, contas, talões de vendas e outros.

**Guardamoria** – Repartição anexa às alfândegas, encarregada da polícia fiscal nos portos e a bordo dos navios.

**Hevea brasiliensis** – Denominação científica da seringueira, árvore de clima tropical que produz a borracha: uma goma elástica de origem vegetal, leite ou látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Os seringais nativos da Amazônia eram os únicos produtores de borracha.

**Homens do Campo** – Ocupavam-se com a conservação das benfeitorias do seringal, em geral trabalhando no plantio e retirada de madeira, além do conserto das barracas.

**Igarapés:** [do tupi *iara'pé*, “caminho d’água”.] São canais naturais, estreitos entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Os banhos de igarapé faziam parte do hábito do Amazonense.

**Inajá** – Palmeira nativa, cultivada, da família das *Arecaceae* (*Pindarea concinna*) de cerca de 5 a 6 m de altura.

**Janelas de púlpito** – Janelas com tribuna, salientes para fora do edifício.

**Jirau** – Estrado de vara sobre forquilhas cravadas no chão, usado para guardar panelas, pratos, paneiros, legumes, etc.

**Lambrequins** – São elementos de madeira, recortados e vasados em forma de rendas, que se localizam a prumo nas extremidades dos beirais, levando, por baixo, forros de frisos que escondem os caibros.

**Maloca** – habitação indígena que abriga uma família extensa.

**Mandriavam** – viviam ociosamente.

**Mata de baixio** – Vegetação que cresce em áreas inundáveis à beira-rio.

**Mata de capoeira secundária** – Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para o cultivo da terra ou para outro fim.

**Mata de terra firme** – vegetação que cresce em terrenos que não são alcançados pelas cheias dos rios.

**Mateiro** – Fazia o reconhecimento prévio das árvores para o corte, bem como a identificação das espécies vegetais.

**Menagem** – Prisão fora do cárcere, que a justiça militar concede sob promessa ou palavra do preso de que não sairá do lugar onde se acha ou que lhe for designado.

**Métopas** – Intervalo quadrado entre os tríglifos de um friso dórico, coberto por placa de mármore ou ornado com florões ou baixos-relevos.

**Muro de Arrimo** – Muro de grande espessura, destinado à proteção de aterros ou encostas.

**Oca** – construção de madeira, entretecida e coberta por fibras vegetais, geralmente de planta circular, usada pelos indígenas do Brasil como moradia de uma ou mais famílias  
Etim. tupi 'oka 'casa'

**Óculo** – Pequena abertura ou janela geralmente de formas arredondadas para iluminação e ventilação, que em alguns casos desempenham papel importante na composição das fachadas.

**Oligarquia** – Governo de poucas pessoas, pertencentes ao mesmo partido, classe ou família; preponderância de uma facção ou de um grupo na direção dos negócios públicos.

**Ombreiras** – Peças verticais da guarnição de um vão. Partes laterais retas de uma porta, ou janela, e que sustentam a verga.

**Ordem Compósita** – Ordem Compósita é uma combinação romana posterior à ordem coríntia, de elementos das ordens jônica e coríntia.

**Ordem Jônica** – Ordem arquitetônica caracterizada por capitel ornado de duas volutas laterais.

**Ordem Toscana** – Entre os romanos, a mais simples das ordens, mais sólida e simples que a dórica.

**Palafitas** – cabanas erguidas sobre esteios em margens de rios, igarapés, igapós, lagos e áreas inundáveis.

**Paliçadas de pau-a-pique** – Vedação feita com estacas fincadas na terra, obtida por uma trama de varas de madeira, fixadas no piso e no teto, coberta por argamassa.

**Paneiros** – Cesto de tala de palmeira e trançado largo, geralmente forrado de folhas.

**Pedestais** – Em arquitetura clássica, a base suportando uma coluna ou colunata; também mais amplamente, a base de uma estátua ou superestrutura.

**Pedra de Cantaria** – Qualquer pedra que se corta bem em qualquer direção, especialmente a pedra calcária e o arenito de grão fino; pedra trabalhada para construção.

**Pedra Jacaré** – Pedra vermelha de formato irregular, com massa de fixação em alto relevo nos contornos.



**Pedra-de-espera** – Pedras colocadas nos ângulos das construções para marcarem os locais dos cunhais.

**Pilastras coríntias** – Pilar de seção quadrada ou retangular, não necessariamente estrutural, semi-embutido nas paredes.

**Platibanda** – Mureta de alvenaria maciça ou vazada, construída no topo das paredes externas de uma edificação, contornando-a acima da cobertura, e que se destina a proteger ou camuflar o telhado e compor ornamentalmente a fachada.

**Pontes Romanas** – Era o antigo nome dado à ponte erguida na Avenida Sete de Setembro sobre o Igarapé de Manaus por apresentar aspecto de antigas construções romanas.

**Pórtico** – Elemento para valorização de um acesso ou definição de espaço de transição, coberto e aberto na parte frontal e nas laterais, destacando o corpo da construção ou sob um segundo pavimento.

**Resgate** – eram destacamentos de soldados que protegiam e promoviam o tráfico de escravos indígenas na região amazônica.

**Ribeirinho** – Habitantes das ribanceiras dos rios, lagos e paranás amazônicos; vivem em casas de palafitas, em função das cheias dos rios.

**Rusticação** – 1. Talhar a pedra entre os ornatos em relevo.  
2. Efeito para dar a impressão de rústico.

**Seringalista** – Era o proprietário do seringal, não somente o patrão, mas a própria autoridade civil e militar do seringal. Também denominado viador de segunda linha.

**Seringueira** – *Hevea brasiliensis*. Árvore de clima tropical que produz a borracha: uma goma elástica de origem vegetal, leite ou látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Os seringais nativos da Amazônia eram os únicos produtores de borracha.

**Seringueiro** – Trabalhador que se inseria na floresta para extrair o látex e produzir a borracha.

**Seteiras** – Abertura longa e estreita feita numa muralha por onde se atiram setas contra os sitiados.

**Tacacá** – Comida regional, típica da Região Amazônica, que consiste no caldo do tucupi, extraído da mandioca, goma de tapioca e camarão seco, tomados em uma cuia.

**Tacaniça** – Lanço de telhado que resguarda os lados do edifício; Viga que vai da cumeeira ao ângulo formado pelo encontro da parede da fachada com a lateral, nas casas de telhado de quatro águas.

**Tímpano** – Superfície interna do frontão delimitada pelas suas linhas de contorno.

**Toqueiro** – Encarregado de adentrar na mata para abrir estradas.

**Tora** – As casas flutuantes eram construídas sobre toras de Ucuúba, Açacu, Paviúba, Envira, Imbúia ou Morototó: madeira resistente a água, de grande durabilidade aproximada de 40 anos.

**Torreão** – Pequena torre projetando-se de um ângulo no alto de uma torre ou parapeito.

**Tríglico** – Ornato arquitetônico em um friso de ordem dórica, e que consta de três sulcos.

**Ubim** – Designação comum a diversas palmeiras da família das Arecaceae, pertencentes aos gêneros Bactris, Calyptrogyne e Geonoma.

**Verga** – Viga de pedra ou madeira colocada horizontalmente sobre um vão para sustentar a parede, podendo ser reta ou curva.

**Volutas** – Ornatos em forma de espiral.

BRANCO

## LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

### Ilustração 1

Muiraquitã, cerâmica

### Ilustração 2.

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas.

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

### Ilustração 3.

**Índio**

Autor: Scott Frier

Fonte: COUSTEAU, Jacques-Yves. **A Expedição de Jacques Cousteau na Amazônia.** São Paulo: Editora Record, 1982.

### Ilustração 4.

**Casa circular da aldeia dos Waimiri - Atroari**

PDPI - Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas

Fonte: [www.am.gov.br/Manaus](http://www.am.gov.br/Manaus) em 08 de fevereiro de 2005.

### Ilustração 5.

**Prospecto da Fortaleza do Rio Negro (1756).**

Autor: eng. João André Schwebel.

Fonte: MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na era pombalina.* Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.

### Ilustração 6.

**Entrada da Vila da Barra do Rio Negro.**

Autor: Paul Macoy.

Fonte: *Voyage a travers L'Amerique du Sud (entre 1840 e 1860).*

### Ilustração 7.

**Planta (croqui) da Cidade de Manaus (1852).**

Autor: J. B. de F. Tenreiro Aranha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

### Ilustração 8.

**Planta croqui da Cidade de Manaus de 1852, no detalhe, mostra os quatro tabuleiros, onde a cidade se instalou.**

Autor: J. B. de F. Tenreiro Aranha.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

### Ilustração 9.

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

### Ilustração 10.

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

### Ilustração 11.

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Catedral Metropolitana de Manaus, Detalhes**

### Ilustração 12.

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

**Detalhe da Torre e campanário**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 13.**

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

**Detalhe da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, no frontão triangular da Igreja.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br) .

**Ilustração 14.**

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

**Detalhe da Campanário.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br) .

**Ilustração 15.**

**Catedral Metropolitana de Manaus, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição.**

**Detalhe da Porta principal**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 16.**

**Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**

Autor: Marcicley Rego

Fonte: Pontes Filho, História do Amazonas, Ed. Valer, 2000, p. 119.

**Ilustração 17.**

**Fruto do Guaraná**

**Ilustração 18.**

**Teatro Amazonas.**

Autor: Scott Frier

Fonte: COUSTEAU, Jacques-Yves. **A Expedição de Jacques Cousteau na Amazônia.** São Paulo: Editora Record, 1982.

**Ilustração 19.**

**Seringueiros no processo de beneficiamento da borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 20.**

**Seringueiros no seringal preparando a borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 21.**

**Hotel que hospedava os comerciantes da borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 22.**

**Seringalistas na comercialização da borracha.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 23.**

**Estação de Bondes**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 24.**

**Mapas de 1852 de traçado português e o de 1893 mandado executar por Eduardo Ribeiro.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 25.**

**Mapa de 1893**

Autor: Governo de Eduardo Ribeiro

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em

05/01/2006.

**Ilustração 26.**

**Fachada da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas.**

Autor: Ney Mendes.

Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 27.**  
**Edifício da Prefeitura Municipal de Manaus**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 28.**  
**Fachada do edifício da Prefeitura Municipal de Manaus**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 29.**  
**Fachada do Ginásio Amazonense Pedro II**

Autora: Graciete Guerra da Costa

**Ilustração 30.**  
**Instituto Benjamim Constant**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 31.**  
**Foto das fachadas principais do Palácio da Justiça, onde aparece a Avenida Eduardo Ribeiro, tirada do Teatro Amazonas.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 32.**  
**Fachada do Palácio da Justiça**

Fonte: www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS em 05/01/2006.

**Ilustração 33.**  
**Vista Panorâmica do Porto de Manaus, à esquerda o conjunto da Alfândega e Guardamoria, a direita o complexo de embarque regional e internacional.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 34.**  
**Imagens do Porto de Manaus.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 35 e 36.**  
**Áreas de Embarque Internacional.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 37.**  
**Área de Embarque Regional e Internacional.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 38.**  
**Navio Artic Sunrice Greepeace, no Porto de Manaus.**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 39.**  
**Vista aérea dos Armazéns do Porto.**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 40.**  
**Vistas aéreas dos Armazéns do Porto.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 41.**  
**Cartão postal do Ed. Alfândega.**

Autor: A Favorita

**Ilustração 42.**  
**Fachada do Edifício da Alfândega.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

**Ilustração 42.**

**Fachada do Edifício da Alfândega.**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 44.**

**Fachada do Edifício da Alfândega.**

Autor: SEC- Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 45.**

**Fotografia do Edifício da Alfândega.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 46.**

**Faculdade de Direito.**

Autor: Marcicley Rego  
Fonte: Pontes Filho, História do Amazonas, Editora Valer, 2000, p. 120.

**Ilustração 47.**

**Mercado Municipal Adolpho Lisboa**

Autor: Cartão Postal  
Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

**Ilustração 48.**

**Mercado Municipal Adolpho Lisboa, antes da Avenida Manaus Moderna, com o acesso direto para o Rio Negro.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

**Ilustração 49.**

**Cúpula e Entrada Principal do Cemitério de São João Batista.**

Autora: Cacilda Teixeira da Costa  
Fonte: O Sonho e a Técnica, Arquitetura do Ferro no Brasil

**Ilustração 50.**

**Cemitério de São João Batista**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 51.**

**Reservatório do Mocó**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 52.**

**Reservatório do Mocó**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 53.**

**Fachada da Biblioteca Pública.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 54.**

Fotografia da **Biblioteca Pública**, tirada do outro lado da Avenida Sete de Setembro.

Autora: Graciete Guerra da Costa

**Ilustração 55.**

**Santa Casa de Misericórdia.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 56.**

**Penitenciária do Estado do Amazonas.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

**Ilustração 57.**

**Penitenciária do Estado do Amazonas**, fotografia da época em que foi construída.

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

**Ilustração 58.  
Detalhe da Fachada do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 59.  
Detalhe da Fachada do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 60.  
Fachada do Palácio Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 61.  
Detalhe da Fachada do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 62.  
Detalhe interno do Palácio Rio  
Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 63.  
Detalhe do auditório do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 64  
Varanda no 2. Pavimento da  
fachada posterior do Palácio  
Rio Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 65.  
Palácio Rio Negro, jardins da  
fachada posterior.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 66.  
Mobiliário do Palácio Rio  
Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 67.  
Hall interno do Palácio Rio  
Negro.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 68.  
Escada interna do Palácio.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 69.  
Detalhe do Hall Interno.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 70.  
Teatro Amazonas, inaugurado  
em 1896, a foto mostra as  
fachadas principais e parte do  
entorno.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

**Ilustração 71.  
Teatro Amazonas, a foto  
mostra em primeiro plano o  
Monumento à Abertura dos  
Portos.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.  
am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).



**Ilustração 72.**

**Teatro Amazonas.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 73.**

**Teatro Amazonas, detalhe das  
balaustradas.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 74.**

**Teatro Amazonas, foto interna  
dos camarotes.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 75.**

**Teatro Amazonas, foto interna  
dos camarotes.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 76.**

**Teatro Amazonas, detalhe da  
entrada principal.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 77.**

**Teatro Amazonas, vista da  
entrada principal.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 78.**

**Teatro Amazonas, pintura do  
teto.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 79.**

**Teatro Amazonas, vista  
panorâmica dos camarotes em  
dia de espetáculo.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 80.**

**Teatro Amazonas, vista dos  
jardins.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 81.**

**Teatro Amazonas, mobiliário  
interno.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 82.**

**Teatro Amazonas, vista do Salão  
Nobre.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 83.**

**Teatro Amazonas, vista dos  
camarotes.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 84.**

**Teatro Amazonas, vista do Salão  
Nobre.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 85.**

**Teatro Amazonas, camarotes e  
parte da pintura do teto.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 86.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra as fachadas principais e parte do entorno.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 87.**

**Teatro Amazonas, a foto noturna mostra as escadarias e a balaustrada.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 88.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra as escadarias e parte da balaustrada.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 89.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra as escadarias e a balaustrada.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 90.**

**Teatro Amazonas, a foto mostra os detalhes da fachada no 2. pavimento e o teto da varanda do mesmo andar.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 91.**

**Teatro Amazonas, foto tirada dos jardins.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 92.**

**Teatro Amazonas, detalhe do frontão curvo na fachada principal.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 93.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 94.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé em vista aérea de sua localização.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 95.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 96.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé vista lateral, com a chaminé em primeiro plano.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 97.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé foto mostra sua chaminé de 24m em tijolos refratários.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 98.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 99.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé, fachada principal.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 100.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 101.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 102.**

**Centro de Artes Chaminé ou Teatro Chaminé interior do edifício depois da restauração.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 103.**

**Igreja de São Sebastião.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

**Ilustração 104.**

**Igreja de São Sebastião vista do Teatro Amazonas.**

Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 105.**

**Igreja de São Sebastião.**

Autor: A Favorita  
Fonte: Cartão Postal coleção da autora.

**Ilustração 106.**

**Praça Heliodoro Balbi ou Praça da Polícia.**

Autor: Cartão Postal editado por volta de 1900.  
Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**

**Ilustração 107.**

**Coreto da Praça Heliodoro Balbi.**

Autor: BENCHIMOL, Samuel.  
**Zona Franca de Manaus: A conquista da maioria.** São Paulo: Sver & Boccato, 1989.

**Ilustração 108.**

**Praça da Matriz.**

Autor: Cartão Postal editado por volta de 1900.  
Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**

**Ilustração 109.**

**Praça da Matriz.**

Autor: Cartão Postal de A Favorita.  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 110.**

**Praça da Saudade.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 111.**

**Monumento à Abertura dos Portos**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 112.**

**Monumento à Abertura dos Portos**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 113.**  
**Ponte Benjamin Constant ou Ponte de Ferro da Cachoeirinha ou Ponte Eduardo Ribeiro. Situada na Av. Sete de Setembro.**  
Autor: Cartão Postal editado por volta de 1907.  
Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**

**Ilustração 114.**  
**Ponte sobre os Rios Negro e Solimões. Vista aérea.**  
Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal A CRÍTICA, em 24 de agosto de 2006.

**Ilustração 115.**  
**Açaí**

**Ilustração 116.**  
**Estádio Vivaldo Lima. Projeto do arquiteto Severiano Mário Porto, em 1965.**  
Autor: Implurb / Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 117.**  
**Plano Diretor elaborado em 1965 por Luiz C. Antony & Fernando Pereira da Cunha. Manaus possuía 230.000 habitantes.**  
Autor: Antony & Pereira da Cunha.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 118.**  
**Plano Diretor elaborado em 1967 por Luiz C. Antony & Fernando Pereira da Cunha.**  
Autor: Antony & Pereira da Cunha.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 119.**  
**Casas em alvenaria no centro de Manaus**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 120.**  
**Casa de madeira é a casa típica do caboclo da Amazônia.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 121.**  
**Casa de Palha.**  
Autor: Arquivo da ABA.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 122.**  
**Casa-palafita.**  
Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAU5 em 05/01/2006](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAU5 em 05/01/2006).

**Ilustração 123.**  
**Casa-palafita.**  
Autor: Arquivo da ABA.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 124. Casa Flutuante.**  
Autor: Arquivo da ABA.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 125.**  
**Cidade Flutuante.**  
Autor: Moacir Andrade  
Fonte: ANDRADE, Moacir. Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas. Manaus, Humberto Calderaro, 1985.

**Ilustração 126.**  
**Conjunto Habitacional da Raiz para onde foi levada a população da cidade flutuante.**  
Autor: Arquivo da ABA.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.



**Ilustração 127.**

**Projeto para Remodelação do Parque 10 de Novembro.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 128.**

**Parque 10 de Novembro - Churrasqueiras.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 129.**

**Parque 10 de Novembro - Estações intermediárias do trezinho.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 130.**

**Hotel Amazonas.**

Fonte: [www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS](http://www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS) em 05/01/2006.

**Ilustração 131.**

**Estádio Vivaldo Lima.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 132.**

**Estádio Vivaldo Lima em dia de jogo.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 133.**

**Tropical Hotel Manaus ou Hotel Tropical.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 134.**

**Tropical Hotel Manaus ou Hotel Tropical.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 135.**

**Tropical Hotel Manaus, ancoradouro de barcos de turismo.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 136.**

**Tropical Hotel Manaus ou Hotel Tropical, vista aérea.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 137.**

**Tropical Hotel Manaus ou Hotel Tropical, vista ao fundo da Praia da Ponta Negra.**

Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br).

**Ilustração 139.**

**Sede da SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus. Projeto do arquiteto Severiano Mário Porto, em 1971.**

Autor: Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: BENCHIMOL, Samuel.

**Zona Franca de Manaus: A conquista da maioria.** São Paulo: Sver & Boccato, 1989.

**Ilustração 140.**

**Distrito Industrial**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 141.**  
**SUFRAMA - Sede da  
Superintendência da Zona  
Franca de Manaus.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 142.**  
**Foto do Arq. Severiano Mário  
Porto.**  
Fonte: [www.google.com](http://www.google.com)

**Ilustração 143.**  
**Sede da 1a. Superintendência  
Regional do IPHAN.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado  
de Cultura do Amazonas  
Fonte: [www.culturamazonas.am.gov.br](http://www.culturamazonas.am.gov.br)

**Ilustração 144.**  
**Vista aérea da cidade.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 145.**  
**Vista aérea da Avenida Manaus  
Moderna que liga o Porto ao  
Distrito Industrial.**  
Autor: Ney Mendes.  
Fonte: Ney Mendes, do Jornal  
A CRÍTICA, em 24 de agosto de  
2006.

**Ilustração 146.**  
**Zoológico do CIGS.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 147.**  
**Zoológico do CIGS.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 148.**  
**Zoológico do CIGS. Alguns  
animais**  
Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 149.**  
**Sede Administrativa da  
PORTOBRAS, à beira do Rio  
Negro.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: CJ ARQUITETURA N.20  
- AMAZÔNIA, 1978.

**Ilustração 150.**  
**Campus da Universidade  
Federal do Amazonas**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: BRITO, Rosa Mendonça de.  
**Da Escola Universitária Livre de  
Manáos à Universidade Federal  
do Amazonas**, Manaus: EDUA,  
2004.

**Ilustração 151.**  
**Campus da Universidade  
Federal do Amazonas**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: BRITO, Rosa Mendonça de.  
**Da Escola Universitária Livre de  
Manáos à Universidade Federal  
do Amazonas**, Manaus: EDUA,  
2004.

**Ilustração 152.**  
**Residência do Arquiteto.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: CJ ARQUITETURA N.20  
- AMAZÔNIA, 1978.

**Ilustração 153.**  
**SUFRAMA - Edifício Sede situado  
no Distrito Industrial.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: BENCHIMOL, Samuel.  
**Zona Franca de Manaus: A  
conquista da maioria.** São  
Paulo: Sver & Boccato, 1989.

**Ilustração 154.**  
**Secretaria de Produção do  
Estado do Amazonas.**  
Autor: Arq. Severiano Mário  
Porto.  
Fonte: Arquitetura Brasileira do  
Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-  
1968.

**Ilustração 155.**

**Secretaria de Produção, corte esquemático.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 156.**

**BASA - Banco da Amazônia.**

Autor: Arq. Severiano Mário Porto.

Fonte: Arquitetura Brasileira do Ano, Rio de Janeiro - GB, 1967-1968.

**Ilustração 157.**

**INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.**

Autor: INPA

Fonte: www.inpa.gov.br

**Ilustração 158.**

**INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.**

Autor: INPA

Fonte: www.inpa.gov.br

**Ilustração 159.**

**Uirapuru**

**Ilustração 160.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Perspectiva do conjunto da obra de 9.383,33 m<sup>2</sup>.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 161.**

**Vista aérea da cidade em que se observa o seu crescimento.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 162.**

**Vista aérea da cidade em que se vê a ocupação irregular do solo até a beira do rio.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 163.**

**Vista aérea da cidade em que se observa o processo de metropolização.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 164.**

**Vista aérea do Complexo da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 165.**

**Imagem de Satélite mostrando a localização de Manaus, vê-se o Rio Negro a noroeste passando pela frente da cidade, enquanto o Rio Solimões vem pelo Sudoeste.**

Autor: INPE

Fonte: www.inpe.gov.br

**Ilustração 166.**

**Ampliação da Imagem de Satélite mostrando a localização de Manaus. O Rio Negro lado-a-lado com o Rio Solimões por mais de 6Km.**

Autor: INPE

Fonte: www.inpe.gov.br

**Ilustração 167.**

**Mapa de Axialidade do Centro da cidade, um sistema vernacular mais urbano.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

Fonte: 4th International Space Syntax Symposium, London UCL, 2003.

**Ilustração 168.**

**Mapa de Conectividade do Centro da cidade, um sistema vernacular mais urbano.**

Autora: Graciete Guerra da Costa

Fonte: 4th International Space Syntax Symposium, London UCL, 2003.

**Ilustração 169.**  
**Mapa de Axialidade da cidade.**  
Autor: Valério Augusto Soares de Medeiros  
Fonte: 5th International Space Syntax Symposium, Delft University of Technology, the Netherlands, 2005.

**Ilustração 170.**  
**Centro de Manaus.**  
Autor: Implurb / Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 171.**  
**Vista aérea do Centro da cidade.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 172.**  
**Vista aérea do perímetro do Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 173.**  
**Vista aérea do perímetro do Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 174.**  
**Área de intervenção do Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 175.**  
**Projeto do Centro Histórico. Aspecto das edificações após a restauração.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 176.**  
**Vista da zona leste da cidade.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 177.**  
**Vista aérea do Centro.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 178.**  
**Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 179.**  
**Área de intervenção do Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: Cartão Postal editado por volta de 1970.  
Fonte: GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões postais e álbuns de lembranças.**

**Ilustração 180.**  
**Edifício sob intervenção do Projeto do Centro Histórico.**  
Autor: SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas  
Fonte: www.culturamazonas.am.gov.br.

**Ilustração 181.**  
**Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra. Vista aérea**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br

**Ilustração 182.**  
**Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra.**  
Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: www.manaus.am.gov.br



**Ilustração 183.**

**Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 184.**

**Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 185.**

**Projeto de Urbanização da Praia da Ponta Negra.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 186.**

**Ponta Negra, pista de Skate.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 187.**

**Plano Diretor, Planta da cidade.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 188.**

**Plano Diretor, Planta dos bairros.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 189.**

**Plano Diretor, Áreas de interesse Social.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 190.**

**Plano Diretor, Estrutura Urbana.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 191.**

**Plano Diretor, Corredor Urbano.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 192.**

**Parque do Mindu. Vista Aérea.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 193.**

**Parque do Mindu. Entrada do parque.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 194.**

**O Sauim-de-coleira.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 195.**

**Parque do Mindu. Restaurante.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 196.**

**Parque do Mindu.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 197.**

**Parque do Mindu. Aquário.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 198.**

**Parque do Mindu. Anfiteatro.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 199.**

**Igarapé do Parque do Mindu.**

Autor: Implurb/ Prefeitura

Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 200.**

**Parque do Mindu. Trilhas suspensas.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 201.**

**Parque do Mindu. Trilha principal.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 202.**

**Parque do Mindu. Trilhas suspensas.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 203.**

**Bosque da Ciência - INPA.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 204.**

**Bosque da Ciência - INPA.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 205.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 206.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 207.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 208.**

**Jardim Botânico Adolpho Ducke.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 209.**

**Parque Lagoa do Japiim, entrada. Projeto do arq. Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 210.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 211.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 212.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 213.**

**Parque Lagoa do Japiim, vista interna. Projeto do arquiteto Gustavo de Abreu vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus

Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 214.**

**Ponte dos Bilhares. Projeto do arquiteto José Otávio Sorato vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 215.**

**Ponte dos Bilhares. Projeto do arquiteto José Otávio Sorato vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 216.**

**Ponte dos Bilhares. Projeto do arquiteto José Otávio Sorato vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 217.**

**Ponte dos Bilhares. Projeto do arquiteto José Otávio Sorato vencedor do concurso público da Prefeitura/IAB.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: [www.manaus.am.gov.br](http://www.manaus.am.gov.br)

**Ilustração 218.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Mapa de localização da área.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 219.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Terreno de 120.000 m<sup>2</sup> onde será implantado o projeto.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 220.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 221.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 222.**

**Fotografia de sensoriamento remoto da cidade de Manaus.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus.  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 223.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Projeto de Implantação.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 224.**

**Parque Encontro das Águas ou Ponta das Lajes. Projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Perspectiva do conjunto da obra de 9.383,33 m<sup>2</sup>.**

Autor: Implurb/ Prefeitura Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 225.**  
**Parque Encontro das Águas  
ou Ponta das Lajes. Projeto  
do arquiteto Oscar Niemeyer.  
Pavilhão Oca.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato  
Magalhães/SEMOSB.

**Ilustração 226.**  
**Parque Encontro das Águas  
ou Ponta das Lajes. Projeto  
do arquiteto Oscar Niemeyer.  
Mirante.**

Autor: Implurb/ Prefeitura  
Municipal de Manaus  
Fonte: Eng. Maria Izanete Liberato  
Magalhães/SEMOSB.





